

PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E CULTURA NA AMAZÔNIA

ORGANIZADORES:

ADELSON DA COSTA FERNANDO
ALLAN SOLJENÍTSIN BARRETO RODRIGUES
CRISTIANE DE LIMA BARBOSA
EDILENE MAFRA MENDES DE OLIVEIRA
FABIANA FERONHA WIELEWICKI
INARA REGINA BATISTA DA COSTA
KÁTIA VIANA CAVALCANTE
MARCELO RODRIGO DA SILVA



**PESQUISA EM COMUNICAÇÃO
E CULTURA NA AMAZÔNIA**



UFAM

Reitor

Sylvio Mário Puga Ferreira

Vice-Reitor

Therezinha de Jesus Pinto Fraxe

Editor

Sérgio Augusto Freire de Souza

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Henrique dos Santos Pereira

Membros

Antônio Carlos Witkoski

Domingos Sávio Nunes de Lima

Edleno Silva de Moura

Elizabeth Ferreira Cartaxo

Spartaco Astolfi Filho

Valeria Augusta Cerqueira Medeiros Weigel

COMITÊ EDITORIAL DA EDUA

Louis Marmoz » Université de Versailles

Antônio Cattani » UFRGS

Alfredo Bosi » USP

Arminda Mourão Botelho » Ufam

Spartacus Astolfi » Ufam

Boaventura Sousa Santos » Universidade de Coimbra

Bernard Emery » Université Stendhal-Grenoble 3

Cesar Barreira » UFC

Conceição Almeida » UFRN

Edgard de Assis Carvalho » PUC/SP

Gabriel Conh » USP

Gerusa Ferreira » PUC/SP

José Vicente Tavares » UFRGS

José Paulo Netto » UFRJ

Paulo Emílio » FGV/RJ

Élide Rugai Bastos » Unicamp

Renan Freitas Pinto » Ufam

Renato Ortiz » Unicamp

Rosa Ester Rossini » USP

Renato Tribuzy » Ufam



LÍDERES

Dr. Allan Soljenitsin Barreto Rodrigues

Dra. Cristiane de Lima Barbosa

PESQUISADORES

Dr. Adelson da Costa Fernando

Dr. Carlos Barros Monteiro

Dra. Edilene Mafrá Mendes de Oliveira

Dra. Fabiana Feronha Wielewiczki

Ma. Grace Soares Costa

Dra. Inara Regina Batista da Costa

Dra. Kátia Viana Cavalcante

Dra. Marcelo Rodrigo

Me. Raphael Henrique Cortezão



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Av. Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 6200 - Coroado Campus
Universitário Senador Arthur Virgílio Filho, Centro de Convivência

Fone: (92) 3305-4291 e 3305-4290

E-mail: edua@ufam.edu.br

PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E CULTURA NA AMAZÔNIA

ORGANIZADORES:

Adelson da Costa Fernando

Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues

Cristiane de Lima Barbosa

Edilene Mafra Mendes de Oliveira

Fabiana Feronha Wielewicki

Inara Regina Batista da Costa

Kátia Viana Cavalcante

Marcelo Rodrigo da Silva



© Os Autores, 2022

Coordenação Editorial
Marcicley Reggo

Produção Editorial
Dayana Teófilo

Capa e Projeto Gráfico
Marcicley Reggo

Imagem da capa
©Piccaya/Envato

Ficha catalográfica
Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287-AM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P474c Pesquisa em Comunicação e Pesquisa na Amazônia. –
Manaus: Reggo/Edua, 2022.

Livro digital.

ISBN 978-65-84746-02-2

1. Ciências da comunicação – Amazônia 2. Cultura
Amazônica – Pesquisa I. Rodrigues, Allan Soljenítsin
Barreto, org. II. Fernando, Adelson da Costa, org.
III. Barbosa, Cristiane de Lima, org. IV. Oliveira,
Edilene Mafra Mendes de, org. V. Wielewicki, Fabiana
Feronha, org. VI. Costa, Inara Regina Batista da, org.
VII. Cavalcante, Kátia Viana, org. VIII. Silva, Marcelo
Rodrigues da, org.

CDD 302.209811

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994,
de 14 de dezembro de 2004. Todos os direitos reservados (Lei 9.610/98).
Partes desta publicação poderão ser citadas, desde que referenciada a fonte.

2022

REGGO EDITORIAL

Rua Rio Javari, 361

N. Sra. das Graças – Sala 303

69053-110 – Manaus-AM

REGGO

Fone: (92) 98817-0172

@editorareggo

Sumário

APRESENTAÇÃO	7
CAPÍTULO I	
COMUNICAÇÃO, CIÊNCIA, SAÚDE E MEIO AMBIENTE.....	9
JORNALISMO CIENTÍFICO EM TEMPOS DE PANDEMIA NO AMAZONAS:	
ANÁLISE DA COBERTURA DA PRIMEIRA ONDA DA COVID-19 NO PORTAL A CRÍTICA	
Cristiane de Lima Barbosa, Thalita Eduarda Pereira dos Santos.....	13
ANÁLISE DA COBERTURA SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19 NO JORNAL ONLINE O GLOBO	
Lunna Farias Rocha, Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues	27
ANÁLISE DAS REPORTAGENS DO JORNAL ONLINE FOLHA DE SÃO PAULO	
SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19	
Raimundo Nonato Fonseca Franco, Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues	39
REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO GOVERNAMENTAL	
NA ÁREA DA SAÚDE, NA CIDADE DE MANAUS/AM, A PARTIR DO OLHAR DOS RELAÇÕES-PÚBLICAS	
Judy Lima Tavares.....	53
SONDAGEM DE OPINIÃO DOS DEPUTADOS FEDERAIS	
DO AMAZONAS QUANTO À CIÊNCIA E TECNOLOGIA	
Lívia Leite Figueira, Inara Regina Batista da Costa	65

CAPÍTULO II	
VISUALIDADES AMAZÔNICAS	73
ARTES VISUAIS, JORNALISMO E COLABORATIVISMO	
EM REDE NO AMAZONAS: O CASO COLETIVO TABA	
Juan Pablo Luz Muniz, Marcelo Rodrigo da Silva, Fabiana Feronha Wielewicki	75
IMAGEM, HASHTAGS E PRODUÇÃO DE SENTIDOS	
ASSOCIADOS AO ICSEZ/UFAM NO INSTAGRAM	
Soraia Maria Castro e Castro, Marcelo Rodrigo da Silva	85
A ICONOLOGIA NA CONCREÇÃO DO IMAGINÁRIO AMAZÔNIDA	
Karine Maia Rego.....	97
PEGADAS DE VIDA NA AMAZÔNIA: UM DOCUMENTÁRIO COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Taíssa Maria Tavares Guerreiro, Carlos Jorge Barros Monteiro.....	109
ALÉM DA TÉCNICA: O ENSINO DO DESENHO E O REFERENCIAL NATURALISTA EM PARINTINS	
Fabiana Feronha Wielewicki, Patrícia Xavier Viana	123
CAPÍTULO III	
FOLKCOMUNICAÇÃO, CULTURA POPULAR E DESENVOLVIMENTO REGIONAL	137
CAMPO SOCIAL, FACEBOOK E O LÍDER FOLKMIÁTICO: UM OLHAR EM PIERRE BOURDIEU	
Renan Jorge Souza da Mota, Adelson da Costa Fernando	139
A FESTA DO BOI-BUMBÁ E O COMPOSITOR DE TOADA COMO AGENTE FOLK	
Letícia Lima de Sousa, Adelson da Costa Fernando	151
BENZEÇÃO NA COMUNIDADE SANTA TEREZINHA DO ANINGA: A ATUAÇÃO DE UMA AGENTE FOLKCOMUNICACIONAL	
Alessandra Pereira Anselmo, Enna Mara Oliveira Pinheiro, Adelson da Costa Fernando.....	167
FESTA DE NOSSA SENHORA DO CARMO: UMA DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA DA MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA PARINTINENSE	
Onan Ferreira da Silva, Fábio Gonçalves Modesto, Adelson da Costa Fernando	177
PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE PARINTINS: AS DIMENSÕES FOLKCOMUNICATIVAS DO EX-VOTO	
Fábio Gonçalves Modesto, Onan Ferreira da Silva, Adelson da Costa Fernando	191

CAPÍTULO IV

ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO 205

“MANINHO, DEIXA EU TE FALAR”:

O VALOR SEMIÓTICO-MODELIZANTE DA FALA EXPRESSIVA MANAUARA

Ana Vitória de Aquino Silva Nascimento, Felipe Vlxio 207

DIFUSÃO CULTURAL EM ARQUIVOS: UMA PROPOSTA PARA O ESTADO DO AMAZONAS

Alexandre de Souza Costa, Fernanda de Sousa Silva, Marijara Souza de Freitas..... 221

ENTRE AUSÊNCIAS: ONDE ESTÃO O GOVERNO FEDERAL E O POVO

EM REPORTAGEM DO JORNAL NACIONAL SOBRE A CRISE DE OXIGÊNIO EM MANAUS?

Duílio Fabbri Jr, Fabiano Ormanzeu 233

HIDROGRAFIA DO AMAZONAS NAS TOADAS DOS BOI-BUMBÁS

Natália da Silva Falcão, Katia Viana Cavalcante 243

VIVÊNCIAS DO SERINGUEIRO NA IMPRENSA AMAZONENSE:

UM PANORAMA DAS REPRESENTAÇÕES (1890-1920)

Daniel Barros de Lima 253

CAPÍTULO V

INTERFACES COMUNICACIONAIS..... 267

AS REDAÇÕES MÓVEIS E O JORNALISMO PRODUZIDO VIA WHATSAPP

Mônica Fort, Carla Castello Branco 269

IMPRENSA E RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA: MATRIZES

DISCURSIVAS SOBRE SINCRETISMO RELIGIOSO NA IMPRENSA AMAZONENSE DA DÉCADA DE 80

Raphael Henrique Cortezão..... 285

LIBERDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PÚBLICA

PARA O FORTALECIMENTO DA DEMOCRACIA

Henrique Wendhausen 301

PESQUISA EM COMUNICAÇÃO NA AMAZÔNIA: AS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS

Lara Cristhine Rodrigues de Souza, Brendo Henrique da Silva Moreira,

Maria Emília de Oliveira Pereira Abbud 315

SUPERFICIALIDADE NO JORNALISMO ONLINE:

REFLEXÕES PRELIMINARES DAS POSSÍVEIS CAUSAS

Hernán Gutiérrez Herrera 325

Apresentação

Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues¹

Realizar, fomentar e popularizar pesquisas sobre as inter-relações entre a comunicação e a cultura em ambientes Amazônicos têm sido as principais atividades do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokanó). O grupo, que surgiu em 2011, nasceu da necessidade de aglutinar e incentivar a formação de novos pesquisadores dos fenômenos comunicacionais na Amazônia. Celebrando 12 anos de atividades, o Trokanó promoveu o “I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia” de 22 a 26 de novembro de 2021 com objetivo de promover debates e apresentação de resultados de pesquisas a respeito de sua temática central de pesquisa. Os cinco Grupos de Trabalhos (GT’s) receberam 50 artigos científicos, que foram apresentados pelos respectivos pesquisadores. Esta obra contém os 26 trabalhos que obtiveram as melhores avaliações em seus respectivos GT’s.

O primeiro capítulo apresenta os papers do GT 1 – Comunicação, Ciência, Saúde e Meio Ambiente. Este grupo temos pesquisas que abordam estudos teóricos, aplicados e metodológicos a partir de diferentes perspectivas sobre as práticas sociais da comunicação, da divulgação científica, do jornalismo, da publicidade e das relações públicas relacionadas às ciências, saúde, tecnologias, meio ambiente e do engajamento público na ciência.

Os trabalhos do GT 2 – Visualidades Amazônicas estão reunidos no segundo capítulo. Este grupo aborda estudos e pesquisas científicas de natureza teórica e/ou prática envolvendo as visualidades relacionadas ao ambiente amazônico, desenvolvidas com base nas diversas linguagens midiáticas, artísticas e comunicacionais: fotografia, audiovisual, desenhos, charges, caricaturas, HQs, ilustração, pintura e outras.

1 Mestre e Doutor em Sociedade e Cultura da Amazônia. Docente do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Jornalista, escritor, líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Amazônia, coordenador do Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo na e sobre a Amazônia (LABJAM), coordenador do projeto Portal da Ciência de Popularização do Conhecimento Científico, coordenador do projeto Amazônia de Perfil e professor do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Ufam.

Na terceira parte do livro, estão as pesquisas do GT 3 – Folkcomunicação, Cultura popular e desenvolvimento regional. As pesquisas deste grupo versam sobre as dimensões e as conexões teóricas, epistemológicas, metodológicas e empíricas da Folkcomunicação, Cultura Popular e Desenvolvimento Regional. Evidenciam o uso das mídias e redes sociais como plataformas que promove interação, apropriação e produção de experiências, saberes e conhecimentos no campo do folclore, da arte, do desenvolvimento regional e de aspectos da religiosidade popular. Este GT também transita pela discussão acerca do ativismo folkmediático, das manifestações culturais locais/regionais e pelo protagonismo das comunidades frente aos eventos, dinâmicas e processos atualizados que envolvem as festas populares.

Os Estudos Interdisciplinares da Comunicação são apresentados no GT 4. Os papers tratam da questão epistemológica da comunicação e da informação. Pesquisas sobre os processos de comunicação em suas diversas dimensões: a semiótica, a economia política, a informação, a cultura, a comunicação política. Teorias e correntes teóricas do pensamento comunicacional. Pesquisas em Comunicação de caráter interdisciplinar. A aproximação da Comunicação com outras áreas – Política, Educação, Economia, Linguística, Religião, Gestão de Informação e Cidadania. Controle da mídia. Linguagem e comunicação.

No quinto e último capítulo, tratamos das Interfaces comunicacionais no GT 5. Os artigos versam sobre a história, processos, práticas e teorias comunicacionais aplicadas ao jornalismo, à publicidade, às relações públicas e o audiovisual. Dimensões teóricas e metodológicas dos estudos da comunicação e suas interfaces. Estudos empíricos e pesquisas aplicadas. Linguagens, técnicas, estética e questões éticas que envolvem as diferentes áreas da comunicação. As tecnologias da informação e comunicação. Processos comunicacionais em sua dimensão multimídia. Práticas comunicacionais desenvolvidas em ambientes multimidiáticos e convergentes.

A qualidade, a quantidade e a diversidade dos artigos apresentados no simpósio e reunidos nesta obra revelam o interesse tanto de jovens quanto de experientes pesquisadores em pesquisar as inter-relações entre a comunicação e a cultura na Amazônia. Esses resultados renova o entusiasmo dos pesquisadores(as) do Trokano e dos demais que tiveram no simpósio e tem neste livro uma importante ferramenta de divulgação de seus trabalhos e de contribuição para o desenvolvimento científico da região no campo da comunicação.

CAPÍTULO I
COMUNICAÇÃO, CIÊNCIA,
SAÚDE E MEIO AMBIENTE

JORNALISMO CIENTÍFICO EM TEMPOS DE PANDEMIA NO AMAZONAS:

ANÁLISE DA COBERTURA DA PRIMEIRA ONDA DA COVID-19 NO PORTAL A CRÍTICA

Cristiane de Lima Barbosa¹

Thalita Eduarda Pereira dos Santos²

RESUMO: O objetivo geral desta pesquisa é investigar as dinâmicas do jornalismo científico na cobertura sobre o Covid-19 no portal A Crítica, no Estado do Amazonas. O portal analisado foi escolhido por ser um veículo que faz parte de grupo de comunicação com presença impressa e também em TV e rádio, além de possuir credibilidade pública em sua atuação. A pesquisa de cunho exploratório e descritivo se dá por meio de uma metodologia mista, envolvendo análise de conteúdo qualitativa, baseada em Bardin (2009), sendo organizado em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação. Os resultados deste estudo apontam para um diagnóstico sobre a cobertura e prática do jornalismo científico em tempos de pandemia, em especial nos epicentros da doença no Brasil, como no Estado do Amazonas.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação e saúde; jornalismo científico; Covid-19; jornalismo online; Amazonas

INTRODUÇÃO

Os primeiros casos do novo coronavírus (SARS-CoV-2) surgiram em dezembro de 2019, na província chinesa de Wuhan. Devido ao seu fácil contágio, a doença respiratória causada pelo vírus logo se disseminou para o resto do mundo. No dia 30 de janeiro de 2020, a OMS (Organização Mundial da Saúde) declarou estado de emergência mundial por causa do avanço na disseminação do vírus.

No Amazonas, os primeiros casos surgiram no início de março de 2020 e somente no dia 13 do mesmo mês, o governador do Estado, Wilson Lima, declarou estado de quarentena. Desde então, a população teve que se adaptar a novos hábitos e novas formas de consumo, entre elas, a de informação. Aumentaram cada vez mais o número de leitores acessando sites de notícias, assim como o compartilhamento das notícias pelas redes sociais, como *WhatsApp* e *Facebook*.

1 Doutora em Ciências da Informação. Docente do curso de Jornalismo da UFAM. E-mail: crisbarbosa@ufam.edu.br

2 Graduada em Jornalismo na UFAM. E-mail: thalitaeduardasantos@gmail.com

Um estudo feito pelo *MindMiners* mostrou que a epidemia do coronavírus influenciou nas mudanças de hábitos das pessoas, inclusive na sua forma de consumo. O levantamento de dados aponta que 82% das pessoas entrevistadas buscam notícias pelo menos uma vez ao dia. 53% revelam ter “aumentado consideravelmente” a frequência do consumo de informação. Sites de notícias (77%), TV aberta (76%) e redes sociais (64%) são os maiores fornecedores de informações. Entretanto, 44% dos entrevistados afirmam que o conteúdo que chega via redes sociais é “pouco” ou “nada” confiável. Assim, o papel da imprensa na *internet* se tornou ainda mais importante para garantir a informação para o público. Segundo uma pesquisa do Datafolha, os sites de notícias, programas jornalísticos da TV, jornais impressos e programas jornalísticos de rádio são vistos pela população como os mais confiáveis na divulgação de notícias sobre a pandemia (PEZZOTTI, 2020).

Nesse contexto, a temática científica entrou de forma definitiva também para a pauta jornalística em diversas plataformas. Em tempos de pandemia, o Estado que, geograficamente está na Amazônia, ficou ainda mais ao centro de atenções, merecendo, assim, uma cobertura jornalística de alto nível, em especial nos portais online de notícias. Uma vez que, segundo Palácios (2002), a web possibilita uma “quebra dos limites físicos” e um armazenamento quase ilimitado para disponibilização do material noticioso sob os mais variados formatos, através do seu uso, agrega-se diversidade e abrangência às formas de comunicar ao público.

Quando se trata de comunicar o público, segundo um dos estudos mais importantes sobre consumo de notícias do mundo, o *Digital News Report*, o brasileiro mais do que nunca é “leitor de redes sociais”: 64% dos que têm acesso à internet se informam por meio delas. O baixo índice de confiança nas redes sociais mostra que as pessoas sabem que precisam questionar as informações o tempo todo. É neste momento que o jornalismo científico entra como um importante fator na divulgação das informações, pois há aqueles que apenas confiam nas notícias quando elas se originam de grandes portais.

O jornalismo científico é uma ferramenta poderosa, utilizada por especialistas e pesquisadores para divulgar estudos científicos ao povo de forma clara e coesa. Segundo Bueno (1984), o JC deve estar em prol de uma coletividade, divulgando o que vai de encontro ao universo e expectativas do cidadão que precisa estar informado sobre ciência.

Com isto, este trabalho de Iniciação Científica visa investigar como os grandes portais de notícias, neste caso o Portal A Crítica, aborda estudos científicos sobre a Covid-19 durante os primeiros meses da pandemia.

Deste modo, buscou-se entender com a seguinte pergunta de pesquisa: Como o Portal A Crítica, atuante no Amazonas, contribuiu para disseminar as pesquisas científicas sobre o novo coronavírus durante a pandemia? Para a investigação foram analisadas, de forma qualitativa e quantitativa, as notícias publicadas presentes no site de notícia citado, referentes à temática da Covid-19 no Estado do Amazonas. A análise foi realizada com base nas matérias publicadas durante o período de março a junho de 2020, intervalo do início e declínio dos casos do coronavírus e reabertura das atividades econômicas no Estado, na chamada 1ª onda da pandemia no Brasil. Assim, será contemplado o início da epidemia em Manaus, passando pela explosão de casos no interior do Estado do Amazonas e as demais fases deste intervalo até a reabertura de parte de atividades econômicas e sociais.

METODOLOGIA

Para este estudo foi desenvolvida uma pesquisa de natureza básica e de objetivos exploratórios, permitindo que o pesquisador produza conhecimentos científicos para compreender o processo de produção e circulação de informações científicas em uma perspectiva jornalística, publicadas em portais de notícias atuantes no Amazonas, um dos epicentros da pandemia do novo Coronavírus, em 2020. Selecionou-se para a análise o Portal A Crítica. A escolha do portal se justifica por estar ligado a um grupo de comunicação tradicional, com veiculação de jornal impresso, rádio e televisão. Foram analisadas 1265 matérias listadas dentro de uma editoria específica para o coronavírus, nos meses de março a junho de 2020.

A coleta de dados será feita a partir das publicações no site acima descrito, utilizando-se o sistema de busca do portal, por meio da editoria destinada para o Coronavírus. O estudo articula métodos qualitativos de observação direta (descrição simples e avaliação qualitativa dos websites) e quantitativos – análise de conteúdo das publicações sobre o Covid-19, no site.

O material identificado que tiver relação com o objeto de estudo será analisado qualitativamente por meio da técnica da Análise de Conteúdo baseada em Bardin (2009), e será organizado em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento, e interpretação. Para a análise de conteúdo as matérias serão organizadas em tabelas pelas informações: veículo, data, título; link; A fim de ter uma visão do ritmo e volume de produção será feita a medição de publicações nos portais com os indicadores: N.º de matérias publicadas nos sites; Produção diária de matérias publicadas sobre a Covid-19 nos sites analisados. Em relação às

Categorias temáticas das matérias publicadas, serão verificados como circulou e em que volume: Informações sobre a Covid-19 (sintomas, como ocorre o contágio); Prevenção da Covid-19; Taxa de ocupação em leitos de UTI; Casos novos; Óbitos; Recuperados; Reabertura das atividades econômicas e sociais; Economia (impactos da pandemia); Cloroquina e Hidroxicloroquina; Tratamentos e Medicamentos (do ponto de vista científico); Diagnósticos e testes.

A discussão qualitativa sobre o jornalismo científico se dará por meio do referencial de Sousa (2006) que indica os elementos de análise qualitativa do discurso jornalístico: análise do tema, dos enquadramentos e das estruturas, a determinação dos objetivos do enunciador e dos objetivos e ações dos protagonistas, o estudo das estruturas textuais, a determinação das qualidades atribuídas às fontes e personagens. Nesse aspecto analítico, serão verificadas questões quanto à contextualização: A matéria busca explicar de forma acessível ao leitor conceitos científicos complexos? Quais elementos do jornalismo científico são abordados nas matérias analisadas? A matéria transpõe o discurso científico para o discurso de divulgação científica (jornalismo científico)? Para tanto, serão selecionadas três matérias dentro da categoria de jornalismo científico, uma por mês de análise, a fim de verificar os sentidos atribuídos discursivamente ao novo coronavírus durante a cobertura jornalística da doença.

RESULTADOS FINAIS

A primeira fase do projeto ocorreu por meio da análise e observação direta de conteúdo no portal A Crítica, somado a coleta de dados e organização de tabelas. Ao todo foram encontradas 1.264 matérias relacionadas às temáticas da Covid-19, nos meses de março a junho de 2020. Para tanto, foram organizadas 18 categorias, conforme a Tabela 1.

TABELA 1 CATEGORIAS TEMÁTICAS

Categorias Temáticas	Número de Matérias	Porcentagem
Outro	444	35%
Casos Confirmados	100	7,9%
Categorias Temáticas	Número de Matérias	Porcentagem
Suspensão/Retorno de Atividades Econômicas e Sociais	100	7,9%

Categorias Temáticas	Número de Matérias	Porcentagem
Medidas Governamentais/Emergenciais	95	7,5%
Óbitos	70	5,5%
Dados Relacionados a Casos Confirmados/ Óbitos	57	4,5%
Campanhas e Ações Sociais	55	4,34%
Diagnósticos e Testes	55	4,34%
Amazonas no Radar Nacional/Internacional	40	3,16%
Estudos Científicos sobre Covid-19	38	3%
Política	35	2,7%
Cloroquina e Hidroxicloroquina	30	2,37%
Recuperados	25	1,97%
Impactos Econômicos	23	1,81%
Tratamentos e Medicamentos	17	1,34%
Taxa de Ocupação e Abertura de Leitos de UTI	17	1,34%
Total	1.265	100%

Fonte: As autoras, 2021.

Os temas mais recorrentes encontrados nas matérias de cobertura da pandemia dentro do portal A Crítica foram aqueles relacionados a casos confirmados (7,9%), óbitos (5,5%), a suspensão/retorno de atividades econômicas e sociais (7,9%) e a medidas governamentais/emergenciais (7,5%). Estas matérias são em sua maioria, de caráter factual, focadas nos acontecimentos diários do Estado, em consequência ao avanço do vírus, com o objetivo de manter o público atualizado. A maioria das matérias abordou a perspectiva das medidas de prevenção e também as iniciativas legais adotadas pelo governo federal e estadual, além de algumas matérias sobre as medidas internacionais também. Contudo, tem uma categoria com 35% do total de matérias, que é a categoria 'Outros'. Esta categoria foi criada para todas as matérias que não se encaixam em uma categoria específica ou que não abordavam necessariamente temas relacionados a Covid-19.

Em relação a frequência de postagens, nota-se um elevado número de publicações no mês de Abril com 485 matérias, seguido por Março com 351 matérias, meses que correspondem ao pico da pandemia no Amazonas

e ao surgimento dos primeiros casos, respectivamente. Já em maio essa quantidade é diminuída pela metade, com 273 matérias, seguido por junho, com apenas 156 matérias. Como é possível ver na Tabela 2:

TABELA 2 N.º DE MATÉRIAS PUBLICADAS POR MÊS NO PORTAL A CRÍTICA

Mês	Número de Matérias	Porcentagem
MARÇO	351	27,7%
ABRIL	485	38,3%
MAIO	273	25,1%
JUNHO	156	12,3%

Fonte: As autoras, 2021.

Ao se tratar da cobertura de pesquisas e estudos científicos, a quantidade de matérias científicas correspondem a menos de 4%. Durante a fase de observação direta e análise, apenas 38 matérias de cunho científico foram identificadas em um total de 1.265. Adiante serão analisados os aspectos qualitativos desse conteúdo.

Em relação a pluralidade de fontes, ficou constatado que das 38 matérias de caráter científico publicadas no portal, 20 delas têm como fonte cientistas e especialistas, seguido por fontes empresariais (8) e fontes oficiosas (5). Quanto às fontes do governo local ou federal (Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas, Fundação de Vigilância em Saúde, Secretaria Municipal de Saúde e Ministério da Saúde), houveram 4 e 2 matérias científicas, respectivamente, como consta a Tabela 3.

TABELA 3 PLURALIDADE DE FONTES

Pluralidade de Fontes	Número de Matérias	Porcentagem
Cientistas e Especialistas	20	52,6%
Governo Local	4	10,5%
Governo Federal	2	5,2%
Fontes Oficiosas	5	13,1%
Público em Geral	1	2,6%
Empresarial	8	21%

Fonte: As autoras, 2021.

Quanto a autoria de matérias, foi observado que a maioria das matérias de caráter científico vieram de agências de notícias, como a Agência Brasil. No total, foram 25 matérias não feitas pelo Portal A Crítica. A outra metade das matérias publicadas são de autoria dos repórteres e editores do portal, com um total de 14 matérias. De acordo com a observação, não houve matérias científicas de autoria da parte da assessoria de imprensa ou que não tinham uma autoria definida.

O baixo volume de matérias assinadas por jornalistas do portal, ou seja, que foram pautadas pelo veículo analisado pode ser um dos reflexos negativos da pandemia no fluxo produtivo do portal. Isso nos leva a refletir sobre a importância do discurso jornalístico que é regulado e regulador na sociedade com o seu poder de dizer a verdade sobre o mundo. A assinatura do texto leva a uma atitude de confiança com o público que lhe também lhe concede esse atributo. Benetti, Storch e Finatto (2011, p. 68) destacam que esse laço de confiança sustenta o dispositivo de autoridade afirmado por “sou jornalista, e deste lugar posso falar”, colocando em sua mão o poder de fala e de verdade.

TABELA 4 AUTORIAS DE MATÉRIAS

Autoria das Matérias	Número de Matérias
Repórter do Portal	14
Assessoria de Imprensa	-
Agência de Notícias ou Outro Veículo	25
Sem Autoria Definida	-

Fonte: As autoras, 2021.

Acerca da procedência das matérias, foi verificado que a maioria delas são majoritariamente nacionais e locais. Em relação às matérias focadas em estudos científicos no Amazonas, temos 11 matérias publicadas; em relação àquelas focadas no Brasil ao todo, temos 19 matérias e aquelas com estudos científicos internacionais apenas 8 foram feitas.

TABELA 5 PROCEDÊNCIA DAS MATÉRIAS

Procedência das Matérias	Número de Matérias
Local	11
Nacional	19
Internacional	8

Fonte: As autoras, 2021.

Referente a contextualização das matérias científicas, todas apresentaram um material audiovisual. Ao observar e analisar as matérias, nota-se que todas possuem áudios e imagens para auxiliar na compreensão. Das 38 matérias sobre estudos científicos publicadas, apenas 3 possuíam infográficos, 2 possuíam quadros, 2 possuíam ilustrações e apenas 1 apresentava um vídeo. Como mostra a Tabela 6.

TABELA 6 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS MATÉRIAS

Contextualização das Matérias	Número de Matérias
Fotos	25
Contextualização das Matérias	Número de Matérias
Infográficos	3
Quadro	2
Ilustração	2
Vídeo	1
Áudio	38

Fonte: As autoras, 2021.

Ainda na perspectiva da qualidade da informação veiculada, verificou-se que as matérias analisadas, dentro do jornalismo científico, trouxeram opinião de especialistas quanto ao diagnóstico da situação de pandemia e possíveis prognósticos relacionados aos estudos. Outro fator analisado foi verificar se as matérias correlacionaram a Covid-19 com dados científicos e o resultado apontou que uma das três publicações, apresentou esses elementos, como vídeo, tabela e gráficos.

Em relação a esse aspecto da contextualização textual, duas matérias não correlacionaram o conteúdo com dados científicos de forma adequada. Em um análise qualitativa sobre, os temas de pesquisas científicas abordadas nas pautas, de março e abril, identificou-se: soluções para o combate ao novo coronavírus; pobreza e Covid-19; estudos para vacina contra a Covid-19; pesquisa para criação de protetor facial; Isolamento social; Testes; Álcool em gel; e diferenças entre gripe resfriado.

Com base na coleta e categorização das matérias pertencentes ao Portal A Crítica, foi feito uma análise qualitativa de três matérias específicas, cada uma de um mês estudado. Levando em conta não só a qualidade do conteúdo, mas também como ocorre a divulgação do estudo na perspectiva do jornalismo científico. A missão maior do jornalismo científico consiste na popularização e partilha de saberes, sendo um processo fundamental para o conhecimento da sociedade sobre a produção científica.

É como diz Bueno (2009), no artigo *Jornalismo Científico e democratização do conhecimento*:

Sem uma divulgação e um Jornalismo Científico qualificados, a ciência e a tecnologia brasileira que, em muitas áreas, competem com as realizadas nos países chamados hegemônicos, permanecerão distantes dos cidadãos, das autoridades, dos parlamentares e da sociedade de maneira geral. Impedir que isso aconteça é dever de todos nós.

A matéria analisada do mês de abril, tirada do Portal A Crítica, se trata de um estudo científico nacional desenvolvido pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no qual seu objetivo é analisar a circulação do coronavírus através dos esgotos. A matéria é bem apresentada, não apresenta gráficos ou mapas para mostrar ao público quais pontos seriam mapeados, contudo a descrição do estudo e dos resultados que poderão surgir é o bastante para ajudar a população a compreender do que se trata. A matéria não é de autoria do próprio portal, assim como a matéria do mês de junho ela é advinda de um portal de notícias, a Agência Brasil. A matéria conta com os pesquisadores como fonte e por ser um estudo ainda teórico, não há relato de algum cidadão.

Com o ritmo acelerado da produção de notícias, principalmente por conta do avanço da internet, as informações fragmentadas, veiculadas de forma apressada impossibilita a reflexão para que se estabeleça a conexão entre o imaginário do receptor e a realidade.

O que importa é como a mídia descreve, interpreta, fotografa e divulga o mundo e não o mundo vivido, experienciado, como ensina o método científico. (CALDAS, 2003, p. 76).

FIGURA 1 MATÉRIA ANALISADA – MÊS DE ABRIL

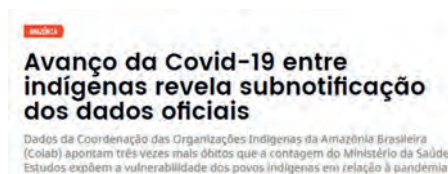


Fonte: Portal A Crítica, 2021.

A matéria escolhida para ser analisada do mês de maio é um estudo local relacionado a Covid-19 e como a doença afeta a população indígena. Ao se tratar da qualidade da matéria, ela é contextualizada, nota-se que os autores se preocuparam em traduzir os termos científicos e explicar os dados disponibilizados, além de apresentar imagens, mapas e gráficos

para comprovar seus resultados. Quanto a sua pluralidade de fontes, os autores se preocuparam em ouvir tanto especialistas e pesquisadores, quanto os próprios povos indígenas. Por ser uma matéria de autoria do próprio Portal A Crítica, comparada a matéria escolhida do mês de junho, ela é completa e de acordo com as técnicas do discurso jornalístico e científico descritos por BUENO (2009).

FIGURA 2 MATÉRIA ANALISADA – MÊS DE MAIO



Fonte: Portal A Crítica, 2021.

A matéria escolhida do mês de junho para ser analisada é um estudo científico australiano sobre um possível tratamento para a Covid-19. Assim como a maioria das matérias científicas analisadas, esta tem como fonte especialistas e pesquisadores, como o Professor da Universidade de Sydney e do Instituto de Pesquisas do Coração, Shaun Jackson. Quanto a sua autoria, ela é advinda de uma agência de notícias, a Reuters, o que pode explicar o porquê da matéria não apresentar dados científicos ou uma contextualização. A matéria não possui infográficos, tabelas ou vídeos para facilitar a compreensão do público e o texto em si é breve e curto. O público pode entender o que está escrito, no entanto, é claro que o autor da matéria não se deu ao trabalho de fazer uma cobertura completa do assunto.

Dentre outros temas abordados nas matérias científicas, observou-se em maio e junho a ocorrência de pautas que envolviam estudos sobre novos tratamentos para sintomas da Covid-19; dispositivos ou simulações para testes de Covid-19; obesidade como fator de risco; hábitos para redução de transmissão do vírus; Primeira e Segunda Onda; Vacinas; Isolamento social; Uso da máscara/prevenção; e Anticorpos.

FIGURA 3 MATÉRIA ANALISADA – MÊS DE MAIO



Fonte: Portal A Crítica, 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise quantitativa e qualitativa das matérias publicadas no Portal A Crítica, nota-se que a contribuição do portal analisado para a cobertura e divulgação de informação acerca do Covid-19 é insuficiente por dois motivos: a baixa frequência de postagem de estudos científicos nos meses analisados e pela ausência de grandes reportagens multimídias, inclusive para a divulgação científica. Ao responder as perguntas geradoras deste estudo, constatou-se que o portal analisado contribuiu de certa forma para difundir as pesquisas científicas sobre o novo coronavírus durante a pandemia, no período analisado (principalmente nos meses de maio e junho), sobretudo por meio de notícias advindas de agências de notícias, com superficial cobertura.

Após as análises e os levantamentos de dados, afirmaram-se as hipóteses de que o portal publicou um grande volume de matérias de cunho factual, com alguns meses tendo mais de 15 matérias por dia. Estas publicações, na maioria das vezes, cobriam medidas governamentais ou postagens de notícias soltas de viés aleatório, assim como sobre os números de mortos e novos casos, sem considerar de fato o aprofundamento do jornalismo científico sobre o vírus, Covid-19.

Foi identificado também que na maioria das matérias não houve uma contextualização e pluralidade das fontes nas matérias, estas geralmente eram oriundas de agências de notícias. Entretanto, em algumas matérias produzidas por jornalistas próprios do portal, houve a preocupação de contextualizar além dos pesquisadores e de apresentar infográficos e imagens, para aprofundar a compreensão do público. Segundo Oliveira (2002) quando as pessoas conseguem associar um princípio ou uma teoria científica a alguma coisa que lhes é familiar, fica muito mais fácil a compreensão do assunto.

Logo, este estudo aponta caminhos importantes para reflexão sobre a ausência de um processo de seleção de temáticas científicas fundamentais para o público entender a Covid-19. Ademais, a análise também aponta que as matérias de cunho científico publicadas pelo Portal A Crítica precisam ser aperfeiçoadas, baseando-se nas diretrizes do jornalismo científico, na qual a qualidade da informação é tão importante quanto a publicação.

REFERÊNCIAS

- Avanço da Covid-19 entre indígenas revela subnotificação dos dados oficiais. **Portal A Crítica**, 2020. Disponível em: <http://www.acritica.com/channels/coronavirus/news/avanco-da-covid-19-entre-indigenas-revela-subnotificacao-dos-dados-oficiais>. Acesso em 13 de julho de 2021.
- BARBOSA, Cristiane de Lima. **A textualização científica em dois discursos: Jornalismo ou Ciência**. Cristiane de Lima Barbosa. Manaus, 2010.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70, 2009.
- BENETTI, Marcia; STORCH, Laura; FINATTO, Paulo. **Jornalismo de revista, meta-acontecimento e dispositivo de autoridade**. In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ.
- BUENO, Wilson Costa. **Jornalismo científico no Brasil: o compromisso de uma prática independente**. 1984. 163f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____. **Jornalismo científico e democratização do conhecimento**. Portal do Jornalismo Científico. São Paulo, [2009a]. Disponível em: http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/busca_site.htm. Acesso em: 13 de julho de 2021.
- CALDAS, Graça. Comunicação, educação e cidadania: o papel do jornalismo científico. 2003. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). **Produção e circulação do conhecimento: política, ciência e divulgação**. v. 2. Campinas-SP: Pontes Editores, 2003.
- CASTELFRANCHI, Y. Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público? In: MASSARANI, Luisa. (Org.). **Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010, p. 13-22.
- Estudo da Fiocruz analisa esgoto para mapear circulação do coronavírus. **Portal A Crítica**, 2020. Disponível em: <http://www.acritica.com/channels/coronavirus/news/estudo-da-fiocruz-analisa-esgoto-para-mapear-circulacao-do-coronavirus>. Acesso em: 13 de julho de 2021.
- Evolução clínica da Covid-19. **Ligas – Sanar Medicina**. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/evolucao-clinica-da-covid-19-ligas>. Acesso em: 29 de junho de 2021.
- FOLHA INFORMATIVA COVID-19 – ESCRITÓRIO OPAS E DA OMS NO BRASIL. **OMS/OPAS; Organização Pan-americana de Saúde**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 29 de junho de 2021.
- MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

PALÁCIOS, Marcos. **Jornalismo online, informação e memória**: Apontamentos para debate, In: http://www.facom.ufba.br/jol/doc/covilha_palacios.doc. Acesso em: 28 de junho de 2021.

PEZZOTTI, Renato. **Estudo aponta tendências do “novo consumo” em tempos de coronavírus**. Disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/20/estudo-aponta-tendencias-do-novo-consumo-em-tempos-de-coronavirus.htm>. Acesso em: 28 de junho de 2021.

PORTO, Cristiane de Magalhães. **Difusão e cultura científica**: alguns recortes [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. O jornalismo científico on-line e sua função política moderadora: estudo no site comciencia. p. 207-228. ISBN 978-85-2320-912-4. Available from SciELO Books .

RUIZ, Silvia. Brasileiro se informa pelo Facebook e Whatsapp. **Meio&Mensagem**, 2019. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/opiniao/2019/06/12/brasileiro-se-informa-pelo-facebook-e-whatsapp.html>. Acesso em: 01 de julho de 2021.

Remédio anticoagulante australiano cria esperança de tratamento para Covid-19. **Portal A Crítica**. Disponível em: <http://www.acritica.com/channels/coronavirus/news/remedio-anticoagulante-australiano-cria-esperanca-de-tratamento-para-covid-19>. Acesso em: 13 de julho de 2021.

UCKUS, Fabiana. **Consumo de mídia durante a pandemia de coronavirus no Brasil**. Comscore. Disponível em: <https://www.comscore.com/por/Insights/Blog/Consumo-de-midia-durante-a-pandemia-de-coronavirus-no-Brasil>. Acesso em: 28 de junho de 2021.

SOUSA, J. P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos Media**. 2.^a ed. Edições Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006.

ANÁLISE DA COBERTURA SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19 NO JORNAL ONLINE O GLOBO

Lunna Farias Rocha³

Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues⁴

RESUMO: Esta pesquisa busca desenvolver uma análise da cobertura jornalística produzida pela versão on-line do jornal O Globo a respeito da pandemia de Covid-19. Foram coletadas, e analisadas, 300 matérias referentes a questão pandêmica e seus impactos no Brasil, do período de março de 2020 a dezembro de 2020. Os dados coletados foram analisados por meio de métodos quali-quantitativos mediante as categorias: precisão, independência, pluralidade, contextualização e sensibilização. O estudo justifica-se pela necessidade de averiguar a qualidade do conteúdo distribuído durante a pandemia e sua contribuição, ou não, na tomada de decisões relacionadas aos campos propostos. Por fim, a pesquisa obteve resultados positivos uma vez que foi constatado que o conteúdo divulgado pelo jornal apresentou ética, profissionalismo e seguiu critérios de apuração.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19; pandemia; coronavírus; jornalismo.

INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 impactou a vida de milhares de pessoas no mundo todo de formas direta e indireta. No Brasil, especificamente, além dos impactos social, econômico, político e o colapso no setor de saúde pública, esteve presente o incentivo ao descrédito, descaso e sucateamento do saber científico. Visto essa realidade, a população tem o direito de receber informações claras e precisas, a fim de manter-se bem informada, sendo os veículos de comunicação os principais responsáveis pela elucidação da temática, além de facilitadores do acesso à informação.

Ao redor do mundo, pesquisadores e cientistas empenharam-se no estudo do novo coronavírus para, assim, poder apresentar ao mundo o máximo de informações possíveis sobre o vírus e as possibilidades do desenvolvimento de uma vacina. Enquanto isso, no Brasil, observou-se uma onda de negacionismo que partia tanto da população quanto dos próprios governantes. Nesse contexto, o jornalismo precisou reinventar-se, de modo

3 Estudante de graduação 4.º semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: lunnafarias2001@gmail.com.

4 Jornalista. Mestre e Doutor em Sociedade e Cultura da Amazônia. Docente do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: allans@ufam.edu.br.

que cumprisse sua finalidade de informar e, ao mesmo tempo, combatesse o pensamento negacionista. Segundo Valente (2020), é possível relacionar o aumento no nível de desinformação científica da população sobre a pandemia com as ações governamentais de omissão de informações, incentivo a práticas contrárias aos protocolos de saúde recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e descaso com a saúde pública. A perda de vidas, os impactos nos sistemas de saúde dos países, as mudanças no cotidiano das populações e as implicações econômicas severas fizeram da pandemia uma das maiores crises de saúde enfrentadas pela humanidade.

Jornalistas no mundo inteiro se mobilizaram para levar informações à sociedade, precisando, muitas vezes, reforçar a credibilidade da ciência, esta que foi inúmeras vezes desacreditada. Dessa forma, provaram que o discurso jornalístico pode contribuir para a compreensão dos cidadãos sobre as questões relacionadas não somente ao novo coronavírus como também outras pautas de interesse público, e incentivar o envolvimento da população na adoção de medidas de combate. O papel do jornalismo no esforço global de combate a Covid-19 mostrou sua importância através de conteúdos noticiosos produzidos por toda a gama de meios de comunicação, pelos quais as pessoas tomaram conhecimento a respeito das formas de contágio e prevenção, a necessidade de seguir medidas de isolamento para conter a disseminação da doença, o desenvolvimento das vacinas, a média móvel de mortes, o número de infecções por município e tudo mais relacionado ao cenário pandêmico.

Nesse âmbito, o jornalismo, cujo princípio histórico justificador é o ideal iluminista de esclarecer os cidadãos (Moretzsohn, 2007), torna-se essencial para que a sociedade tome decisões esclarecidas sobre como enfrentar a pandemia. Na medida em que o jornalismo busca na ciência os enunciados que podem enriquecer a formulação de seu discurso a respeito da Covid-19, ele tem potencial para voltar-se para um papel esclarecedor, educador e informacional (SOUSA, 2000).

A relevância desse estudo justifica-se pela constatação de que o surto do novo coronavírus foi considerado pela OMS uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta. A difusão do vírus foi considerada, nos termos do Regulamento Sanitário Internacional (RSI), “um evento extraordinário que pode constituir um risco de saúde pública para outros países devido a disseminação internacional de doenças”.

Aos fatores supracitados soma-se o fato de que a versão online do O Globo foi o jornal mais lido do Brasil no ano de 2020, com uma média de 28,8 milhões de visitantes únicos por mês em seu site, segundo pesquisa

da Comscore, empresa que é referência mundial em análise do tráfego em conteúdos na internet. Portanto, a escolha do periódico para análise ampara-se em sua ampla circulação nacional na versão impressa e sua audiência na versão online que ultrapassa as fronteiras do Brasil.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diante de um vírus que tem sua disseminação retardada a partir de medidas de higiene pessoal e distanciamento social, mais do que nunca, faz-se necessário prezar pela informação de qualidade. E é nesse contexto que a cobertura jornalística tem participação direta no esclarecimento da população quanto a questões relacionadas à pandemia e seus impactos. Kovach e Rosenstiel (2003) organizaram uma lista com nove princípios capazes de permitir ao jornalismo alcançar sua finalidade:

1. **A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade:** o primeiro compromisso do jornalismo deve ser com a verdade (PENA, 2005). Segundo os conceitos de Kovack e Rosenstiel (2003) a verdade jornalística é diferente da verdade filosófica, pois a primeira é construída paulatinamente, matéria a matéria, visando o entendimento do fato no todo. A verdade almejada pelo jornalismo é, portanto, um processo contínuo na busca pela construção da realidade. Esse fenômeno pode ser percebido nos portais de notícias e como estas estão inseridas dentro das matérias jornalísticas. Cabe ao leitor, se quiser saber mais detalhes, utilizar-se da ferramenta dos hiperlinks que estão inseridos dentro das informações abordadas.
2. **A segunda é lealdade com os cidadãos:** esse princípio nos leva a uma pergunta inicial: para quem trabalham os jornalistas? Uma resposta calcada no modo capitalista de produção indica que são empregados do capital, ou seja, das empresas privadas que enxergam a produção e circulação de informações como negócio rentável. A resposta não está incorreta, mas convém fazer uma ponderação relacionada ao compromisso com a verdade, visto no item anterior. Essa obrigação social do jornalista o leva além dos interesses imediatos de seus patrões. Sendo essa situação chamada de independência jornalística que mesmo sendo financiado pelo setor privado, serve aos interesses públicos.

3. **A essência é a disciplina da verificação:** aproximar-se da verdade é servir ao interesse público e para isso faz-se necessária uma disciplina de verificação das informações publicadas. Para Kovach e Rosenstiel, essa disciplina da verificação separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte. Chaparro (2001), alerta para o fato de que tem ocorrido com certa frequência no atual jornalismo, inundado de acontecimentos planejados e controlados por agentes tão competentes quanto interessados, a renúncia dos repórteres à sua função investigativa e crítica.
4. **Manter independência daqueles a quem cobrem:** para Chaparro (2001), a organização e a capacitação discursiva das fontes são as mais importantes modificações ocorridas nos processos jornalísticos nos últimos quarenta anos. A preocupação da influência das fontes na agenda jornalística se aplica também ao campo da opinião. Kovach e Rosenstiel advertiram que proibições rigorosas não garantirão que um jornalista permaneça livre de engajamentos pessoais ou intelectuais. Trata-se de uma questão de bom senso e de um compromisso inabalável com o princípio da lealdade com a população, em primeiro lugar, que irá evitar a dependência das fontes e, portanto, separar o jornalismo do partidarismo.
5. **Monitorar independente do poder:** o princípio de guardião do interesse público do jornalismo se aplica tanto às ações do governo quanto aquelas das demais instituições poderosas da sociedade. Cabe aos jornalistas romperem com a concepção de bipolarização (jornalismo versus governos) dos conflitos do poder, pois há sempre um terceiro polo que precisa ser levado em consideração e ganhar identidade: o povo. Na dialética do poder, o terceiro polo está no povo, que oscila entre situação e oposição atraído ora para um, ora para outro dos polos dominantes, por habilidades de sedução ou por imposição de medos. Chaparro (2001, p. 38) assinalou que “apesar de quase não entrar na pauta jornalística, o povo produz acontecimentos, e com eles conflitos, cultura – fatos, falas, artes e saberes que precisam ser captados, compreendidos e narrados”.
6. **Abrir espaço para a crítica e o compromisso com o público:** convém evitar abordar os lados extremos de um assunto, pois exclui a maioria dos cidadãos e dificilmente são conciliatórios.

Quando este princípio não é observado o espaço para o fórum de discussões passa a ser ocupado pelo espetáculo e até mesmo pela ficção. Pena (2005) apontou, nesses casos, uma substituição das discussões de causas públicas e valores éticos por outro em que as representações da realidade interagem com o espetáculo, a simulação e a imagem virtual. Bucci (2000) classificou esse processo de culto as falsas imagens onde o jornalismo se confunde com a literatura de ficção ou com a arte, apesar de sempre ter se beneficiado de seus recursos.

7. **Empenhar para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante:** esse princípio refere-se a dois aspectos do trabalho jornalístico: a escolha das notícias (o que é significativo) e a produção do texto (tornar as histórias interessantes). Em relação ao primeiro aspecto, Pena (2005) considerou que revelar o modo como as notícias são produzidas é mais do que a chave para compreender seu significado, é contribuir para o aperfeiçoamento democrático da sociedade. A despeito desses critérios, Wolf (2001) afirmou que os jornalistas se baseiam muito mais na capacidade de um fato virar ou não notícia, denominada noticiabilidade, do que num instinto imponderável.
8. **Apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional:** sua verdade se baseia numa cobertura que não deixa assuntos importantes de fora e, ao mesmo tempo, seja proporcional. O jornalismo informa aos cidadãos como viver em sociedade. Dependendo de como a notícia é abordada, esta pode acabar tornando – se objeto de dúvida perante a sociedade. O que se quer dizer com tudo isso é que, a notícia e o jornalismo no geral, devem ter notícias que compreendam todos os públicos utilizando-se de proporcionalidades de acordo com seu tema abordado.
9. **Ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência:** o último, porém não menos importante princípio do jornalismo, preconiza que todos os jornalistas da redação à sala da diretoria – devem ter um sentido pessoal de ética e responsabilidade – uma bússola moral. O profissional da notícia deve perceber que tem uma responsabilidade de dar voz, bem alta, a sua consciência e permitir que outros ao seu redor façam a mesma coisa. A sociedade espera do jornalismo o relato verídico dos acontecimentos e a explicação isenta dos fatos e contextos.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada empregou o uso de métodos quali-quantitativos. Foi escolhido o método da análise de conteúdo visto sua eficiência para rastrear informações e a capacidade de fazer interferências sobre aquilo que ficou impresso ou gravado (SANTOS, 1997). Isso permitiu o aferimento de outros aspectos que não são possíveis de analisar apenas por meio da investigação do que ficou impresso nas matérias.

O método consistiu no recolhimento e análise de 300 textos jornalísticos publicados de março de 2020 a dezembro de 2020. Os critérios adotados na seleção dos textos foram centrados no fato de esses tratarem de temas como: novo coronavírus, Covid-19 e pandemia; terem sido de março de 2020 a dezembro de 2020; e pertencerem ao gênero informativo do jornalismo em seus formatos notícia e reportagem descritos por Melo (2010). Uma vez recolhidas, as matérias foram analisadas mediante as seguintes categorias:

- **Categoria Pluralidade:** analisa o espaço dado no âmbito das reportagens para as manifestações das diversas vozes envolvidas na questão pandêmica. Abrange os princípios do jornalismo de promover fórum para a crítica e comentário público e a função social do jornalismo científico.
- **Categoria Sensibilização:** utilização do espaço das reportagens não somente para noticiar fatos ligados à questão pandêmica, mas também sensibilizar a população para a necessidade de tomada de decisões esclarecidas. Congrega o as funções educativa, político-ideológica e cultural do jornalismo científico.

Por meio da análise de conteúdo das reportagens foi possível traçar um quadro sobre a cobertura frente aos princípios do jornalismo e do seu subgênero científico, bem como identificar os atores sociais envolvidos na produção das notícias (jornalistas), além de fazer inferências sobre a qualidade da informação científica da cobertura.

RESULTADOS

O relato dos resultados se dará através de duas das cinco categorias propostas: pluralidade e sensibilização. A fim de apresentar uma análise abrangente, foram selecionadas, aleatoriamente, 300 matérias publicadas no site do jornal O Globo, sendo 30 de cada um dos 10 meses escolhidos.

CATEGORIA PLURALIDADE

Essa categoria analisa o espaço dado nas matérias para manifestação de diversas vozes envolvidas na questão pandêmica, sendo essas: poder público, pesquisadores, pessoas afetadas pela pandemia, organizações não governamentais e outros. Abrange os princípios gerais do jornalismo de promover um fórum para a crítica e o comentário público, e ainda a função social do jornalismo científico. Na mesma categoria incluem-se a qualidade da diversidade de fontes a fim de abrir o espaço para o debate (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003).

Quanto à natureza das fontes ouvidas, observou-se uma clara polarização: 49,3% eram fontes oficiais, mantidas pelo Poder Público, e 50,6% fontes independentes, incluindo ONG's, pesquisadores, sociedade civil e outras sem vínculo com o Estado. Em termos de espaço, as porcentagens sugerem pouca diversidade de fontes: 49,3% eram do Poder Público, 48,3% eram pesquisadores, 0,6% pessoas afetadas pela pandemia, 0,3% organizações não governamentais e 1,6% nenhum dos citados (Tabela 5). Apesar de uma grande porcentagem de matérias ter aberto espaço para fala de pesquisadores, o que pode ajudar o leitor a reforçar sua confiabilidade no saber científico, a ausência de pessoas afetadas pela pandemia pode demonstrar a falta de humanização desses materiais.

Por outro lado, nas 145 matérias em que pesquisadores tiveram espaço de fala, 62% ouviram um profissional da área, 28,9% ouviram dois profissionais e 8,9% mais de dois. Já nas 162 matérias que abordaram causas e consequências da pandemia, 49,3% apresentaram uma opinião científica, 38,2% duas opiniões e 12,3% mais de duas opiniões (Tabela 1). Levando em consideração que 145 artigos (48,3% do total de matérias analisadas) trouxeram pesquisadores como fontes, as porcentagens encontradas indicam que o veículo preza pela valorização da informação científica de qualidade e busca incluir fontes de credibilidade em seus materiais. Porém, é preciso distribuir de forma mais igualitária o espaço para as fontes e incluir mais as vozes pouco ouvidas (pessoas afetadas pela pandemia e organizações não governamentais).

TABELA 1 CATEGORIA PLURALIDADE

Qual a natureza das fontes foram ouvidas na matéria?	Respostas	%
Oficiais – mantidas pelo Poder Público	148	49,3
Oficiosas – protegidas pelo anonimato	0	0
Independentes – ONGs, pesquisadores, sociedade civil e outras sem vínculo com o Estado.	152	50,6
Que vezes tiveram espaço na reportagem?	Respostas	%
Poder Público	148	49,3
Pesquisadores	145	48,3
Pessoas afetadas pela pandemia	2	0,6
Organizações não overnamentais	1	0,3
Outros	4	1,3
Em se tratando dos pesquisadores, quantos foram ouvidos na reportagem?	Respostas	%
1	90	62,06
2	42	28,9
Mais de 2	13	8,9
Nos casos em que a reportagem aborda as causas e consequências da pandemia, quantas opiniões científicas são apresentadas?	Respostas	%
1	80	49,3
2	62	38,2
Mais de 2	20	12,3

Fonte: Pesquisador, 2020.

CATEGORIA SENSIBILIZAÇÃO

Essa categoria utiliza do espaço das reportagens não somente para noticiar fatos ligados à questão pandêmica, mas também sensibilizar a população para a necessidade de tomada de decisões esclarecidas. Congrega o princípio geral do jornalismo de apresentar o significativo de forma interessante e relevante, a função educativa do jornalismo e qualidade de procurar aliar jornalismo e educação do jornalismo científico

(KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). Por meio da pesquisa, foi possível verificar que 75% (Tabela 2) do material estudado buscou apresentar ao leitor informações que ajudassem na compreensão dos eventos relativos à pandemia de Covid-19 no Brasil; 76,6% buscou traduzir termos e expressões científicas relacionadas ao Covid-19; 83,3% buscou transmitir conteúdos educativos sobre os tratamentos com evidências científicas para o Covid-19; e 70% buscou mostrar aos leitores como eles poderiam agir para ajudar no combate à pandemia.

TABELA 2 CATEGORIA SENSIBILIZAÇÃO

A matéria buscou apresentar ao leitor informações para a compreensão dos eventos relativos à pandemia de Covid 19 no Brasil e no mundo?	Respostas	%
Sim	225	75
Não	75	25
A matéria buscou traduzir para o leitor termos e expressões científicas relacionadas ao Covid 19?	Respostas	%
Sim	230	76,6
Não	70	23,3
A matéria buscou transmitir conteúdos educativos sobre os tratamentos com evidências científicas para o Covid 19?	Respostas	%
Sim	250	83,3
Não	50	16,6
A matéria buscou mostrar ao leitor como eles poderiam agir para ajudar no combate à pandemia?	Respostas	%
Sim	210	70
Não	90	30

Fonte: Pesquisador, 2020.

CONCLUSÃO

O objetivo central da pesquisa consistia na análise da cobertura jornalística feita pela versão on-line do jornal O Globo acerca da pandemia de Covid-19, tendo como aporte matérias coletadas no período de março de 2020 a dezembro do mesmo ano. Ao todo, 300 matérias foram

selecionadas, sendo 30 artigos para cada mês escolhido, e o estudo desse material deu-se através de uma análise de conteúdo dividida em cinco categorias principais: precisão, independência, pluralidade, contextualização e sensibilização.

Na categoria Pluralidade, observou-se pouca diversidade de vozes: 49,3% eram do Poder Público, 48,3% eram pesquisadores, 0,6% pessoas afetadas pela pandemia, 0,3% organizações não governamentais. Apesar de ser louvável que uma grande porcentagem das reportagens tenham aberto espaço para fala de pesquisadores, fator que pode reforçar a confiabilidade do leitor no saber científico, a ausência de pessoas afetadas pela pandemia pode demonstrar falta de humanização.

Por outro lado, nas 145 matérias em que pesquisadores tiveram espaço de fala, 62% ouviram um profissional da área, 28,9% ouviram dois profissionais e 8,9% mais de dois. Já nas 162 matérias que abordaram causas e consequências da pandemia, 49,3% apresentaram uma opinião científica, 38,2% duas opiniões e 12,3% mais de duas opiniões. Esses resultados indicam que o veículo preza pela valorização da informação científica de qualidade e busca incluir fontes de credibilidade em seus materiais.

Na categoria Sensibilização, o periódico apresentou ótimo desempenho. 75% das reportagens buscou apresentar ao leitor informações que ajudassem na compreensão dos eventos relativos à pandemia de Covid-19 no Brasil; 76,6% buscou traduzir termos e expressões científicas relacionadas ao Covid-19; 83,3% buscou transmitir conteúdos educativos sobre os tratamentos com evidências científicas para o Covid-19; e 70% buscou mostrar aos leitores como eles poderiam agir para ajudar no combate à pandemia. Destaca-se que a linguagem do jornalismo científico, com seus jargões próprios, dificulta o pleno entendimento do assunto. Traduzir esses termos é essencial para auxiliar no processo de democratização desse saber.

Em resumo, os pontos que precisam ser melhorados na cobertura da versão on-line do jornal O Globo consistem na diversificação de fontes, distribuindo de forma mais igualitária o espaço nas matérias; no aumento do espaço para a opinião de especialistas no processo de apuração; e ampliar significativamente a utilização dos recursos gráficos para tornar prático o entendimento do assunto.

Aferiu-se, por fim, que a versão on-line do jornal O Globo realizou uma boa cobertura jornalística acerca da pandemia no período analisado, apesar dos pontos que devem ser melhorados, e apresentou profissionalismo, ética e bons critérios de apuração.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70 LDA, 2010.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico no Brasil**: os compromissos de uma prática dependente. Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Depto. de Jornalismo e Editoração. Doutorado. São Paulo, 1984.

CHAPARRO, Manoel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.

DASA ANALYTICS, 2021. **Um olhar para a evolução de casos do novo coronavírus no Brasil e no mundo**. Disponível em: <https://dadoscoronavirus.dasa.com.br/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

IVANISSEVICH, Alícia. Como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

MELO, José Marques de. Jornalismo: compreensão e reinvenção. São Paulo: Saraiva, 2009. In: MORETZSONH, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

O GLOBO, 2021. **O Globo foi o jornal mais lido do país em 2020**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/o-globo-foi-jornal-mais-lido-do-pais-em-2020-24906502>. Acesso em: 20 jul. 2021.

O GLOBO. O Globo, 2021. Versão on-line do jornal impresso O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com>. Acesso em: março a dezembro de 2020.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

SANTOS, E. B. (Org.). **Jornalismo e conhecimento**. Florianópolis: Posjor UFSC/ Insular, 1997.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**. Coimbra, Minerva, 2000.

VALENTE, Jonas. Saúde. Diante de pandemia, população deve estar alerta sobre notícias falsas. **Agência Brasil, 2020**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/diante-de-pandemia-populacao-deve-estar-alerta-sobre-noticias-falsas>. Acesso em: 26 jan. 2021.

ZIGGIATTI, Barbie. Journalism as Interpretive Community. *Critical Studies in Mass Communication*, Vol. 10. 2000.

ANÁLISE DAS REPORTAGENS DO JORNAL ONLINE FOLHA DE SÃO PAULO SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19

Raimundo Nonato Fonseca Franco⁵

Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues⁶

RESUMO: Os impactos causados pela pandemia de Covid-19 são de proporções globais e suas consequências abalam diretamente as esferas sociais, econômicas e culturais do planeta. Posto isso, a sociedade precisa estar informada de forma clara e precisa, sendo os veículos de comunicações os principais responsáveis pelo esclarecimento do assunto. Nesse sentido, essa pesquisa visa analisar a cobertura jornalística sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil e no mundo, executada pela versão online do jornal Folha de São Paulo. Foi realizada a análise das reportagens referente à cobertura jornalística sobre a questão da pandemia do periódico do período de março de 2020 a dezembro de 2020. Os dados coletados foram analisados pelos métodos quali-quantitativos. A expectativa dessa pesquisa é que o material jornalístico sobre a pandemia de Sars-Cov-2 esteja sendo divulgado com qualidade para os leitores e que o seu conteúdo seja capaz de contribuir na tomada de decisões no que toca a emergência global que é a pandemia de Covid-19.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia; Covid-19; Corona Vírus; Jornalismo.

1. INTRODUÇÃO

O propósito desta pesquisa busca investigar a cobertura jornalística sobre a atual pandemia de Covid-19 realizada pela versão online do jornal Folha de São Paulo. Examinar o trabalho da imprensa na luta contra à pandemia corrobora para o aprimoramento do ofício dos meios de comunicação e contribui com a melhora do nível de informação da sociedade. Esse projeto assume características peculiares quando o tema impacta a vida de milhões de pessoas num contexto mundial.

Neste cenário, a cobertura jornalística torna-se essencial no esclarecimento sobre a pandemia causada pelo Sars-Cov-2 e seus impactos pelo mundo, tendo em vista que os meios de comunicação são incumbidos de noticiar, elucidar e fundamentar as ocorrências globais. Posto isso, sabe-se

5 Acadêmico de comunicação social em jornalismo na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Email: raifranco77@gmail.com

6 Jornalista. Mestre e Doutor em Sociedade e Cultura da Amazônia. Docente do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: allans@ufam.edu.br

que os impactos provocados pela pandemia de Covid-19 é um tema de máxima relevância atualmente e por isso é abordado de forma ampla pelo jornal online Folha de São Paulo. Sendo assim, busca-se saber se o periódico apresenta em suas notícias um trabalho que siga os princípios norteadores do jornalismo, sendo eles a isenção, correção e agilidade ao noticiar os fatos sobre o tema em questão.

Kovach e Rosenstiel (2003) catalogaram um guia com nove princípios aptos de consentir ao jornalismo alcançar seu objetivo:

1. **A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade:** o primeiro compromisso do jornalismo deve ser com a verdade (PENA, 2005). De acordo com as ideias defendidas por Kovack e Rosentiel (2003) o fato jornalístico é oposta a realidade filosófica, visto que a primeira verdade é produzida progressivamente, ou seja, ela ocorre pela construção da matéria, assim, buscando a compreensão dos fatos no todo. Assim sendo, a verdade que o jornalismo deseja é, na verdade, um processo constante que visa construir uma realidade. Essa ocorrência acontece de forma constante nos portais de notícias e estão incorporadas aos textos jornalísticos. Então convém ao receptor da notícia buscar mais detalhes, se tiver vontade, por meio dos chamados hiperlinks presentes no corpo do texto para obter mais informações acerca do que foi exposto na notícia. A sociedade não carece de mais cenários e análise na narrativa jornalística, “elas carecem de síntese e verificação, ou seja, de informações claras, diretas e exatas (verdadeiras), que conduzam a um entendimento do fato”.
2. **A segunda é lealdade com os cidadãos:** esse princípio nos leva a uma pergunta inicial: para quem trabalha o jornalista? Uma explicação pautada na conduta capitalista de produção aponta que esses profissionais são servidores do capitalismo, logo, das companhias privadas que veem a informação como mercadoria. Essa resposta não é incorreta, no entanto, tem que considerar uma reflexão acerca do compromisso com a verdade, exposto anteriormente. A responsabilidade social do profissional da comunicação o encaminha para além das vantagens instantâneas de seus empregadores. Compreendendo esse contexto a chamada independência jornalística, que mesmo financiado pelo âmbito privado, ainda assim busca servir o interesse da sociedade.

3. **A essência é a disciplina da verificação:** assemelhar-se da verdade é atender o interesse da sociedade, logo, é fundamental seguir uma norma de apuração das notícias divulgadas. De acordo com Kovach e Rosentiel, essa norma de investigação diferencia os campos do jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte. “Os repórteres devem ser obstinados em sua missão, além de disciplinados na luta para ir além de sua própria perspectiva dos fatos” (p.142). Chaparro (2001), acende uma questão para o episódio que ocorre constantemente no jornalismo recente, pois de acordo com o autor, há uma inundação de fatos programados e coordenados por gestores tão habilitados tanto quanto interessados na abdicação dos profissionais ao trabalho investigativo e crítico.
4. **Manter independência daqueles a quem cobrem:** para Chaparro (2001), a composição e a aptidão discursiva das fontes são as mais significativas alterações que aconteceram no processo de produção jornalístico nos últimos 40 anos. O cuidado da atuação das fontes na programação jornalística se impõe similarmente ao âmbito de opinião. Os autores Kovach e Rosentiel advertem que vetos intransigentes não vão assegurar que um profissional da imprensa continue isento de compromissos próprios ou intelectuais. Ou seja, é um objeto de ponderação e de comprometimento sólido com o princípio da lealdade com o leitor, que ao realizar seus trabalhos, evitará dependência de fontes, assim, desanexando o jornalismo do partidarismo.
5. **Monitorar independente do poder:** o princípio de guardião do interesse público do profissional da comunicação se aplica aos atos dos governos como também a outras entidades soberanas na sociedade. Posto isso, é dever do jornalista dissolver a ideia de bipolarização, ou jornalismo contra governos dos conflitos de poder, porque, sem exceção, há sempre uma terceira ponta a ser ponderada e a obter identificação. Na tríplice soberania, a terceira ponta desse poder se concentra na sociedade, que varia entre circunstâncias e resistência atraída ora para um e ora para outro dos lados soberanos, seja por atribuições de persuasão ou até mesmo por imposição do amedrontamento. Chaparro (2001, p. 38) assinalou que “apesar de quase não entrar na pauta jornalística, o povo produz acontecimentos, e com eles conflitos,

cultura – fatos, falas, artes e saberes que precisam ser captados, compreendidos e narrados”.

6. **Abrir espaço para a crítica e o compromisso com o público:** cabe evitar discutir as partes extremas de um tema, visto que este elimina a maior parte da sociedade e certamente não serão conciliadores. Quando esse espaço de debate não é considerado passa a ser dirigido pelo espetáculo e pela fantasia. Pena (2005) expôs, nessas circunstância, uma sucessão dos debates de justificativas públicas e princípios éticos por outro em que os retratos da realidade se relacionam com o espetáculo, a simulação e a imagem virtual. Bucci (2000) categorizou esse processo de devoção às imagens deturpadas em que a profissão se confunde com a literatura de ficção ou com a arte, ainda que sempre saia beneficiada com seus recursos.
7. **Empenhar para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante:** esse princípio toca dois pontos do jornalismo: a seleção das informações (o que é relevante) e a elaboração do material (tornar os relatos notáveis). No caso do aspecto primário, Pena (2005) observou que apontar a forma como os materiais jornalísticos são elaborados é maior do que o código que permite entender seu significado, para ele, é auxiliar para o aprimoramento da sociedade democrática. “O fato é que os jornalistas se valem de uma cultura própria para decidir o que é ou não é notícia. Ou seja, têm critérios próprios, que consideram óbvios, quase instintivos” (PENA, 2005, p. 71). Em relação a esses parâmetros, Wolf (2001) diz que o profissional da imprensa se apoia excessivamente no potencial de um relato se transformar ou não uma notícia, chamada de noticiabilidade, do que numa percepção imprevisível. Além disso, Wolf (2001) considerou que o profissional da imprensa defina a posição de noticiabilidade de uma informação considerando outro componente por ele escrachado como valores-notícia.
8. **Apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional:** neste princípio, a verdade da imprensa se ancora numa abrangência que não exclui temas relevantes, da mesma forma que é harmônico. Sendo assim, o trabalho jornalístico comunica o público a como conviver em sociedade. Do modo em que uma informação é repassada, a notícia é capaz de criar certo ceticismo em cima dessa peça diante do público. O que queremos

passar com isso é que uma informação e o jornalismo de forma ampla, tem a obrigação de possuir informações que abrangem os diversos públicos usando de equivalência em conformidade com o assunto pautado.

9. **Ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência:** por fim, temos o princípio de “trabalhar com sua consciência”, que diz que todos os profissionais da imprensa independentemente de sua posição hierárquica, devem possuir uma avaliação ética própria e responsável – um regular ético. Esse jornalista deve compreender que possui uma obrigação de dar a palavra à sua consciência e permitindo que os demais profissionais realizem o mesmo. O grande público aguarda que nossa profissão exponha informações verdadeiras dos fatos e a elucidação isenta dos cenários e acontecimentos. Para tal, a conduta do profissional de imprensa necessita se encontrar em acordo com o interesse da sociedade e não do interesse privado. De acordo com Chaparro (2001, p. 73), isso “além de exigir lucidez, coragem e sabedoria, só se resolve no plano da consciência, diante da responsabilidade de tomar decisões que produzem efeitos imediatos e irreversíveis”.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Este projeto fará uso de métodos quali-quantitativos. Portanto, buscaremos utilizar a análise de conteúdo tendo em vista que essa ferramenta é considerada muito eficaz na catalogação de materiais informativos devido a sua grande capacidade de fazer inferência de conteúdos gravados ou impressos (Santos, 1997). Isso abriu caminho para a verificação de outros aspectos que não são possíveis de analisar apenas por meio da investigação do que ficou impresso nas matérias.

Apoiado nas hipóteses levantadas anteriormente, faremos a análise dos materiais noticiosos feito pelo periódico Folha de São Paulo. O jornal foi escolhido devido sua relevância nacional e pela grande circulação em sua versão online no Brasil e no mundo. O método consistirá no recolhimento e análise de textos jornalísticos publicados de março a dezembro de 2020 com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias de análise. Os critérios que serão adotados na seleção dos textos estão centrados no fato de esses tratarem de temas como: novo coronavírus, Covid-19 e pandemia; terem sido de março a

dezembro de 2020; e pertencerem ao gênero informativo do jornalismo em seus formatos notícia e reportagem descrita por MELO (2010).

- **Categoria Precisão:** analisa a veracidade e a precisão das informações publicadas. Engloba os princípios do jornalismo do compromisso com a verdade, da disciplina da verificação e do dever com a sua consciência.
- **Categoria Independência:** analisa se houve problematização das responsabilidades do poder público frente às causas e efeitos dos problemas causados pela pandemia de Covid-19. Agrega os princípios do jornalismo de ser um monitor do poder, da lealdade ao interesse público e independência em relação às fontes.
- **Categoria Pluralidade:** analisa o espaço dado no âmbito das reportagens para as manifestações das diversas vozes envolvidas na questão da pandemia de Covid-19. Abrange os princípios do jornalismo de promover fórum para a crítica e comentário público e a função social do jornalismo científico.
- **Categoria Contextualização:** analisa a contextualização das causas e consequências da pandemia de Covid-19 e suas implicações sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas. Reúne o princípio do jornalismo de apresentar o significativo de forma interessante e relevante e as funções informativa e econômica do jornalismo científico.
- **Categoria Sensibilização:** utilização do espaço das reportagens não somente para noticiar fatos ligados à questão da pandemia de Covid-19, mas também sensibilizar a população para a necessidade de tomada de decisões esclarecidas. Congrega o as funções educativa, político-ideológica e cultural do jornalismo científico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a conclusão da análise dos materiais coletados, aqui estão disponíveis os resultados da pesquisa feito em cima da cobertura jornalística que o jornal Folha de São Paulo, em sua versão online, fez sobre a pandemia de Covid-19. Destaca-se que ao longo desse primeiro ano de investigação foram analisadas um total de 300 matérias, sendo 30 de cada mês que, no fim, preencheram os dez meses pesquisados (março a

dezembro). Na finalização do projeto proposto, buscamos saber se o periódico estudado cumpriu com os princípios gerais do jornalismo estabelecidos por (Kovach e Rosenstiel, 2003) e seu subgênero científico proposto por (BUENO, 1984).

CATEGORIA PRECISÃO

A Categoria Precisão, onde se avalia se o periódico supracitado agiu com veracidade e precisão ao desenvolver seu trabalho jornalístico no que toca o repasse de informações para a sociedade, assim, respeitando o interesse público diante da crise emergencial causado pela pandemia de Covid-19.

TABELA 1 ENFOQUE DAS MATÉRIAS

PRECISÃO	NÚMERO DE MATÉRIAS	PORCENTAGEM
Consequências da pandemia de Covid 19 (mortes, número de casos, colapso do sistema de saúde e outros)	110	36,6
Causas da pandemia de Covid 19 (origem do vírus e formas de contágio)	18	6
Pesquisas científicas sobre a busca de vacina ou medicamentos para tratamento do Covid 19	40	13
Outros	132	44

Fonte: Pesquisador, 2021.

No primeiro conjunto, onde é analisado a **categoria precisão**, foi encontrado uma diversidade de notícias relacionadas a pandemia, onde o item 1 correspondeu a **36,6%** do enfoque das matérias. Enquanto o item 2, onde aborda as causas da pandemia, observa – se que não houve um grande destaque no periódico, visto que o enfoque da notícia neste item corresponde a somente **6%** em um número de 300 arquivos revisados.

Já na no item 3, onde é investigado se o material jornalístico analisado fez menção ou deu enfoque em temas como pesquisas a respeito de vacinas ou medicamentos para tratamento contra do Covid-19, foi encontrado uma variação de conteúdos noticiosos sobre o assunto, o que corresponde a **13,3%**. Vale ressaltar que de acordo com anotações feitas durante a averiguação desses conteúdos noticiosos, foi possível concluir que houve um maior destaque em cima desse assunto a partir do mês de agosto, quando começaram a surgir os primeiros resultados dos imunizantes desenvolvidas pelo mundo. Entretanto, há nesse contexto também

reportagens relacionadas a pesquisas sobre medicamentos já existentes, remédios que possivelmente poderiam amenizar os efeitos negativos da Covid-19 no organismo.

Já no item 4, onde são investigados outros enfoques dos conteúdos noticiosos do periódico, é possível perceber que o jornal teve uma preocupação quanto a diversidade de notícias relacionados a outros assuntos envolvendo a pandemia, sendo esses materiais correspondentes a **44%** dos conteúdos abordados.

TABELA 2 CAUSAS PARA A PANDEMIA

PRECISÃO	NÚMERO DE MATÉRIAS	PORCENTAGEM
Qual a causa apontada para a pandemia?		
Ações do homem	0	0
Causas Naturais	1	0,3
Outros	299	99,6

Fonte: Pesquisador, 2021.

Já na primeira subcategoria, onde é abordado as causas da pandemia, é possível perceber que mesmo apesar de uma diversidade de materiais analisados, a imensa maioria desses conteúdos não abordou de forma profunda em suas matérias uma causa específica para o surgimento da pandemia, sendo que o item “Outros” correspondente a **99,6%**, esse item foi colocado neste contexto justamente por não haver uma causa específica para o surgimento da pandemia. Vale destacar que isso não significa que o periódico foi impreciso nessa questão, posto que até hoje não se sabe ao certo como surgiu a pandemia. Tanto que o item 2, referente a primeira subcategoria, só aborda uma causa para o surgimento do Sars-Cov-2, correspondente a apenas **0,3%**, enquanto o item 1 não apresenta nenhuma causa referente à ação do homem para o surgimento da pandemia.

TABELA 3 PRECISÃO DOS TEXTOS

PRECISÃO	NÚMERO DE MATÉRIAS	Porcentagem
O texto das matérias possuem verbos no futuro do pretérito, expressões como supostamente ou verbos no gerúndio?		
Sim	31	10,3
Não	269	89,6

Fonte: Pesquisador, 2021.

Já na última subcategoria do quadro 1, é possível afirmar que o periódico teve uma preocupação maior em ser preciso ao noticiar assuntos relacionados à pandemia, sem deixar caminhos para dúvidas, visto que apenas **10,3%** dos materiais coletados tinham palavras no futuro do pretérito e/ou expressões como supostamente e provavelmente ou verbos no gerúndio. Enquanto a grande parte dos materiais analisados é possível afirmar que não houve o uso desses verbos ou expressões, correspondendo, assim, a **89,6%** dos 300 textos analisados.

Portanto, em um contexto geral, nesta primeira categoria é possível dizer que o jornal buscou agir com o compromisso com a verdade, sendo diverso e preciso em suas reportagens.

CATEGORIA INDEPENDÊNCIA

Na categoria independência, onde é analisado a problematização do periódico frente às responsabilidades do poder público no que tange o trabalho do governo no combate a pandemia de Covid-19, agregando assim, os princípios do jornalismo como monitor do poder, da lealdade ao interesse público e independência em relação às fontes.

TABELA 4 QUESTIONA O PODER PÚBLICO

INDEPENDÊNCIA	NÚMERO DE MATÉRIAS	PORCENTAGEM
A reportagem questiona o poder público a respeito das ações de combate a pandemia?		
Sim	62	20,6
Não	159	53
Não trata sobre isso	79	26,3

Fonte: Pesquisador, 2021.

Nesta categoria, é possível dizer que houve uma diferença significativa entre o “Sim” e o “Não” na primeira tabela, sendo a opção inicial correspondente a **20,6%** dos materiais coletados onde é averiguado se o periódico questiona o poder público, o que demonstra falha do veículo nessa questão e expõe que o jornal não atendeu a esse princípio do jornalismo científico neste quadro. Enquanto o “Não”, corresponde a grande maioria das respostas, totalizando **53%** dos textos analisados. Destaca-se que nem todos os conteúdos desse tópico eram relacionados

a questões que abrissem brechas para questionar o poder público visto que são assuntos relacionados à pandemia num contexto global, sendo essas correspondentes a **26,3%** de todo o material lido. Essa opção foi inserida pelo pesquisador do projeto visto que poderia causar confusão caso fossem misturadas.

TABELA 5 MEDIDAS DO PODER PÚBLICO

INDEPENDÊNCIA	NÚMERO DE MATÉRIAS	PORCENTAGEM
A reportagem aborda a efetiva execução das medidas anunciadas pelo poder público para remediar a pandemia?		
Sim	58	19,3
Não	163	54,3
Não trata sobre isso	79	26,3

Fonte: Pesquisador, 2021.

Já na segunda subcategoria, referente ao quadro 2, onde é questionado se a reportagem aborda a efetiva execução do governo no combate a pandemia de Covid-19, é possível observar que o “Sim” corresponde somente a **19,3%** desses materiais analisado, no entanto, destaca-se que por não haver muitas medidas pela parte do poder público para remediar o surto pandêmico, não é possível afirmar que o jornal deixou de abordar esse tema com profundidade..., Além disso, as matérias onde o tópico foi abordado, contam com medidas, em sua maioria, tomadas pelos governos estaduais e municipais.

Enquanto o “Não” corresponde a **54,3%** das matérias analisadas justamente pelo fato citado anteriormente, logo, não é possível afirmar que houve falta de conteúdo noticiosos que abordassem o assunto em questão. Destaca-se que nem todos os conteúdos desse tópico eram relacionados a questões que abrissem brechas para questionar o poder público, sendo essas correspondentes a **26,3%** de todo o material lido, haja vista que são assuntos relacionados à pandemia num contexto global. Essa opção foi inserida pelo pesquisador do projeto visto que poderia causar confusão caso fossem misturadas.

TABELA 6 RESPONSABILIDADES DO PODER PÚBLICO

INDEPENDÊNCIA	NÚMERO DE MATÉRIAS	PORCENTAGEM
Mostrou aos leitores quais seriam as responsabilidades do poder público?		
Sim	93	31
Não	128	42,6
Não trata sobre isso	79	26,3

Fonte: Pesquisador, 2021.

Já na terceira subcategoria, referente ao quadro 2, onde é questionado se o periódico analisado mostrou aos leitores as responsabilidades do poder público no que tange o combate à pandemia de Covid-19, o “Sim” é correspondente a **31%** das matérias analisadas, enquanto o não é correspondente a **42%** dos materiais coletados, o que não mostra uma grande diferença entre o “Sim” e o “Não”, mas evidencia um certo equilíbrio entre as alternativas. Já assuntos que não tratavam sobre isso, representam apenas **26,3%** dos materiais analisados. Os assuntos citados são referentes a eventos que não caberia mostrar as responsabilidades do governo no que tange a pandemia no Brasil, visto que são eventos relacionados a pandemia em um contexto global.

TABELA 7 AÇÕES DO PODER PÚBLICO NO COMBATE A PANDEMIA

INDEPENDÊNCIA	NÚMERO DE MATÉRIAS	PORCENTAGEM
A reportagem abordou a questão da presença ou falta de políticas públicas voltadas para prevenir ou remediar os efeitos da pandemia?		
Sim	58	19,3
Não	163	54,3
Não trata sobre isso	79	26,3

Fonte: Pesquisador, 2021.

Na terceira subcategoria, referente ao quadro 2, onde é investigado se as reportagens abordaram a presença ou falta de políticas públicas para remediar os efeitos da pandemia, o “Sim” corresponde a somente **19,3%**, enquanto o “Não” corresponde a **54,3%** justamente pelo motivo citado na subcategoria 2, do quadro 2, onde é exposto que o jornal não reportou isso em suas matérias porque não houve muitas medidas pela

parte do governo para remediar a pandemia, conseqüentemente, não é possível abordar de forma ampla a presença dessas políticas para prevenir ou remediar o efeito da pandemia no Brasil. Enquanto o item 3, que são as matérias que não tratam diretamente da questão que possibilite mostrar políticas do governo para mitigar os efeitos da covid-19, visto que são assuntos relacionados à pandemia num contexto global, correspondendo a **26,3%** dos materiais lidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análises e os levantamentos de dados sobre a cobertura jornalística que o veículo Folha de São Paulo realizou sobre a pandemia, constatou-se que na Categoria Precisão é possível afirmar que a cobertura jornalística feita pelo jornal buscou ser bastante diversa no que toca eventos relacionados à pandemia de Covid-19. Essa primeira categoria teve um saldo positivo em seus conteúdos informativos, visto que suas reportagens procuraram ter comprometimento com a veracidade e precisão. Portanto, o periódico buscou conciliar os elementos dos princípios do jornalismo em suas reportagens ao ser preciso, diversificado em seus conteúdos informativos, evitando o sensacionalismo e sendo leais ao interesse público no que tange eventos sobre a pandemia de Covid-19.

Já na Categoria Independência, onde se avalia a problematização feita pelo jornal frente às responsabilidades do governo no combate a pandemia, podemos dizer que houve uma diferença significativa entre as alternativas, visto que as reportagens onde não se teve essa problematização representam 53% contra 33,3% das que problematizam, o que mostra uma falha do periódico no que toca o assunto, pois não houve um questionamento frequente pelo veículo em cima das ações governamentais.

Enquanto os textos que envolviam questões de cunho global, onde não era possível fazer esse questionamento, correspondem a 26,3% dos conteúdos analisados. Além disso, devido à falta de medidas por parte do governo federal, com exceção de medidas tomadas pelos governos estaduais e municipais, não havia a possibilidade de abordar com mais presença de medidas no combate à pandemia no tópico em questão.

Por fim, o estudo verificou que o periódico investigado procurou, sim, fazer uma boa cobertura sobre a pandemia causada pelo Sars-Cov-2, mesmo tendo algumas falhas como apontado na Tabela 2, sobre a infrequência de questionamento ao poder público, o veículo cumpriu com seu papel de emissor de informação científica a respeito da emergência global que é a pandemia de Covid-19. Importante ressaltar o trabalho

do Consorcio de veículos de imprensa, ao qual o jornal supracitado foi colaborador na busca de dados sobre a pandemia no Brasil, ameaçados de ocultação pelo atual governo.

REFERÊNCIAS

Global Economic Prospects. World Bank. In: **Global Economic Prospects**. [S.L]. jun 2020. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/33748>.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Cia da Letras, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70 LDA, 2010.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente**. Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Depto. de Jornalismo e Editoração. Doutorado. São Paulo, 1984.

CHAPARRO, Manoel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.

Consórcio de Veículos de Imprensa. Wikipédia. [S.L]. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cons%C3%B3rcio_de_Ve%C3%ADculos_de_Imprensa.

Folha de São Paulo. **Corona Vírus**, c2020. Página inicial. Disponível em: folha.uol.com.br. Acesso em: 20 de ago. 2021.

Gripe Espanhola. História do Mundo. **Gripe Espanhola**. [S.L]. 06 jul. 2020. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/gripe-espanhola.htm>. Acesso em: 12 ago. 2021.

GLÓRIA MOREIRA AFONSO, Emília da. A divulgação científica para o Grande Público: o papel das relações públicas. **O caso do CIIMAR**. Universidade Fernando Pessoa, 2008. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1056/2/emiliaafonso.pdf>.

Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia. **Fiocruz**, Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia. [S.L]. 27 de mar. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>.

MELO, José Marques de. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MAGALHÃES PORTO, Cristiane de. **O jornalismo científico on-line e sua função política moderadora**: estudo no site Comciencia. Universidade Federal da Bahia. 2007. Disponível em: http://dialogos.ftc.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=84&Itemid=15#:~:text=Trata%2Dse%20de%20um%20tipo,perspectiva%20hist%C3%B3rica%2C%20social%20e%20cultural.

OMS afirma que Covid-19 é agora caracterizada como pandemia. **Organização Pan-americana da Saúde (OPAS)**. [S.L]. 13 mar. 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

Pandemia pode piorar alerta diretor geral da OMS. Redação, **O Estado de São Paulo**. In: Pandemia pode piorar alerta diretor geral da OMS. [S.L]. 13 jul. 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,pandemia-pode-piorar-piorar-e-piorar-alerta-diretor-geral-da-oms,70003362450>.

Peste Bubônica: 5 pontos para entender o que é a doença. Redação, **Revista Galileu**. In: Peste Bubônica: 5 pontos para entender o que é a doença. [S.L]. 06 jul. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2020/07/peste-bubonica-5-pontos-para-entender-o-que-e-doenca.html>. Acesso em: 12 ago. 2021.

Qual é o papel do jornalismo na era Covid-19? Castilho, Carlos. **Observatório da Imprensa**. In: Qual é o papel do jornalismo na era Covid-19? [S.L]. 14 jul. 2020. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/coronavirus-covid-19/qual-e-o-papel-do-jornalismo-na-era-covid-19/>.

Regulamento Sanitário Internacional (RSI). Organização Pan-mericana da Saúde (OPAS). [S.L]. 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5847:regulamento-sanitario-internacional-rsi&Itemid=812.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**. Coimbra, Minerva, 2000.

SANTOS, E. B. (Org.). **Jornalismo e conhecimento**. Florianópolis: PosjorUFSC/Insular, 1997.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 6. ed. Lisboa: Presença, 2001.

REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO GOVERNAMENTAL NA ÁREA DA SAÚDE, NA CIDADE DE MANAUS/AM, A PARTIR DO OLHAR DOS RELAÇÕES-PÚBLICAS

Judy Lima Tavares⁷

RESUMO: De caráter exploratório, este trabalho investiga os elementos da prática da comunicação governamental de organizações do executivo da área da saúde, na cidade de Manaus/AM, a partir do olhar dos relações-públicas. A discussão será feita a partir da compreensão de que tais práticas são pertencentes a uma rede de comunicação pública, acionando, autores como Kunsch (2012), Weber (2007, 2017), Weber e Carnielli (2016) e Luz (2017). Como procedimentos metodológicos, foram utilizadas a pesquisa bibliográfica, fazendo uma apresentação da diversidade de conceitos de comunicação pública e governamental, e pesquisa empírica. Como resultado, observa-se que há indícios de que o trabalho de comunicação governamental atende ao interesse público, mas não se sabe se esse atendimento é parcial ou total.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação governamental e saúde; Comunicação pública na saúde; Organizações e saúde.

INTRODUÇÃO

Compreender a comunicação governamental em organizações que fazem parte do âmbito do executivo na área da saúde é um processo desafiador, mas necessário visto que tais ambientes trabalham em uma área essencial para o cidadão: a saúde pública. Promover esta discussão em um contexto de distanciamento social, de demandas de informações em um ritmo frenético em um cenário ainda de incertezas causado pela pandemia do SARS-COV-2 enfatiza a importância da comunicação governamental, a qual em um país em que o regime é democrático, precisa estar vinculada à essência da comunicação pública: o interesse público.

Pensando nisso, propôs-se o presente estudo, de caráter exploratório, e que tem por objetivo investigar os elementos da prática da comunicação governamental de organizações do executivo da área da saúde,

7 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora adjunta III do curso de Relações Públicas da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM): Email: judytavares@gmail.com; judy@ufam.edu.br

na cidade de Manaus, no Amazonas, a partir do olhar dos profissionais de Relações Públicas. Optou-se por coletar dados dentro da realidade de Manaus, no Amazonas, pela necessidade de tornar esse campo da comunicação e saúde um espaço a ser investigado de forma sistemática, cada vez mais, ainda mais pelas demandas sempre existentes na saúde coletiva local, de um sistema público em um contexto de altos índices de doenças como câncer de colo de útero, de tuberculose, de HIV e, recentemente, colapsado nas duas ondas da pandemia do novo coronavírus.

Para fundamentar a discussão feita através de uma análise descritiva, trabalhou – se com a compreensão da comunicação governamental como prática pertencente a uma rede de comunicação pública, acionando autores como Kunsch (2012), Weber (2007, 2017), Weber e Carnielli (2016) e Luz (2017), apresentando a liquidez do conceito de comunicação pública e governamental. Também foi realizada uma coleta de dados através de um roteiro de entrevista junto a três profissionais de Relações Públicas (RP), visando compreender a visão deles sobre os processos envolvidos na temática já que a área da comunicação pública é área pertencente à formação profissional do RP.

A COMUNICAÇÃO GOVERNAMENTAL NA COMUNICAÇÃO PÚBLICA

Para discorrer sobre a área da comunicação governamental é fundamental entender a área da Comunicação Pública, visitando, inicialmente, alguns autores que abordam esta área, além de outras definições pertencentes ao tema.

Em um primeiro momento, apresenta-se a comunicação pública em uma perspectiva organizacional com Kunsch (2012), a qual, ao falar sobre as instituições públicas/governamentais, ressalta sobre a necessidade de que tais organizações sejam abertas e interajam junto a sociedade, ouvindo-a, atendendo suas demandas sociais, trabalhando por meio de canais, havendo, assim, a necessidade de se trabalhar a comunicação pública estatal em seu sentido mais pleno, o interesse público.

Destaca-se a liquidez do conceito de Comunicação Pública (Weber, 2007), o qual é usado em diferentes abordagens teóricas, sendo usado no campo da comunicação e suas especificidades, como relações públicas, marketing, jornalismo. Weber posiciona-se contra a visão de perceber a comunicação pública apenas a partir de legislação ou estruturas, e enfatiza que há a necessidade de percebê-la através da circulação de temas que são de interesse público.

Além da característica da liquidez, o conceito de comunicação pública é marcado pela complexidade, podendo ser usado em abordagens distintas. Esta área é classificada em quatro concepções básicas que podem melhor defini-la, como comunicação estatal, comunicação da sociedade civil organizada (esta atuante na esfera pública e em defesa da coletividade), comunicação institucional dos órgãos públicos (trabalhada para promover a imagem dos serviços/ações do governo) e a comunicação política, voltada para os partidos políticos e eleições (KUNSCH, 2012). Nesta classificação, identifica-se que a comunicação governamental, objeto de discussão do presente artigo, poderia estar inserida tanto na comunicação estatal quanto na institucional.

Compartilhando da mesma percepção sobre a comunicação pública como área que abrange diversos saberes e atividades, Brandão (2006) aponta que o conceito sobre a área é um processo em construção e apresenta cinco áreas que são identificadas como comunicação pública, a saber: Comunicação Pública como Comunicação Organizacional; Comunicação Pública como Comunicação Científica; Comunicação Pública como Comunicação do Estado e/ou Governamental; Comunicação Pública como Comunicação Política e, por fim, Comunicação Pública como estratégias de comunicação da sociedade civil organizada. Aqui, claramente, a comunicação governamental ocupa seu lugar dentro da classificação de comunicação pública, recebendo, inclusive a nomeação enquanto tal.

Em uma perspectiva mais ampla de sistemas e redes, Weber (2017) discorre que a comunicação pública é a capacidade de pulverizar opiniões e movimentos em temas que pertencem à esfera pública. O conceito de comunicação pública:

Está circunscrito à existência de um espaço onde possam circular temas de interesse público gerados por sistemas e redes, assim entendidos por debaterem valores vitais para o Estado, a sociedade e indivíduos, tanto nas instâncias de produção, quanto naquelas de recepção (WEBER, 2017, p. 43).

Weber (2017) usa a metáfora de redes de comunicação, com seus nós, conexões e extensão, espaços nos quais há a circulação de informações e ações, incluindo as percepções, significados e interpretações, sendo, assim, acolhidas ou não. É também a metáfora das redes que promove a “ideia da circularidade de informações e opiniões que fortalecem determinados arranjos sociais e sua mobilização” (2017, p. 45).

As redes de comunicação pública são constituídas por públicos organizados, sendo assim formadas: no âmbito do Estado – tendo poder legal de governar e intervir: Redes de Comunicação do Poder Executivo, Redes de Comunicação do Poder Legislativo e Redes de Comunicação do Poder

Judiciário e Sistemas de Comunicação e Radiodifusão Pública. No âmbito da sociedade – com poder passional, científico e ideológico de organização e manifestação: Redes de Comunicação Política, Redes de Comunicação Social, Redes de Comunicação Mercadológica, Redes de Comunicação Científico-educacional e Redes de Comunicação Religiosa. Já os sistemas de comunicação mediática – com poder de visibilidade e centralização formam as Redes de Comunicação Mediática (WEBER, 2017). A comunicação pública enquanto sistemas e redes extrapolam os conceitos que limitam os fluxos de informações pertencentes apenas ao que é promovido pelas organizações estatais, incluindo, assim, todo um emaranhado de agentes públicos e privados que atendem ao interesse público.

Adotando então um conceito ampliado de comunicação pública, situa-se a comunicação governamental dentro desse processo. Em um viés sistêmico, Luz (2017) propõe uma tipificação para os Sistemas de Comunicação Governamental, visando avaliar sua eficiência e qualidade. A tipificação envolve as práticas, instrumentos e produtos comunicacionais distribuídos em 11 tipologias, como: 1) Estrutura de Comunicação, com os aspectos voltados para os recursos humanos, físicos e financeiros; 2) Políticas de Comunicação, com a definição de princípios, conceitos, perspectivas e objetivos de comunicação; 3) Jornalismo, com atividades voltadas para divulgar as políticas públicas, ações do governo e avaliar sua repercussão; 4) Relações Públicas, com o planejamento da comunicação institucional estratégica e as relações com públicos e a opinião pública; 5) Publicidade e Propaganda, com as campanhas de utilidade pública, a publicidade institucional e mercadológica; 6) Mídias Públicas; com as outorgas dos canais de rádios e televisões sob a responsabilidade do governo; 7) Acervos Multimídia, com os produtos em seus múltiplos formatos armazenados e que servem para a consulta de informações por parte de interessados diversos; 8) Redes Sociais Digitais, com os perfis oficiais que permitem a comunicação direta entre instituição e sociedade; 9) Fóruns de Participação, com a criação de espaços como fóruns, enquetes, *chats*, webconferências, para promover o diálogo entre governantes e governados; 10) Ouvidoria, promovendo espaço para receber, examinar e encaminhar as denúncias, as reclamações, as sugestões e elogios dos cidadãos e; 11) Prestação de Contas ou *Accountability*, com a produção de relatórios de gestão, orçamentos anuais e execução orçamentária, planos plurianuais, editais, contratos, diários oficiais, dentre outros que permitam acompanhar as ações do governo.

Para concluir essa primeira parte do artigo, destaquemos, assim, três marcas quem envolvem a comunicação governamental e a pública:

01. A necessidade da existência do interesse público. 02. A comunicação governamental nem sempre será comunicação pública e; 03. A formação do paradoxo da visibilidade. Explicam-se sobre as marcas citadas: se por um lado a comunicação pública é voltada para o debate de temas de interesse público, não é possível afirmar que comunicação pública e comunicação governamental sempre caminham na mesma direção já que regimes ditatoriais são marcados pela ausência da democracia, consequentemente sem priorizar o coletivo.

Nas palavras de Weber e Carnielli (2016, p. 03), tais regimes ditatoriais “não incluem o interesse público e seus sistemas de comunicação (sic) produzem propaganda e censura”. Logo, somente na democracia que é possível pensar em uma prática de comunicação pública que seja legítima e que respeite o interesse público. Do contrário, pode-se ter a comunicação governamental, mas que não atende aos interesses públicos e sim os privados.

E, as instituições públicas precisam acionar dispositivos de visibilidade pública para prestar contas à sociedade, fazendo uso da transparência, acessibilidade, *accountability* (Weber e Carnielli, 2016). No entanto, se a comunicação pública precisa dar visibilidade às ações institucionais como forma de prestação de contas, atendendo assim ao interesse público, também promoverá a imagem de seus agentes, voltando-se para interesses privados, formando assim o paradoxo da visibilidade discutido por Weber e Carnielli .

A COMUNICAÇÃO GOVERNAMENTAL EM ORGANIZAÇÕES DO EXECUTIVO NA ÁREA DA SAÚDE

Como este trabalho discute sobre a comunicação governamental de organizações do executivo que pertencem ao campo da saúde, vê-se a necessidade de se destacar que todo o trabalho deve ser pautado nos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), a saber: universalidade, equidade, integralidade, descentralização e participação social. Dessa forma, a comunicação embora governamental, precisa ser construída em uma base de promover prioritariamente a saúde como um direito de todos, sem distinção, obedecendo a modelos mais plurais, dialógicos, inclusivos e descentralizados; e contando com a participação do cidadão em seus processos e práticas. Aciona-se novamente a necessidade de prevalência da democracia, a qual deve pautar a Rede de Comunicação do Poder Executivo, rede que abrange a comunicação governamental de tais organizações.

Araújo, Cardoso e Murtinho chamam a atenção para a realidade de que nem sempre a comunicação trabalha nesse sentido, pelo "fato da maioria das políticas e estratégias favorecer a concentração da produção e circulação da palavra, ignorar os contextos específicos (homogeneizando o "público-alvo") e por entender participação como adesão" (2009, p. 109).

Havendo, então, a necessidade de promover mudanças que vão além dos aspectos de práticas profissionais, visto que neste caso, as organizações do executivo na área da saúde dependem dos agentes sociais envolvidos, desde os governantes que ocupam o lugar de forma temporária, a cada eleição, quanto da equipe de comunicação, formada por profissionais concursados e/ou nomeados e que precisam conhecer os princípios do Sistema Único de Saúde, para pensar em processos dentro deste contexto.

Weber (2017) destaca que as ações do Estado, seja nos poderes executivo, legislativo e judiciário, respondem diretamente à Constituição Federal, à sociedade e devem ser justificadas pelo interesse público. E que o próprio Estado abriga estruturas gigantescas de comunicação, com recursos humanos, materiais, tecnológicos que promovem práticas de comunicação em suas especificidades, tendo, assim, uma grande responsabilidade na promoção da comunicação pública. No caso estudado, em um contexto governamental.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para investigar os elementos da prática da comunicação governamental de organizações do executivo da área da saúde, na cidade de Manaus, no Amazonas, a partir do olhar dos profissionais de Relações Públicas, foi realizada uma coleta de campo através de um roteiro de entrevista envolvendo dez perguntas abertas, junto a três relações-públicas, atuantes da esfera federal, estadual e municipal em organizações da área da saúde. Nenhum dos três profissionais será identificado neste artigo, visando garantir o anonimato de suas identidades, conforme o que foi expresso no documento enviado a todos eles.

A coleta de dados foi realizada através de correio eletrônico no período de 22 de fevereiro a 02 de março de 2021. Não houve contato pessoalmente com os informantes diante do fato do Amazonas, naquela data, enfrentar uma segunda onda da pandemia causada pelo novo coronavírus, sendo necessário adotar o isolamento social.

A seguir, os dados coletados serão apresentados em uma análise descritiva, destacando, posteriormente, alguns indícios sobre a inserção de tais práticas de comunicação governamental em um contexto

da comunicação pública, a partir do referencial teórico apresentado anteriormente.

Logo no início do documento, o respondente deveria indicar a função exercida na organização para, a seguir, responder questões referentes a formação e pós – graduação, tempo de experiência trabalhando com comunicação na área da saúde, equipe de trabalho, política de comunicação definida, as práticas de relações públicas, jornalismo e publicidade e propaganda exercida pelo setor em que trabalha, existência de acervo multimídia, a atuação no ambiente virtual, promoção de espaço de debate, geração de produtos de prestação de contas à sociedade e, por fim, a autorreflexão sobre a prevalência de interesse público sobre o privado pelo setor em que trabalha. Destaca – se que tais itens foram definidos no questionário a partir de discussão proposta por Luz (2017), sobre Sistemas de Comunicação Governamental.

São apresentados os dados coletados, usando a nomenclatura RP 01 para o relações-públicas da esfera federal, RP 02 para o atuante na esfera estadual e RP 03 para o relações-públicas da esfera municipal.

Sobre a função, formação e o tempo em que trabalha com comunicação e saúde, o RP 01 respondeu que sua função é de relações-públicas, é especialista em Administração Pública e atua há seis anos e quatro meses na área. O RP 02 informou que é Assistente de Comunicação, especialista em Marketing estratégico e Inteligência de mercado e trabalha há três anos na área. O RP 03 respondeu que é Técnico em Comunicação Social, mestre em Ciências da Comunicação e trabalha há seis anos na área.

Sobre a composição da equipe de trabalho, formações e funções, O RP 01 informou que trabalha sozinho e que, na verdade, não há um setor específico de comunicação, mas sim um RP contratado pela organização, mas que atua em uma rede nacional vinculada a uma Coordenadoria de Comunicação. O RP 02 informou que a equipe é composta por dois publicitários, seis jornalistas, um fotógrafo e um administrativo. Já o RP 03 informou que são nove profissionais, ao todo, sendo cinco jornalistas divididos em função de diretora, gerente de jornalismo, gerente de comunicação em saúde e dois repórteres, e três designers e um fotógrafo.

Ao ser indagado se o setor possui política de comunicação definida e, se caso a resposta fosse positiva, se está disponível para acesso de interessados, o RP 01 afirmou que há sim uma política de comunicação institucional nacional e com diretrizes de comunicação locais, além de outras normativas, como política de porta vozes e manuais de conduta em mídias sociais, relacionamento com a imprensa e identidade visual e que todo material podem ser acessados nos *sites* institucionais. O RP 02 afirmou que há um

plano de comunicação com diretrizes para as atividades, mas ainda não institucionalizado. O RP 03 informou que não possui ainda nada referente.

Sobre as atividades e práticas de jornalismo, relações públicas e publicidade e propaganda que o setor desempenha, o RP 01 respondeu que o trabalho se divide em relacionamento com a imprensa (atendimento de demandas, sugestão de pautas, levantamento de fontes, *media training*, acompanhamento em entrevistas, dentre outros), produção de conteúdo (matérias, vídeos, registro fotográfico, *design*, campanhas, produtos de comunicação interna), comunicação interna e eventos e Publicidade (cerimonial, consultas sobre protocolo, acompanhamento de eventos, produção e promoção de eventos, uso de marcas, dentre outras).

No que se refere ainda a questão acima, o RP 02 afirmou que no jornalismo compete às atividades de comunicação externa, criação de pautas, inserção na mídia e assessoramento. Nas atividades de relações públicas, as atividades são voltadas para a comunicação interna, servidores da sede e unidades de saúde, informes, *newsletter*, conteúdo feito pelo público interno, realização e cobertura de eventos e comunicação institucional. Já para a área de publicidade cabe a criação de campanhas mensais de saúde já institucionalizadas pelo Ministério da Saúde, criação de peças para os outros núcleos de comunicação, além de produtos para as redes sociais *online*. O RP 03 respondeu que atualmente há no jornalismo a atividade de assessoria de imprensa; nas relações públicas há a comunicação interna e o apoio a eventos; e que não há publicidade atualmente e que as grandes campanhas como o Outubro Rosa ou de vacinação são feitas pelo órgão superior de comunicação e aprovadas pela direção do departamento.

Ao ser perguntado se o setor organiza algum acervo multimídia com os produtos gerados e se o acervo está disponível para acesso de interessados, o RP 01 informou que sim, que organiza, mas que não há acesso liberado previamente, somente mediante consulta. O RP 02 informou que há apenas nas redes sociais *online*. O RP 03 respondeu que em geral organiza sim e que fica disponível na intranet.

Em relação ao ambiente virtual, sobre os produtos de comunicação gerados, o RP 01 afirmou que desenvolvem conteúdo na intranet, *site*, redes sociais (mas que atualmente somente trabalham com o *Instagram*), vídeos para plataformas de *streaming*, entre outros produtos que surgem de acordo com as demandas de comunicação, definição de prioridades e a capacidade de resposta do setor de comunicação. O RP 02 afirmou que trabalham com o *Facebook*, *Flickr*, *Twitter*, *Youtube* e *Instagram*. O RP 03 respondeu que trabalham com o *site* institucional e as redes *online* *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Linkedin* e *Youtube*.

Ao ser perguntado se o setor busca promover espaços de debates como fóruns, enquetes, *chats*, ou atividades de ouvidoria para participação de pessoas com sugestões, reclamações e esclarecimento de dúvidas, o RP 01 informou que o órgão tem uma ouvidoria vinculada à Ouvidoria do SUS Nacional e que no departamento há um interlocutor. Já o RP 02 respondeu que o SAC das redes sociais é o principal ambiente de interação direta com o usuário deles, espaço no qual recebem as principais questões, queixas e informações. Já para o público interno, servidores da saúde, há a realização de pesquisa de opinião em diversos assuntos e que é pulverizada por *email* e outros canais da organização. E o RP 03 afirmou que o órgão tem uma ouvidoria vinculada à Ouvidoria do SUS Nacional e que no departamento há um interlocutor.

No que se refere a produtos gerados para prestação de contas, o RP 01 informou que eles elaboram relatório de atuação e produção. O RP 02 respondeu que para a gestão há o relatório de atividade com a apresentação dos serviços da Assessoria e que possui dados do trabalho de demandas por *email*, número de produtos criados, entre outras. Para a sociedade, há alguns programetes nas redes sociais *online*, contendo as principais notícias da organização. Já o RP 03 informou que até o ano de 2020 o trabalho era feito por meio de relatório anual.

Na última questão, foi perguntado se o relações-públicas, ao olhar para as práticas realizadas pelo setor em que trabalha, se acreditava que o interesse coletivo prevalecia em relação aos interesses particulares. Para melhorar preservar as informações dadas, as mesmas são apresentadas como relatos. Assim, afirmou o RP 01: “Sim. Na verdade, todo o trabalho é pautado por interesse público e determinações legais (lei de estatais, e orientações do SUS...”. Continuou afirmando ainda que a organização “tem entre suas principais funções a formação de pessoal especializado na área de saúde e o atendimento suplementar à população por meio do SUS e isso orienta todos os produtos a ações de comunicação”.

Para o RP 02, a resposta foi: “a Saúde é um direito básico do ser humano e de interesse coletivo. Nosso público principal são os usuários do SUS, de todo o Estado e até países vizinhos, dessa forma, nosso conteúdo busca ser informativo no sentido de munir a população de conhecimento sobre os fluxos de atendimento nas 64 Unidades de Saúde da capital, os processos que são aderentes ao serviço público (culturalmente entendida como excessivamente burocrática), números de desempenho que significam transparência e prestação de contas para a sociedade e reforçar ao máximo a importância do Sistema Único de Saúde, para que ao fim se tornem defensores...”.

O RP 03 respondeu que “no geral, acredito que sim. O departamento segue as diretrizes do SUS no contexto do serviço público municipal. A forma como é conduzida a comunicação é ajustada de acordo com a percepção do gestor do setor. Nesses cinco anos já tivemos práticas mais voltadas para a assessoria de imprensa – quando as gestoras tinham formação em jornalismo; e depois mais abrangente – quando a gestora foi uma publicitária”.

A partir dos dados expostos acima, é possível identificar indícios do exercício da comunicação governamental dentro do contexto das redes de comunicação pública. São eles:

Com exceção do RP 01 que é a única pessoa a compor a comunicação da organização na qual trabalha, os outros dois relações-públicas compõem equipes multidisciplinares da área da comunicação, o que converge com a ideia apontada por Weber (2017), que indica o investimento que o Estado faz montando estruturas de comunicação para promover a comunicação pública. Esse investimento em comunicação pode também resultar em um trabalho estratégico e estruturado, elaborado a partir de uma política de comunicação definida, a qual, nos dados coletados, aponta-se que embora o RP 01 trabalhe sozinho, o mesmo faz parte de uma rede nacional e conta com uma política definida, além de outros documentos. Resta saber quais são as implicações de uma política nacional quando se pensa na necessidade de se fugir de padrões na área da comunicação, a qual precisa ser trabalhada em contextos específicos. O RP 02 e RP 03, embora estejam inseridos em equipes de trabalho de maior dimensão, não têm a política de comunicação em documento. Talvez haja aqui o fato de que equipes de comunicação podem ser trocadas a cada nova gestão, caso os profissionais não sejam concursados no setor público, o que pode comprometer na sistematização e continuidade na produção dos documentos necessários.

As práticas de jornalismo, relações públicas e publicidade são presentes nas três organizações, mas com a exceção de que no relato do RP 03, identifica-se que não há autonomia na produção das campanhas de publicidade, sendo a prática centralizada no setor a qual está vinculado, ainda que a equipe do RP 03 contribua com a aprovação das campanhas. Todas as três organizações trabalham intensamente com práticas do jornalismo, ressaltando aqui que, em tese, *releases* só são divulgados na mídia se a notícia atende ao interesse público, o que acontece no caso da área da saúde pública.

Os acervos multimídia nem sempre encontram-se disponíveis para o acesso de todos. Parecem estar disponíveis parcialmente. Dispor do

material, mas não colocá-lo como fonte de consulta para a sociedade em geral compromete a ideia de interesse público e de prestação de contas já que tudo que é feito nos setores/departamentos/assessorias de comunicação em instituição pública pode ser de interesse do cidadão. Pensando no contexto da pandemia do SARS-COV-2 atualmente, quantas informações produzidas pelos órgãos de saúde podem ser interesse de qualquer membro da sociedade, ainda mais quando se depara atualmente com um cidadão conectado e informado 24 horas por dia? O ambiente virtual e as mídias sociais podem ser também um espaço de consulta para todos, mas para isso todo o trabalho deve ser sistematizado em ambientes virtuais específicos.

A questão dos espaços de debate e das ouvidorias foi sinalizada com duas organizações que têm a ouvidoria local vinculada à Ouvidoria do SUS Nacional, com a presença, inclusive do interlocutor, cumprindo assim o papel que a legislação aponta como necessário. O RP 02 explica o espaço das mídias sociais como espaço de debate, de interação, tendo uma identidade de Serviço de Atendimento do Consumidor (SAC), sendo que nesse caso, é o usuário do sistema público de saúde. É evidente que os informantes apontam que há espaço disponível para a fala e não para o silenciamento, mas é preciso saber o que é feito com as queixas, críticas, sugestões recebidas.

Pelos relatos, há a prestação de contas/*accountability*, trabalhada por Weber e Carnielli (2016), mas a visibilidade das ações pode ser melhorada, ainda que isso gere o paradoxo da visibilidade. Organizações públicas têm um compromisso com as questões públicas, com o coletivo, então, todo investimento feito, seja de recursos humanos, materiais, financeiros, tecnológicos, precisa gerar um retorno para a sociedade e não somente aos agentes públicos.

A prevalência do interesse público sobre o particular parece ser uma premissa adotada pelos setores em que estão vinculados os três informantes, os quais, em seus relatos, enfatizaram que o trabalho feito obedece aos princípios do SUS, inclusive pela natureza das organizações as quais estão vinculados.

CONSIDERAÇÕES

Após todo o exposto, em uma análise do que foi descrito, faz-se necessário apontar que nas três organizações da área da saúde há indícios de que o trabalho de comunicação governamental atende ao interesse público, o que converge com a maioria dos conceitos de comunicação pública apresentados anteriormente neste trabalho. Não se sabe se esse atendimento é

parcial ou total, sendo necessário haver novas pesquisas posteriormente, utilizando a entrevista em profundidade com os informantes.

Futuramente, também seria importante utilizar técnicas de coleta de dados que permitam investigar na prática o funcionamento da comunicação governamental dentro dos sistemas e redes da comunicação pública, inclusive seus fluxos de informação, interação e comunicação, sendo um processo de pesquisa que demanda tempo e condições fora do contexto da pandemia do novo coronavírus.

Dentro da proposta do artigo, acredita-se que o objetivo foi alcançado, mas enfatiza-se que este trabalho, de cunho exploratório, deve ser o início de uma investigação que precisa ser continuada, levantando novos dados e informações que permitam avançar os estudos dentro da temática na realidade da cidade de Manaus.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. S.; C ARDOSO, J. M. ; MURTINHO, R. A comunicação no Sistema Único de Saúde: cenários e tendências. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 6, p. 104-115, 2009.

BRANDÃO, E. P. Usos e significados do conceito de comunicação pública. In: **XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2006, BRASÍLIA. ANAIS DA INTERCOM 2006. BRASÍLIA: INTERCOM – UNB, 2006.

KUNSCH, M. M. K.. **Comunicação pública**: direitos de cidadania, fundamentos e práticas. Heloiza Matos. 1. ed. São Paulo, SP: ECA-USP/PPGCOM, 2012, v. 1, p. 13-30.

LUZ, Ana Javes. Sistemas de comunicação governamental: a experiência da Prefeitura de Fortaleza (2005-2012). In: WEBER, M. H.; COELHO, M. P.; LOCATELLI, C.. (Org.). **Comunicação pública e política**: pesquisa & práticas. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2017, v. 1, p. 423-437.

WEBER, Maria Helena. **Na comunicação pública, a captura do voto**. Logos (Rio de Janeiro. Online), v. 1, p. 21-42, 2007.

WEBER, Maria Helena; CARNIELLI, Fiorenza . **A comunicação de instituições públicas e o paradoxo da visibilidade estratégica**. In: 25.º Encontro Nacional da COMPÓS, 2016, Goiânia. 25.º Encontro Nacional da COMPÓS. SALVADOR: COMPÓS, 2016. v. 1. p. 1-24.

WEBER, Maria Helena. Nas redes de comunicação pública, as disputas possíveis de poder e visibilidade. In: WEBER, M.H.; COELHO, M.P.; LOCATELLI, C. (Org.). **Comunicação Pública e Política – pesquisa e práticas**. 1 ed. Florianópolis: Editora Insular, 2017, v. 1, p. 23-56.

SONDAGEM DE OPINIÃO DOS DEPUTADOS FEDERAIS DO AMAZONAS QUANTO À CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Lívia Leite Figueira⁸

Inara Regina Batista da Costa⁹

RESUMO: Este artigo é um recorte do projeto de iniciação científica do período 2020-2021 cujo objetivo é analisar a percepção dos deputados federais eleitos do Amazonas quanto ao interesse em ciência e tecnologia e o conhecimento sobre pesquisas científicas desenvolvidas na Universidade Federal do Amazonas. Os resultados de pesquisas podem embasar projetos de lei, esclarecer protocolos, auxiliar parlamentares a discutirem e se pronunciarem tendo como base evidências científicas. Os resultados sugerem que apesar de se mostrarem interessados sobre Ciência e Tecnologia, poucos conhecem sobre pesquisas desenvolvidas na UFAM. A proposta é adotar uma comunicação mais aproximativa entre o segmento político e a universidade quanto à divulgação científica.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação organizacional; divulgação científica; parlamentares

INTRODUÇÃO

Após a Organização Mundial da Saúde (OMS) ter declarado no dia 11 de março de 2020 a pandemia mundial de Covid-19, doença causada pelo coronavírus Sars-Cov-2 e suas variantes, ressurgiu a discussão sobre a importância do trabalho dos cientistas e pesquisadores e a continuidade de suas pesquisas em universidades públicas e instituições científicas.

É sabido que a universidade exerce importância fundamental na construção da sociedade atuando como locus central na discussão de questões relevantes do país, na produção de conhecimentos científicos por meio de pesquisas puras e aplicadas, e na formação de pesquisadores e profissionais (MARTINS, 2000; CARVALHO, 2015).

Para que as pesquisas cheguem até a sociedade e aos públicos de interesse, um dos caminhos é a divulgação da produção científica que possui caráter multidisciplinar. É um lugar ocupado por cientistas, comunicadores,

8 Estudante de Graduação do Curso de Relações Públicas (FIC/UFAM); bolsista do programa de iniciação científica (PIBIC); integrante do Grupo de Pesquisa Trokano. E-mail: livialeitefigueira@gmail.com.

9 Doutora em Administração (UFMG), Professora Adjunta do curso de Relações Públicas (FIC/UFAM); pesquisadora do Grupo Trokano; idealizadora do curso Divulgação científica na mídia. E-mail: inara.rp@gmail.com

educadores e outras pessoas que compartilham da premissa de que a divulgação pode contribuir com a democratização do conhecimento científico. Para isso é importante usar linguagem acessível ao público não especializado o qual poderá usar o conhecimento para tomada de decisão e melhoria da qualidade de vida (BORTOLIERO, 2009; BUENO, 2010; FRANÇA, 2015; CASTELFRANCHI, 2018).

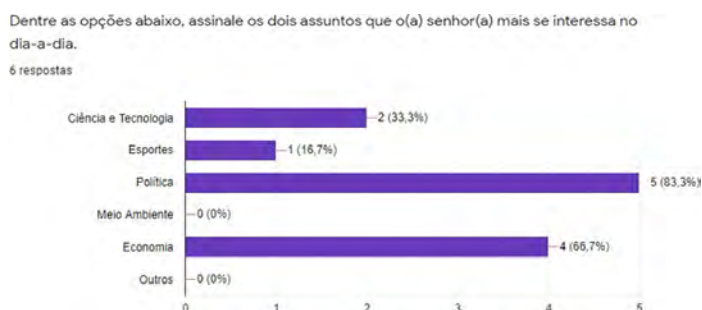
Para estabelecer o diálogo entre o poder executivo (no âmbito das universidades) e o poder legislativo (bancada federal amazonense) optou-se por compreender qual a percepção dos deputados federais sobre ciência e tecnologia e mapear o nível de interesse sobre pesquisas desenvolvidas nas universidades locais.

Adotou-se o estudo exploratório e descritivo, sendo que o primeiro tem o objetivo de proporcionar visão geral sobre determinado fato quando o tema escolhido ainda é pouco explorado. Descritivo por apresentar características de determinada população ou estabelecer relações entre variáveis. Uma dessas pesquisas que pode ser classificada sob este título é a pesquisa de opinião.

Trata-se de um recorte da pesquisa “A percepção da classe política do Amazonas quanto à ciência e tecnologia” cujo universo é composto por 35 parlamentares (deputados estaduais, deputados federais e senadores). O formulário para coleta dos dados foi elaborado com base nos estudos de Cunha (2009), do Ministério de Ciência e Tecnologia (2015), Teixeira (2015), Oliveira (2017) e Barros (2020) com adequação de questões.

ANÁLISE E RESULTADOS

O perfil dos deputados federais respondentes é formado exclusivamente pelo gênero masculino; com idades que variam entre 31 à 60 anos; 83,3% possuem ensino superior, 8% mestrado. Destes, metade é formada em Ciências Humanas e a outra metade é formada em Ciências Sociais aplicadas. A seguir, as respostas obtidas:

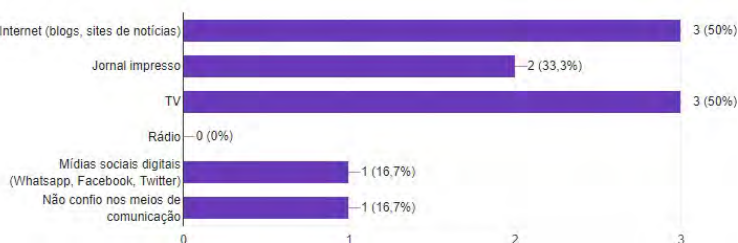


Política e economia são os assuntos pelos quais a maioria dos respondentes mais se interessam no dia-a-dia, com 83,3% e 66,7% respectivamente. O resultado constata a necessidade que os deputados tem de conhecer as mudanças e articulações do processo político e seus desdobramentos no poder decisório. A economia é algo que afeta diretamente a população e conseqüentemente seus eleitores.

Os assuntos sobre Ciência e Tecnologia ficou com 33,3%, Esportes com 16,7% e surpreendentemente Meio Ambiente não foi assinalado, visto que o estado do Amazonas possui grande parte da Floresta Amazônica e considerada o “pulmão do mundo”. Todos esses assuntos são importantes para elaboração de leis e políticas públicas, pois estão previstos na Constituição Federal e beneficiam a população. Daí a necessidade de acompanhar as notícias veiculadas nos meios de comunicação.

Dentre as opções abaixo, assinale os dois meios de comunicação em que mais confia sobre notícias de Ciência e Tecnologia.

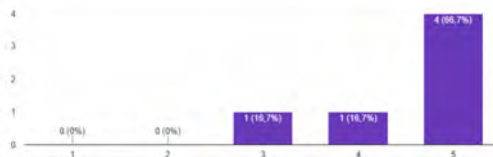
6 respostas



A internet (blogs jornalísticos e sites de notícias) e a televisão – ambas com 50% – são os meios mais confiáveis para os parlamentares sobre notícias de Ciência e Tecnologia. A internet devido à facilidade e disponibilidade de acesso em computadores e smartphone. A televisão, considerado um veículo tradicional, possui espaço na agenda de alguns deputados.

Qual o nível de importância dos meios de comunicação (jornal, TV, rádio, blogs, sites) divulgarem pesquisas científicas desenvolvidas nas universidades?

6 respostas



Dos seis respondentes, 73,4% consideram importante e muito importante, os jornais, rádios, televisão, blogs e sites divulgarem pesquisas científicas desenvolvidas nas universidades. De acordo com Brandão (2012),

o conhecimento científico com preocupação social, política e econômica deve ultrapassar os limites da ciência pura e estendê-lo até a sociedade. Essa divulgação pode ser feita com o apoio da mídia online e *offline*.

O(a) senhor(a) tem interesse em receber resumos de pesquisas desenvolvidas na UFAM?

6 respostas



Todos os parlamentares respondentes informaram que tem interesse em receber resumos de pesquisas desenvolvidas na Ufam. Isto sinaliza que a pró-reitoria de extensão da universidade, por exemplo, pode organizar um *mailing list* e inserir como uma atividade planejada alinhada com a Assessoria de Comunicação e a Pró-Reitoria de Pesquisa.

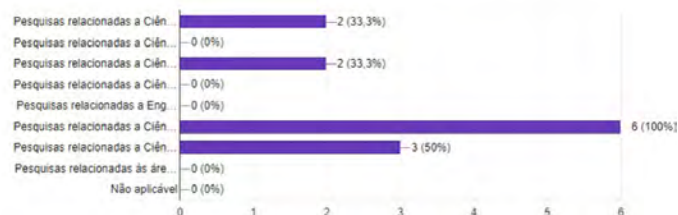
O editorial da revista científica Nature (2020) faz uma análise mais profunda sobre ciência e política e destaca que:

Ciência e política sempre tiveram um relacionamento íntimo, mas difícil. [...] O nosso mundo não sendo ideal, ciência e política possuem frequentemente objetivos opostos, com alguns políticos desconsiderando evidências científicas que podem não apoiar suas necessidades políticas e a ciência esforçando-se para manter a independência de vontade política embora exija seu apoio para infraestrutura e financiamento.

A compreensão do método científico e o conhecimento de resultados de pesquisas nas diferentes áreas do conhecimento podem reduzir a emissão de opiniões e pronunciamentos sem evidências científicas. Isto abre possibilidade de construir um relacionamento mais próximo com os deputados federais.

Se o(a) senhor(a) assinalou positivo na questão anterior, de quais áreas do conhecimento você tem interesse em receber resumos? Assinale as áreas de maior interesse.

6 respostas



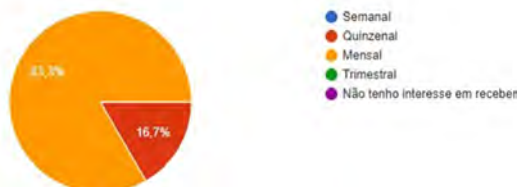
Como o gráfico mostra 100% dos respondentes tem interesse em receber resumos de pesquisas das áreas de Ciências Humanas, 50% de Ciências Sociais, Saúde e Agrárias com 33,3% cada. Fazendo uma correlação nas respostas, o gráfico 1 mostra que política, economia, ciência e tecnologia são os assuntos mais escolhidos no dia a dia dos parlamentares.

Esse resultado corrobora com as áreas de conhecimento em que os parlamentares tem mais interesse em receber resumos de pesquisas ciências sociais, humanas, saúde e agrárias.

De acordo com os dados obtidos, o envio mensal foi a opção mais escolhida para receberem os resumos de pesquisas científicas, com 83,3%, enquanto a frequência quinzenal ficou com 16,7%.

Com que frequência o(a) senhor(a) gostaria de receber informações sobre as pesquisas desenvolvidas?

6 respostas



Em relação aos critérios utilizados para elaborar projeto de lei ou formular política pública, seguem abaixo as respostas:

Quais critérios o(a) senhor(a) utiliza para elaborar projeto de lei ou formular política pública?

6 respostas

Estudos aprofundados.

Avaliação da constitucionalidade, do interesse público e da aplicabilidade.

Realidade local, desafios e os incômodos da população brasileira que podem ser atuais ou não. necessidade de avançar muito em algumas áreas.

A partir de pleitos, sugestões, reivindicações de entidades, instituições, segmentos organizados da sociedade.

Varia do projeto de lei, mas um critério é a demanda social, outro é interesse do povo amazonense e pensar na legislação como um futuro melhor.

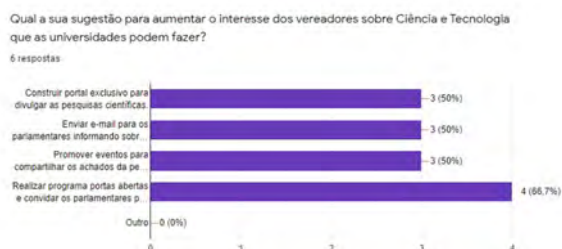
Pesquisa, contemplação e estudo dos movimentos da sociedade.

Analisando as respostas, verificou-se que os termos mais citados são “pesquisas e estudos técnicos” e “interesse público”. Percebe-se que os processos de investigação científica e de elaboração de leis têm alguns pontos em comum. O problema de pesquisa nasce de alguma questão da sociedade, assim como a realização de audiência pública ou recebimento de demanda social para elaboração de um projeto de lei.



Conforme pode ser visto no gráfico 5, a maioria dos respondentes informou que não conhece ou possui baixo nível de conhecimento sobre as pesquisas desenvolvidas na UFAM. Esse resultado sinaliza uma oportunidade não só em divulgar os estudos científicos, como também ter um relacionamento mais próximo com os deputados federais.

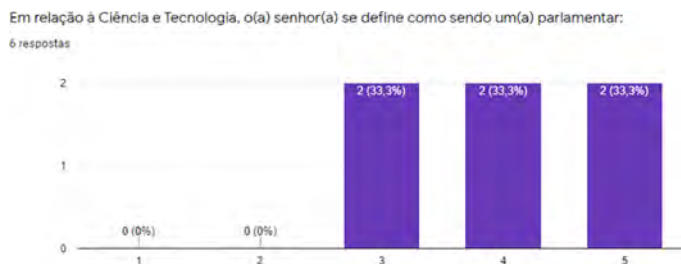
Oliveira (2002) pontua que “(...) os órgãos governamentais, os institutos de pesquisa, as universidades e a comunidade científica são o ponto de partida para incentivar a divulgação de C&T no país de maneira contínua e eficaz”. Os resumos de pesquisas podem ser divulgados com linguagem fácil e simples para que os deputados federais possam adquirir mais familiaridade com a ciência e servir de base para proposição de leis no âmbito estadual e federal.



Conforme pode ser constatado no gráfico, a maioria sugeriu realizar programa portas abertas e convidar os parlamentares para visitarem as instalações da universidade. Como o respondente poderia assinalar

mais de uma sugestão, as outras opções: construir portal exclusivo, enviar e-mail e promover eventos empataram com 50%. O resultado mostra que a modalidade presencial parece ser a preferida entre as sugestões de digital e presencial para despertar o interesse sobre Ciência & Tecnologia.

Os deputados federais se autoavaliam como interessados em Ciência e Tecnologia. Sendo que nível de interesse está distribuído numa escala de 3 a 5, cada com 33,3%.



O fato da maioria da classe política ter se mostrada interessada em C&T evidencia que a aproximação entre pesquisadores e parlamentares tende a ser benéfica tanto para os atores envolvidos quanto para análise e solução de demandas sociais.

Podemos representar a sociedade com o desenho de um triângulo, em que um dos vértices é formado pela população apontando problemas a serem resolvidos, um segundo pelos cientistas, que buscam soluções para esses problemas, e o terceiro pelos políticos, que contribuem com a produção de políticas públicas (BUCKERIDGE, 2021, p. 96).¹⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da Covid-19 trouxe novas discussões na mídia e em redes sociais digitais sobre valorização do trabalho dos cientistas, como essas pesquisas são importantes para que os parlamentares possam fazer discursos com embasamentos científicos e a partir disso, criar políticas públicas que ajudarão a população.

Sendo assim, o objetivo foi alcançado por meio da pesquisa de opinião com 75% de respondentes do universo pesquisado, bem como a análise qualitativa dos dados obtidos com base no referencial teórico.

10 Marcos Buckeridge é coordenador do Programa USP Cidades Globais, Marcos Buckeridge, em matéria publicada pela revista Pesquisa Fapesp (maio/2021) ao analisar a participação de cientistas na elaboração e revisão de políticas públicas.

Os resultados sugerem que os deputados federais possuem pouco ou até mesmo nenhum conhecimento sobre pesquisas desenvolvidas e que a divulgação científica para este público pode ser bastante enriquecedor.

Uma proposta de ação de comunicação é o envio regular de resumos das pesquisas desenvolvidas na Universidade Federal do Amazonas por meio de *newsletter* mensal para os e-mails institucionais dos deputados federais e gestores da Superintendência da Zona Franca de Manaus – Suframa, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, Conselho Nacional de Pesquisas – CNPq entre outros.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, E. P. Conceito de comunicação pública. In: DUARTE, Jorge (org.). **Comunicação pública**: estado, mercado, sociedade e interesse público. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009, p. 1-33.

BUCKERIDGE, M. Assessoria científica. **Fapesp**, 96. 2021. NATURE. The tightrope of science, media and politics. 2020.

OLIVEIRA, R. S. M. Percepção e política na divulgação científica em busca de um público-alvo. **ClimaCom [online]**, Campinas, ano. 4, n.º 9, Ago 2017.

CAPÍTULO II
VISUALIDADES AMAZÔNICAS

ARTES VISUAIS, JORNALISMO E COLABORATIVISMO EM REDE NO AMAZONAS: O CASO COLETIVO TABA¹

Juan Pablo Luz Muniz²

Marcelo Rodrigo da Silva³

Fabiana Feronha Wielewicki⁴

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de relatar a experiência de criação do Coletivo TABA (www.coletivotaba.com.br), uma plataforma digital criada para dar mais valorização, visibilidade e divulgação dos artistas visuais e artesãos da região do Baixo Amazonas, polarizada pela cidade de Parintins-AM, no ciberespaço (LÉVY, 1996; LEMOS & PALÁCIOS, 2001; VILCHES, 2003; DYENS, 2003; MUSSO, 2006). Baseando-se no conceito de colaborativismo (HOWE, 2006; QUIRINO, 2016), o projeto é fruto do programa de extensão universitária do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez), da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), e resultado da atuação interdisciplinar de professores e alunos dos cursos de Jornalismo e Artes Visuais. O Coletivo TABA se propõe também a funcionar como uma forma de apoio no enfrentamento à pandemia de Covid-19. A plataforma também convida à reflexão sobre as discussões que envolvem a discussão sobre o que se considera arte e artesanato (PAREYSON, 1989; LAGROU, 2010).

PALAVRAS-CHAVE: artes visuais; jornalismo; colaborativismo; Coletivo TABA; Amazonas.

INTRODUÇÃO⁵

A incidência da pandemia do novo coronavírus (Covid-19), doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2 acarretou a ocorrência de crises também nas áreas de trabalho e emprego. O primeiro trimestre de 2020 terminou com a maior taxa de desemprego e o maior contingente de pessoas sem trabalho na série histórica. Conforme dados Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2021), a taxa de desemprego

1 Trabalho apresentado no GT 2 – Visualidades Amazônicas do I Simpósio Comunicação, Cultura e Amazônia.

2 Acadêmico do curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez), da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), em Parintins. Integrante do Grupo de Pesquisa Visualidades Amazônicas (Via/CNPq). E-mail: pablo.muniz.luz@gmail.com.

3 Professor e coordenador do curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), em Parintins. Doutor em Estudos da Mídia. Líder do Grupo de Pesquisa Visualidades Amazônicas (Via/CNPq). E-mail: prof.marcelorodrigo@gmail.com.

4 Professora e vice-coordenadora do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), campus Parintins (Icsez). Doutora em Arte e Design. Líder do Grupo de Pesquisa Visualidades Amazônicas (VIA/CNPq). Integrante do ID+ Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura, Universidade de Aveiro, Portugal. E-mail: fabianaw@gmail.com.

5 Este artigo é resultado de Projeto de Extensão contemplado pelo Edital Simplificado 001/2020-Proexti/Dproex-Ufam.

chegou a 14,7% nos três meses de 2021. Esse cenário foi ainda mais agravante em algumas áreas como o das artes.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), os profissionais que atuam no setor cultural e criativo estão entre os que mais foram afetados pela crise global. Conforme os dados da Pesquisa de Percepção dos Impactos da Covid-19 nos Setores Cultural e Criativo do Brasil (2020), realizada com apoio da UNESCO no Brasil, Serviço Social do Comércio (Sesc), Universidade de São Paulo (USP), Fórum Nacional de Secretários e Dirigentes Estaduais de Cultura e 13 Secretarias Estaduais de Cultura, entre março e abril de 2020, 41,8% desses profissionais perderam a totalidade de suas receitas, e entre maio e julho do mesmo ano esta proporção elevou-se para 48,88%.

O ano de 2020 registrou também um grande número de demissões. Cerca de 44% das organizações demitiu a totalidade dos colaboradores. As contratações de serviços de terceiros registraram redução de 43,16% no período de março a abril de 2020. Entre maio e julho do mesmo ano, o percentual aumentou para 49%,16. O setor de festivais e feiras foi o mais impactado. Entre os serviços que foram contratados mesmo diante da crise, destacam-se a publicidade na internet (19%), as ferramentas online para trabalho remoto (12,6%) e o serviço de internet de banda larga (6,94%). Esses serviços que se mantiveram sendo contratados durante a pandemia serviram como norte em meio a essa conjuntura.

No interior do estado brasileiro do Amazonas, mais especificamente na região do Baixo Amazonas, polarizada pela cidade de Parintins, uma ilha fluvial distante 369 quilômetros da capital, Manaus, e com uma população estimada de 115 mil habitantes (IBGE, 2020), os agravos provocados pela pandemia não foram atenuados, principalmente quando se fala do campo das artes.

Como forma de fomentar ações alternativas de enfrentamento às crises geradas pela pandemia de Covid-19 no âmbito da extensão universitária, apoiando os artistas visuais e artesãos de Parintins, os professores Marcelo Rodrigo da Silva e Fabiana Feronha Wielewicky, juntamente com os estudantes Juan Pablo Luz Muniz, Gabriella de Souza Barros, July Anna Barbosa dos Anjos, Ralf Cordeiro Batista e Soraia Maria Castro e Castro, dos cursos de Jornalismo e Artes Visuais do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez), da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), campus Parintins, criaram e tiveram aprovado o projeto Coletivo TABA, durante o período do Ensino Remoto Emergencial (ERE), proposto pela instituição, nos meses de setembro a outubro de 2020.

Contemplado pelo Edital Simplificado 001/2020-Proexti/Dproex do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (Pibex), financiado pela Ufam, o projeto se trata de uma plataforma digital criada para dar mais valorização, visibilidade e divulgação dos artistas visuais e artesãos da região do Baixo Amazonas, especialmente Parintins. O site funciona como um catálogo virtual de apresentação dos artistas visuais e artesãos, assim como de seu portfólio e contatos, para unificar, organizar e gerir estratégias comunicacionais direcionadas aos artistas visuais e artesãos locais que tiveram suas atividades econômicas afetadas pela pandemia do novo coronavírus. Buscou-se oportunizar possibilidades de novos negócios e ampliação do mercado de atuação, impulsionando a cadeia produtiva local, ao mesmo tempo em que permitisse a potencialização de suas formas de expressão e notoriedade artística na internet.

Dessa forma, além de se tratar de uma ação de inclusão desse público no universo digital, com uso orientado de estratégias de comunicação no ciberespaço (LÈVY, 1996; LEMOS & PALÁCIOS, 2001; VILCHES, 2003; DYENS, 2003; MUSSO 2006), essa iniciativa possui relevância social por se apresentar como uma alternativa de mitigação dos impactos econômicos provocados pela pandemia de Covid-19. A ideia de reunir artistas visuais e artesãos em uma mesma plataforma digital gratuitamente possui caráter inovador e com capacidade de impacto, tendo em vista que oferecerá ações efetivas de divulgação, visibilidade e recolocação desses profissionais no fluxo de informações do ciberespaço para oferta dos seus trabalhos e serviços no cenário dos negócios no ambiente digital.

A criação da plataforma do Coletivo TABA também permitiu que os alunos pusessem em prática conhecimentos técnicos e teóricos essenciais no campo da Comunicação, como pode ser observado em disciplinas como assessoria de imprensa, empreendedorismo, planejamento gráfico e editoração, webjornalismo, jornalismo cultural e comunicação em mídias digitais. Os estudantes envolvidos no projeto tiveram oportunidade de ofertar à comunidade, em forma de serviço e orientações técnicas, os conhecimentos que estão adquirindo na universidade, de forma estratégica e colaborativa.

COLABORATIVISMO E INTERDISCIPLINARIDADE

Colaborativismo e interdisciplinaridade são conceitos-chave que orientaram a construção da plataforma e sua lógica de funcionamento. O termo colaborativismo é derivado de *crowdsourcing* (do inglês “*crowd*”, que significa “multidão”, e “*source*”, que significa “fonte”). A palavra

inglesa foi cunhada por Jeff Howe e Mark Robinson, editores da revista *Wired*, em 2005, pensando como sinônimo para fomentar soluções rápidas e baratas para empresas que envolvessem diretamente inteligência coletiva de usuários, consumidores e cidadãos.

Em linhas gerais, o conceito de *crowdsourcing* significa uma fonte de informação que nasce a partir da coletividade, ou uma maneira de desenvolver um trabalho que seria feito individualmente (geralmente por um funcionário) de forma coletiva por um grupo de pessoas reunidas aleatoriamente, como descreve Howe (2006), por meio de um chamamento aberto (Howe, 2006), direcionado a quem se interessar em encontrar soluções para um problema específico.

[...] o modelo *crowdsourcing* pode ser caracterizado por muitas outras dimensões, como a natureza de colaboração (explícita, implícita ou mista); o tipo de chamado (aberto para todo mundo, limitado a certo grupo ou simplesmente não possui chamado algum); o tipo de *crowd* (composta por agentes internos ou externos à uma organização); o nível de conhecimento exigido da *crowd* (são necessários colaboradores com conhecimentos gerais, situacionais ou especializados sobre algum domínio); a arquitetura da plataforma (do tipo independente ou *standalone*, do tipo *piggyback*, isto é, depende de outras plataformas para seu funcionamento); a forma como é processado o retorno (manual ou automático); o incentivo para os participantes entre outras dimensões (QUIRINO et al., 2016, p. 1).

O Coletivo TABA nasceu de um trabalho colaborativo entre professores, estudantes e a comunidade externa à universidade. Tanto os dirigentes da Associação dos Artistas plásticos de Parintins (AAPP) como os próprios artistas visuais e artesãos colaboraram com o levantamento de dados e alimentação da plataforma.

Assim como o colaborativismo, outro conceito caro ao projeto é o de interdisciplinaridade. A reunião de saberes, conhecimentos, competências e métodos provenientes de diversos campos do conhecimento contribuiu para o alcance de um mesmo fim e objetivo.

Segundo Japiassú (1976), a interdisciplinaridade se dedica à intercomunicação entre as disciplinas, de modo que resulte uma modificação entre elas, através de diálogo compreensível, uma vez que a simples troca de informações entre organizações disciplinares não constitui um método interdisciplinar. Para dar conta do interdisciplinar, Japiassú aponta dois métodos distintos e complementares: o método da tarefa, que se orienta para os empreendimentos humanos e da história, e que se aplica à procura de um objeto comum aos vários conhecimentos, culminando com a prática;

e o método da reflexão interdisciplinar, que faz menção à reflexão sobre os saberes já constituídos, cujos objetivos é estabelecer juízo e discernimento.

Tanto na atribuição de tarefas/atividades, quanto no estímulo à reflexão e discussão em torno das práticas executadas durante o desenvolvimento da plataforma, a adoção de práticas interdisciplinares esteve presente no projeto. Essa abordagem é reforçada também por Alves, Brasileiro e Brito (2004), que indicam a utilização de multimétodos de pesquisa e a articulação de teorias que concebem os fenômenos, para os quais buscam explicação, de uma forma essencialmente histórica.

ARTES VISUAIS E ARTESANATO

A operação da plataforma Coletivo TABA e a forma como denomina os profissionais apresentados em forma de catálogo realiza um duplo movimento e aproximação e tensionamento entre os conceitos de artes visuais e artesanato. Essa problemática remete à discussão proposta por Pareyson (1989), quando reflete sobre as três definições tradicionais de arte: a arte como fazer, como conhecer ou como exprimir. Para o autor, essas diversas concepções ora se contrapõem e se excluem uma às outras, ora, pelo contrário, aliam-se e se combinam de várias maneiras.

Mas o pensamento antigo pouco se preocupou com teorizar a distinção entre a arte propriamente dita e o ofício ou a técnica do artesão. Permaneceu um equívoco não dissipado nem mesmo pela distinção entre arte liberal e arte servil, que confinava artes grandes, como as plásticas e figurativas, nas artes inferiores, e era intimamente contraditória, porque, precisamente, exaltava aquelas artes em que era menos evidente a característica que, por definição, atribuiu-se à arte, isto é, o aspecto executivo e manual. (PAREYSON, 1989, p. 30)

O autor considera que, se o fazer for também um inventar, haverá uma concepção estética de arte (e não um programa de arte). Em outras palavras, a obra de arte seria expressiva e cognoscitiva enquanto forma de “um fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer” (PAREYSON, 1989, p. 32). Em suma, a arte como formatividade, para o autor, é um executar que é, ao mesmo tempo, inventar. Segundo ele, isto implica que uma obra de arte é absolutamente original e irrepetível, além de perfeita, pois “vive por conta própria e contém tudo o que deve conter”. (PAREYSON, 1989, p. 30)

Discutindo a questão singular dos povos indígenas em seu texto *Arte ou Artefato*, Els Lagrou (2010) salienta que a grande diferença entre a concepção de arte na tradição ocidental e a dos povos indígenas reside

na inexistência, entre esses povos, de uma distinção entre artefato e arte, ou seja, entre objetos produzidos para serem usados e outros para serem somente contemplados, distinção esta que nem a arte conceitual chegou a questionar por ser tão crucial à definição do próprio campo. “Somente quando o design vier a suplantiar as ‘artes puras’ ou ‘belas-artes’ teremos nas metrópoles um quadro similar ao das sociedades indígenas”. (LAGROU, 2010, p. 3)

A inexistência da figura do artista enquanto indivíduo criador – cujo compromisso com a invenção do novo é maior que sua vontade de dar continuidade a uma tradição ou estilo artístico considerado ancestral – é outra diferença crucial. Não que artistas contemporâneos metropolitanos não trabalhem dentro de tradições estilísticas bem definidas. [...] A fonte de inspiração e legitimação se encontra no gênio do artista, que é visto como agente principal no processo de relações e interações que envolvem a produção de sua obra, produzida com o único fim de ser uma obra de arte. (LAGROU, 2010, p. 3)

Compreendeu-se como Coletivo TABA, a necessidade de agrupar ambas as definições em um mesmo universo de visualidades também como forma de estimular a observação sobre as diversas manifestações a partir de um questionamento base: qual a fronteira entre ambos? O que os diferencia? O que os assemelha? Que inquietações as percepções decorrentes dessas criações podem oferecer ao campo das artes?

RELATO DA EXPERIÊNCIA

Assim como na língua tupi o termo “taba” significa um conjunto de ocas ou habitações indígenas, o Coletivo TABA pretendeu reunir um conjunto de artistas visuais e artesãos em uma grande aldeia digital, valorizando suas potencialidades, respeitando suas particularidades e os conectando com o mundo pela internet. O projeto nasceu ligado ao Grupo de Pesquisa Visualidades Amazônicas (VIA/CNPq), do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez/Ufam).

O desenvolvimento da plataforma seguiu os preceitos de Borges (2011) que propõe três pilares para o desenvolvimento de competências infocomunicacionais: a) informação: conceito baseado em perceber necessidade, acessar, avaliar e inter-relacionar informações; b) comunicação: com a qual é possível estabelecer relações, criar laços, construir conhecimento colaborativo e avaliar processos comunicacionais; e c) operação: baseada em operar artefatos digitais e eletrônicos, navegar pela internet,

capacidade de busca por informações, operar mecanismos de comunicação e recursos para a produção de conteúdo.

Sendo assim, cada etapa do desenvolvimento do projeto seguiu um dos pilares propostos pelo autor para o alcance de competências infocomunicacionais. A execução do projeto foi iniciada com reuniões virtuais com os sete integrantes da equipe, remotamente, por meio de ferramentas como o *Whatsapp* e *Google Meet*. Apesar das limitações tecnológicas como a fragilidade da conexão com a internet na região de Parintins, os encontros virtuais foram bem sucedidos e permitiram o alcance dos objetivos de planejamento e alinhamento das etapas de cada atividade prevista. Além da ferramenta citada anteriormente, também foram empregadas ferramentas como correio eletrônico (e-mails) e redes sociais para dinamizar as comunicações entre os membros da equipe.

A equipe foi organizada em dois grupos: o primeiro grupo responsável por ir até os artistas visuais e artesãos para coleta de dados como nome completo, idade, uma pequena entrevista sobre seu trabalho e, principalmente, fotos de suas criações. Uma das informações coletadas foi o número de telefone para contato. O segundo grupo entrou em contato com os convidados para conversar mais e obter informações complementares. No final de toda a coleta de dados, antes da divulgação oficial no site do Coletivo TABA, os convidados foram revisitados para que pudessem assinar um termo de autorização de divulgação de imagem com a intenção de que pudessemos publicar as fotografias fornecidas.

A primeira etapa do projeto consistiu no levantamento de dados de contato dos artistas visuais e artesãos locais, tendo em vista que as abordagens e entrevistas para coleta de informações e imagens de seus trabalhos seriam feitos completamente a distância, a fim de que fosse respeitado o isolamento social como medida preventiva e de combate à pandemia de Covid-19.

Nessa etapa foi conquistado um parceiro estratégico para o projeto, a Associação de Artistas Plásticos de Parintins (AAPP), órgão que se mostrou receptivo e apoiou integralmente a execução do projeto desde o início. Foi assinado um termo de apoio ao projeto pelo presidente da Associação, Raimundo de Oliveira Barbosa, que forneceu uma lista de contatos telefônicos e eletrônicos dos associados.

Os discentes que integraram a equipe do projeto compartilharam as dificuldades enfrentadas nessa etapa, como a resistência e relutância em participar da iniciativa por descrédito no projeto. Os estudantes relataram que muitos artistas se mostraram incrédulos a respeito da plataforma, alegando que já aceitaram participar de outros projetos semelhantes que

nunca saíram do papel. Outros tiveram receio de fornecer suas informações e imagens de seus trabalhos remotamente, temendo que fossem utilizadas de forma fraudulenta. Contudo, apesar das limitações, as informações foram coletadas e a equipe passou ao estágio seguinte.

A segunda etapa do projeto consistiu na aquisição do domínio e hospedagem da plataforma e montagem da estrutura do site. Para tanto, foram utilizados os recursos do Wordpress, um sistema livre e aberto de gestão de conteúdo para internet. O site foi construído com a identidade visual elaborada pela equipe de criação e aprovada em conjunto. Ao todo, a plataforma reuniu informações e imagens de 17 artistas visuais e artesãos que se identificaram com diferentes áreas de atuação, desde a fotografia até artesãos que trabalham com esculturas em diferentes materiais como madeira, ferro e isopor.

No site, é possível encontrar cinco abas. A primeira, “Início”, direciona o visitante do site à página inicial. A segunda aba “Artistas Visuais e Artesãos”, também direciona aos portfólios. Lá é possível encontrar a lista de nomes de todos os cadastrados, assim como o nome da área a qual ele atua. Ao clicar no nome de qualquer pessoa, o visitante será direcionado para uma janela com fotos das obras, além da foto do próprio integrante da plataforma. A terceira aba, “Notícias”, leva às notícias veiculadas a respeito do Coletivo TABA. Na quarta aba, “Sobre”, são disponibilizadas informações sobre a equipe organizadora. Já na quinta e última aba, “Participe”, os interessados que ainda não estão cadastrados no site podem manter contato para integrar a plataforma.

A terceira etapa do projeto foi a divulgação e promoção da plataforma na cidade de Parintins e nas demais cidades do Baixo Amazonas, assim como entre os artistas locais, afim de que o projeto ganhasse mais adesões. Foram criados perfis do Coletivo TABA em redes sociais como Facebook e Instagram. Além disso, também foram enviados relises e conteúdos informativos para veiculação nos canais de imprensa do estado do Amazonas. O lançamento oficial do Coletivo TABA aconteceu no dia 14 de dezembro de 2020, com uma *live* transmitida pelo perfil do Icsez/Ufam no Facebook.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A plataforma Coletivo TABA se apresentou como uma iniciativa geradora de múltiplas oportunidades desde sua criação até sua execução e funcionamento, tanto no universo acadêmico como na comunidade fora dos muros da universidade. Mesmo em um cenário angustiante e limitador

como o da pandemia de Covid-19, a atuação colaborativa de todos os envolvidos, ainda que remotamente, permitiu o exercício e a prática de diversos conhecimentos, o uso de variadas técnicas e tecnologias e o sucesso do projeto proposto como atividade de extensão universitária.

A experiência adquirida e posta em prática pelos alunos resultou na elaboração de um produto técnico fruto de uma abordagem interdisciplinar com papel social, comunicacional e artístico. Mais do que isso, o projeto estabeleceu, permanentemente, um convite à reflexão acerca dos tensionamentos entre os conceitos que envolvem as artes visuais e artesanato.

Recentemente, o projeto foi novamente contemplado em um novo edital do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (Pibex/Ufam) e terá continuadas suas atividades, buscando fortalecer o objetivo de valorizar e dar visibilidade aos artistas visuais de Parintins e de toda região do Baixo Amazonas que não contam com uma articulação técnica e tecnológica que os assessor e os inclua na agenda de divulgações e promoções da rede mundial de computadores.

Este relato de experiência também intenciona servir de estímulo ao surgimento de outras iniciativas que tenham o compromisso social, interdisciplinar e colaborativo de contribuir para o fortalecimento do coletivo de artistas e artesãos que vivem nas regiões do interior dos estados brasileiros, enfrentando sérios desafios e limitações, ainda mais em um contexto de crises sanitária e econômica mundiais. Espera-se que os estudantes que tiverem conhecimento do projeto também se sintam provocados a desenvolver ações de extensão que ofereçam um retorno substancial e significativo à comunidade que tanto espera e anseia dos conhecimentos desenvolvidos na universidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Railda F.; BRASILEIRO, Maria do Carmo E.; BRITO, Suerde M. de O. **Interdisciplinaridade**: um termo em construção. In: Episteme, Porto Alegre, n. 19, p. 139-148, jul./dez. 2004.

BORGES, Jussara. **Participação política, internet e competências infocomunicacionais**: estudo com organizações da sociedade civil de Salvador. (2011). 252 f. (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

DEMO, Pedro. **Conhecimento moderno**: sobre ética e intervenção do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1998.

DYENS, Olivier. A arte da rede. In: DOMINGUES, Diana (org.). **Arte e vida no século XXI**: tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

HOWE, Jeff. **Crowdsourcing**: A Definition. Crowdsourcing Blog. June 2, 2006. Disponível em: http://crowdsourcing.typepad.com/cs/2006/06/crowdsourcing_a.html.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e Estados**: Parintins. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/parintins.html>. Acesso em: 06 Out. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad)**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e>

JAPIASSÚ, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LAGROU, Els. **Arte ou artefato?** Agência e significado nas artes indígenas. Revista Proa, n°02, vol.01, 2010.

LEMONS, André; PALÁCIOS, Marcos (orgs.). **Janelas do ciberespaço, comunicação e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MUSSO, Pierre. Ciberespaço: figura reticular da utopia tecnológica. In: MORAES, Denis de (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PAREYSON, Luigi. Definição de arte. In.: **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 29-33.

QUIRINO, Wancharle. S. et al. **Estratégias crowdsourcing para aplicativos de cidades**. Alternative Title: Crowdsourcing strategies for smart cities applications. 2016.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Pesquisa de percepção dos impactos da Covid-19 nos setores cultural e criativo do Brasil**: resumo executivo. Disponível em: [file:///D:/ICSEZ – UFAM/Artigo%20Semana%20de%20Jornalismo%20FIC%20Manaus/375069por.pdf](file:///D:/ICSEZ-UFAM/Artigo%20Semana%20de%20Jornalismo%20FIC%20Manaus/375069por.pdf)

VILCHES, Lorenzo. **A migração digital**. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

IMAGEM, HASHTAGS E PRODUÇÃO DE SENTIDOS ASSOCIADOS AO ICSEZ/UFAM NO INSTAGRAM⁶

Soraia Maria Castro e Castro⁷

Marcelo Rodrigo da Silva⁸

RESUMO: Este artigo objetivou observar a produção de sentidos associados à imagem do Icese/Ufam, a partir da análise das postagens públicas no Instagram marcadas com as hashtags #icsez e #icsezufam. Até o final de 2020, foram identificadas 261 postagens públicas com os referidos marcadores. Com base nas técnicas de Análise de Conteúdo, as postagens foram agrupadas em 10 categorias. A que apresentou maior número de postagens foi “Divulgação/promoção de ações acadêmicas”, com 109 posts públicos. Com as análises semióticas, percebeu-se que os sentidos prevalentes remetem à ciência e divulgação científica, no formato dos cartazes ou murais de avisos, com a comunicação direta de ações e eventos. Percebeu-se como positivos os sentidos associados à imagem do Instituto, contudo compreendeu-se, que o espaço de visibilidade e produção de sentidos pode ser otimizado.

PALAVRAS-CHAVE: imagem; produção de sentidos; Icese/Ufam.

INTRODUÇÃO

Os processos de comunicação por meio das redes sociais se tornaram práticas cotidianas comuns e essenciais na sociedade contemporânea. Tendo relações pessoais, como profissionais e comerciais se desenvolvem fazendo uso dessas ferramentas. Entre as que detêm maior concentração de participantes no ciberespaço ou ambiente virtual (LÈVY, 1996) está a rede Instagram.

O aplicativo Instagram é uma rede social online, também conhecida como um aplicativo de rede social, criado por Kevin Systrom e Mike Krieger e lançada em outubro de 2010. Originalmente disponibilizado apenas para o sistema IOS, a marca Apple, em abril de 2012, passou a contemplar também o sistema Android, nos aparelhos de diversas marcas

6 Trabalho apresentado no GT 2 Visualidades Amazônicas do I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia. Este artigo é resultado de Pesquisa de Iniciação Científica contemplada pelo edital Pibic/Paic 2020/2021 – UFAM.

7 Acadêmica do curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icese), da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), em Parintins. Integrante do Grupo de Pesquisa Visualidades Amazônicas (Via/CNPq). E-mail: luan.sol.enzo@gmail.com.

8 Professor e coordenador do curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icese) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), em Parintins. Doutor em Estudos da Mídia. Líder do Grupo de Pesquisa Visualidades Amazônicas (Via/CNPq). E-mail: prof.marcelorodrigo@gmail.com.

que possuíssem câmera fotográfica acoplada. A partir de então, a mídia social ganhou popularidade.

O serviço foi adquirido pelo Facebook, em abril de 2012, por cerca de 1 bilhão de dólares. Conforme Mariana Piza (2012, p. 6),

através da plataforma de um aparelho celular, o aplicativo foi desenvolvido com o intuito de proporcionar ao usuário a possibilidade de fotografar algo que chame sua atenção e, em seguida jogar a imagem na rede para que ela possa ser compartilhada por outras pessoas.

As comunicações no Instagram são baseadas na publicação de textos, imagens estáticas e conteúdo audiovisual com interações entre os usuários em espaços denominados “feed” (publicações perenes que permanecem visíveis no perfil do usuário pelo tempo que ele determinar) e “stories” (publicações que são exibidas apenas pelo período de 24 horas), além de um espaço para bate-papo conhecido como mensagem direta (ou *direct message*, DM).

Essas comunicações possuem forte apelo sensorial porque exploram bastante a visualidade das informações e os sentidos que produzem. Tendo em vista a grande quantidade de usuários e a audiência que essa rede social possui, o Instagram se torna uma fonte valiosa de investigação para aferir a forma como está sendo construída a imagem dos diversos públicos que integram o seu público usuário, como personalidades públicas, entidades e instituições.

De acordo com dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) (2020), o Instagram é a rede social que mais cresce no mundo, contando atualmente com mais de 500 milhões de contas. Conforme os dados da entidade, a rede social de fotos tem, em média, 1,5 bilhão de curtidas por dia, além de ser 15 vezes mais interativa do que o Facebook e contar com o perfil de mais de 1.400 grandes marcas, uma realidade também compartilhada pelos habitantes amazonenses.

Nesse contexto encontra-se o Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). O Instituto é um campus situado em Parintins, município localizado a 369km de Manaus, capital do Amazonas. O Icsez foi criado em 2007 a partir do programa do Governo Federal brasileiro de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e hoje possui cursos regulares de Jornalismo, Serviço Social, Artes Visuais, Pedagogia, Administração, Zootecnia e Educação Física. Conforme dados de março de 2020 da Assessoria de Comunicação da Ufam, o Icsez possui 81 professores efetivos, 34 técnico-administrativos em educação, 1.650 alunos matriculados e 36 colaboradores terceirizados.

Como o aplicativo Instagram é massivamente utilizado pela comunidade acadêmica do Icsez, os conteúdos e em circulação nessa mídia contribuem significativamente para o processo de produção de sentidos associados à imagem do Instituto entre o público usuário dessa plataforma. Por conseguinte, mensurar e interpretar como se dá esse processo torna-se conhecimento relevante e valioso para orientar as ações e tomadas de decisão da instituição para a manutenção de uma imagem positiva, uma comunicação otimizada e uma gestão de eficiente. O conteúdo produzido e divulgado na internet pode ser considerado, também, um feedback da população local a respeito do funcionamento e desempenho da instituição. O que aqui é chamado de feedback está alinhado com o conceito de “resposta social” nos sistemas de processos midiáticos, proposto por Braga (2006):

Propomos, assim, desenvolver a constatação de um terceiro sistema de processos midiáticos, na sociedade, que completa a processualidade de mediatização social geral, fazendo-a efetivamente funcionar como comunicação. Esse terceiro sistema corresponde a atividades de resposta produtiva e direcionada da sociedade em interação com os processos midiáticos. Denominados esse terceiro componente da processualidade midiática “sistema de interação social sobre a mídia” ou, mais sinteticamente, “sistema de resposta social. (BRAGA, 2006, p. 22).

Assim como ele, Fausto Neto (2005), salienta a intensificação das complexidades dos meios que deixam de ser apenas mediadores, na medida em que se voltam cada vez mais para os processos de conexões e de fluxos entre os usuários em rede. Sendo assim, torna-se relevante investigar quais significados estão sendo difundidos em torno da imagem do Instituto no Instagram.

Para facilitar a vinculação dos conteúdos publicados na plataforma a temas específicos, tornou-se comum o uso de hashtags, que são um tipo de marcação ou etiqueta (tag, em inglês) de metadados usada na forma textual para a categorização e a pesquisa de temas e conteúdos. Ela é representada pelo símbolo #, que é popularmente conhecido como jogo da velha, mas se chama *cérquilha*. Com as hashtags fica mais fácil localizar, por exemplo, todas as publicações que, de alguma forma, tenham ligação com o tema pesquisado.

Este artigo se propôs, portanto, a observar a produção de sentidos associados à imagem do Icsez/Ufam, a partir da análise das postagens públicas na rede social Instagram marcadas com as hashtags #icsez e #icsezufam, as mais recorrentes na plataforma. Para tanto, foram perseguidos os caminhos metodológicos que serão apresentados a seguir.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento da presente pesquisa seguiu a concepção de transmetodologia proposta por Efendy Maldonado (2012), no que diz respeito à possibilidade de variação nas aplicações técnicas de coleta do corpus de investigação. Segundo esse pensamento, os métodos e técnicas não são enrijecidos, nem representam receitas prontas, mas se tratam de um ordenamento lógico dos processos de pesquisa que objetivam a integralidade das compreensões e, por causa disso, podem ser feitos de formas associadas. Entende-se, portanto, em concordância com o autor, que a associação de técnicas possibilita o entendimento dos fenômenos sociais como complexos e que, por isso, não pode ser fechada em um único ordenamento metodológico específico e isolado. Sendo assim, levando-se em consideração os âmbitos transmetodológicos, foram empregados métodos bibliográficos, exploratórios, quantitativos e qualitativos.

A partir de uma conta de usuário nova, criada especificamente para este estudo, foi feita uma pesquisa por meio da própria ferramenta de busca do Instagram e, até o final de 2020, foram identificadas 186 postagens públicas marcadas com a hashtag #icsez e 75 postagens marcadas com a hashtag #icsezufam, totalizando as 261 publicações que compõem o corpus desta investigação.

É importante frisar que há mais postagens marcadas com as referidas hashtags, contudo, por fazerem parte de perfis privados, ou seja, visíveis apenas para os seguidores, esses conteúdos não ficam visíveis no resultado da ferramenta de busca do Instagram. Mesmo assim, compreende-se que o quantitativo de publicações ocultas não compromete a significância da pesquisa, nem de seus objetivos, tendo em vista que esse conteúdo acaba sendo acessado por um número limitado de usuários que pertencem a grupos fechados de seguidores.

Para a sistematização das categorias de análise, foram consideradas as principais temáticas identificadas tanto nas imagens como, verbalmente, nos textos das legendas de cada card. Utilizou-se o método de análise de conteúdo, tendo em vista que fornece meios precisos para descrever o conteúdo de qualquer tipo de comunicação. As postagens selecionadas foram agrupadas em 10 categorias de análise, apresentadas adiante:

Divulgação/promoção de ações acadêmicas – foram reunidas nesta categoria todas as postagens compostas, predominantemente, por criações gráficas com informações diretas e objetivas, com objetivo de prestar o serviço de divulgar e promover ações, eventos e iniciativas relacionadas ao campo acadêmico e universitário. Também é necessário observar que o grande número de postagens nesta categoria se deva à replicação

do mesmo post por vários perfis diferentes. Por ter o fim de divulgação, é comum o mesmo conteúdo ser repostado constantemente em dias consecutivos.

Ações/eventos não estudantis – esta categoria reuniu as publicações relacionadas a temas que não eram de interesse direto dos estudantes universitários. Quase a totalidade desses conteúdos foi produzida por instituições como o Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Superior do Estado do Amazonas (Sintesam) e Associação dos Docentes da Universidade Federal do Amazonas (Adua).

Atividades/práticas acadêmicas – nesta categoria foram agrupadas as publicações que apresentavam professores e estudantes em seus ambientes acadêmicos e/ou durante a realização de atividades e práticas estudantis universitárias.

Participação em eventos e congressos – trata-se de publicações que retratavam a participação de professores e estudantes em eventos acadêmicos e científicos como feiras, congressos, simpósios e conferências.

Selfies individuais – esta categoria reuniu as postagens de pessoas que fotografaram a si mesmas, as popularmente conhecidas selfies, figurando sozinhas. Foi observado que, na maioria dessas postagens, o autor da fotografia veste uma roupa com forte conteúdo simbólico, como um fardamento ou o brasão de algum curso de graduação, por exemplo.

Produções científicas acadêmicas – foram reunidos nesta categoria os posts compostos por imagens de trabalhos científicos desenvolvidos pelos estudantes a exemplo de posters apresentados em eventos científicos. Nessa categoria, os trabalhos figuravam nas fotografias sem a presença humana.

Cerimônias universitárias – nesta categoria foram agrupadas as postagens de cerimônias e ritos acadêmicos e universitários a exemplo da colação de grau e da formatura.

Informações sobre Covid-19 e procedimentos remotos – congregou postagens com orientações sobre a prevenção e combate à transmissão do novo coronavírus, assim como orientações e instruções técnicas sobre o passo a passo para realizar procedimentos acadêmicos remotamente.

Objetos simbólicos (diplomas, troféus, broches, etc.) – foram reunidos nesta categoria os posts com fotografias de objetos carregados de sentidos simbólicos e afetivos. Nestas fotografias também não havia figuração humana juntamente com os objetos.

Momentos de intervalo/descontração – trata-se de posts que apresentavam momentos de descontração e interação entre estudantes e/ou professores em momentos de intervalo entre aulas e atividades acadêmicas ou em circunstâncias além da universidade.

A tabela abaixo sintetiza as informações especificadas tanto para a hashtag #icsez como para a #icsezufam e o total de ambas juntas. Os números percentuais foram arredondados para a primeira casa decimal quando o número da segunda casa decimal resultou em um valor \geq a 5.

TABELA 1 CATEGORIAS DE ANÁLISE

CATEGORIA DE ANÁLISE	POSTS #ICSEZ	(%)	POSTS #ICSE-ZUFAM	(%)	TOTAL	(%)
Divulgação/promoção de ações acadêmicas	42	22,6%	67	89,3%	109	41,8%
Ações/eventos não estudantis	59	31,7%	0	0,0%	59	22,6%
Atividades/práticas acadêmicas	29	15,6%	3	4,4%	32	12,3%
Participação em eventos e congressos	20	10,8%	3	4,4%	23	8,8%
Selfies individuais	13	7,0%	0	0,0%	13	5,0%
Produções científicas acadêmicas	5	2,7%	2	2,7%	7	2,7%
Cerimônias universitárias	6	3,2%	0	0,0%	6	2,3%
Informações sobre Covid-19 e procedimentos remotos	6	3,2%	0	0,0%	6	2,3%
Objetos simbólicos (diplomas, troféus, broches, etc.)	4	2,2%	0	0,0%	4	1,5%
Momentos de intervalo/descontração	2	1,1%	0	0,0%	2	0,8%
TOTAL	186	100%	75	100%	261	100%

Fonte: elaboração própria

Após essa classificação, observando-se o resultado das pesquisas para as duas hashtags juntas, foi identificado que a categoria que reuniu o maior número de postagens foi “Divulgação/promoção de ações acadêmicas”, com 109 posts públicos. Como dito anteriormente, essa quantidade deveu-se, preponderantemente, à replicação dos mesmos conteúdos por contas de usuários diferentes.

Contudo, quando observada apenas a hashtag #icsez separadamente, observa-se que a categoria com maior número de publicações foi “Ações/eventos não estudantis”, com 59 postagens. É interessante observar esse dado, tendo em vista que ele diz respeito ao marcador mais comumente usado no Instagram com relação ao Instituto. Isso quer dizer que, no caso específico da hashtag mais usada, o tema mais recorrente nas postagens que circulam na referida rede social diz respeito a temas que não são do interesse direto dos estudantes, como reuniões sindicais, discussões trabalhistas e ações direcionadas aos servidores da instituição.

A partir da quantificação das postagens, passou-se à análise qualitativa dos sentidos mais comumente verificados nos conteúdos reunidos na categoria mais recorrente no corpus observado. Essas análises partiram de análises desenvolvidas com base na Teoria Semiótica.

PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Antes de apresentar os resultados das análises qualitativas, faz-se necessário esclarecer que interessou a esta pesquisa a observação sobre as relações de sentido estabelecidas após a última etapa do processo de decodificação das imagens pela mente humana, conforme proposto pela Teoria Semiótica. Ou seja, considerando-se as três categorias elementares escolhidas por Peirce (2010) para nomear as instâncias em que decompôs a apreensão de qualquer fenômeno – primeiridade, secundidade e terceiridade –, interessa aqui lançar um olhar reflexivo sobre os sentidos resultantes da última etapa de apreensão e decodificação do signo, quer dizer, resultantes da terceiridade.

Em outras palavras, a discussão aqui apresentada não se ateve às sensações puras resultantes do primeiro contato com as imagens (primeiridade), nem às impressões decorrentes da incidência delas como um fato pontual e imediato (secundidade), mas àqueles sentidos que conectam os desenhos a um hábito, à memória e à continuidade (terceiridade) (SANTAELLA, 2002).

A partir da análise semiótica, para cada imagem foram identificados três significados ou sentidos percebidos de forma mais latente, traduzidos em palavras ou expressões sintetizadoras. A recorrência dessas palavras e/ou expressões na listagem final das análises determinou a predominância de sentidos associados à imagem institucional do Icsez/Ufam.

Tomando-se o resultado global apresentado na tabela do tópico anterior, observa-se que as imagens publicadas nas postagens agrupadas na categoria “Divulgação/promoção de ações acadêmicas” são, predominantemente,

constituídas por criações gráficas com dados informativos como nome da ação/atividade, local, data e hora de cada uma. É comum o uso de ilustrações gráficas ou fotografias em detalhe ou no plano de fundo, com algum efeito de recorte ou filtro. Também é comum ser informado o nome de palestrantes e/ou convidados nessas imagens. Em quase todas as postagens dessa categoria, o destaque é dado aos signos verbais.

Com base nas contribuições da Teoria Semiótica peirceana, percebeu-se que as significações mais comuns remetem aos sentidos de 1) agendamento, direcionado às agendas de eventos científicos, a partir da operação de signos visuais que estabelecem, preponderantemente, relações simbólicas estabelecidas por meio de convenções socioculturais derivadas do uso recorrente de modelos comuns de comunicação visual, empregados no contexto universitário. Tais modelos comuns de comunicação visual, por sua vez, se associam à atmosfera semântica de 2) cartazes e murais de avisos, comuns desde os modelos precursores do palimpsesto, com emprego de cores sólidas, forte contraste entre fundo e informações verbais e uso de comunicação direta. Esse modelo de constituição visual também é simbolicamente característico de comunicações relacionadas a 3) eventos científicos e ações ligadas ao universo acadêmico.

A partir do resultado das análises de sentido das publicações, percebeu-se como positivos os sentidos associados ao Icsez/Ufam, na medida em que consolidam a associação do Instituto a universos semânticos ligados a temas do campo educacional, científico e estudantil. Contudo compreendeu-se, com base em contribuições do campo do Marketing Digital, que o espaço de visibilidade proporcionado pelo Instagram pode ser otimizado com ações de autoria da gestão do Icsez/Ufam a partir de comunicações promocionais próprias que fortaleçam a criação de conteúdo direcionado estrategicamente à associação de mais sentidos interessantes à sua própria imagem na internet.

Como dito anteriormente, quando observada apenas a hashtag #icsez separadamente, a categoria com maior número de publicações foi “Ações/eventos não estudantis”, com 59 postagens. Considerando-se a referida hashtag é, isoladamente, a mais usada no Instagram com relação ao Instituto, isso quer dizer que o tema mais recorrente nas postagens que circulam na referida rede social diz respeito a temas que não são do interesse direto dos estudantes. Esse pode, portanto, ser um ponto a ser explorado como oportunidade de otimização das comunicações entre o instituto e o público estudantil a partir de estratégias que possibilitem a produção de sentidos mais relacionados com temas de interesse direto dos estudantes, que é o principal público ao qual se direciona o Icsez/Ufam.

DISCUSSÕES E PROPOSIÇÕES

A partir dos dados quantitativos e qualitativos desenvolvidos nas etapas anteriores da pesquisa, partiu-se para uma reflexão com base nas postulações do Marketing Digital, com base nas quais foi possível desenvolver algumas proposições apresentadas mais adiante com o objetivo de otimizar as comunicações e processos de produção de sentidos associados ao Icese/Ufam na plataforma do Instagram.

O crescente fluxo de informações em rede flui para ambos os lados – receptor e transmissor – e promoveu o acréscimo de relações dialógicas e colaborativas, oferecendo mais dados ao tradicional mix de marketing, enriquecido à medida que as interações ocorrem (KARSAKLIAN, 2001). Entretanto, conforme Torres (2009), o mundo virtual e suas interações são reflexos da sociedade, apenas transferidos do mundo físico para interações eletrônicas.

Paulo Faustino (2009) argumenta que o marketing digital é a aplicação de estratégias de comunicação e marketing com vista à promoção/marketing de produtos ou serviços, através de canais digitais (websites, blogs, redes sociais, aplicações móveis, etc.) e de aparelhos eletrônicos. Solomon (2011) acrescenta que este estilo de marketing possui uma maior capacidade de segmentação, praticidade e comunicação personalizada, sendo bem mais econômica quando contraposta às ações de comunicação convencional.

Segundo o autor, marketing digital se diferencia do marketing tradicional porque usa a internet como forma de interação e relacionamento com o seu público-alvo, de forma segmentada e individualizada, e não como meio de comunicação em massa.

Para Kotler et al. (2017), o marketing digital é o “Marketing 4.0”, uma abordagem que leva em conta os sentimentos humanos, as transformações sociais e as revoluções de interação na rede. Segundo esse pensamento, as empresas devem focar em criar soluções que ajudem a economizar tempo, que facilitem a vida dos consumidores e que também tragam mais humanização para a relação de troca de interesses.

Uma característica recorrente entre as definições de marketing digital adotadas é o caráter humanizado e personalizado do relacionamento com o público na internet. O comportamento do consumidor em rede e a horizontalidade da comunicação são marcadores do pensamento de marketing contemporâneo. A forma como um indivíduo age pode interferir diretamente sobre as decisões dos outros com quem está interagindo. As estratégias de marketing digital operam no sentido de consolidar o posicionamento de marca, de qualquer natureza (instituição, empresa,

personalidade pública ou artística). Conforme os estudos de posicionamento de marca propostos por Peter Montoya e Tim Vandehey (2008), todos que almejam consolidar marcas devem passar por três processos ou fases: estabelecimento da identidade da marca, desenvolvimento do posicionamento da marca e avaliação da imagem da marca.

Conforme as contribuições de Aaker (1996, p. 221), uma identidade e uma posição de marca bem concebidas e implementadas trazem uma série de vantagens à organização: a) orientam e aperfeiçoam a estratégia de marca; b) proporcionam opções de expansão da marca; c) melhoram a memorização da marca; d) dão significado e concentração para a organização; e) geram uma vantagem competitiva; f) ocupam uma posição sólida contra a concorrência; g) dão propriedade sobre um símbolo de comunicação; e h) provêm eficiências em termos de custos de execução.

Para Keller (2003, p. 45), posicionamento de marca é a criação de superioridade de marca na mente do seu público. Segundo o autor, posicionamento envolve o convencimento do público sobre as suas vantagens contra a concorrência e, ao mesmo tempo, aliviar preocupações sobre possíveis desvantagens. Para Keller, o posicionamento usualmente requer a especificação também de valores cruciais, que se traduz em um conjunto de associações abstratas como atributos e benefícios, e uma espécie de “mantra”, que seria a essência da marca ou promessa.

É sobre esse conjunto de associações com a marca que este estudo se debruça. As cinco proposições apresentadas a seguir têm, como dito anteriormente, o objetivo de otimizar, estrategicamente, as comunicações e processos de produção de sentidos associados ao Icsez/Ufam na plataforma do Instagram e levam em consideração as postulações do marketing digital e de posicionamento da marca:

1) O perfil do Icsez/Ufam no Instagram poderia utilizar os marcadores #icsez e #icsezufam em todas as suas postagens a fim de alcançar maior engajamento e visibilidade nas buscas e na circulação de conteúdos com temáticas semelhantes; 2) o perfil do Icsez/Ufam também poderia manter um cronograma de postagens institucionais, com linguagem que aproximasse a instituição do seu público; 3) poderia ser adotado um layout uniforme de publicações composto por signos visuais e temas que estimulasse e/ou ampliasse a produção de sentidos relacionados aos interesses estudantis associados ao Instituto; 4) poderiam ser criadas ações com apoio de instituições parceiras com intuito de ampliar a visibilidade e divulgação das publicações do Instituto; 5) poderia ser desenvolvida uma ação promocional de estímulo ao uso das hashtags #icsez e #icsezufam, a

fim de que o Instituto alcançasse mais notoriedade e força de circulação, influenciando no funcionamento dos algoritmos do Instagram.

Ressalta-se que as cinco proposições apresentadas são experimentais e, portanto, passíveis de alteração e adaptação, de acordo com os interesses institucionais definidos pela gestão do Icsez/Ufam para condução do seu perfil e de sua imagem especificamente na plataforma do Instagram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste estudo e todas as suas etapas permitiu experimentar diversos procedimentos metodológicos a fim de compreender o funcionamento e articulação de processos comunicacionais que se dão no interior da plataforma Instagram, com relação aos sentidos associados à imagem do Icsez/Ufam. Foram operacionalizadas etapas quantitativas, qualitativas, bibliográficas e diversos outros processos numa perspectiva transmetodológica que permitiram a ampliação de conhecimentos e métodos científicos que podem ser replicados e adaptados para diferentes pesquisas.

Os dados alcançados com a observação da plataforma foram relevantes para que se tornasse possível compreender as processualidades que se operam nas relações comunicacionais em rede e como resultam na construção de sentidos a partir da articulação dos usuários interaguintes. Observar a tecitura dessas formações semânticas é essencial para se compreender como se estabelecem e se consolidam as associações de diversos sentidos com a imagem de diversas instituições, de forma orgânica e espontânea. Essas associações têm função importante para a saúde e popularidade da imagem de qualquer marca.

Compreende-se também que outra contribuição enriquecedora desta investigação foi a possibilidade de utilizar os resultados obtidos nas etapas de identificação, contabilização e análise para oferecer discussões e reflexões propositivas, com a apresentação de cinco medidas ou ações estratégicas que apresentam-se com o potencial efetivo de otimização das comunicações e processos de produção de sentidos associados ao Icsez/Ufam na plataforma do Instagram e levam em consideração as postulações do marketing digital e de posicionamento da marca.

Espera-se que esta investigação funcione como motivação e estímulo para desenvolvimento de novas pesquisas relacionadas ao estudo dos processos de produção de sentidos nas diversas formas de manifestação das visualidades, mas especificamente no contexto da comunicação em redes sociais digitais.

REFERÊNCIAS

- AAKER, David A. **Criando e administrando marcas de sucesso**. São Paulo: Futura, 1996.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.
- FAUSTINO, Paulo. **Marketing digital na prática**: Como criar do zero uma estratégia de marketing digital para promover negócios ou produtos. São Paulo: DVS Editora, 2019.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Midiatização**: prática social, prática de sentido. Paper, Bogotá: Seminário Mediatização, 2005.
- LASSWELL, H; KAPLAN, A. (orgs). **A linguagem da política**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; 1979.
- KARSAKLIAN, Eliane. **Cybermarketing**. São Paulo: Atlas, 2001.
- KELLER, Kevin L. **Strategic Brand management**: building, measuring and managing brand equity. 2nd ed. Upper Saddle River: Prentice Hall, 2003.
- KOTLER, Philip. **Administração de Marketing**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. **Marketing 4.0**: do tradicional ao digital. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.
- LÈVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.
- MALDONADO, Alberto Efendy. A transmetodologia no contexto latino-americano. In: MALDONADO, Alberto Efendy (Et al.) (Orgs). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul; Natal: Unidavi; Editora da UFRN, 2012.
- MONTOYA, Peter; VANDEHEY, Tim. **The brand called you**: make your business stand out in a crowded marketplace. USA: McGraw-Hill, 2008.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- PIZA, Mariana Vassallo. **O fenômeno Instagram**: considerações sob a perspectiva tecnológica. 2012. 48 f., il. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Thomsom Learning, 2002.
- SOLOMON, Michael R. **O comportamento do consumidor**: comprando, possuindo e sendo. 9. Ed. Porto Alegre, RS: Bookman. 2011.
- TORRES, Cláudio. **A bíblia do marketing digital**: tudo o que você queria saber sobre marketing e publicidade na Internet e não tinha a quem perguntar. São Paulo: Novatec, 2009.

A ICONOLOGIA NA CONCREÇÃO DO IMAGINÁRIO AMAZÔNIDA⁹

Karine Maia Rego¹⁰

RESUMO: O presente artigo trata sobre o processo de criação de imagens, analisando a logomarca criada para representar o Boi-Bumbá Caprichoso no Festival Folclórico de Parintins no ano de 2017, com ênfase nos meios para a correta leitura e interpretação dessas imagens, empregando para tal fim o método iconológico de Erwin Panofsky, no qual as análises formal, contextual e simbólica, relacionadas aos três níveis de significação por ele elaborados, complementam-se na explicação do significado das imagens.

PALAVRAS-CHAVE: artes visuais; criação; iconologia; Panofsky.

INTRODUÇÃO

A condição de ser *humano* apresenta características paradoxais: por um lado a racionalidade garante ao homem um lugar de destaque acima dos outros animais, permitindo uma dominação; por outro, torna-o consciente de limitações. A razão sempre suscita a necessidade de compreender o entorno, representá-lo, explicá-lo, conhecê-lo, pois dessa forma conhecendo e, conseqüentemente, controlando o objeto do conhecimento, as limitações tornam-se de certo modo menores.

Grande parte das questões filosóficas que envolvem as lacunas do conhecimento humano geram perguntas cujas respostas são traduzidas por imagens, de acordo com a bagagem cultural de quem as materializa. Dessa forma, se a visualidade é a ponte que permite compreender a trajetória humana, e, ao mesmo tempo reflete os direcionamentos das criações, há que se concordar com as palavras de Dondis (2007, p. 1), quando afirma ser “O imperativo do alfabetismo visual, uma necessidade que há muito tempo se faz sentir”, pois apesar de a vida estar cercada de imagens inventadas pela própria necessidade comunicativa, nem sempre há capacidade de analisá-las ou interpretá-las corretamente.

9 Trabalho apresentado no GT 2 Visualidades Amazônicas no I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia.

10 Karine Maia Rego é graduanda do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas.

As imagens, assim como as histórias, nos informam. Aristóteles sugeriu que todo processo de pensamento requeria imagens. Ora, no que concerne à alma pensante, as imagens tomam o lugar das percepções diretas; [...] Portanto a alma nunca pensa sem uma imagem mental. (MANGUEL, 2001, p. 21)

Sabe-se que toda representação visual parte de um referente, ou seja, aquilo que o artista busca intencionalmente representar. No contexto dos signos amazônicos relacionados ao Festival Folclórico de Parintins, cujo objetivo é a divulgação do folclore e da cultura parintinense e amazônica, elementos caboclos, indígenas e do auto do boi são considerados fundamentais nessa temática. Tanto a cultura indígena quanto a cabocla encontram-se envoltas em um grande número de credices, ritos e tradições perpetuadas, reafirmadas e reinventadas durante as apresentações do festival, que inspiram criações artísticas carregadas de signos que buscam retratar esses elementos característicos da cultura amazônica.

Segundo Costella (1997, p. 47) “[...] cada obra de arte é sempre parte integrante do mundo cultural de um povo. A obra não é peça isolada. É fração de uma cadeia de fatos à qual se integra”. Ao sistematizar o percurso da criação dessas imagens, identificando as conexões estabelecidas pelo artista antes da materialização do objeto, através da busca das fontes de onde brotam essas produções artísticas, pretende-se, como Panofsky, relacionar forma – contexto-conteúdo, entendendo que tais elementos encontram-se indiscutivelmente associados, e que somente através do conhecimento de cada um desses conectivos, em suas particularidades, pode-se chegar a uma compreensão visual correta e completa do objeto que se pretende interpretar.

METODOLOGIA

A pesquisa é uma abordagem qualitativa visto que considera a relação entre o entorno e o objeto, levando em conta as influências deste, no processo criativo da obra. Possui natureza aplicada, pois experimenta de forma prática o método investigativo iconológico de Panofsky. Seu objetivo é explicativo visto que procura através da análise da obra explicar sua significação, sendo feita com base em pesquisa bibliográfica, observação e comparação entre o objeto e outras produções imagéticas relacionadas ao contexto representativo da cultura e folclore amazônicos.

IMAGENS QUE FALAM

Festividades sempre fizeram parte do cotidiano das sociedades. Através delas o homem celebra e difunde sua cultura, crenças e ritos em manifestações que incorporam elementos visuais, cênicos, performáticos ligados às temáticas locais, de modo mais ou menos constante, qualquer que seja o lugar onde as mesmas aconteçam. No Amazonas, a cidade de Parintins é conhecida por celebrar anualmente em seu Festival Folclórico as temáticas caboclas e indígenas, marcando assim a disputa entre os bumbás Garantido e Caprichoso. Para que a disputa ocorra, cada agremiação escolhe uma temática relacionada ao contexto regional que contenha necessariamente elementos caboclos e indígenas, a ser defendida nas três noites de apresentação, criando para isso inicialmente uma identificação visual relacionada ao tema escolhido.

FIGURA 1 LOGOMARCA DO BOI-BUMBÁ CAPRICHOSO 2017

Fonte: online, 2017.

Na imagem em questão (fig. 1), a obra foi concebida para ser a marca do Boi-Bumbá Caprichoso para o 52º Festival Folclórico de Parintins no ano de 2017. Criada por Erick da Silva Nakanome, em suporte digital, apresenta um desenho representando um medalhão onde são identificados 11 elementos bidimensionais que reportam a diferentes representações do cotidiano, folclore e imaginário regionais. Na imagem, elementos caboclos como o oratório, a canoa e o remo, e indígenas como a pena, a flecha e o muiraquitã, se cruzam horizontal e verticalmente, mesclando-se numa representação simbólica de elementos reais e imaginários. Palavras e desenhos na cor branca dispostos de modo circular, feitos em formas

planas simples, desprovidos de detalhamentos realísticos, destacam-se sobre um fundo azul escuro que lembra por seu efeito tridimensional, uma textura de cestaria, num contraste que permite uma fácil compreensão das formas. Ao centro destaca-se a figura da cabeça de um boi com uma estrela na testa, representando a agremiação azul e branca, sendo o boi o símbolo maior da disputa do Festival Folclórico, ladeado à direita por uma ponta de canoa, e à esquerda por um tambor e uma baqueta. Acima da cabeça, entre os chifres, encontra-se um oratório com a imagem de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade de Parintins, ladeada por bandeirolas que remetem aos folguedos juninos, folhagens que fazem alusão à riqueza da flora amazônica, e penas, em referência aos elementos indígenas. Abaixo da cabeça do boi encontra-se a figura de um muiraquitã, ladeado à direita por uma ponta de flecha, e à esquerda por um remo com o símbolo do Boi-Bumbá Caprichoso. Uma serpente contorna todo o desenho de forma circular; na imagem, cabeça e cauda encontram-se dando uma ideia de completude ao ciclo, eternidade, começo e fim. Entre duas pequenas estrelas, acima do desenho, lê-se a palavra “Caprichoso” e abaixo, completando o círculo, a frase: “A poética do imaginário caboclo”. A composição apresenta equilíbrio entre as partes, tanto plasticamente quanto conceitualmente, abordando de modo igualitário elementos caboclos e indígenas, materiais e imaginários.

Nessa etapa primária da análise evidencia-se o conteúdo factual, ou o mundo dos motivos artísticos, identificando uma composição com elementos figurativos tipicamente regionais, facilmente identificáveis. Tais escolhas não são feitas ao acaso, pois além de representar algo, possuem paralelamente o objetivo de despertar sentimentos no observador, remetendo-o à segunda fase da análise.

AMAZÔNIA DOS CREDOS E FESTAS TRADUZIDOS EM IMAGENS

A arte existe desde que homens e mulheres expressam seu imaginário. A arte pertence ao ser humano, é uma de suas maneiras de se desenvolver, criar e recriar mundos. O exercício da imaginação proporciona um olhar diferenciado e distanciado da realidade, capaz de vasculhá-la, investigá-la, e criar diferentes possibilidades de compreendê-la. Ao imaginarmos diferentes possibilidades de sermos, estarmos, agirmos etc., podemos nos dedicar, no plano concreto, à busca de outras maneiras, talvez melhores, de viver e, dessa forma, colocarmo-nos em movimento à procura de melhores alternativas de realização do que pretendemos. (FERREIRA, 2001, p. 117)

A necessidade de expressão é inata aos homens. Como ser racional, a busca por entender e representar aquilo que o cerca é constante. Em todas as sociedades, primitivas ou contemporâneas, seja por palavras orais ou escritas, seja por imagens, pessoas empenham-se nessa busca por registrar sua história ao passar pela existência, numa forma de perpetuá-la. Nessa trajetória elucidativa e representativa criam-se e materializam-se ideias e imagens que consigam descrever o ser, as crenças, bem como as esperanças para o futuro. Esse simbolismo dá sentido à existência, gera uma sensação de pertencimento e fundamenta um comportamento coletivo compartilhado por aqueles que formam determinada sociedade. Como se pode constatar nos exemplos de registros deixados por povos primitivos, a produção de imagens é um meio eficaz de fazer conhecidos o modo de vida, o funcionamento e os direcionamentos regentes de tais sociedades.

Segundo Santaella (2015, p. 60) “[...] não há signo sem contexto, visto que a mera existência de um signo já indicia seu contexto”. No contexto das sociedades amazônicas caboclas, ribeirinhas e indígenas, mesclam-se credences e explicações que norteiam o cotidiano e refletem o imaginário pulsante, rico, criativo, que, alimentado pela tradição e cultura transborda entre outras coisas, num fazer artístico plural. Afirmar e divulgar esse repertório é um modo de acentuar a peculiaridade, fazer conhecida a marca do amazônida. O Festival Folclórico de Parintins é o ponto para onde converge a riqueza da cultura e as características dos povos da floresta mostradas no sincretismo miscigenado característico do caboclo que partilha o credo das diferentes etnias que enraízam sua origem.

O imaginário caboclo é o palco onde ritos, mitos, lendas, tradições e crenças ganham forma em imagens que denunciam contribuições étnicas distintas que equilibram raízes nordestinas, indígenas e europeias. A religiosidade é elemento essencial no imaginário, ora sob o signo de um oratório a Nossa Senhora do Carmo, símbolo de fé e fonte de devoção expressiva na ilha e nos arredores, ora sob a forma de um muiraquitã, simbolizado como um amuleto protetor no repertório indígena, ambos remetendo à ligação com o sobrenatural e o sagrado, que, reconhecendo as limitações humanas buscam, no divino, alento para continuar a jornada diária de viver e muitas vezes sobreviver em tempos difíceis.

Remo e canoa remetem ao labor muitas vezes solitário do povo ribeirinho, que tem na imensidão do rio e na temporalidade das cheias e vazantes a fonte do seu sustento, adaptando – se ao ritmo da natureza de acordo com suas transições. Da herança indígena a flecha é o marco da busca por perpetuar a sobrevivência individual e coletiva das diferentes etnias, usada por vezes como arma de caça ou de defesa do grupo.

Atrelados à flecha, tambor e baqueta vêm coroar as festividades caboclas com musicalidade contagiante; acompanham as evoluções na arena embalando expectadores e integrantes das apresentações, confirmando as palavras de Thiago de Mello: “A batida é a marca do nosso andamento musical, cheio de ressonâncias mágicas da floresta, da força ancestral indígena” (FARIAS, 2005, p. 36), manifesta-se, assim, a musicalidade na cultura indígena como a própria razão de ser dos índios, pois através dela são repassados costumes, tradições, ensinamentos, celebrações de ritos de passagem, bem como a própria gênese dessas sociedades. As folhagens remetem à riqueza da floresta, tão conhecida e utilizada por índios e caboclos; e hoje, mais do que nunca, tão cobiçada internacionalmente. Riqueza essa que não se limita à flora, mas estende-se à fauna e às inúmeras histórias contadas e recontadas por aqueles que da floresta fizeram sua casa e de onde tiram o sustento.

De acordo com Kruger (2003, p. 90)

Observando a forma das serpentes, vemos que ela corrobora a anterioridade e a predominância do incorpóreo e do invisível [...] As serpentes, estando ligadas à terra, situam-se próximas do impulso inicial dado pelo demiurgo.

A serpente por sua vez é um elemento presente em diversas histórias e mitologias, de povos cristãos e pagãos, sociedades antigas e contemporâneas, estando na Amazônia ligada a lendas e/ou mitos criadores de diferentes etnias, bem como a diversas crenças dos caboclos ribeirinhos. Cobra grande, boia-uaçu menbira, boiúna, cobra Norato, cobra Maria Caninana, uróboro. Atendendo por diferentes denominações, a ela são atribuídas por índios e caboclos a causa e a explicação de diferentes fenômenos e acontecimentos da cultura regional, que vão desde o surgimento da humanidade e da noite à diferença da cor de pele, ao naufrágio de barcos, ou ao pecado original. O boi, por sua vez, figura como elemento central da festividade em questão, uma vez que todos os outros elementos encontram-se a ele diretamente relacionados. Fruto de promessa e devoção, objeto de desejo e discórdia, agrega com sua existência representações de vivências mistas que, durante o festival, formam o conjunto que sintetiza de modo harmônico saberes plurais em busca da valorização das diferenças que os torna únicos folcloreando a cultura.

Nessa segunda etapa da análise, buscam-se as conexões convencionais que dão sentido à sua representação plástica. Percebe-se, desse modo, que toda forma possui um conteúdo análogo, estando relacionada a algo exterior a ela, especialmente quando sua criação é figurativa e encontra-se atrelada a um tema. Falar do imaginário caboclo é mergulhar em um

mundo subjetivo. Nesse contexto de labor, espiritualidade e festividade a poética cabocla transfigura-se em plasticidade, selecionando os elementos que melhor representem o caboclo e o indígena amazônico, suas lutas, anseios e crenças, situando o expectador num universo de particularidades que são o diferencial entre as muitas festividades regionais que, por mais que apresentem semelhanças, quando analisadas de forma mais minuciosa acabam por mostrar suas singularidades.

Quanto maior for a relação analógica entre o objeto e o espectador, tanto maior será a identificação com a obra e sua compreensão. Por esse motivo tanto a escolha dos elementos quanto a disposição desses elementos na obra são fundamentais para que a mensagem chegue à consecução do seu intento.

A IMAGEM E SEU CONTEÚDO: ENXERGANDO O QUE OS OLHOS NÃO VEEM

A imagem traz informações (visuais) sobre o mundo, que pode assim ser conhecido, inclusive em alguns de seus aspectos não visuais. A natureza dessa informação varia [...], mas essa função geral de *conhecimento* foi também muito cedo atribuída às imagens. (AUMONT, 1993, p. 80)

A história da humanidade é prioritariamente traduzida por imagens. Cada imagem por sua vez é fruto de um contexto que lhe dá significado. Entenda-se por contexto o entorno cultural, social, político, religioso, filosófico, ideológico, econômico, para citar alguns dos elementos mais influentes que norteiam de forma ora mais, ora menos significativa, quaisquer criações artísticas. Diante disso concorda-se com Panofsky quando ele afirma a não existência de formas puras, visto que toda forma objetiva representar um conteúdo já existente nas diferentes esferas que envolvem a vida do artista enquanto ser social.

O modo escolhido pelo artista para expressar determinada temática fala muito sobre em quem está pautada sua criação. Além de pensar em uma forma e relacioná-la a um conteúdo ele, consciente ou inconscientemente, é influenciado por questões que vão além da preocupação estética. Nesta fase o visual adentra a esfera da visualidade, direcionado pelo conhecimento epistêmico do artista. Segundo Fischer (1987, p. 15) “A obra de arte deve apoderar-se da plateia não através da identificação passiva, mas através de um apelo à razão que requeira ação e decisão”. Assim, uma obra de arte deve induzir seu expectador a pensar sobre aquilo que está vendo. Na terceira etapa da análise são investigadas as outras mensagens contidas na obra, relacionadas a ideias menos explícitas, que requerem maior aprofundamento interpretativo por parte do observador.

Na questão plástica, relacionadas à questão cultural, atrelada à forma, pode-se perceber a princípio, entre outras coisas, a preocupação com outros dois aspectos destacados que são: o equilíbrio e a continuidade. Não por acaso, medalhões têm para aqueles que os carregam significados de estima, proteção, recordação e valorização que figuram justamente como instrumentos eficazes na afirmação cultural, lembrando quem se é, e o valor da cultura. Como um chamado à resistência unida de dois grupos, caboclos e indígenas, historicamente subjugados. Numa busca por valorizar os saberes locais, resgatando no legado caboclo e indígena as representações que devem ser o centro não apenas das apresentações, mas também de discussões que visem recuperar e divulgar a riqueza da cultura local de maneira contínua, direcionadas a questões que não se limitem a fazer um espetáculo “para inglês ver”, sem deixar contribuições locais mais significativas. Hoje essas discussões já repercutem na universidade e começam a refletir nas apresentações na arena. Sendo o autor da imagem um professor de História da Arte, é perceptível a preocupação em associar o erudito e o popular tanto na construção visual da marca quanto na escolha do tema, como se observa em sua abordagem figurativa diferenciada da serpente, ou na inserção da poética à construção da temática, em associações de significados que agregam valor à composição.

Na abordagem influenciada pela religiosidade, novamente percebe-se uniformidade entre elementos caboclos e indígenas, contrariando o que geralmente se vê, que é a predominância da visão colonizadora sobre a colonizada. Notoriamente a cultura indígena tem assimilado muito da religiosidade cristã desde a época do descobrimento, enquanto que não se tem registro do inverso, resultando numa perda de identidade cultural por parte de diversas etnias indígenas. Abordar essa questão religiosa de maneira mais igualitária e levantar discussões a esse respeito mostra a relevância de um trabalho pautado em pesquisas mais aprofundadas acerca da própria cultura, que por ter um caráter de contribuições plurais, merece uma abordagem menos excludente em todas as esferas das diferentes crenças de grupos minoritários.

É interessante notar as contradições que se equilibram de maneira serena nas criações artísticas. Sendo o boi – ou a pecuária extensiva – um dos grandes vilões do desmatamento na Amazônia, transfigurá-lo como o instrumento central de representatividade e de luta pela defesa dos povos que vivem na floresta configura-se como o verdadeiro reflexo da dinâmica sociocultural, na mescla de real e imaginário em busca de um equilíbrio idealizado.

Interesses econômicos e políticos não se encontram dissociados das formas de expressão artística, até porque a arte há muito tempo goza de uma característica de produto comercializável. Representações artísticas vendem ideias que podem trazer retorno econômico e reconhecimento político, tornando-se alvo de investimento e divulgação, em especial o Festival Folclórico de Parintins, manifestação à qual a imagem em questão encontra-se associada.

Cultura, folclore e sociedade são lados de uma mesma pirâmide. Valorizar um em detrimento de outro é uma contradição. O boi-bumbá é o centro de um espetáculo que visa chamar a atenção também para questões concernentes a essas comunidades caboclas e indígenas, que ainda hoje têm de lutar por direitos básicos. Toda luta por valorização e respeito deve ser pautada em conhecimento. Conhecer mais a fundo o funcionamento dessas sociedades, suas contribuições e singularidades é o ponto de partida para a concretização de melhorias que reflitam a valorização dada a elas na arena e nas diferentes formas de expressão artística, frutos nas palavras de Pinto (2012), da verdadeira “encruzilhada de imaginários” comuns a uma sociedade policultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transmissão da mensagem do artista para o expectador exige competência de ambos: daquele, para criar, e deste, para entender. [...] o emissor e o receptor da mensagem devem valer-se do mesmo código, para que a mensagem seja comunicada. (COSTELLA, 1997, p. 11)

A apreciação artística está diretamente ligada à familiaridade do apreciador com o objeto do seu apreço. Tal ação, segundo Panofsky, pode ocorrer em três níveis distintos: superficial, no qual identificam-se as formas; mediano, no qual há identidade com o contexto convencional; e o mais profundo, no qual assimilam-se as relações intrínsecas, o conteúdo, não expresso visualmente. Constatam-se, a exemplo de Costella, que não basta ter acesso a um objeto artístico para saber apreciá-lo em sua completude. Não há impedimento para que se julgue um objeto artístico segundo um ponto de vista pessoal, expressando uma opinião sobre ele, porém a verdadeira fruição se dará através do entendimento dos significados nele contidos. O conhecimento e conseqüente entendimento dos signos é o que diferencia a fruição completa da mera observação passiva. O objeto artístico sempre tem algo mais a oferecer a seu expectador além da estética. E aqui destaca-se o papel da arte como fonte indiscutível de conhecimento, tão importante ou significativa quanto qualquer fonte

científica ou documental escrita, que notoriamente torna-se mais verossímil quando acompanhada de uma representação visual que a esclareça. O alfabetismo visual é tão importante quanto o letramento para nossa compreensão de mundo.

Não existem fórmulas exatas e imutáveis quando se trata do fazer artístico, quer seja em sua concepção, quer seja em sua análise. Todo processo investigativo deve levar em conta não apenas documentos “oficiais” de pesquisa, visto que muitas vezes o artista nem sempre possui uma formação pautada nos códigos eruditos para sua produção, o que não desmerece seu processo criativo. Diante disso o modelo de análise de imagens de Panofsky configura-se como um importante instrumento analítico por levar em conta as diferentes vertentes que permeiam o processo criativo. A arte é transitiva e sua compreensão também. Aprender a transitar entre seus significados plurais é fundamental tanto para artistas e estudantes de artes como para expectadores, pois esse tipo de conhecimento amplia de modo consideravelmente rico a percepção de mundo, o senso crítico, bem como o sentimento de pertencimento a uma coletividade.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, J. **A imagem**. 16. ed. Campinas: Papirus, 1993.
- COSTELLA, A. **Para apreciar a arte: roteiro didático**. 4. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010.
- DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FARIAS, J. C. **De Parintins para o mundo ouvir: na cadência das toadas dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido**. Rio de Janeiro: Litteris Ed, 2005.
- FERREIRA, S. **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas: Papirus, 2001.
- FISCHER, E. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- KRUGER, M. F. **Amazônia: mito e literatura**. Manaus: Editora Valer, 2003.
- MANGUEL, A. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MONTEIRO, M. Y. **Boi-Bumbá: história, análise fundamental e juízo crítico**. Manaus, 2004.
- NAKANOME, E. S. **A poética do imaginário caboclo**. 2017. 1 arte digital. Disponível em: <https://m.letras.mus.br/caprichoso-boi-bumba/discografia/a-poetica-do-imaginario-caboclo-2018/>. Acesso em: 18 out. 2021.

PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

PINTO, M. C. O. B. S. **Cultura e ontologia no mito da cobra encantada**. Manaus: Editora da UFAM, 2012.

RIBEIRO, M. G. **Imaginário da serpente de A a Z**. Campina Grande: EDUEPB, 2017. SANTAELLA, L; NOTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

PEGADAS DE VIDA NA AMAZÔNIA: UM DOCUMENTÁRIO COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL¹¹

Taíssa Maria Tavares Guerreiro¹²

Carlos Jorge Barros Monteiro¹³

RESUMO: A partir da década de 1970, a conservação do meio ambiente foi debatida em diversos eventos mundiais após uma série de tragédias ambientais. Entretanto, a permanência da destruição forçou a humanidade a criar iniciativas para amenizar os danos causados por sua própria ação. O documentário *Pegadas de Vida na Amazônia*, produzido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na UFAM Parintins, aborda a história e os resultados educativos de uma dessas iniciativas: o Projeto Pé-de-Pincha. Motivado pelas dificuldades que o projeto ainda enfrenta, o filme objetiva auxiliar na educação ambiental difundida no município de Terra Santa, Estado do Pará. Os resultados da pesquisa qualitativa atrelada aos métodos de produção de documentário, permitiram perceber como produtos audiovisuais podem ser instrumentos eficazes para a educação ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; educação ambiental; quelônios; documentário; pé-de-pincha.

INTRODUÇÃO

Na história do Brasil colonial, a busca pelo êxito econômico através da exploração de recursos naturais sempre foi a principal causa de destruição ambiental que culminou em séculos de devastação e mortes. Segundo Pereira (2012), a maneira errônea como o homem modifica a natureza leva ao cenário caótico, isso porque a princípio o contato com os recursos naturais ocorre apenas para atender suas necessidades básicas de sobrevivência. Entretanto, a partir do momento em que este visa o lucro, cria-se o surgimento de uma crise ambiental. E embora essa realidade pareça distante, nos dias atuais esse cenário exploratório lucrativo ainda é bastante presente, principalmente na Amazônia.

No final do século XX, sobretudo a partir da década de 1970, a preocupação com o desgaste ambiental foi pauta de vários debates

11 Trabalho apresentado no GT 2 – Visualidades Amazônicas do I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia.

12 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da FAAC-UNESP. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pelo ICSEZ-UFAM, email: taissa.guerreiro@unesp.br

13 Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Comunicação Social, Jornalismo do ICSEZ-UFAM, email: cbmonteiro@ufam.edu.br

mundiais que uniram milhares de pessoas em prol da conservação do meio ambiente. No entanto, a permanência de velhos hábitos de destruição como queimadas, contrabando de animais silvestres, dentre outras formas de depredação, forçaram a criação de iniciativas para tentar reverter os impactos ambientais causados pela própria ação humana.

Uma dessas iniciativas é o programa de manejo comunitário de quelônios, que foi criado em 1999 na comunidade do Piraruacá, zona rural do município de Terra Santa, Estado do Pará – distante cerca de 890 km da capital Belém –, após anos de pesca predatória. Mais conhecido como “Projeto Pé-de-Pincha”, esse programa é fruto da união de ribeirinhos, professores, alunos e instituições ambientais, que há 22 anos buscam proteger do risco de extinção três espécies de quelônios de água doce: o pitiú, o tracajá e a tartaruga da Amazônia. Esses animais de casco são conhecidos como “pés-de-pincha”, devido suas pegadas na areia serem semelhantes ao formato das marcas de tampinhas de refrigerante, conhecidas na região como “pinchas”.

Apesar de seu sucesso na expansão do número de quelônios nos lagos há mais de duas décadas, o projeto ainda enfrenta desafios como a escassez de recursos para sua realização anual e a caça predatória, grande vilã da natureza. Outro ponto importante a se considerar é que, até então, os documentários produzidos sobre este projeto possuíam uma estrutura institucional, focada principalmente em repassar tecnicamente as etapas deste.

À vista disso, o documentário *Pegadas de Vida na Amazônia*, resultado do Trabalho de Conclusão de Curso da jornalista Taíssa Guerreiro na UFAM Parintins, objetiva contar a história, as dificuldades e os resultados educativos do projeto pé-de – pincha em seu local de origem – a Fazenda Aliança da comunidade do Piraruacá, em Terra Santa – por meio do relato marcante de personagens, que são fontes partícipes do projeto, pois acreditamos que dessa forma é possível criar laços com a comunidade e promover sensibilização ambiental, a fim de expandir a mão de obra do projeto.

Optamos pela produção de um documentário devido às características deste gênero propiciarem um entendimento completo para a narração de histórias reais. Assim, melhor que apenas ouvir ou ler sobre o manejo de quelônios, é poder visualizar. Nesse sentido, este trabalho caracteriza-se como relevante por se tratar de uma produção acadêmica que aborda a história e os desafios de um projeto que luta pela causa ambiental, sendo narrado por personagens engajados em ações que visam a conservação de ecossistemas ameaçados.

O título “Pegadas de Vida na Amazônia” é uma metáfora geral sobre o trabalho realizado pelo projeto, pois as pegadas de quelônios nas praias revelam as vidas que o Pé – de-pincha ajuda a conservar na natureza. O subtítulo “Projeto Pé-de-Pincha em Terra Santa – Pará” delimita o conteúdo do documentário ao seu universo fílmico específico, a cidade de Terra Santa, localizada no extremo Oeste do Estado do Pará, próximo à divisa com o Estado do Amazonas.

O PROJETO PÉ-DE-PINCHA

O Projeto Pé-de-Pincha consiste em um Programa de Extensão da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)¹⁴, que há 22 anos trabalha o Manejo Comunitário de Quelônios em cidades e comunidades amazônicas. Tendo o tracajá (*Podocnemis unifilis*) como espécie bandeira do projeto, o Pé-de-Pincha contribui desde 1999 para a conservação de várias espécies de bichos de casco que habitam os rios de água doce, além de auxiliar na preservação de ecossistemas existentes nessa região.

Essa iniciativa se baseou desde o início nas técnicas do manejo de quelônios descritas pelo Centro Nacional de Quelônios da Amazônia (CENAQUA)¹⁵, também utilizadas pelo Projeto TAMAR¹⁶. Resultado da união de ribeirinhos, professores, alunos e ambientalistas, o Pé-de-Pincha é hoje referência no manejo de animais de casco amazônicos, abrangendo sua atuação em 118 comunidades da região, o equivalente a 2,7% da Amazônia Brasileira (ANDRADE, 2012).

Sua origem está atrelada aos reflexos da exploração de recursos naturais amazônicos, ação intensificada na década de 1970. Nesse período, a antiga mesorregião do Baixo Amazonas¹⁷ viu ecoar em seu território-

14 Fundada em 1909, a sede da Universidade Federal do Amazonas, em Manaus – Amazonas, era o campus universitário mais próximo e desenvolvido da região interiorana dos estados do Pará e Amazonas até o início do século XXI, uma vez que ainda não havia a expansão dos demais campi na região. A expansão da UFAM no interior Amazonense só ocorreu de forma intensiva em função do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que tinha o objetivo de ampliar o acesso à educação superior buscando dobrar o número de alunos graduandos a partir de 2008. O campus da UFAM Parintins, por exemplo, passou a funcionar a partir de 2007.

15 A partir de 2007, foi denominado Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios (RAN).

16 O TAMAR é um projeto voltado para a conservação de tartarugas marinhas brasileiras. Fundado em 1979, o projeto trabalha na pesquisa, cuidado e manejo de cinco espécies de tartarugas marinhas que habitam os oceanos e que são ameaçadas de extinção: a tartaruga-cabeçuda (*Caretta caretta*), tartaruga-de-pente (*Eretmochelys imbricata*), tartaruga-verde (*Chelonia mydas*), tartaruga-oliva (*Lepidochelys olivacea*) e tartaruga-de-couro (*Dermodochelys coriácea*).

17 O Baixo Amazonas foi uma das mesorregiões da Região Norte, especificamente do Estado do Pará, que constituíram a antiga divisão geográfica regional do Brasil, elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 1989 a 2017. Essas divisões, consistiam no agrupamento de municípios

rio esses estragos ambientais e o município de Terra Santa enfrentou arduamente a exploração da fauna e flora, sobretudo nas comunidades ribeirinhas, as quais tinham os recursos naturais como base para sua sobrevivência.

Segundo Andrade (2012) a região onde localiza-se o município de Terra Santa possui extensas áreas de várzea com águas claras e escuras, devido a influência do Rio Amazonas. Além disso, predomina em sua paisagem a existência de lagos largos e rasos, onde encontramos praias de areia branca de fina granulometria, locais propícios para a desova de tracajás (*Podocnemis unifilis*), pitiús ou iaçás (*Podocnemis sextuberculata*), irapucas (*Podocnemis erythrocephala*) e tartarugas amazônicas (*Podocnemis expansa*). Dentre muitos lagos, encontra-se nessa região o Lago do Piraruacá, nome de origem indígena no qual *Pira*=Peixe, *uru*=vermelho e *acá*=casa, ou seja, lugar ou morada do peixe vermelho, o pirarucu¹⁸. Esse lago é o habitat natural de grandes peixes de água doce como o tucunaré (*Cichla ocellaris* e *C. temensis*) e o mapará (*Hypophthalmus edentatus* e *H. marginatus*), servindo como fonte de abastecimento para outros lagos.

Na década de 1970, muitas famílias da zona rural habitavam nas proximidades do lago do Piraruacá e sobreviviam da produção de frutas, hortaliças e farinha. Contudo, no início da década de 1980, grandes barcos de pesca adentraram no lago e começaram a arrastar suas redes levando todos os peixes e quelônios que conseguiam. Em pouco tempo, o lago começou a carecer das espécies, sobretudo de quelônios. Vendo a situação, moradores da Fazenda Aliança liderados pelo senhor Manuelino Bentes, mais conhecido como Mocinho Lobo, e o senhor Raimundo Machado, decidiram lutar pela conservação do lago. Para isso, buscaram o apoio técnico da UFAM através do professor Paulo César Machado, que já realizava projetos voltados para a observação de criadores de quelônios na região, com o apoio do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA-AM).

Depois de conversar com os comunitários da área, o professor Paulo César Machado decidiu abraçar a causa e propor a criação de um projeto que fosse responsável pela recuperação dos quelônios. A proposta logo

que possuíam vínculos e articulações. No atual quadro da divisão regional do país, grande parte dos municípios que formavam a mesorregião do Baixo Amazonas, compõem agora a Região Geográfica Intermediária de Santarém: Alenquer, Belterra, Mojuí dos Campos, Monte Alegre, Prainha, Santarém, Aveiro, Itaituba, Jacareacanga, Novo Progresso, Placas, Rurópolis, Trairão, Curuá, Faro, Juruti, Óbidos, Oriximiná e Terra Santa.

18 O pirarucu (*Arapaima gigas*) é um peixe encontrado geralmente na Bacia Amazônica, mais especificamente, nas águas calmas de sua várzea. Conhecido como o “bacalhau da Amazônia”, costuma habitar em águas de lagos e rios, claras, brancas e escuras, levemente alcalinas, com temperatura que variam de 24° a 37°C, ricas em vegetação, ou seja, com baixo teor de oxigênio.

foi aprovada pelo poder legislativo e executivo do município e também pela UFAM e pelo IBAMA-AM. Surgiu, então, o “Manejo Sustentável de Tracajás por Comunidades do Baixo Amazonas”, composto por comunitários, professores e agentes ambientais voluntários de Terra Santa.

Após meses de preparação, com equipes sendo treinadas pelo IBAMA-AM e pela UFAM, os trabalhos iniciaram em setembro de 1999 com sete comunidades de Terra Santa. E assim nasceu o projeto Pé-de-Pincha, que, posteriormente, recebeu este nome fazendo referência às marcas das pegadas que os quelônios deixam na areia, as quais são semelhantes às marcas deixadas por tampinhas de garrafa, que, na região, são chamadas de “pinchas” (ANDRADE, 2012).

Para que seja realizado o manejo, o projeto Pé-de-pincha funciona em três etapas anuais que requerem um trabalho árduo dos voluntários: i) Coleta e transferência de ovos; ii) eclosão; iii) soltura dos filhotes. A primeira etapa ocorre entre os meses de setembro a outubro, quando o coordenador do projeto, junto de alunos voluntários da UFAM, comunitários e agentes ambientais, realizam a coleta de ovos nas praias de desova onde os tracajás, pitiús e tartarugas desovam. Os ovos coletados são transferidos para as áreas protegidas ou “chocadeiras” como também são chamadas, ou seja, locais seguros que possuem areia e que são cercados com madeira e telas de proteção. Essa transferência ocorre prioritariamente para situações de ameaça aos ovos, de modo que as ninhadas consideradas seguras, permanecem em seus locais de origem. Posteriormente, a equipe escreve em pequenos pedaços de madeira, denominados “piquetes”, a praia a qual pertencem os ovos, a espécie que desovou e a data estipulada para o nascimento dos quelônios, que podem variar de 45 a 60 dias.

Na segunda etapa, os animais saem dos ovos e sobem até a camada superficial da cova, onde absorvem todo o material nutritivo. Depois de retirados da cova, os quelônios recém-nascidos são colocados em grandes tanques com água, denominados “berçários”, onde ficarão por 60 dias recebendo alimentação natural encontrada nos lagos, além de ração peletizada com 42% de proteína bruta. Andrade *et al* (2012) afirma que esse período nos tanques é importante para que os filhotes cresçam, fortaleçam seus cascos e desenvolvam instintos de defesa.

A última etapa ocorre sempre no início de cada ano, quando todos os participantes do projeto se reúnem e convidam as comunidades urbanas e rurais do município para a “Festa da Soltura”. De acordo com Andrade *et al* (2012, p. 145) “esta é uma ocasião onde a comunidade tem a oportunidade de mostrar para a população do município o fruto de seu trabalho”.

No encerramento da festa ocorre a soltura dos filhotes, onde os quelônios são retirados dos tanques e soltos na praia, como forma de trabalhar a conscientização ambiental com as pessoas que se deslocam até a comunidade para prestigiar o evento. Entretanto, a maioria dos filhotes é solta nos lagos de alimentação, ou seja, lugares que possuem abrigos naturais como plantas aquáticas flutuantes, capins flutuantes e também a presença de animais de casco adultos, onde as chances de sobrevivência são maiores (ANDRADE *et al*, 2012).

Apesar de o projeto Pé-de-pincha estar atuando na Amazônia há mais de duas décadas, uma das dificuldades continua sendo a caça predatória realizada na região. Segundo informações obtidas por meio de diálogo com os participantes do projeto em Terra Santa, muitos pescadores ainda insistem em praticar a pesca exacerbada de peixes, na qual também são capturadas espécies de quelônios para serem vendidas clandestinamente com preços elevados. Além disso, a retirada de ovos nas praias para o consumo pessoal e venda também impede que a população de quelônios seja mantida de forma numerosa naturalmente.

Com duas décadas de atuação do projeto, o lago do Piraruacá não é mais alvo intensivo de pescadores, devido ter se tornado área protegida pela Portaria Conjunta n.º 001/2000 do IBAMA do Pará e do Amazonas, documento que proíbe a pesca comercial no lago. Entretanto outras praias de desova que não são protegidas na região do município de Terra Santa, ainda sofrem intensamente com a depredação.

Assim como todos os projetos ambientais desenvolvidos, para conscientizar a população amazônica acerca dos impactos que a exploração dos recursos naturais acarreta ao meio ambiente, o projeto Pé-de-Pincha utiliza a educação ambiental como estratégia. De acordo com Lima *et al*:

A Educação Ambiental – EA é uma das ferramentas existentes para a sensibilização e capacitação dos indivíduos sobre a situação ambiental vigente. Através dela, busca-se desenvolver técnicas e métodos que facilitem o processo de tomada de decisão sobre a gravidade dos problemas ambientais e a necessidade urgente de buscar alternativas para minimizar ou mesmo solucionar tais problemas ambientais. (LIMA *et al*, 2012, p. 189)

Nesse sentido, as ações são voltadas para a integração da sociedade com os conhecimentos repassados em todas as etapas do projeto, além de fazer com que os comunitários compreendam que a sobrevivência dos ecossistemas depende da intervenção humana, uma vez que é necessário dar tempo para que a natureza possa se regenerar.

Dessa forma, como atividades educativas desenvolvidas, o projeto busca inserir no currículo escolar dos estudantes temas como conservação

e sustentabilidade no meio ambiente, sobretudo nas escolas de séries iniciais. Assim, estimula-se a realização de palestras, produção de desenhos, criação de poesias, paródias, além da exibição de produtos audiovisuais, entre outros.

O DOCUMENTÁRIO *PEGADAS DE VIDA NA AMAZÔNIA*

Pegadas de Vida na Amazônia é um documentário, resultado do Trabalho de Conclusão de Curso da jornalista Taíssa Guerreiro na UFAM Parintins, que aborda a história e os desafios do projeto Pé-de-pincha no município de Terra Santa. O filme possui a duração de 30 minutos, sendo composto por doze depoimentos de fontes partícipes do projeto e narração em *voz over*, além de quatro trilhas musicais inéditas, produzidas exclusivamente pelo músico terra-santense Antônio Beneventes Guerreiro.

O documentário possui uma estética voltada para a regionalidade Amazônica, destacando um estilo natural/orgânico desde as ilustrações feitas para explicar os depoimentos, até os arranjos instrumentais, que lembram o ritmo característico do Estado do Pará: o carimbó. Isso faz com que o espectador adentre no universo amazônico vendo e ouvindo elementos da região.

FIGURA 1 ARTE DO DOCUMENTÁRIO



Fonte: autoria própria.

O filme é dividido em quatro blocos temáticos intitulados: I – O Projeto Pé-de – Pincha; II – A História do Projeto Pé-de-Pincha; III – As Dificuldades Enfrentadas; IV – A Educação Ambiental Difundida. Esses tópicos foram escolhidos devido sua vasta riqueza de relatos, tendo em vista que os documentários e reportagens já existentes sobre o projeto centravam-se, na maioria das vezes, em explicar detalhadamente o passo a passo de cada etapa, funcionando como uma espécie de manual que auxilia nos conhecimentos técnicos do manejo. Entretanto, esse estilo de documentário não se preocupa em destacar as histórias vividas pelos personagens que o compõem. Em contrapartida, esta nova produção dá foco para a característica conceitual de um documentário: contar histórias.

No primeiro bloco temático, destacam-se os relatos sobre todas as etapas do projeto, numa espécie de apresentação do manejo e suas atividades, as quais envolvem ribeirinhos, professores, técnicos e acadêmicos da UFAM. Já no segundo bloco, podemos compreender como se deu a criação do projeto Pé-de-pincha, por meio do relato de personagens pioneiros do manejo. O terceiro bloco temático traz depoimentos sobre as experiências de risco vividas pelos agentes ambientais voluntários, um dos momentos mais emocionantes da obra. O último bloco temático aborda os resultados alcançados pelas ações de educação ambiental no município de Terra Santa, apresentando a história de dois adolescentes que cresceram realizando o manejo, e que são netos de dois personagens pioneiros do projeto.

No que se refere ao estilo do documentário, podemos caracterizá-lo no hibridismo dos modos observativo e participativo, apontados por Nichols (2005), pois deixamos que as fontes conduzissem suas próprias histórias, entretanto, estimulando-as para que seguissem uma linha narrativa pré-determinada.

As gravações do documentário iniciaram no dia 28 de fevereiro na comunidade do Piraruacá, zona rural do município de Terra Santa, e ocorreram também nos dias 29 de fevereiro, 1º, 14 e 15 de março de 2020. Dias depois das gravações serem finalizadas e a equipe retornar para Parintins, o Amazonas registrou o primeiro caso de Covid-19 em seu território, fazendo com que a UFAM paralisasse suas atividades por cerca de três meses. Assim, o processo de pós-produção foi afetado por consequências do isolamento social. Longe da Universidade, a edição foi acompanhada pelo orientador do trabalho através de videochamadas nos horários em que os provedores de internet permitiam boa conexão. Um cenário atípico que colocou em cena inúmeros desafios, potencializados pela conectividade precária da região interiorana amazônica.

Após o adiamento do semestre na UFAM e todas as dificuldades enfrentadas, o documentário foi defendido por meio de videoconferência no dia 22 de dezembro de 2020. Contando com um público de aproximadamente 45 pessoas, o trabalho foi aprovado com nota máxima pelos membros da banca.

Em 2021, *Pegadas de Vida na Amazônia* foi submetido para participar do Expocom (Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação) – um prêmio destinado aos melhores trabalhos experimentais desenvolvidos por acadêmicos da área da comunicação –, que faz parte da programação do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). O documentário representou a UFAM Parintins na etapa regional, sendo premiado na categoria Cinema e Audiovisual, modalidade CA02 – Melhor Filme de Não-ficção/documentário/docudrama da Região Norte.

A RECEPÇÃO DO FILME

Na ocasião de defesa do TCC, o documentário *Pegadas de Vida na Amazônia* foi bem recebido pela comunidade terra-santense e também pela comunidade acadêmica da UFAM, sobretudo pela equipe que compõe o projeto Pé-de-pincha. Entretanto, por consequências das medidas de restrição para conter o avanço da Covid-19 na região, o documentário só pôde ser entregue ao coordenador do projeto, professor Paulo César Machado, em outubro de 2021.

Ao visitar a comunidade do Piraruacá para acompanhar a etapa da coleta de ovos na Fazenda Aliança – berço do projeto –, a jornalista Taíssa Guerreiro se reuniu com a equipe do Pé-de-pincha e realizou oficialmente a entrega do documentário, o qual passará a integrar o acervo do projeto.

Em entrevista para o site da UFAM, o coordenador Paulo César Machado ressaltou a importância do produto audiovisual e o sentimento de alegria por saber que foi dirigido por uma terra-santense, também pertencente à UFAM, a instituição que abraçou a causa:

Fiquei muito feliz que uma acadêmica de Jornalismo da Ufam tivesse interesse em contar um pouco da história dos ribeirinhos que lutam pela conservação de quelônios em um documentário. Mais feliz ainda, por saber que a Taíssa é natural de Terra Santa, onde nasceu o Projeto Pé – de-Pincha [...] O documentário da Taíssa envolveu mais diretamente as histórias de vida de alguns principais personagens que ajudaram e ajudam nas ações desenvolvidas no local onde nasceu o projeto, em Terra Santa. Narrativa muito emocionante. (Paulo César Machado, coordenador geral do projeto Pé-de-pincha, em entrevista para o site da UFAM)

Além disso, o professor Paulo César Machado sinalizou que o documentário servirá como importante ferramenta para as atividades de educação ambiental desenvolvidas pelo Pé-de-pincha em Terra Santa e demais cidades amazônicas.

FIGURA 2 TAÍSSA GUERREIRO JUNTO À EQUIPE DO PROJETO PÉ-DE-PINCHA NA FAZENDA ALIANÇA, COMUNIDADE DO PIRARUACÁ



Foto: Otávio Lino.

FIGURA 3 TAÍSSA GUERREIRO ENTREGANDO O DOCUMENTÁRIO AO COORDENADOR DO PROJETO PÉ-DE-PINCHA, PROFESSOR PAULO CÉSAR MACHADO.



Foto: Otávio Lino.

No ato da entrega do filme, a prefeitura municipal de Terra Santa, por meio da secretaria de meio ambiente e mineração, anunciou que pretende trabalhar com o material nas escolas do município, realizando exibições a fim de sensibilizar os alunos do ensino fundamental para a conservação do meio ambiente, tendo em vista a estrutura dinâmica e objetiva do produto audiovisual. Além disso, está sendo articulada a realização de um evento para a exibição pública do documentário na cidade, com vistas a divulgar o trabalho realizado pelo projeto no local onde tudo começou, a cidade de Terra Santa.

O DOCUMENTÁRIO COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Nosso objetivo, desde o início, era desenvolver um documentário que pudesse servir como material de apoio didático-pedagógico para o Pé-de-pincha. Após analisar as produções audiovisuais feitas ao longo de duas décadas de atuação do projeto, identificamos a ausência de documentários que ressaltassem as vozes dos personagens, de forma reflexiva. As produções institucionais, geralmente, eram narradas por *voz over* e as etapas de manejo eram explanadas de forma “distante”, sem estabelecer relação próxima com o espectador.

Analisando esse contexto, decidimos pautar em um documentário a história de personagens do projeto Pé-de-pincha em Terra Santa, pois segundo Nichols (2005) a voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Assim, o filme *Pegadas de Vida na Amazônia* apresenta o projeto Pé-de-pincha e sua luta através do relato comovente de seus fundadores e participantes voluntários.

Nas entrevistas do filme, tomamos o cuidado para que o diálogo fluísse naturalmente, e para isso utilizamos a técnica da entrevista diálogo indicada por Medina (2008) na obra “Entrevista, o diálogo possível”. Dessa forma, foi possível estabelecer uma relação pessoal, fazendo com que as fontes não se sentissem “robotizadas” apenas respondendo a perguntas pré-determinadas.

Por se tratar de uma produção acadêmica, tínhamos a preocupação de fazer com que o documentário servisse como porta-voz dos colaboradores de um projeto ambiental, ao mesmo tempo em que estimulasse a população a proteger cada vez mais as espécies ameaçadas. Acreditamos ter conseguido atingir o objetivo educativo proposto pelo documentário.

Em diálogo com espectadores, foi possível constatar efeitos de sensibilização provocados pelo teor do produto audiovisual. Frases como “eu

gostaria de ajudar o projeto”, “desejo conhecer a base do manejo”, “a partir de agora vou proteger mais as espécies” são frequentemente proferidas. Compreendemos tal situação como atos de identificação dos espectadores com as histórias apresentadas no documentário e com a localidade ali exposta. O que vai às linhas de Oliveira (2005, p. 29) quando discorre sobre a criação de geografias oriundas do encontro entre as experiências vividas por nós e as imagens e os sons de um filme:

Há nas imagens e sons fílmicos permanências históricas, culturais, arquetípicas... que não sabia o produtor delas. Ali estão como vibrações de uma “memória coletiva” dispersa em nossos corpos. Pode ser que reverberem em nós, pode ser que não... Se sim, comporão nossa geografia do filme, se não, talvez venham a compor a geografia que outro nos der a ver no filme e aí então tornar-se-ão ali existentes também pra nós (OLIVEIRA, 2005, p. 29).

Nesse sentido, ao trazer histórias reais de populares que compõem o trabalho de manejo dos quelônios, o documentário estimula reflexões acerca da depredação de quelônios, na medida em que os espectadores reconhecem no filme elementos de seu contexto sociocultural, de sua vivência e de seu espaço geográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste documentário possibilitou-nos imergir na história de um dos principais projetos de conservação ambiental da região amazônica, o projeto Pé-de – Pincha. Para além, nos permitiu conhecer as dificuldades envolvidas na realização do manejo e os resultados obtidos pelo projeto em mais de duas décadas de atuação na cidade de Terra Santa.

É importante considerar que essas informações foram reveladas pelos próprios personagens, fontes partícipes do Pé-de-Pincha. Dessa forma, nossa proposta de dar espaço às histórias de vida desses personagens, através de um documentário constituído hibridamente nos modos observativo e participativo segundo Nichols (2005), possibilitou a concretização do conceito central de documentários: contar histórias.

Da mesma forma, tal método abre oportunidades para dar visibilidade e expandir a mão de obra do manejo, uma vez que a estrutura do produto audiovisual tenciona a sensibilização, fazendo com que os espectadores se identifiquem com as histórias e tenham interesse em participar do projeto. Ao mesmo tempo, o filme funciona como instrumento eficaz para auxiliar nas atividades de educação ambiental que são desenvolvidas pelo projeto nas escolas.

Dada a importância do tema, percebe-se a necessidade de produzir mais obras como esta, que evidenciem a luta de projetos pela conservação do meio ambiente e de ecossistemas que estão ameaçados pela ação humana. Assim, ao apresentar histórias de pessoas que dedicam suas vidas em prol da natureza, possibilitamos oportunidades de auxílio a causas ambientais, motivando ainda o trabalho de grupos voluntários na preservação da Amazônia.

Pegadas de Vida na Amazônia traz em sua essência a luta de povos amazônidas contra a exploração da floresta que perdura até os dias atuais, tornando-se uma ferramenta jornalística relevante por dar espaço e voz a um grupo que defende a conservação do meio ambiente. Outrossim, este documentário entra para a história dos veículos comunicacionais que reforçam a necessidade de colocar em pauta a conservação da biodiversidade amazônica, brasileira e mundial.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo Cesar Machado *et al.* **Sistematização dos métodos utilizados pelo projeto Pé-de-pincha para conservação comunitária de quelônios: Transferência de ninhos e berçários.** In: ANDRADE, Paulo Cesar Machado. *Manejo Comunitário de Quelônios: Projeto Pé-de-Pincha.* Manaus: Gráfica Moderna, 2012.

ANDRADE, Paulo Cesar Machado. **Assim nasceu o projeto Pé-de-pincha!** In: ANDRADE, Paulo Cesar Machado. *Manejo Comunitário de Quelônios: Projeto Pé-de-Pincha.* Manaus: Gráfica Moderna, 2012.

LIMA, Aldeniza Cardoso de *et al.* **Educação Ambiental no contexto do projeto Pé-de-pincha: Percurso Metodológico.** In: ANDRADE, Paulo Cesar Machado. *Manejo Comunitário de Quelônios: Projeto Pé-de-Pincha.* Manaus: Gráfica Moderna, 2012.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível.** 5 ed. São Paulo: Ática, 2008.

MELDAU, Débora Carvalho. **Pirarucu.** Info Escola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/peixes/pirarucu/>. Acesso em: 12 dez. 2020

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/reuni-sp-93318841>. Acesso em: 12 dez. 2020.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** Campinas: Papyrus, 2005.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. **O que seriam as geografias de cinema?** Txt: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 27-33, dez.

2005. ISSN 1809 – 8150. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/txt/article/view/8276>>. Acesso em: 15 nov. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/1809-8150.1.2.27-33>.

PEREIRA, Ronaldo Gama. **Educação ambiental e o desenvolvimento sustentável**: análise da influência do projeto “Pé-de-pincha” nas comunidades do município de Barreirinha. In: ANDRADE, Paulo César Machado. Manejo Comunitário de Quelônios: Projeto Pé-de-Pincha. Manaus: Gráfica Moderna, 2012.

Projeto Pé-de-pincha ganha documentário próprio. UFAM, 2021. Disponível em:<<https://www.ufam.edu.br/ultimas-noticias/3035-projeto-pe-de-pincha-ganha-documentario-proprio.html>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

ALÉM DA TÉCNICA: O ENSINO DO DESENHO E O REFERENCIAL NATURALISTA EM PARINTINS¹⁹

Fabiana Feronha Wielewicz²⁰

Patrícia Xavier Viana²¹

RESUMO: A pesquisa investiga os métodos de ensino do desenho adotados pelas escolas de artes de Parintins visando aprofundar a reflexão sobre o campo do desenho e seus métodos de ensino na contemporaneidade. A ampliação do escopo do estudo prático e reflexivo no campo do desenho desenvolve-se a partir das contribuições teóricas de especialistas como Edith Derdyk, Lucio Costa e Rosa Iavelberg, apontando a diversidade de caminhos possíveis para o ensino e compreensão do fazer artístico no cenário atual. A análise do material produzido nas escolas na última década, assim como a realização de entrevistas com professores, demonstra a utilização de propostas que supervalorizam o fazer técnico na maioria das abordagens metodológicas dos entrevistados. Tais métodos são voltados ao caráter representativo do desenho, valendo-se sobretudo ao manuseio do lápis sobre o papel.

palavras-chave: desenho contemporâneo; ensino; referencial realista; Parintins

INTRODUÇÃO

Muito conhecida pelo Festival Folclórico dos bois Caprichoso e Garantido, a cidade de Parintins é considerada terra de artistas. As produções artísticas locais evidenciam traços característicos do lugar, como o boi-bumbá, a vida regional e a cultura indígena. Estas apresentam como estilo predominante na pintura e no desenho o realismo e o naturalismo. A ênfase nos traços realistas pode ser identificada tanto nas obras de artistas de referência da cidade, como nos métodos de ensino utilizados nas escolas de artes do município.

As considerações acerca do desenho e seus processos de ensino propostas por Edith Derdyk (2015) e Rosa Iavelberg (2017) ampliam os limites do território convencional do desenho, tanto no âmbito da prática artística como do ensino. Edith Derdyk (2015) afirma que existem inúmeras definições para o que pode ser considerado um desenho, assim como:

19 Trabalho apresentado no GP 02 Folkcomunicação na Amazônia da II Jornada de Folkcomunicação da Amazônia.

20 Orientadora do trabalho. Doutora do Curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais-UFAM, email: fabianaw@ufam.edu.br

21 Estudante de Graduação do 7º. semestre do Curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais-UFAM, email: patricia.xvn7@gmail.com

“Existem inúmeras descrições e reflexões relativas ao ato de desenhar. Geralmente, entendemos o desenho como “coisa de lápis e papel”, como esboço ou croqui subordinado à explicação de alguma ideia, à representação de algum objeto.” (DERDYK, 2015, p. 40). A autora sublinha também a necessidade de se conhecer as manifestações do desenho ao longo da história da arte na humanidade, para a compreensão da complexidade e amplitude do meio. Além da inscrição de linhas sobre o papel, o desenho manifesta-se também por meio de outros suportes como um risco no muro, uma impressão digital, a impressão da mão numa superfície mineral, a famosa pegada do homem na lua, entre outros. “Estes exemplos nos fazem pensar a respeito das ideias que se têm do desenho, ampliando suas possibilidades materiais de realização” (2015, p. 34), expandindo a visão de todos sobre como ele pode ser visto e produzido em outras superfícies com diversos materiais.

O contributo histórico de Lúcio Costa sobre a necessidade e importância de se conhecer as modalidades do meio inscritas no seu campo:

[...] o desenho como meio de fazer ou desenho técnico; o desenho como documento, ou desenho de observação; o desenho como comentário, ou desenho de ilustração; o desenho como jogo e devaneio, ou o desenho de ornamentação; e o desenho como arte, ou desenho de criação.

Costa reforça o entendimento da obra de arte não como uma cópia da natureza, mas “[...] como criação à parte, autônoma, que dispõe dos elementos naturais livremente e os recria a seu modo e de acordo com suas próprias leis”. (COSTA, 1940, p. 2).

Segundo Edith Derdyk (2015), algumas escolas e instituições de ensino da arte baseiam-se em modelos neoclássicos de estudo e prática do desenho, compreendendo o ato de desenhar como mera cópia. O conceito de desenho neoclássico se sobrepõe e anula os conhecimentos anteriores a chegada da Missão Francesa no Brasil, fazendo com que o entendimento do desenho ligado às especificidades culturais torne-se invisível (2015, p. 113). Tal compreensão equivocada reduz drasticamente o próprio significado e ato de desenhar. A autora também reforça que, por sermos herdeiros das lições neoclássicas, muitos arte-educadores se restringem ao conceito de desenho como cópia, baseando-se em técnicas de ensino que repetem modelos preestabelecidos e que consideram a linha como mero contorno e representação. A ideia de desenho como resultado, como representação realista de uma determinada cena, anula as qualidades expressivas da linha e suas variações. O entendimento do desenho como um campo fechado em si mesmo, distanciado do meio em que o aluno vive e de suas experiências pessoais, pode ser uma das

causas para o emprego de métodos de ensino redutores que se utilizam de imagens como mera reprodução, e não como linguagem expressiva. A arte-educadora Rosa Iavelberg apresenta três propostas de exercício que estimulam o sujeito desenhista a criar a partir da sua memória visual, do imaginário e da observação para uma melhor aprendizagem e desenvolvimento do desenho:

1. Desenhar muito e com frequência;
2. Observação de desenhos de colegas e de produtores de desenhos da comunidade e de outros artistas;
3. Exercícios com desenho de imaginação, de memória e de observação (de outros desenhos e do mundo físico) (IAVELBERG, 2017, p. 73).

Estas situações ampliam a visão tradicional do ensino do desenho baseado em técnicas e reproduções, permitindo ao aluno encontrar no desenho um veículo de expressão pessoal assumindo o protagonismo nas suas criações. O desenho é um campo de investigação propício para a busca de soluções de problemas e para a experimentação. Neste sentido, Iavelberg sublinha a importância de libertar-se dos cânones acadêmicos para uma orientação contemporânea do ensino do desenho:

hoje, desenho é linha, gesto e movimento que geram espaços em superfícies, no plano físico e virtual. Além disso, estudar desenho contemporâneo e as múltiplas funções do desenho na contemporaneidade ajudará o aluno a participar de modo mais atualizado na sociedade. (IAVELBERG, 2017, p. 72)

O desenho vai muito além da mera representação: é ato, é processo de construção individual e coletiva.

A primeira etapa da pesquisa correspondeu ao levantamento bibliográfico e o estudo do referencial teórico para investigar os autores de referência no ensino do desenho na contemporaneidade, buscando compreender a influência do referencial realista/naturalista no ensino-aprendizagem do desenho na atualidade. As escolas de artes de Parintins que integram essa pesquisa são: Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro, Casa de Acolhida Santa Rita e Centro Educativo Nossa Senhora das Graças. Os participantes desse estudo foram professores e alunos de desenho destas escolas. Foi elaborado e aplicado um questionário para entrevistas no intuito de coletar informações dos participantes acerca dos métodos de ensino/aprendizagem do desenho. A produção dos alunos e ex-alunos foi reunida e documentada por meio de registros fotográficos para posterior análise. Após a coleta e sistematização dos dados foi desenvolvida uma análise reflexiva a partir do referencial teórico estudado.

DESENHO, UM CAMPO AMPLIADO

Segundo Andrade (1975) “O verdadeiro limite do desenho não implica de forma alguma o limite do papel, nem mesmo pressupondo margens. Na verdade, o desenho é ilimitado, pois que nem mesmo o traço, esta convenção eminentemente desenhística, [...] o delimita.” Para Derdyk (2020) o desenho também pode ser definido com uma dança que ao assumir o seu percurso no espaço explora os lugares por onde as pessoas transitam. E ainda o conceitua como “[...] um instrumento de conhecimento, com grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e de expressão.”

Esta abrangência na contemporaneidade possibilita ao artista o uso de diversos materiais, sejam convencionais ou não.

Pode-se desenhar sobre vários suportes: o papel, mas também o tecido, a tela, o cartão de cerveja (Marcel Broodthaers), a parede (Sol LeWitt), a areia (Walter De Maria), o mar (Robert Smithson), o ar, etc.; e pode-se desenhar conforme diferentes modalidades com todas as técnicas: o carvão, mas também o acrílico, o fogo, a dobradura, os recortes, etc. (HAAS, 1992)

são alguns exemplos de ferramentas utilizadas para a realização do ato de desenhar.

O desenho na atualidade também se desvincula da ideia de obra finalizada, no qual o espectador apenas contempla o resultado final. O desenho se define não como obra acabada, mas como processo que se relaciona com o pensamento. Como relata Bismarck (2007, p. 1).

Desenhar, neste sentido, dispensa, e talvez mesmo possa excluir, o sentido do objecto formal, da obra acabada, sendo esta ausência de formalismo importante para se entender que o sentido do desenho, aquilo que lhe dá razão de ser, não se encontra tanto nos seus valores formais, nas suas qualidades estéticas, mas na relação que estabelece com o próprio pensamento.

Nas instalações da artista Edith Derdyk os papéis e a linha não são usados para reproduções de figuras, mas para explorar o espaço físico das galerias. Suas obras saem dos limites do campo bidimensional para ocupar o mesmo espaço do espectador. Edith entende a linha como um fato espacial ligado ao corpo e afirma a necessidade do movimento para que o trabalho aconteça. Dessa forma, suas obras também se aproximam muito da ideia da dança. “De um corpo que é uma partitura de ações e que o trabalho quase beira a uma performance” explica a artista.

FIGURA 1 1998 O ARTISTA PESQUISADOR CURADORIA GUILHERME VERGARA MAC NITERÓI RJ



Fonte: Edith Derdyk – Exposições 1992 – 2002.

A figura 1 mostra a instalação da artista, na qual ela utiliza carretéis de linhas, grampos e grampeador para produzir seus trabalhos. As linhas são pregadas na parede pela própria artista. Este movimento de ir e vir com a linhas no espaço, causa a característica transitiva de suas obras, no qual o artista é a própria ponta do lápis que leva a linha a transitar no espaço.

FIGURA 2 2015 CONTRAPELO UP AND DOWN ARTSY SPARTE



Fonte: Edith Derdyk – Exposições 2003 – 2001.

Nesta outra instalação representada na figura 2, Edith mostra em seu trabalho a força visual e física da linha ocupando o espaço. A artista deu visibilidade às forças que as linhas conseguem provocar, suspendendo cada papel criando assim, segundo a autora “a ideia de um livro aberto, de uma costura esgarçada, ou ideia de situação burocrática devido ao empilhamento dos papéis”

Nestas obras é possível perceber a utilidade do papel não como um campo que abriga uma representação ou a linha como um contorno representativo, mas ferramentas que levam o desenho a ser um fato escultórico ou instalativo, como afirma a artista.

Conforme nos ensina esses autores, quando investigamos cada vez mais o desenho podemos encontrar muitas definições e possibilidades a serem exploradas no campo artístico.

ENSINO DO DESENHO

Para Rosa Iavelberg é importante libertar-se dos cânones acadêmicos para uma orientação contemporânea do ensino do desenho. No tradicional, a escola possui grande influência neoclássica no método de ensino. As atividades impostas aos alunos na grande maioria das vezes se limitam a práticas repetitivas de treinos de habilidades. O que interessa é o domínio técnico e o resultado final do desenho. Esta forma de ensinar deixa de lado o processo artístico do aluno que também é importante. A autora, então, destaca como é necessário que as propostas com ênfase no ensino técnico do desenho seja mais relaxado, pois pode inibir o aluno a apenas desenhar de forma representativa e na contemporaneidade o desenho extrapola esse limite, pois “[...] hoje, desenho é linha, gesto e movimento que geram espaços em superfícies, no plano físico e virtual.” (IAVELBERG, 2017). O próprio aluno ciente desses possíveis caminhos a explorar e experimentar, poderá adequar o desenho a seus próprios esquemas. O desenho em formato de instalação, o desenho apresentado como uma escultura, etc. há diversos meios para apresentar uma ideia ou mesmo uma imagem figurativa, escapando dos limites do papel. Deste modo, Rosa Iavelberg propõe um ensino centrado na criança, como sujeito criador informado, que produz como protagonista de seus desenhos.

Edith Derdyk (2020) acerca do ensino do desenho tradicional, afirma:

O expoente máximo do Neoclassicismo francês era o artista Jean – Auguste Dominique Ingres (1780-1867), que dizia que ‘o verdadeiro desenho é a linha’. A apropriação inadequada desse conceito determinou as vertentes do ensino artístico, que vigora até os nossos dias dentro das instituições acadêmicas.

Essa maneira neoclássica de pensar a linha como contorno, traz a ideia de cópia do real e perfeição nos traços, o que torna o ensino do desenho para a criança algo difícil.

RESULTADO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E DOS DESENHOS COLETADOS

Na Casa de Acolhida Santa Rita foram entrevistados dois professores, cujo método de ensino é bem semelhante. Ambos utilizam o estilo realista nas práticas de desenho dos alunos. O material frequentemente usado em suas aulas são o lápis grafite, papel sulfite, régua, borracha, prancheta e modelos impressos de imagens figurativas. O desenho de observação é o exercício mais praticado em sala de aula. Esse método consiste no aluno observar as figuras impressas ou objetos do cotidiano e copiá-las para o papel. Os dois professores concordam que a técnica da escala é o modo mais eficaz de ensinar desenho.

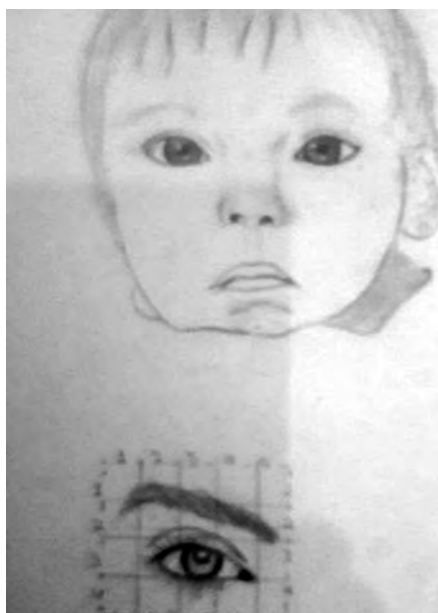
Na pergunta sobre quais atributos são fundamentais para realizar o desenho, obteve-se respostas um pouco distintas. O professor “A” afirma que ter o domínio das técnicas, ser paciente e detalhista são os atributos fundamentais, enquanto o professor “B” afirmou que observação, concentração, paciência, perseverança e organização, são os mais necessários. Quanto aos alunos serem estimulados a desenhar com marca pessoal, ambos os professores disseram incentivar esta prática através de desenhos realizados livremente com temáticas amazônicas e entre outras.

FIGURA 3 ALUNO UTILIZANDO IMAGEM IMPRESSA PARA O EXERCÍCIO DO DESENHO DE CÓPIA



Fonte: Arquivo do professor A (2021).

FIGURA 4 DESENHO DE FIGURAS HUMANAS



Fonte: Arquivo do professor B (2021).

FIGURA 5 DESENHO REPRATANDO UMA MULHER

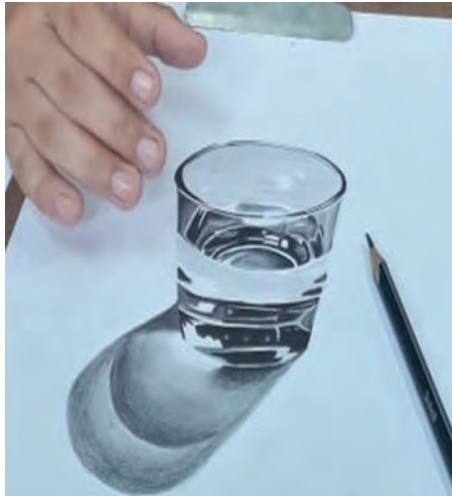


Fonte: Arquivo do professor B (2021).

Numa análise geral das respostas coletadas na Casa de Acolhida Santa Rita, salientamos que o ensino do desenho possui forte aproximação com as heranças neoclássicas. Os dados da entrevista e as fotos enviadas pelos professores revelam que o método empregado se baseia na cópia, promovendo assim desenhos no estilo realista.

No Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro as entrevistas foram feitas com dois professores, cujo métodos se assemelham e se diferenciam em algumas abordagens. Ambos trabalham o desenho enfatizando o estilo realista. O exercício de observação também está presente nas práticas, assim como a utilização dos modelos de imagens impressas para o emprego da cópia no desenho.

Analisando as respostas do professor “C”, percebe-se que seu método é mais voltado para o tecnicismo, pois além do desenho de observação, modelos de imagens figurativas e o emprego do referencial realista na produção dos alunos, o professor poucas vezes faz uso do desenho de imaginação/criação. Para um bom desenho, afirma que os atributos necessários são domínio técnico e conhecimento dos elementos visuais, acrescenta que para o aluno ter marca pessoal em seus trabalhos, deve primeiro ter o conhecimento mínimo das técnicas.

FIGURA 6 DESENHO EM 3D DE UM OBJETO DO COTIDIANO

Fonte: Arquivo do professor C (2021).

Ao analisar as respostas do professor “D”, observou-se que o seu método de ensino se mescla com abordagens técnicas e experimentais. Não faz uso somente do desenho de observação, trabalha com desenho cego, de cabeça para baixo, criação de personagens a partir de formas geométricas e produção artística a partir de diversos temas. Apesar da ênfase no realismo, incentiva a prática de outros estilos, como o desenho japonês. Utiliza em sala imagens impressas de diferentes figuras para a cópia nos desenhos e estimula o uso da marca pessoal nas produções através de temas sugeridos. O professor “D” afirmou que os atributos fundamentais para realização do desenho são ir além do figurativo e do belo. Vik Muniz, Hélio Oiticica, Marcel Duchamp são alguns dos artistas que este professor utiliza como referências para determinadas atividades. Nas imagens abaixo nota-se a produção dos alunos com materiais diferenciados, como a utilização de produtos alimentícios.

Os suportes também vão além do papel: Pratos e tecidos são usados como base para os trabalhos. Percebe-se que o professor não limita os alunos, mas os apresenta uma abordagem mais aberta para o fazer artístico. Porém, as imagens das obras ainda são representações de outras figuras e objetos.

FIGURA 7 DESENHO DE UM PÁSSARO

Fonte: Arquivo do professor D (2021).

De modo geral, com base nas respostas coletadas, o ensino do desenho no Liceu divide-se em um ensino fortemente ligado aos métodos advindos da herança neoclássica assim como um ensino cujos métodos expandem essas características do ensino tradicional.

No Centro Educativo Nossa Senhora das Graças ambos os entrevistados utilizam o desenho de observação com frequência, assim como também o de imaginação/criação. Os dois educadores promovem o desenho de imaginação/criação a partir das vivências do aluno fora de sala de aula e também estimulam o uso da marca pessoal nas produções dos mesmos.

O professor “E” afirmou que os exercícios propostos em sala variam de observação a desenhos de criação, livres e com formas iniciais. Também respondeu que em sua proposta não usa modelos para cópia e nem utiliza obras de outros artistas como referência. Considera o criar e observar, um método eficaz para ensinar o desenho e quanto aos atributos fundamentais para a produção referiu materiais como: lápis, folha A4, lápis de cor, tinta, pincel etc.

FIGURA 8 DESENHO DE FORMAS**FIGURA 9 DESENHO DO DIA DAS MULHERES**

Fonte: Arquivo do professor E (2021).

No entanto, o professor “F” respondeu variar os desenhos, incluindo o realismo e utilizar imagens impressas para o desenho de observação e cópia. Faz uso de obras de artistas, como Michelangelo, Leonardo Da Vinci, Cândido Portinari e também obras de artistas da cidade. Refere como atributos fundamentais do ensino do desenho: conhecer e compreender (na prática) o ponto, a linha, a forma, a textura, a cor e as escalas de tons. Acerca da documentação da produção dos alunos do professor “F” este não enviou as imagens. O método de ensino desta escola de arte mostra-se ainda vinculada às heranças neoclássicas, mas também valoriza as experiências (vivências) do aluno nas práticas artísticas.

Em uma análise geral das respostas dos professores das três escolas, é perceptível identificar propostas ligadas ao fazer técnico (herança neoclássica) e também abordagem metodológicas que valorizam a expressividade do aluno enquanto sujeito criador de suas produções (desenho contemporâneo). Porém, o método de ensino do desenho baseado na cópia e observação, enfatizando o carácter realista nas artes continua vigorando nas propostas da maioria dos professores entrevistados, demonstrando que o estilo realista e o fazer técnico é predominante nas aulas de desenho dessas escolas do município.

CONCLUSÃO

Partindo da hipótese que a manutenção e difusão do estilo realista/naturalista, tão predominante na arte parintinense, provém dos métodos empregados nas escolas de artes do município que o adotam como referencial predominante, a pesquisa se propôs, como objetivo geral aprofundar a reflexão sobre o campo do desenho e seus métodos de ensino na contemporaneidade. Para isso, realizou-se um levantamento bibliográfico e

estudo do referencial teórico para maior compreensão acerca do desenho e o seu ensino na atualidade, assim como a elaboração e realização de entrevistas com os professores que nos proporcionou a coleta de informações acerca dos métodos de ensino/aprendizagem do desenho e também a documentação da produção dos alunos.

A realização desta pesquisa nos permitiu compreender e aprofundar nosso conhecimento sobre como o desenho é abordado nas escolas de artes Casa de Acolhida Santa Rita, Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro e Centro Educativo Nossa Senhora das Graças e apontar o diversos caminhos possíveis para o ensino e compreensão do fazer artístico no cenário atual com base nas contribuições teóricas de Edith Derdyk, Lucio Costa e Rosa Iavelberg.

Quanto aos resultados obtidos, constatamos a utilização de propostas que supervalorizam o fazer técnico na maioria das abordagens metodológicas dos professores entrevistados – fazer este que os autores estudados atribuem aos pressupostos artísticos herdados pelas escolas de arte brasileiras na ocasião da Missão Francesa. Tais métodos são voltados ao caráter representativo do desenho, valendo-se sobretudo ao manuseio do lápis sobre papel, limitando as potencialidades expressivas do desenho. Outro aspecto identificado ao longo da pesquisa foi a ausência de referenciais em desenho provenientes de diferentes povos e culturas que compreendem a linha no desenho para além da ideia de contorno ou mimese. O contato com outros referenciais no âmbito do ensino seria de grande valia para uma visão mais complexa e rica do desenho (incluindo o uso variado de materiais e superfícies). Os métodos e referenciais empregados no ensino tem implicação direta nas produções dos alunos, na ideia de arte que se constrói pelo fazer, repercutindo conseqüentemente na produção artística local e no entendimento da arte amazônica. Esta investigação aprofundou o entendimento da importância da representatividade indígena na construção dos saberes artísticos no contexto amazônico, visto que

[...] através dela, podemos interpretar a história com um olhar não tradicional eurocêntrico e também conhecer os movimentos culturais e artísticos indígenas atuais, e assim desconstruir as ideias estereotipadas através do protagonismo deles no meio artístico [...] (TAVARES, 2018, p. 283)

Reforçamos que é de suma importância que o professor considere as diversas possibilidades expressivas do desenho, e o quanto interessante seria mostrar ao aluno como explorar as potencialidades dessa prática, pois quando se apresenta uma única visão de arte (europeia) estamos limitando também as muitas formas do aluno de se expressar e descobrir novos caminhos por meio da arte. Assim sendo, Edith Derdyk (2020) nos

fala que “Como herdeiros da missão francesa, nos falta, em nossa formação intelectual e universitária, o sentido da palavra ‘desenho’ anterior à missão francesa [...]”, isto é, entender o desenho sem a carga da herança neoclássica. Por esse fato se vê ainda hoje vigorar o olhar europeu sobre o desenho. Somos um povo multicultural, é fundamental uma compreensão do desenho que abarque diferentes definições e caminhos para realizá-lo, só assim poderemos ampliar o sentido da palavra desenho para além da colonização. Esta é uma grande lacuna em nosso repertório: estar ciente que não há uma única forma de desenhar. É importante para o educador ou professor de desenho conhecer e reconhecer esta falta, para que repasse aos seus alunos e todos possam tomar consciência das inúmeras possibilidades que o desenho proporciona e, de como pode ser vasto o seu campo expressivo quando consideramos as diferentes manifestações artísticas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Do desenho. *In: Aspectos das artes plásticas no Brasil*. 2ª. Ed, São Paulo: Martins, 1975.p. 69-77 Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5132991/mod_resource/content/1/ANDRADE%2C%20Mario%20de.%20Do%20desenho.pdf Acesso em: 14 de abr. 2021.

BISMARCK, Mário. **Desenhar é o desenho**. FBAUP – Livro de Atas de Conferência Nacional, 2007. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/19089/2/470.pdf> Acesso em: 01 mai. 2021.

CATTANI, Icléia Borsa. **Arte contemporânea: o lugar da pesquisa**. *In: BRITES, Blanca e TESSLER, Élida (orgs). O meio como ponto zero*. Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

COSTA, Lúcio. **O ensino do desenho**: programa para reformulação do ensino de desenho no curso secundário, por solicitação do ministro Capanema. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 1940. Disponível em: http://livrosgratis.com.br/download_livro46235/o_ensino_do_desenho. Acesso em: 01 de out. 2019.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. 5. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Panda Educação, 2020.

DERDYK, Edith. **Exposições 2003-2021**. Disponível em: <http://cargocollective.com/edithderdyk/Exposicoes-2003-2021> Acesso em: 19 de jul. 2021.

DERDYK, Edith. **Exposições 1992-2002**. Disponível em: <http://cargocollective.com/edithderdyk/Exposicoes-1992-2002> Acesso em: 19 de jul. 2021.

DERDYK, Edith. Entre linhas. [s. l: s. n], 2016. 1 vídeo (1h40) Publicado pelo canal **Porto Iracema das Artes**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t_sthebn8q4 Acesso em: 20 out. 2020.

FERTILE earth: véxoa and contemporary indigenous art in the Pinacoteca de São Paulo. [S. l: s. n], 2021. 1 vídeo (22 min 51 segs) Publicado pelo canal **Culturas of Antirracismo na América Latina (CARLA)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7VnYH4VgaAE> Acesso em: 31 jan. 2021.

FORTIN, S. GOSELIN, P. **Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico**. ARJ. Un. Federal do Rio Grande do Norte, V 1/1, 2014, p. 1-17.

HAAS, Patrick de. O desenho contemporâneo. *In: Le dessin contemporain: vers un élargissement du champ artistique*. Clamecy: Imprimerie Laballery, 1992. (Actualité des arts plastiques, 51). Tradução de Richard JOHN.

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2017. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 1940. Disponível em: http://livrosgratis.com.br/download_livro46235/o_ensino_do_desenho Acesso em: 01 de out. 2019.

MOMOLI, Daniel Bruno. **Os desafios da pesquisa em arte: entre a formação do professor e a metodologia da pesquisa em artes visuais**. UNIARP, 2012. Disponível em: <http://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/professare/article/download/13/27> Acesso em: 05 de out. 2019.

REY, Sandra. **Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais**, PortoArte, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 81-95, nov. 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27713>. Acesso em: 23 de set. 2019.

TAVARES, Paola Amaral. **Artes visuais indígenas contemporâneas do Brasil: resistência e manifestações indígenas através de expressões artísticas**. Rebento, São Paulo, n. 9, p. 280-297, dez. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/278/199> Acesso em: 25 mar. 2021.

VÉXOA: nós sabemos na Pinacoteca de São Paulo e a arte indígena contemporânea no Brasil. [S. l: s. n], 2021. 1 vídeo (1h42min) Publicado pelo canal **Culturas of Antirracismo na América Latina (CARLA)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MoCW6AERCvo&t=1s> Acesso em: 31 jan. 2021.

ZAMBONI, Silvio Antônio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. Campinas: Autores Associados, 1998.

CAPÍTULO III
FOLKCOMUNICAÇÃO, CULTURA POPULAR
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

CAMPO SOCIAL, FACEBOOK E O LÍDER FOLKMIADIÁTICO: UM OLHAR EM PIERRE BOURDIEU

Renan Jorge Souza da Mota¹

Adelson da Costa Fernando²

RESUMO: Os avanços da tecnologia trouxeram transformações sociais e culturais e novas formas de se comunicar. As Comunidades Carismáticas Católicas, na cidade de Parintins-Am, com a pandemia provocada pela Covid-19 e a percepção da impulsão das redes sociais nesse período foi obrigada a repensar as suas maneiras de comunicação, de evangelismo e disseminação de suas crenças. A Comunidade Carismática Católica Fanuel, interlocutora desta pesquisa, tem se adaptado aos novos tempos, aos novos meios e às novas ferramentas, onde a circulação desterritorializada de seu carisma, nas redes sociais, articula-se com os processos das novas arenas de comunicação, onde se destacam as mídias digitais. É assim que o facebook tem se constituído em um veículo folkmiadiático, no qual os líderes carismáticos, da referida comunidade, têm se constituído em ativistas folkmiadiáticos, nesse sentido este artigo aborda este novo campo do ativista folkmiadiático como o campo de relações sócias específico visto pelo teórico Pierre Bourdieu e que determina, massifica e legitima o trânsito comunicacional do líder carismático.

Palavras-chave: Carisma; Líder carismático; Comunicação popular; Ativismo folkmiadiático; Mídias digitais;

INTRODUÇÃO

O estudo do trânsito do líder carismático no facebook exigiu um diálogo com as noções de campo, em Pierre Bourdieu, e para isso articulou-se um olhar para a plataforma de rede social Facebook. Refletiu-se acerca da presença, as configurações e o papel desempenhado pelo líder carismático no contexto virtual do facebook, identificando as relações e conflitos por poder a partir de uma comunidade carismática católica.

Neste sentido, apresenta-se o conceito de campo em Pierre Bourdieu a partir de apropriações realizadas em seu pensamento, uma viagem por alguns intérpretes na busca por resultados que levasse a um entendimento ao ponto de fazer essa relação de forma concreta, pois “a teoria geral dos campos, que pouco a pouco, se foi assim elaborando, nada deve, ao contrário do que possa parecer, a transferência mais ou menos pensada, do modo de pensamento econômico, embora, ao reinterpretar numa perspectiva relacional a análise de Weber, que aplicava na religião

1 Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia/UFAM e Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pelo Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia /UFAM. (E-mail: renanjorge1771@gmail.com).

2 Sociólogo. Doutor em Ciências da Religião PUC GO, Professor ICSEZ/UFAM e Diretor Regional Norte da Rede Folkcom (e-mail: acostaf@ufam.edu.br)

um certo número de conceitos retirados da economia, (como concorrência, monopólio, oferta, procura, etc.).

A teoria econômica, como se espera poder um dia demonstrar, em vez de ser modelo fundador, deve antes ser pensada como caso particular da teoria dos campos que se constrói pouco a pouco, de generalização em generalização e que, ao mesmo tempo permite compreender a fecundidade e os limites de validades e transferências como as com que Weber opera, e obriga a repensar os pressupostos da teoria econômica à luz sobretudo do conhecimento adquirido a partir da análise dos campos de produção cultural. A teoria geral da economia dos campos permite descrever e definir a forma específica de se revestem, em campo, os mecanismos e os conceitos mais gerais [...] (BOURDIEU, p. 69).

Só assim, com efeito, mediante uma crítica da visão intencionista das relações entre os agentes religiosos, propostas por Weber, é que implicava uma crítica retrospectiva da minha representação inicial do campo intelectual; ele propunha uma construção do campo religioso como estruturas de relações objetivas que pudesse explicar a forma concreta de interações que Marx Weber descrevia em forma de tipologia realista (BOURDIEU, p. 70).

CONCEITO DE CAMPO EM PIERRE BOURDIEU

A concepção de campo em Pierre Bourdieu se refere a um espaço onde as relações sociais ocorrem, se moldam, se propagam, se fortalecem, onde as conexões com o eu e com o outro se expandem e dá forma ao que antes era abstrato; um espaço que tende a ter suas especificidades onde a atuação do agente denota também de uma maneira específica de comportamento, e por fim é o ambiente onde o capital é cobrado também de forma específica.

Claro que tudo isso vem de uma síntese na qual pretende-se trazer neste texto, de forma a gerar clareza a esse conceito tão complexo de Pierre Bourdieu, porém, que se julga de extrema importância para a compreensão das ações sociais. Antes de mais nada se faz necessário irmos de encontro com a gênese do conceito, onde o autor esmiuçou e discutiu a respeito dos vários tipos existentes de campo.

Desta forma, na gênese do conceito de campo, com registros na obra “Poder simbólico”, de Bourdieu e traduzido para língua portuguesa por Fernando Tomaz, podemos perceber que a noção de campo

[...] serviu primeiro para indicar uma direção a pesquisa, definida negativamente como a recusa a alternativa da interpretação interna e da explicação externa, perante a qual se achavam colocados todas as ciências das obras

culturais, ciências religiosas, história da arte, ou história literária: nestas matérias, o formalismo nascido de uma teorização de uma arte que tange a um alto grau de autonomia e um reducionismo empenhado em relacionar diretamente as formas artísticas com formas sociais (BOURDIEU, p. 64).

Ou seja,

compreender a gênese social de um campo, e aprender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, no jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas, em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e as obras por ele produzidas, e não como geralmente se julga, reduzir ao destruir [...] (BOURDIEU, p. 69).

Como uma espécie de guia para a compreensão das relações sociais do indivíduo a partir do ambiente, do espaço onde esse mesmo indivíduo é formado culturalmente. É importante pensar neste campo como um lugar determinante para o indivíduo, tendo em vista que esse conceito por muitas vezes foi ignorado em outros estudos da sociologia, que tentem a se colocar como defensor somente de uma visão das formas dos estudos sociológicos, “a saber, o fato de ignorarem o campo de produção como espaço social de relações objetivas” (BOURDIEU, p. 64).

Para exemplificar melhor, me refiro aos defensores do ambiente social como único influenciador do indivíduo, ou ao contrário o indivíduo é único e somente a causa de suas ações sociais.

Assim, para construir realmente a noção de campo, foi preciso passar para além da primeira tentativa de análise do campo intelectual como universo relativamente autônomo de relações específicas: com efeito, as relações imediatamente visíveis entre os agentes envolvidos da vida intelectual – sobretudo as relações entre autores ou entre autores e editores (BOURDIEU, p. 65-66).

Um conceito dominante do que diz respeito a estruturas estruturantes de Bourdieu é como o conceito de campo está firme nas relações de dominação dos meios sociais. Neste sentido, segundo Bourdieu (2011),

[...] as diferenças de capitais dos participantes desse espaço criam hierarquizações e tensões constantes entre dominantes e dominados. Os que ocupam as melhores posições são aqueles que possuem mais capitais e, por conseguinte, ditam as regras do campo. Esses capitais não estão, necessariamente, relacionados a questões econômicas. O capital pode ser do tipo simbólico traduzido, por exemplo, em forma de títulos e honorárias reconhecidas pelos demais agentes do campo (BOURDIEU apud SANTOS 2011).

Essa mesma premissa do autor referente ao campo tem como fundamentação o fator dinâmico do campo, onde as ações feitas por vários indivíduos tendem a mudar constantemente, pois segundo Bourdieu (2011) “essa estrutura não é imutável e a topologia que descreve um estado de posições sociais permite fundar uma análise dinâmica da conservação e da transformação da estrutura da distribuição das propriedades ativas e, assim, do espaço social” (BOURDIEU, 2011, p. 50. grifo do autor):

É isso que acredito expressar quando descrevo o espaço social global como um *campo*, isto é, ao mesmo tempo, como um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou transformação de sua estrutura (BOURDIEU apud SANTOS, 2011a, p. 50. Grifo do autor).

O conceito de campo em Bourdieu e suas atribuições para a pesquisa sociológica, trouxe contribuições muito válidas para o presente trabalho que pensa o campo de forma virtual, ou seja, os elementos trazidos no conceito de campo pode muito bem ser observado no campo virtual (ou seja, a rede social facebook) que fornece a essa investigação um arcabouço singular para entender o trânsito do líder folkmediático na sua forma de comunicar e na propagação de formas simbólicas, visão de mundo, crenças, uso e costumes por meio do carisma.

O CAMPO SOCIAL DO FACEBOOK E O LÍDER FOLKMIDIÁTICO: UMA VISITA EM PIERRE BOURDIEU

O Facebook pode ser considerado um microcosmo social que goza de certa autonomia, porque encontra-se nele uma lógica própria, leis e regras específicas, mas que é possível ser influenciado e relacionar-se com a sociedade mais ampla. É um espaço virtual, midiático, onde ocorrem lutas, disputas, conflitos para permanecer ou alcançar determinadas posições vistas como lugar de privilégios na visão do público interno e externo da comunidade. Posições como a do líder e dos consagrados da Comunidade Fanuel, a qual estudamos, geram um olhar de grandiosidade e admiração pelos membros postulantes a uma posição de mérito, o que pode ser percebido como um lugar, um título de desejo o qual esses procuram alcançar a todo custo.

Essas posições são obtidas pela disputa de capitais específicos, valorizados de acordo com as características de cada campo. Os capitais são possuídos

em maior ou menor grau pelos agentes que compõem os campos, diferenças essas responsáveis pelas posições hierárquicas que tais agentes ocupam (PEREIRA, 2015, p. 350).

Tais hierarquias definem como cada agente se comporta dentro desse espaço, o que movimenta essas trocas de forças e que dá dinamismo para a ação das propostas do líder para os comuns. Essa dinâmica acaba construindo um novo jeito de propagar seus interesses, assim percebemos os conflitos dentro desse espaço como necessário para o impulsionamento de suas atividades enquanto comunidade.

O facebook tem uma dimensão relacional. A dinâmica do facebook produz manifestações que estão em contínua relação e movimento. Na medida em que as pessoas se relacionam nesse ambiente, mesmo de forma organizada, há de supor a existência de confronto, na busca pela consolidação e subversões de posições, luta pela conquista do espaço midiático e por capitais específicos, o que gera tensão entre os agentes dessa relação na procura intensa pelo poder. Isto porque, segundo Bourdieu, todo campo, e o facebook é um campo, “é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2004, p. 22-23).

O facebook, ao ser constituído como um veículo folkmediático, é estruturado por agentes, indivíduos que elaboram os espaços e os fazem existir pelas relações que ali estabelecem. É importante destacar que “um dos princípios dos campos, à medida que determina o que os agentes podem ou não fazer (PEREIRA, 2015), é a “estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes” (BOURDIEU, 2004, p. 23). É preciso considerar o lugar que os agentes ocupam na estrutura do facebook para que se possa indicar suas tomadas de posição.

Na dinâmica interna da página no facebook da Comunidade Católica Fanuel ocorrem disputas, dominação e legitimação dos bens construídos ali, mas também pode-se perceber como as relações são definidas e praticadas por esses adeptos da comunidade. Os lugares pré-definidos de cada integrante nesse campo não necessariamente reprime esse agente de determinadas decisões e posturas; dentro desse ambiente, porém, aceitar as regras do campo é fundamental para a aceitação e aprovação nele. Regras como obediência aos líderes, devoção às entidades adotadas pela comunidade, compromisso e maturidade, são elementos cobrados pela Fanuel que caracteriza a aceitação das normas, pela boa vontade em relação à cultura e às regras legitimadas (PEREIRA, 2015).

Há também o tipo de relação que Bourdieu chama de “herética”, onde ocorre a contestação às normas cobradas pela comunidade e posição que o agente ocupa nesse espaço. A cobrança pela posição se constrói

pela vontade de poder, de reconhecimento do agente por parte de seus pares. Atitudes híbridas também podem ser observadas na relação dos agentes na comunidade Fanuel, que se mantém obediente, mesmo que discorde de sua posição dentro do campo, reafirmando o domínio do líder.

É importante pensar que existem vários participantes da comunidade que não necessariamente fazem parte por inteiro da dinâmica que constrói o movimento comunitário, mas que vivem nesse campo de forma provisória, como curiosos que não necessariamente estão em concorrência,

de fato, pode-se participar de um universo como praticante amador [...], simples consumidor [...], ou ainda na qualidade de simples participante na organização material desse universo, sem participar diretamente do jogo que nele se joga” (LAHIRE, 2002, p. 49-50).

Deste modo, de todas as atividades das quais os séquitos participam de modo temporário, não podem ser consideradas “campo”. A teoria dos campos, portanto, consiste em “iluminar os grandes palcos”, mas não para olhar “os que montam esses palcos” (LAHIRE, 2002, p. 50), visto que não contempla os excluídos das atividades profissionais e os participantes daquelas que contam com pouco prestígio.

O conceito de campo deve ser utilizado quando nos referimos a “certos espaços de posições sociais” nos quais ocorre produção e consumo de bens. Situando historicamente o conceito, afirma-se que, no interior dos setores e campos da realidade social, os líderes e adeptos do catolicismo carismático passam, então, a lutar pelo controle da produção e, sobretudo, pelo direito de legitimamente classificarem e hierarquizarem os bens produzidos (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 31).

Trazendo algumas características dos campos, Nogueira; Nogueira (2009) fala sobre as posições ocupadas pelos seus agentes: de um lado as posições dominantes, que podem ser relacionadas a estratégias conservadoras, e de outro as posições inferiores, responsáveis por estratégias que variam entre a conservação e a contestação. Referem-se também às disputas próprias dos campos, às lutas, às formas dominantes e dominadas da cultura.

Neste sentido, percebemos que nos estudos de Bourdieu, de forma pontual, é possível afirmar que a ligação entre o agente e a construção do ambiente social depende de uma relação entre o campo e o que ele chama de habitus. Na visão de Catani (2004), a reciprocidade entre os conceitos referidos ocorre na tentativa de superar a dicotomia entre objetivismo e subjetivismo: na defesa por uma relação dialética entre indivíduo e estrutura, e na contracorrente das vertentes que privilegiam um ou outro polo.

A FOLKMÍDIA, O CAMPO E SUA RELAÇÃO COM O HABITUS E O CAPITAL

A relação de campo, habitus e capital é uma relação vista muito em Bourdieu, pois ele compreende esses elementos como uma relação de lutas pelo poder. Além de ser um microcosmo social dotado de leis, formas e cobranças específicas, cada campo tem uma ligação a determinados capitais, na construção do espaço onde esses capitais são movimentados, ganham valor e se legitimam. No entanto, dependendo da característica desse campo, outro capital tende a ter maior importância, agregar maior valor.

Nesse sentido, é também dentro do campo que podemos observar o habitus, pois é justamente no campo, com suas formas particulares, que é privilegiado o habitus também de maneira específica. Desta forma, como “estruturas estruturadas que funcionam também como estruturas estruturantes, o habitus pode ser definido como “sistema de disposições duráveis” (PEREIRA, 2015). Nessa noção de estruturas estruturantes podem ser consideradas assim à medida que quem as constrói, praticam e as representam são os agentes; porém, também são estruturadas, pois quem as influenciam, inventam, criam e recriam são novamente esses mesmos agentes, que criam e se apropriam, e ressignificam as regras, as normas, para apresentar para seu público com diferentes usos. Segundo Catani (2004),

pode-se afirmar que o habitus é construído num processo de aprendizado como “produto da relação dos agentes sociais com diversas modalidades de estruturas sociais”. As experiências que constituem os sujeitos são variadas, alcançando especial relevância aquelas apreendidas na família no momento da primeira socialização, assim como as provenientes da incursão no universo escolar.

É importante pensar o habitus como um elemento indispensável na dinâmica construída em um campo, pois, é ele que é responsável pela ação dos agentes nos conflitos existentes ali, disputas que estabelecem confrontos, mas também constrói posições, é que define a forma e os capitais a qual o agente irá se confrontar, se posicionar no campo; [...] o habitus, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (BOURDIEU, 1989, p. 61).

Avançando nos conceitos propostos por Bourdieu, veremos como é importante e fundamental o conceito de capital para uma compreensão mais profunda das noções de campo. Na relação como os campos, o capital ou capitais se relacionam de forma mais ampla na forma de ver a realidade social, pois, Bourdieu percebeu a existência de outros tipos de capitais além do aspecto econômico, antes atribuída por Karl Marx.

Partindo de uma visão com várias formas, Bourdieu parte do conceito de capital social e capital cultural, os que passam heranças culturais às pessoas e esses por sua vez se relacionam por meio dessas heranças em locais específicos para essas práticas. Quando Bourdieu fala de capital cultural ele se refere aos primeiros momentos no ato de se relacionar com o outro, experiência vivida por toda vida social, porém, que deve ser bem observada em seu processo prático. É só pensarmos em nós mesmos quando falamos ou ouvimos e aproximamos de pessoas desconhecidas, alguém que acabara de conhecer. Essa relação para ocorrer depende muito de fatores que coletamos durante a vida, ou de forma mais objetiva esse contato só é objetivo por essas informações culturais adquiridas, ou seremos meros “estranhos no ninho”. Já o capital social são construções formadas durante uma trajetória que permite dá acesso a algum ou alguns campos da sociedade. Isso tende a proporcionar para a pessoa posições que almeje poder. De acordo com Nogueira; Nogueira (2009),

para referir-se ao “poder advindo da produção, da posse, da apreciação ou do consumo de bens culturais socialmente dominantes, Bourdieu utiliza, por analogia ao capital econômico, o termo capital cultural”. Por meio deste conceito fala sobre “bens” que possuímos, como a capacidade do uso adequado da língua culta, situação que nos traz “uma série de vantagens sociais” e que “funciona como uma moeda (um capital) que propicia [...] uma série de recompensas”.

O líder folkmediático, então, transita e interage entre a cultura de massa e a popular. Deste modo, a palavra folkmídia foi usada na Inglaterra em 1972 e posteriormente em Nova Delhi, dois anos após, mas significava algo como “os meios de comunicação a partir de elementos folclóricos”, muito parecido, portanto, com o termo “Folkcomunicação”.

Quando entendemos a Folkmídia no contexto da Folkcomunicação, entendemos o intercâmbio de informações entre a cultura folk e o mass media, com efeito, estes alimentam-se de informações da cultura folk e a cultura folk alimenta-se de informações do mass media, principalmente no que tange as informações que estejam fora do âmbito regional. Ou seja, são

os estudos dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se socializam e convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada (HOHLFELDT, 2002 apud SCHMIDT, 2008, p. 8).

A folkcomunicação é a forma de um povo transmitir sua cultura, seu pensamento, sua maneira de viver. Isso pode acontecer de diversas

formas, como por exemplo, através das danças, nos seus rituais religiosos e de passagem, por meio da literatura oral, e muitas vezes dos versos relatados por conhecidos, parentes, tradição percebida em algumas partes do Brasil, porém com as peculiaridades de cada região devido a colonização de cada cidade.

Os veículos de comunicação popular ou de folkcomunicação, como Melo (1999) preferiu denominar, mesmo primitivos ou artesanais, atuavam como meros retransmissores ou decodificadores de mensagens desencadeadas pela indústria da comunicação de massa: jornais, revistas, rádios, televisão. Mas o líder folkmediático tem grande poder persuasivo, pois os mecanismos utilizados para a expansão da mensagem são conhecidos, ou devem ser conhecidos facilmente pela população. Na verdade,

quando se fala em folkmídia, lembramos diretamente do conceito de folclore – termo pelo qual se origina a palavra Folk. Folclore é a cultura popular, narrada pela tradição (...), qualquer objeto que projete interesse humano, além de sua finalidade imediata, material e lógica, é folclore (CASCUDO, 1998, p. 400).

O folclore é a tradição dos nossos avós que é percebido nas expressões da religiosidade, culinária, festejos comemorativos, brincadeiras de roda, cantigas, e tudo aquilo que preserve o modo de ser de um povo. “O folclore deve estudar todas as manifestações tradicionais na vida coletiva” (CASCUDO, 2012).

A Folkmídia é a apropriação dos mass media pela dinâmica da transmissão folclórica, seja ela oral – contos, gestual – autos, escritos – cordéis e folhetos, através de signos que possam transmitir a mensagem desejada – utilizando-se de códigos icônicos, linguísticos ou sonoros, como coloca Umberto Eco (em APOCALÍPTICOS e INTEGRADOS, p. 38).

Entendemos a Folkmídia, no contexto da Folkcomunicação, como sendo o intercâmbio de informações entre a cultura folk e os mass media, onde estes se alimentam de informações da cultura folk e a cultura folk alimenta-se de informações dos mass media, principalmente no que diz respeito a informações que estejam fora do âmbito regional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo sendo um estudo preliminar ainda, de formato sintético, este artigo trouxe alguns elementos que podemos refletir a partir das contribuições de Bourdieu. Um olhar folkmediático do facebook a partir do conceito de campo e habitus, em uma plataforma de mídia social capaz de gerar o mesmo impacto social que um lugar físico, com contato.

A proposta aqui foi perceber o trânsito do líder carismático pela ferramenta do facebook, no qual está envolvido por relações sociais, lutas por poder, e que os conflitos são também assimilados neste campo, são internalizados e planejados para algum propósito. Percebeu-se que os processos religiosos desdobrados pela Comunidade Católica Fanuel são veiculados por tais meios para construir e fortalecer relações (por meio de músicas, oratória, artes digitais), mas que também percebe esse espaço como um meio de autopromoção, de ter suas imagens individuais impulsionadas pelo poder que a plataforma tem. Fotos de momentos de adoração são elementos que enche o ego e fortalece ações dentro da comunidade.

A partir desse olhar, negar a referida rede social, em uma observação do campo em Bourdieu, é negar as formas de conflitos que ocorrem ali dentro, é negar a disputa pelo espaço coletivo e ao mesmo tempo altamente individual dos usuários desta rede.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **Campo intelectual e projeto criador**. In: POUILLON, Jean (org.) Problemas do estruturalismo. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

BOURDIEU, Pierre. **A gênese dos conceitos de habituse de campo**. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Ediouro, 9. ed. São Paulo: s/d.

CATANI, Afrânio Mendes. **Pierre Bourdieu**: um estudo da noção de campo e de suas apropriações brasileiras nas produções educacionais. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, V, Braga (PT), 2004. Actas. Braga, Portugal: Universidade do Minho, Braga, 2004. Tema do evento: Sociedades contemporâneas: reflexividade e ação. Disponível em: http://www.aps.pt/index.php?area=001&marea=003&id_pub=PUB460d42061fd7a&id_tema=TEM43a0493f0b512. Acesso em: 22 jan. 2022.

CATANI, Afrânio Mendes; CATANI, Denice Bárbara; PEREIRA, Gilson Ricardo de Medeiros. **Pierre Bourdieu**: as leituras de sua obra no campo educacional brasileiro. In: TURA, Maria de Lourdes Rangel (Org.). Sociologia para educadores. 2 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

HOHLFELDT, A. **Novas tendências nas pesquisas da folkcomunicação:** pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – Intercom, 25., 2002.*

LAHIRE, Bernard. **Campo, fuera de campo, contracampo.** Colección Pedagógica Universitária, n.º 37-38, enero-junio, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Reprodução ou prolongamentos críticos?** Educação e Sociedade, Campinas: CEDES, ano XXIII, n. 78, p. 37-55, abr. 2002.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular:** história, taxionomia e metodologia de Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Martins. **Bourdieu & a educação.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. **O conceito de campo de Pierre Bourdieu:** possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira, Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 337-356, set. dez. 2015.

SANTOS, Rojanira Roque dos. **O emprego do conceito de campo de Bourdieu na análise do Programa mais cultura nas Escolas.** EDUCERE. XII Congresso Nacional de Educação, 2015.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediático.** Comunicação apresentada no Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares, Brasília, DF, 2005.

A FESTA DO BOI-BUMBÁ E O COMPOSITOR DE TOADA COMO AGENTE FOLK

Letícia Lima de Sousa³

Adelson da Costa Fernando⁴

Resumo: Este artigo consiste em um estudo qualitativo sobre o compositor de toadas como um agente popular que produz toadas para comunicar ideias, veicular informações e posições, denunciar e reproduzir sua visão de mundo e da comunidade da qual faz parte. Percebeu-se, na investigação, que as toadas de boi-bumbá conduzem diretamente as apresentações e evoluções na arena; elas norteiam os 21 (vinte e um) itens que são regulados nas noites de apresentação dos bumbás. Para isso, a toada é uma das maiores expressões artísticas do homem amazônida, em Parintins, visto que é nesse momento que a sociedade externa, cria um imaginário através das apresentações mitológicas exibidas na arena, na qual liga o mesmo entre o individual e o coletivo, o real e o imaginário, mitos, lendas e crenças. O compositor de toadas, assim, toma a toada como um dispositivo da cultura popular para ressignificar as demandas de sua comunidade.

O FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS E A ESPETACULARIZAÇÃO DAS TOADAS

Os grupos indígenas são os primeiros habitantes do território brasileiro; estes já habitavam as terras brasileiras antes mesmo da chegada dos colonizadores portugueses no século XVI. Os indígenas que viviam nessas terras eram os mais diversos entre si; tal diferença fez com que houvesse a necessidade de classificar esses povos em grupos étnicos.

De acordo com a entrevista de Clarice Alho, “apesar das características físicas que os indivíduos apresentam, não se costuma mais utilizar o conceito “raça”, mas sim grupos étnicos, que surgiram quando os homens começam a ocupação do planeta” (entrevista concedida ao site www.terra.com.br – acesso em 15.06.2019).

Em Parintins, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 1,01% da população é composta por povos indígenas, o que representa, dos 113.832 mil habitantes, aproximadamente 1.034 indígenas pertencentes principalmente as etnias Sataré Mawé, Hixkaryana e Ticuna.

3 Discente do Curso de Comunicação Social, Jornalismo ICSEZ/UFAM. E-mail: limaleticia.ventura@gmail.com.

4 Sociólogo. Doutor em Ciências da Religião PUC/GO. Professor ICSEZ/UFAM e Diretor Regional Norte da Rede Folkcom. E-mail: acostaf@ufam.edu.br.

O Festival Folclórico de Parintins é apresentado desde 1960, hodiernamente é tomado como um dos maiores espetáculos culturais do Brasil e o maior do Estado do Amazonas. Esta grande festa é motivada pela disputa entre os bumbás Garantido e Caprichoso, representando as cores vermelho e azul. De acordo com Nogueira (2008, p. 95-96),

o boi-bumbá de Parintins é resultado de uma longa experiência na forma de como uma agremiação de foliões pode se comunicar e interagir com o público na arena, com as galeras (torcedores), com os telespectadores, ouvintes e leitores de jornais e revistas – e, sobretudo, como mercado. (...). O boi-bumbá de Parintins adquiriu condições de sinônimos de festa popular da Amazônia porque agregou bens simbólicos e materiais correntes na região, porém adequando-os a modelos já consagrados no mercado, principalmente ao do carnaval carioca (fantasias, alegorias e personagens que ressaltam um determinado padrão de beleza e costumes conhecidos nas audiências).

A gênese do folguedo do boi-bumbá segue a seguinte dinâmica, narrada por Braga (2002, p. 27-28):

Catirina, estando gestante, tem desejo de comer a língua do boi. Pai Francisco, seu marido, fica desesperado e resolve matar o boi do dono da fazenda, denominado Amo do Boi. Pai Francisco, após matar o animal, foge para o mato. Um dos vaqueiros da fazenda denuncia o ocorrido para o Amo que revoltado, resolve ir à caça de Pai Francisco. Para persegui-los o Amo chama os índios guerreiros e seu Tuxaua. Antes da perseguição, os índios são batizados pelo padre que é chamado pelo dono do boi. Os índios trazem Pai Francisco amarrado e o Amo exige seu boi de volta. (...) Sob ameaça ele resolve chamar o pajé para ajudá-lo a curar o boi. O pajé ensina o processo de cura que consiste em dar um espirito no rabo do boi. Pai Francisco faz o que lhe foi ensinado e o boi dá seu urro demonstrando que está vivo. A partir de então todos comemoram com danças, comidas e bebidas.

Conforme Beltrão (1980), a folkcomunicação é um sistema alternativo massivo que difere do grupo de massa. O sistema alternativo busca retratar o viver, o querer e o sonhar dos grupos da cultura popular, expressados por meio de códigos e significados próprios em que seus valores, suas convicções, seu modo de vida estão em consonância com os princípios que norteiam a manifestação cultural. Neste sentido, os personagens do auto do boi, ora retratados, são símbolos fundamentais da festa do boi-bumbá porque revelam crenças, valores e a forma de vida de um determinado segmento social. Cada um de tais personagens representam

símbolos que dinamizam um universo complexo de significados, os quais é nosso interesse dar inteligibilidade neste trabalho.

Nos embalos das três noites, no último final de semana do mês de junho, o ritmo que contagia a ilha tupinambarana é a toada de boi-bumbá. Cascudo (2012) descreve-a como: cantiga, canção, continela, a melodia de um verso. São canções breves, em geral estrofe e refrão de temáticas diversas, tem uma mensagem melancólica e sentimental.

De acordo com o regulamento do Festival Folclórico de Parintins, as toadas têm como mérito “agregar elementos históricos, geográficos, culturais e sociais, desde os momentos primitivos até os nossos dias”. Tem ainda como “elementos comparativos: melodia, métrica, conteúdo, interpretação, composição e harmonia” (2017, p. 18). Segundo o compositor Enéas Dias (compositor de toada, entrevista concedida em 16 de março de 2019),

o festival tem como obrigação de ter rituais, lendas e outras composições que 90% são temáticas indígenas; desta forma, o indígena é retratado de forma poética. Acredita-se que apesar do estudo aprofundado sobre os povos indígenas, ainda fica muito presa a poesias, passando de seu saudosismo para espetacularização.

Antigamente, o festival era mais simples pois quem o construía eram pessoas que viviam (d) aquele cotidiano; eles viviam o festival, eram pescadores, benzedeiros, caboclos, indígenas e nordestinos que traziam sua cultura pra “matar um pouco a saudade” da sua terra natal; essa mistura se transformava em folguedo, tal simplicidade era advinda também da falta de recursos dos mesmos que dependiam da boa vontade de algum empresário da cidade para ajudá-los. As pessoas que construía a narrativa do folguedo eram menos letradas e não se importavam com a visibilidade da festa mas sim em se divertirem com a brincadeira.

Em relação às toadas, Enéas Dias (compositor de toada – entrevista concedida em 16 de março de 2019) afirma que “as primeiras toadas eram cantadas de modo amplo, não tinha um enfoque certo, era apenas a saudação ao indígena”. No passado, nas festas juninas, o folguedo “invadia as noites e madrugadas”, os terreiros das casas da pequena cidade de Parintins, a luz de lamparinas e fogueiras e ao som das palminhas e das toadas de desafio. Os brincantes fantasiavam-se com roupas de palha de bananeira e fibras da região. As crianças brincavam ao redor da fogueira, soltando fogos de artifício e fugiam das chifradas do bozinho feito com pau e pano coberto de lantejoulas e vidrilhos (FARIAS, 1966).

Atualmente existem variedades temáticas que permeiam o festival e toadas que retratam simbolicamente um desafio para os compositores, pois as mesmas devem seguir critérios que serão avaliados por pessoas

com conhecimentos específicos, nas áreas da antropologia, historiadores, indigenistas, entre outras.

Desde o começo me chamava muita atenção a tal de “lenda amazônica”, o lendário. As histórias da literatura oral indígena são muito ricas, né? Ou seja, é uma história que há pouco tempo está tendo registro disso, né? Mas o que me chama muita atenção é como essas histórias perduraram ao longo dos tempos, chegar ao registro a partir da colonização. Mesmo sendo nos moldes do europeu quem escreveu isso, mas isso me chamava muita atenção, de ver o índio com essas histórias carregadas com o tempo, que é representatividade de mitos, de crenças, de histórias que representam a vida desse povo, como eles vivem até hoje, os que viveram e os que não existem mais, né? Chamava muita atenção esse lado de poder imaginar, tentar imaginar essa representatividade. Então o índio é muito rico, a cultura indígena é muito rica, mitologia, cosmologia e xamanismo; então, cada vez mais isso foi me chamando atenção, viu? Fui meio que moldado nesse modelo indígena, tanto é que eu não tinha nenhuma dificuldade de fazer lenda cabocla (Geovane Bastos, compositor de toadas do caprichoso – entrevista concedida no dia 03 de junho de 2019).

O festival passou por várias fases com o decorrer do tempo, do saudosismo até à espetacularização e atualmente vem sendo titulado a um patamar científico. Portanto, fica evidente que o crescimento do festival teve um alto custo na essência de uma cultura tão simples, que envolve sua organização social, cotidiana e costumes. Atualmente vem sendo usada como marketing, para atrair os brincantes a consumir os bens materiais produzidos pelo comércio. É uma realidade contraditória, pois é uma cultura tão rica e de alta importância na história do Brasil sendo demonstrada de forma deturpada. Deste modo,

o festival se vendeu como uma festa popular folclórica, primeiro pro Brasil depois para o mundo e o impacto dos processos de transmissão televisiva do festival que agregava também alguns patrocinadores, entrada de profissionais de fora no festival, alterou muito os temas do festival, acho que até os anos 60 quando começa o festival, e isso está pouco trabalhado na literatura. Os anos 60 são momentos de criação de festivais de uma maneira geral, a gente pode acompanhar a discussão da comissão nacional de folclore, desde os anos 40 havia uma tendência a celebração folclórica regionalizada que ninguém leva em conta quando analisa o festival porque aparece o Dom Arcanjo e a JAC (juventude alegre católica, grupo de jovens que criou o festival de Parintins), porém ele não se criou do nada, em Manaus já tinha festival, já tinha boi, Mario Ypiranga documenta isso lá no livro dele sobre o boi-bumbá. E de uma maneira bastante interessante. Havia duas construções basicamente de identidade nacional que

passava por caminhos diferentes: uma das Ciências Sociais tentando ler criticamente a formação do Brasil pela literatura, pela própria tradição popular, e outra do movimento folclórico, que era celebrativa e tencionava a criação dos festivais folclóricos. Mas o festival folclórico aqui me parece que entre os anos 60 e 80 gravitou muito em torno do boi mais tradicional da figuração mais tradicional do boi. Então o que era o boi? Era os desafios o auto do boi de algumas figuras que foram sendo agregadas a partir de referenciais externos. Então assim, como Parintins teve cinema por bastantes tempos ao longo do século XX, vários artistas locais que não conviviam tanto com os indígenas, abraçava uma figuração indígena, que era dada pela parte norte-americano que aparece em todos os filmes; afinal de conta, entre os anos 50 e 60 tava super na moda os filmes de bang-bang onde tinha lá o indígena norte-americano lutando; o indígena brasileiro estava completamente invisibilizado, neste processo não existia essa representação pra gente, por exemplo, pegar essa representação que vai ser depois da era do folclore ela é muito parecida com a porta estandarte no Rio de Janeiro, poucas figurações que tinha que não existiam antes da configuração desse regulamento e que depois foram entrando (Diego Omar, historiador – concedida no dia 3 de junho de 2019).

Na arena, os enredos exploram as diversidades das etnias contando as histórias e as lendas de cada povo, ressaltando a biodiversidade e a fé do ribeirinho, riqueza cultural do povo amazônico. O processo de construção da toada é longo, geralmente as primeiras feitas são as genéricas (usadas para passagem para uma específica): escolhe-se o tema do festival e a partir daí existe outro processo de composição que são toadas encomendadas conforme o tema e o item, tem continuidade na seleção por ambos os bois; após a escolha, a toada é levada ao intérprete (o levantador de toadas). Porém, este processo varia muito de compositor para compositor. De acordo com o compositor do boi-bumbá Caprichoso, Geovane Bastos, no processo de construção de suas toadas, utiliza livros, documentos e registros para fundamentar suas composições.

50% é minha viagem, minha história, meu conhecimento de mundo (conhecimento empírico), minha concepção e outros 50% fundamentação, registro, é conforme tecnicamente aquilo que vai ser julgado. Isso vai ser analisado por gente de que tem que ter conhecimento a respeito disso; as pessoas são ligadas a essas temáticas, campo de atuação exclusiva, tu mesmo, principalmente na antropologia, né? (Geovane Bastos, entrevista concedida dia 3 de junho de 2019).

O compositor Manoel Marcos Moura, em entrevista concedida no dia 3 de junho de 2019, relata sobre seu processo de construção da toada e de onde vem toda sua inspiração.

Tem dois elementos: a inspiração e a transpiração; elas trabalham juntas. Então a gente precisa ter inspiração que é o dom, dessa coisa mais artística mesmo, né? Mas sem trabalho, sem pesquisas aprofundadas, a gente não potencializa esse dom, essa inspiração. Nossas obras lítero-musicais são reflexo da nossa formação; então, eu, enquanto compositor, vou refletir na minha obra, no meu pensamento, minha visão de mundo, da minha formação; então essa é minha forma, como já dizia Paulo Freire: “se a educação não for libertadora, o sonho do oprimido é tornar-se o opressor”, então a educação precisa ser libertadora para que minha obra seja libertadora e de fato um canal de comunicação folk.

Qualquer lugar, qualquer hora é hora de compor ou escrever, mas eu particularmente, o que me motiva são as causas sociais, as temáticas que precisam ser colocadas de forma contemporânea, muitas vezes crítica; eu no Boi Garantido tenho contribuído compondo com parceiros que se autodenominam os baias; inclusive é um nome indígena que quer dizer os guardiões da tradição. Então é eu, o Enéas Dias e João Kennedy. E fica para mim muitas vezes a missão de propor a temática e fazer uma proposta literária, proposta poética, às vezes já se tem uma métrica, aí entra o Enéas dando um corpo mais de melodia e coletivamente vai contribuir com uns ajustes aqui, e ali e o resultado sai.

A interpretação do índio na toada “Exaltação indígena”, de Fredinho Góes, Marcelo Dourado, Vagner Moreira e Yghor Palhano (2013), conseguiu ser bastante relevante na construção da composição, pois transmite um espetáculo mitológico, com vários significados que conseguem fazer com que os telespectadores saiam do real e crie um imaginário no contexto folclórico.

Do imaginário indígena, seres mitológicos
O inexplicável transe do pajé
Rito, lenda, conto ancestral, pajelança, o sobrenatural
As flechas, as penas, a pele morena reluzem ao luar
A grande fogueira, feitiço clareia pro mal espantar
Aos olhos da mata os filhos da selva fazem comunhão
O sangue que corre nas veias nos fazem a grande nação (idem)

Pode-se analisar, com precisão, a simbologia retratada na poesia construída, através de significados místicos e lendários. Em cada estrofe encontra-se uma vasta riqueza de elementos que compõe a história de um povo, são composições minuciosas que tentam produzir, da melhor maneira possível, a cultura, a geração e os significados constituídos por meio da crença indígena. De acordo com o “artista de ponta” das agremiações folclóricas (pessoas responsáveis pela criação, elaboração e construção das alegorias), é de extrema necessidade conhecer a história da tribo

que vai ser abordada na arena, ou seja, toada, cênica e alegoria são três elementos que levam os observadores ao imaginário.

Segundo o artista plástico, Algles Ferreira, 36 anos, em entrevista concedida no dia 24 de março de 2019, essa etapa de produção dos conjuntos alegóricos precisa ser bem definida e elaborada. É apresentada uma sinopse pelo conselho de artes, no qual todos os artistas responsáveis pelo projeto buscam pesquisar sobre o cotidiano, os costumes e o aldeamento desses povos, para incrementar o cenário e complementar a cenografia.

Todos esses parâmetros folkcomunicacionais levam o expectador a observar, sentir, cantar e viajar no espetáculo que é apresentado, fazendo com que o imaginário se torne real dentro da arena. É nesse momento que não se distingue o real do imaginário, pois acabam se tornando uma só composição. Os mitos, lendas e crenças e toda a misticidade ganham vida nas três noites do festival.

As toadas de boi-bumbá, da cidade de Parintins, agregam ritmos e temáticas próprias, valorizando a tradição da brincadeira de boi, relatando a história dos povos indígenas que viveram e vivem na região amazônica, por meio das danças, celebrações, mitos, ritos, lendas, crenças e contos ancestrais. De acordo com Farias (1966, p. 63), “denominam-se toada as composições musicais feitas para a apresentação dos bois-bumbás; elas versam sobre o tema ou a homenagem escolhida pela agremiação folclórica para o festival”.

A canção “Magia da Toada” retrata as próprias características de uma toada (MEDEIROS; INALDO; MACHADO, 1998):

De onde vem a magia da toada?
Vem do sangue caboclo
Vem do cheiro da cabocla
Ou das águas do grande rio
De onde vem o encanto da toada?
Vem do compasso das remadas
Vem das tribos dizimadas
Vem das cinzas das queimadas
O feitiço e a magia vem da ilha
Tá no sangue
Tá na veia
Tá nas mãos da Dona Nega, a parteira
Ou nos braços de Valdir Viana.

A toada traz consigo a história do povo da região, fala de hábitos, costumes e tradição, conta uma lenda, um ritual ou mito. Fala também sobre

a exuberância da riqueza das águas, da fauna e flora amazônica, traz a força do ribeirinho, a fé do caboclo, a fúria das tribos extintas, traz a emoção, magia e encanto. É ela que dá vida ao festival, suas estrofes e rimas fazem a melodia se tornar um grito pela preservação da natureza, consciência ecológica e sobre o tema primordial: a morte e ressurreição do boi.

Nos anos 1990, a toada era versada de forma simples sem precisar de um tema para norteá-la, era apenas entoada, de forma natural. Atualmente se perdeu aquela essência, pois deve seguir uma série de regras para que a toada seja considerada de fato uma “música para o festival”. As canções são escritas, avaliadas a portas fechadas, se escolhe as melhores para compor o CD de 16 a 20 faixas musicais.

O professor de história Diego Omar conta como eram as toadas nos anos 90:

E aí você pode olhar para as toadas dos anos 90 para cá, e ver uma militância pró-indígena crescendo, né? Então, o indígena não é mais apenas um elemento folclórico a ser representado, mas alguém que entra na festa. Inclusive para falar da mazela dos indígenas, os problemas que os indígenas estão vivendo, da necessidade de preservação dos territórios indígenas e, por outro lado, tem uma transformação do próprio festival que se vai dialogar com o Brasil. Fred Góes vai colocar a flauta Andina, vai colocar o charango nas toadas, que dá outra ambientação, você vai ter aí toadas falando de Incas e astecas, de maias; assim tá olhando para as civilizações pré-colombianas de uma forma já bastante construtivas e depois, eu acho, que ao longo dos anos 2000 você vai reinventando essa figura indígena. Eu gosto muito particularmente dessas toadas que fazem um repertório de tribos e etnias assim, tanto Garantido como o Caprichoso tem algumas toadas que apresentam repertório de etnias indígenas, parece que com as quais os autores estão dialogando. Mas o Caprichoso tem uma toada linda sobre “Vale do Javari” que apresenta os dilemas do Vale do Javari; eu acho que ela é final dos anos 1990, no momento em que a demarcação de terras indígenas está sendo fortemente discutida, né? Porque a partir da Constituição de 1988 assegura os direitos indígenas à terra, por exemplo vai construindo politicamente. Depois então é o garantido que tem também a clássica toada “O índio chorou”, que é uma representação bastante vivaz assim dos dilemas das sociedades indígenas, mas eu acho que é isso assim, você vai apresentando o rosto indígena, que não é o rosto apenas da celebração de um tipo de celebração folclórica do indígena, começa a pensar o indígena como elemento constitutivo da nacionalidade, ponto de tensão política (...) na nossa formação nacional.

Pimentel (2002, p. 40) afirma que a toada “une história e memória, sonho e realidade e que mostram o canto da floresta, dos rios, das tribos

dizimadas, dos costumes da Amazônia”. Vale ressaltar que as alegorias precisam estar em sintonia com a toada. Tudo que for apresentado na alegoria tem que ser cantado na arena, pois é ela que guia sua desenvoltura nas apresentações.

A COMERCIALIZAÇÃO DA TOADA

As festas populares não poderiam ficar de fora desse novo contexto de produção e consumo de bens culturais locais e globais da sociedade contemporânea. As manifestações culturais tradicionais de ciclos: natalinos, carnavalesco, pascal, junino, entre outras tantas festas populares, são “afetadas cada vez mais pelos interesses da indústria cultural. São quase sempre planejadas para atender as demandas de consumo dos interesses econômicos do mercado globalizado e das empresas dos mais diversos ramos e grupos políticos (TRIGUEIRO, 2007).

A classe dominante tem à sua disposição todo um aparato tecnológico de comunicação, que chamamos de indústria cultural, como a produção de jornais, revistas, livros, CDs, filmes etc. Mas as classes populares também se comunicam e utilizam tudo o que podem para expressar suas ideias, sentimentos, modos de pensar e agir. Assim, a produção da notícia como fator de informação não é um fenômeno da elite: as classes populares também produzem e difundem a notícia com o seu próprio sistema de comunicação que são os mais diversos: rede sociais, portais de comunicação, jornais impressos e digitais, entre outros (BREGUEZ, 2007).

As manifestações culturais populares se inserem, cada vez mais, no contexto da sociedade midiática por serem polissêmicas, multicoloridas, alegóricas e por reunirem grande número de pessoas de diferentes segmentos sociais. São, portanto, uma manifestação cultural diferenciada, perfeita para os padrões midiáticos e, especialmente, para a televisão. Todavia, as festas populares continuam mantendo fortes características tradicionais em suas estruturas e nos conteúdos (TRIGUEIRO, 2007, p. 109).

Como disse, com muita propriedade, Gramsci, a cultura popular (folclore) até hoje só foi estudada como elemento pitoresco e coletada como material de erudição. A ciência do folclore consistiu apenas nos estudos a respeito do método de coleta, seleção e classificação deste material. Mas ele deveria ser estudado,

pele contrário, como sociedade em contraposição (também no mais das vezes implícita, mecânica, objetiva) com as concepções elaboradas, sistêmicas e politicamente elaboradas e centralizadas em seu (ainda contraditório) desenvolvimento histórico” (GRAMSCI, 1986. p 183).

Não se pode negar que as festas populares estão agregando valores culturais da sociedade midiática, assim como a sociedade midiática agrega valores culturais da sociedade tradicional. É nesse novo campo híbrido, entre o midiático e o tradicional, que emerge uma cultura de base local vinculada à cultura global em fluxos contínuos de apropriação e incorporação de novos significados (TRIGUEIRO,2007). Deste modo,

as classes populares têm seus próprios estudos, meios de comunicação e expressão e que somente através dele é que podem entender e fazer-se entender. São os meios de comunicação popular como as literaturas oral de cordel, com os cantadores, as histórias e anedotas, os romances cheios de moralidades e filosofias, como os folhetos de romance ou de época, os boletins de propaganda eleitoral com os 'credos' e parodias de orações católicas [].Tudo isto constitui em um aparato comunicacional do povo, no qual as pessoas organizam uma consciência comum, preservam experiências e encontram informação culturais, educação, lazer, recreio e estímulo e dão expansão aos seus pendores artísticos. E se fazem presentes à sociedade e às expressões oficiais com as suas expectativas (BREGUEZ, 2007, p. 114 apud BELTRÃO, 1971).

Quando se analisa a sociedade capitalista pode-se perceber que as classes dominantes possuem o domínio dos meios de produção, buscam repassar seus interesses e aspirações através das artes, ciência e da administração do estado (BREGUEZ, 2007). Para os grupos populares sobra apenas como meio de participação social: “a comunicação popular que estão dentro do conjunto da cultura popular ou folclore, que elas organizam uma consciência comum sem perder a identidade cultural” (idem, p. 115). Por isso que

nesses movimentos de vinculações entre cultura local e global emerge um novo campo de estudo da folkcomunicação e é nesse campo de intersecção que se dão os processos de comunicação assentados nos modelos culturais tradicionais que, mesmo com a globalização, continuam ocupando socialmente os espaços e tempos locais (TRIGUEIRO,2007, p. 109).

Podemos notar que a maioria das festas, que vem da tradicionalidade, começam apenas como um festejo simples e acaba ganhando notoriedade e se tornam história ao longo do qual os significados foram alterados. Assim foi indispensável, neste estudo, a utilização do método histórico para compreensão dos fatos estudados.

É fundamental observar que as festividades, principalmente aquelas que surgem de forma espontânea ou folclorizadas, nos dias de hoje, tomam proporções gigantescas e são convertidas a festas manipuladas por um viés político, religioso e principalmente financeiro. O que era antes apenas

eventos simples de determinada comunidade convertem-se em grandes espetáculos da cultura de massa.

A festa tem como processo de comunicação a utilização da comunicação de massa, ainda que conservem aspectos de comunicação interpessoal e grupal, como mediações de grupos populares tradicionais.

Segundo Roberto Benjamim (2017, p. 111),

a utilização dos meios públicos de comunicação de massa tem sido uma constante quando os órgãos públicos, as empresas comerciais tentam se apropriar das festas populares para convertê-los em grandes eventos de massa.

Essa modificação de festas folclóricas em festas formais perde a essência do simples e dá espaço para a hipervalorização da apresentação visual, dando prejuízo a criatividade de toda festa na visão dos antigos, que gostavam do festejo como era. Entre os mais jovens, o desejo é pela festa mais moderna, com vista a espetacularização do evento.

O Festival de Parintins, em geral, vem sofrendo significativas mudanças em sua organização, no Brasil, resultantes da massificação da cultura, da urbanização, da divisão do trabalho e da modalidade da economia capitalista adotada.

O COMPOSITOR DE TOADA COMO AGENTE FOLK

Luiz Beltrão (1965) ao publicar o seu artigo sobre “O ex-voto como veículo jornalístico”, na Revista Comunicação & Problemas, 40 anos atrás, começou as primeiras reflexões para a formulação do novo modelo de comunicação/ horizontal/comunitária voltado para o contexto histórico cultural da América Latina, que, mais adiante, seria denominado de teoria da folkcomunicação. Na sua tese de doutorado concluída no ano de 1966, na Universidade de Brasília, Beltrão explica e classifica a existência de outras categorias de comunicação jornalística além das vigentes na época, como a de jornalismo informativo, jornalismo opinativo, acrescentando as manifestações de comunicação de caráter popular, tais como: informação oral, informação inscrita e informação opinativa difundida por meios de comunicação do próprio povo (TRIGUEIRO, 2006).

Aqui tomamos a toada como um exemplo de veículo folkcomunicativo, onde os compositores se tornam agentes folkcomunicacionais e transformam a toada numa peça fundamental para o festival de Parintins e para decodificar mensagens que não estão tão inteligíveis para o grupo específico. Entendendo o agente folk, por ele mesmo, abaixo registramos dados importantes sobre o compositor de toadas como um agente folk:

Na medida em que se cria um clima, eles têm respondido a isso de uma forma bastante criativa. Normalmente o compositor entrega junto com a toada, quando ela passa, depois uma sinopse de onde ele buscou aquilo, né? Com base em que ele produziu aquilo e aí é com base nessa sinopse que a gente leva adiante a construção, ao encaixe entre o enredo e o boi. O compositor é um elemento de constituição pelo menos de uma relação entre a sociedade e o folclore e aquilo que é representado no festival. Eu acho que na medida em que ele traz a voz indígena, ele demonstra certa sensibilidade com algumas causas.

Então eu acho que na minha concepção o compositor é sim esse agente folk, ele permite fazer essa relação entre demandas sociais, representação de determinados grupos, determinados temas e a arte, né? que os bois estão fazendo; eu acho que hoje nem concebe mais aquilo que está sendo feito como folclore, só não concebe como arte contemporânea livre, isso dá uma liberdade para gente interagir com o espetáculo de forma crítica, trazer estas críticas sociais, políticas, para dentro do festival, que era pouco em comum e que nem sempre a população gosta, mas entre a galera gosta, né? A galera muitas vezes tá na ânsia da festa, de uma festa que se torna mais crítica, também engajada, muitas vezes perde adesão da galera, não é todo mundo que pensa igual, não é todo mundo que tenta pela mesma chave; mas eu acho que os dois acabam cumprindo um papel social interessante: eu acho que ele acaba sendo aí um elemento de tradução cultural mesmo; o compositor quando faz esse jogo entre temas como historiografia e a gente não pode desprezar outra coisa, né? (Diego Omar, historiador, entrevista concedida em 03/06/2019).

É neste momento que tomamos a toada como uma expressão folk-comunicacional das mais importantes porque expressa técnica, arte e comunicação. Pode-se definir a toada como um conjunto de processos manuais. O compositor é quem domina a técnica manual de criar músicas e melodias para a audiência. Como se dá este processo? O compositor de toada tem consciência de que é um agente folkcomunicativo? Vejamos:

A gente tem esse poder, né? De agente folk, até mesmo sem conhecimento disso a gente tem esse poder de passar além de uma mensagem, uma forma de pensamento, de como é que eu posso exaltar, acertar certa particularidade, singularidade. A gente tem esse poder, pode-se dizer que sim, que assim como a gente tem esse poder de promover, de exaltar essas coisas. Mas como eu te falei, eu sempre tenho compromisso com isso porque se não a gente age de forma errada. Esse tiro pode sair errado, entendeu? Você pode estar divulgando uma coisa errada; você pode está equivocado em certas colocações. Só para te dá umas ideias, no ano passado o compositor do garantido ele ficou mal visto por versos homofóbicos, vamos colocar assim, entendeu? Porque foi malfeito! Você coloca aqui hoje em dia

a gente tem que ter muito cuidado com o que falamos, a gente fala, faz, por que você não sabe como é o pensamento das pessoas, principalmente as pessoas que vão julgar, né? Elas observam de outra forma, totalmente de paixão, de técnico. Então a gente tem esse poder de levar essa mensagem para pegar a cultura Yanomani, trazer e expor de forma que possam de fato entender e compreender que aquilo não é mais aquilo, entende? E como isso vai ter retorno para eles também; eu tive a experiência ano passado de falar da causa indígena Yanomami (Geovane Bastos, compositor de toada, entrevista concedida em 05/06/2019).

Cada melodia, refrão ou estrofe é carregada de muito sentimento, modos de pensar, sentir e agir, expressam informações, opiniões e visões da vida social, cultural, econômica ou política da sociedade.

Josias Sateré, pertencente à etnia Sateré Mawé, debate (em entrevista concedida no dia 3 de junho de 2019) sobre a representatividade do indígena nas toadas nos seguintes tons:

Eu entendo que o compositor hoje não é como era o compositor de antigamente. O de hoje, ele precisa ser não só o virtual, mas também precisa ser uma espécie de antropólogo, né? Ele precisa ir à base e não precisa ser indígena. Não precisa, mas ele precisa ir à base para ele realmente sentir aquilo que ele canta, que faz parte da poesia que ele canta, que ele fala né? A toada toca né? Ele que faz tocar né? Não da pessoa, mas na questão da representatividade; só que acredito que isso não vai acontecer, né? Visto que essas músicas têm outro fim, né? No máximo o que acontece é fazer essas poesias de maneira superficial.

Marcos Moura (compositor de toadas – entrevista concedida em 03/06/2019), falando do processo de inserção e da criação de toadas com temáticas indígenas, contribui da seguinte forma:

Fui para o Rio + 20, evento internacional e busquei na programação algo que tinha a ver com nossa região, e eu ouvir uma discussão sobre a temática indígena e ali, além de participar, tive acesso às resoluções, diretrizes, consegui aprovação e autorização do movimento indígena, e fiquei assim, poxa! Como é que eu posso enquanto compositor, enquanto educador, enquanto agente cultural, fazer com que o boi-bumbá, que é uma cultura de destaque aqui na nossa região, em particular de Parintins, potencialize e possa cumprir sua função social? Porque tudo passa pela toada, é a toada ela é fruto do que o compositor construiu, ou seja, tu vai cair na cabeça do compositor. O festival sai da cabeça dele, a toada é o fio condutor de tudo isso, e todas as outras linguagens artísticas surgem da toada; então a gente tem um compromisso muito, muito, muito grande, pode acertar, pode errar, mas a gente tem que está muito atento as grandes questões da contemporaneidade, as grandes questões sociais, e acredite nisso, não

adianta eu escrever por isso, é fazer toada para jurado, tem jurados em qual perfil? Como fazer para agradar, para ganhar o festival; muitas vezes a gente ouve que até o compositor se posiciona politicamente de outra forma, e fala outra.

Então sai de lá com essa reflexão: como falar dos indígenas que não fosse forma exótica, que não fosse de forma estereotipada, como não sendo indígena falar o que eles querem; a nossa estória é essa estória oficial que foi contada somente pelos dominadores, ai esses agentes folk, sobretudo, indígenas, tiveram oportunidade de contar sua versão da história, mas até hoje em dia não são ouvidos e nós não indígenas distanciamos das questões deles como se nós não tivéssemos também responsabilidade por uma reparação histórica, e claro que o Brasil tem uma dívida social histórica, mas a gente também tem enquanto sociedade; então eu sempre me perturbei muito com isso, me preocupei muito em construir agora como sintetizar tantas diretrizes daqueles documentos que eu peguei em uma música. E como falar de política sem usar essa palavra que, infelizmente, no senso comum está pesada, gordurosa? Ela tá ligada a atividade duvidosa, mas a política muda, a gente muda, “a educação é um ato político” como já dizia Paulo Freire, mas enfim, eu voltei com aquilo na cabeça, então eu quero uma toada, mas uma toada que possa fazer que eu me sinta feliz em saber que ela falou que o movimento indígena queria dizer; não o que eu, Marcos, queria dizer, que ai sim eu vou está sendo o agente folk, amplificando as vozes daqueles que vivem e sempre necessitam, que aquelas questões sejam debatidas, que venham à tona e ganhem visibilidade, e de alguma forma que possa contribuir como consciência coletiva e, assim, eu compus a toada Ameríndia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o compositor em geral compõe de acordo com o grupo étnico, seja ele negro, índio, branco, português que formam o povo brasileiro como também das várias etnias que migraram para o Brasil e se integraram a nossa sociedade trazendo seus costumes, ideias e expressões culturais, a experiência cultural do compositor reflete diretamente em suas composições.

Em geral a toada é um canal que o compositor utiliza para expressar suas ideias ou opinar sobre acontecimentos e fatos.

REFERÊNCIAS

AMPHILO, Maria Isabel, 2011. **Folkcomunicação**: por uma teoria da comunicação cultural. Tese (Doutorado) Universidade Metodista, Metodista de Comunicação Regional. São Paulo, p. 193-221, 2018.

BENTES, Fabiano Baraúna. **A teatralidade no Festival Folclórico de Parintins**: o jogo dos brincantes dos bois-bumbás. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas) – Universidade Federal de Uberlândia: Minas Gerais, 2018.

BONITO, Marco; CORNIANI, Fábio. **Folkcomunicação e Orkut**: os culturalmente marginalizados. INTERCOM (XXIX Congresso de Ciências da Comunicação), Recife, 2016.

BORRIELO, Mário. **Parintins, a ilha do boi-bumbá**: garantido e caprichoso. 1998.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os bois-bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro: Funarte; Editora da Universidade do Amazonas, 2002.

BREGUEZ, Sebastião. Artesanato Popular. *In*: GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina (org.). **Noções Básicas de folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressão. Ponta Grossa: UEPG, 2007.

BENZEÇÃO NA COMUNIDADE SANTA TEREZINHA DO ANINGA:

A ATUAÇÃO DE UMA AGENTE FOLKCOMUNICACIONAL

Alessandra Pereira Anselmo⁵

Enna Mara Oliveira Pinheiro⁶

Adelson da Costa Fernando⁷

Resumo: O distanciamento da cidade faz com que seja visível a figura de curadores, benzedores, benzeadeiras e demais figuras que reportam a cura. O aparecimento dessas figuras tradicionais normalmente é justificado pela ausência de serviços médicos básicos nestas comunidades, além disso tais práticas remontam a história dos povos amazônicos. Neste estudo, nossa abordagem focará a benzeadeira como um agente folkcomunicador, articulando-se, assim, com a teoria de Luiz Beltrão. Dona Iricilda Teixeira Rodrigues (67 anos) foi a nossa interlocutora, a benzeadeira que atua na comunidade estudada. Para tanto, utilizou-se na pesquisa a abordagem qualitativa, para desvelar de que forma a reza, como um dispositivo popular de comunicação, influencia no restabelecimento da saúde/cura dos moradores da Comunidade Santa Terezinha do Aninga, em Parintins, visto que estes aspectos se constituem como um aprendizado coletivo, compartilhado e folkcomunicador. Assim, esta pesquisa contribui para o estudo sobre práticas de cura e saberes tradicionais na Amazônia, tendo em vista a carência expressiva de pesquisas em relação a estes processos referidos.

Palavras-chave: Folkcomunicação religiosa; Agente folk; Benzeção; Reza; Saúde/cura.

INTRODUÇÃO

A reza faz parte do processo das práticas de cura do cotidiano dos povos das áreas rurais do Baixo Amazonas; a reza constitui, veicula e socializa saberes que tem a ver com a cultura, com as formas organizativas e as práticas da comunidade em que ela está integrada; tais heranças são repassadas nos rituais de benzeções nas comunidades tradicionais de Parintins.

O ambiente rural amazônida contém diversas paisagens naturais, terra fértil para plantações e um grande potencial para criação de animais e pesca; possui diversas comunidades tradicionais e ribeirinhas que se localizam no entorno das vilas, e nas beiras dos rios. O ritmo de vida singular das comunidades rurais revela uma outra dinâmica de vida diferente da

5 Graduada do Curso de Serviço Social – ICSEZ/UFAM; Graduada no Curso de Enfermagem – UNOPAR (e-mail: alessandraanselmo23@gmail.com).

6 Graduada do Curso de Serviço Social – ICSEZ/UFAM (e-mail: mara.eriton@gmail.com).

7 Sociólogo. Doutor em Ciências da Religião PUC GO, Professor ICSEZ/UFAM e Diretor Regional Norte da Rede Folkcom (e-mail: acostaf@ufam.edu.br).

área urbana. O distanciamento da cidade faz com que seja visível a figura de curadores, benzedeiros, benzedoras e demais figuras que reportam a cura. O aparecimento dessas figuras tradicionais normalmente é justificado pela ausência de serviços médicos básicos nestas comunidades, além disso tais práticas remontam a história dos povos amazônicos.

Neste estudo, a benzedora será analisada como um agente folkcomunicação, imanente ao modo de vida do povo do Baixo Amazonas. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, partiu de uma entrevista semi-estruturada com uma benzedora, a fim de desvelar de que forma se dá os fluxos folkcomunicacionais e as influências no restabelecimento da saúde/cura dos moradores da Comunidade Santa Terezinha do Aninga, em Parintins.

Visto que estes aspectos se constituem como um aprendizado coletivo, compartilhado e folkcomunicação, formados por um conjunto de implicações básicas que um grupo inventou, descobriu e desenvolveu, ao aprender a lidar com os problemas da adaptação e que funcionam bem o suficiente para serem considerados válidos e ensinados a novos membros como a forma correta de perceber, pensar e sentir com relação a diversas questões.

Assim, este estudo se reveste de relevância social e acadêmico-científica, uma vez que será possível entender as múltiplas formas de manifestações culturais da área rural de Parintins, contribuindo para o estudo sobre práticas de cura e saberes tradicionais na Amazônia, tendo em vista a carência expressiva de pesquisas em relação a estes processos referidos.

ENTENDENDO OS FLUXOS FOLKCOMUNICACIONAIS

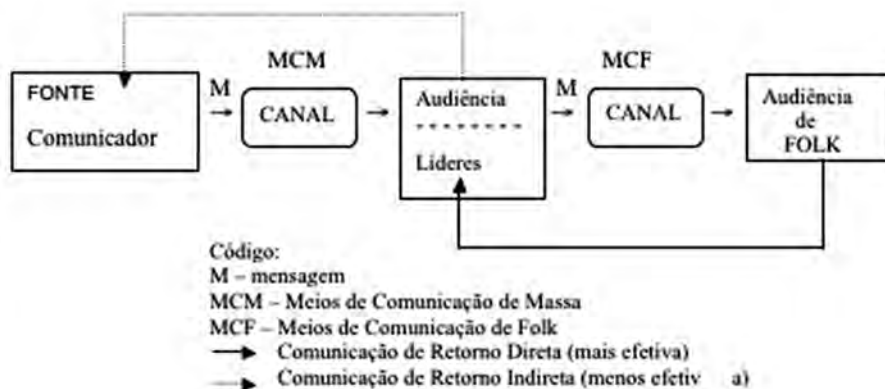
A Folkcomunicação é uma teoria brasileira que tem como precursor Luiz Beltrão, nascida no berço da Comunicação Social. Tal teoria visa compreender as diversidades através da simbologia das manifestações da cultura popular.

O precursor da teoria, depois de uma vasta experiência na função de jornalista e professor universitário, apresentou sua tese de doutoramento na Universidade de Brasília (UNB), em 1967. O trabalho do pesquisador foi considerado subversivo, ficando a obra proibida de ser publicada por inteiro. Alguns pontos da tese estão reunidos no livro *Comunicação e Folclore* (1971); vale destacar que nessa publicação houve a supressão dos fundamentos teóricos utilizados por Beltrão que foram fundamentais para nortear a teoria (SANTANA; MAIA, 2017).

Nesse sentido, Beltrão vai definir a Folkcomunicação como o “conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p. 24).

Como nos explica Rocha,

o processo da Folkcomunicação inicia-se como a maioria dos modelos de comunicação – Emissor/Comunicador, depois o Canal/Mensagem/Meios de Comunicação de Massa e finaliza com o Receptor/Audiência/Líderes. No fim da primeira etapa da comunicação, aparece pela primeira vez o papel do líder de opinião, um agente responsável pela decodificação das mensagens que serão transmitidas para a audiência folk. Estes agentes utilizam-se de canais alternativos ou o chamado “boca a boca” para transmitir o que é de interesse deste público (2016, p. 6).



Fonte: BELTRÃO, Luiz (1980).

Beltrão nos apresenta uma dicotomia e diz que a elite é organizada, tem acesso aos meios de comunicação de massa, seja na categoria de proprietário, patrocinador ou colaborador. Ao contrário, os grupos não-organizados, correspondem a massa urbana ou rural, de baixa renda que é excluída, “analfabeta e marginalizada” (BELTRÃO, 1980, p. 2).

Assim, para entender as mensagens que circulam nos meios de comunicação é necessária a escolarização. O povo por não ter acesso aos diversos instrumentos político-sociais não compreende as mensagens contidas nos meios. A fim de manter viva a memória dos grupos, o povo desenvolve canais alternativos para propagar ideias, ideologias e informação. Segundo Beltrão (2014, p.66), “o povo, por meio dos “catimbós”, manifesta os costumes, hábitos, conhecimento e suas opiniões”. Catimbó consiste em um culto

de feitiçaria que combina magia branca europeia com elementos negros, ameríndios e católicos; é chefiado por um mestre que defuma os assistentes com seu cachimbo, e a quem se recorre para resolver problemas diversos, seja para o bem, seja para o mal (DICIONÁRIO AURÉLIO – on line).

Partindo dessa compreensão, Beltrão (2004) destaca que a Folkcomunicação precisa ser compreendida como processo de comunicação das classes populares, para então ter o entendimento das manifestações folclóricas como a linguagem do povo, a expressão de seu pensar e do seu sentir tantas vezes discordante e mesmo oposta ao pensar das classes dominantes.

Nesta direção, Beltrão (2014), ao teorizar a Folkcomunicação, em seu conceito faz referência ao agente, a audiência e ao ambiente folkcomunicacionais. O agente folkcomunicador é aquele que carrega consigo certo prestígio por conta da fácil decodificação das mensagens que são transmitidas aos demais presentes naquela comunidade, a partir de sua própria interpretação. Assim, o líder ou agente comunicador de folk é um tradutor dos grupos marginalizados, pois sabem encontrar palavras e argumentos acessíveis e que sensibilizam os seus seguidores.

Audiência é a comunidade que acredita nos mesmos princípios, das mesmas interpretações e manifestações aos deuses, criando símbolos e formas de reverenciar ao sagrado. Este grupo, a audiência, é formado “por pessoas da zona rural e urbana, com reduzido poder aquisitivo, e que adotam uma filosofia ou política contrária à ordem social vigente” (BELTRÃO JÚNIOR; NEVES apud BELTRÃO, 2014, p. 114).

E o ambiente folkcomunicador é o espaço privado onde ocorre a manifestação da cultura em meio à comunidade que exerce tal celebração, sejam elas a um santo ou não. É o lugar institucionalizado onde tudo faz sentido para as pessoas que desfrutam da mesma crença e se sociabilizam, correspondendo o comando do agente folkcomunicador (MODESTO E SILVA, 2019).

E a partir da compreensão de Beltrão e suas divisões, Gadini e Witowicz (2007) vão enfatizar que a folkcomunicação apresenta-se a partir do uso dos meios “não formais” de comunicação, apoiado em manifestações ou processos folclóricos compreendidos como canais de comunicação. E utiliza-se a folkcomunicação para se formar, trocar ideias e autoeducar.

No entanto, para os referidos autores, a folkcomunicação estuda também as cadeias comunicacionais e informativas que estão à margem dos circuitos tradicionais, formais. Essas mensagens, advindas das manifestações folkcomunicacionais, nascem em níveis locais e regionais;

portanto, mapeá-los, registrá-los e analisá-los é confrontar-se também com os conceitos do local e do regional.

Melo (2008) ressalta a importância da proposta de Beltrão que é focar nos processos de comunicação das massas, uma vez que as expressões populares são tão carregadas de significados e códigos quanto aos processos utilizados pelos meios de comunicação de massa. A folkcomunicação é sobretudo, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa (BELTRÃO, 2014).

Assim, a Folkcomunicação mostra-se presente nas mais diversas manifestações religiosas e de culturas populares espalhadas mundo afora. Cada ambiente propaga uma manifestação, seja de adoração ao sagrado ou não. Assim, dentro destas expressões, há um líder decodificador das mensagens ao nível de intelectualidade da comunidade em questão, a audiência.

Todo este processo nos permite um entendimento diante do estudo aprofundado nesta área em questão, para, assim, compreendermos que toda manifestação não se dá de maneira aleatória. Permeado nesse contexto, será abordado neste trabalho a benzedeira Iricilda Teixeira Rodrigues como uma agente folkcomunicativa, baseado na concepção de Beltrão já supracitada.

A BENZEDEIRA DONA IRICILDA TEIXEIRA RODRIGUES, UMA AGENTE FOLKCOMUNICACIONAL

A autodenominação benzedor ou benzedeira restringe-se a um agente folk que tem o dom de cura. Geralmente estão ligados à uma religião a qual manifestam sua fé; em sua maioria, esses agentes se autodefinem como católicos, sobretudo em comunidades ribeirinhas do Baixo Amazonas, como, por exemplo, na comunidade do Aninga, lócus dessa pesquisa.

Estes agentes acabam sendo conhecedores de uma ou de diversas rezas que foram reproduzidas e repassadas ao longo da vida por seus antecessores, no sentido de intervir no processo de benzeções, com o objetivo de alcançar a cura para as pessoas necessitadas, e estes ressaltam que o dom advém de Deus e são escolhidos com uma missão de ajudar a massa popular.

Nessa direção, Dona Iricilda Rodrigues, benzedeira da Comunidade Santa Terezinha do Aninga, abordada aqui como agente folkcomunicadora, relata a sua importância para a comunidade, na medida em que a mesma consegue ter influência sobre a audiência a partir dos seus conhecimentos

sobre as ervas e as rezas que curam, através da manifestação da fé. Toda benzedeira acredita ser possuidora do dom da cura advindo de Deus:

Desde os meus 13 anos eu tenho o dom da cura, eu comecei a “puxar” meus parentes e depois meu pai ao descobrir meu dom, quando chegava um conhecido pedia para eu ajudar. Muitos me procuram para benzer, tirar quebranto, “puxar”, não importa a hora e o dia, a comunidade toda me conhece e eu ajudo porque foi a missão que Deus me deu. (Dona Iricilda, 67 anos, entrevista concedida no dia 09.10. 2019).

Ou seja, toda benzedeira tem uma relação horizontal com a comunidade da qual faz parte; tal influência que esta agente folkcomunicadora exerce sobre a audiência só é possível devido ao entendimento das mensagens destinadas a estes grupos, uma vez que a benzedeira como agente, consegue repassar a comunicação através da reza, de uma forma acessível à população atendida. Neste caso, o grupo tem inteligibilidade diante das mensagens veiculadas por conta da dinâmica do líder de opinião, da agente folk, que consegue ter o poder de simbolicamente transitar pela região. Como enfatiza Beltrão, tal agente não exerce nenhum papel de autoridade na sociedade, mas exerce influência a partir do momento que a massa popular o reconhece como líder. É desde modo que pudemos afirmar que

o comunicador folk tem a personalidade dos líderes de opinião identificada nos seus colegas do sistema de comunicação social [...] os líderes-agente comunicadores de folk, aparentemente, nem sempre são “autoridades” reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo [...] admiradores e seguidores (BELTRÃO, 1980, p. 35 apud BELTRÃO JÚNIOR, 2013, p. 32).

Dona Iricilda, como uma líder folk que é, dota-se de um carisma através do qual se liga com a comunidade, uma vez que é esse carisma que atrai a comunidade para ela. É esse carisma que dá credibilidade a agente folk tendo em vista que é nele que está circunscrito a sua missão no mundo. Em outras palavras, “a ascensão à liderança está intimamente ligada à credibilidade que o agente-comunicador adquire no seu ambiente e à sua habilidade de codificar a mensagem ao nível de entendimento de sua audiência” (BELTRÃO, 1980, p. 36).

Os próprios moradores da região reconhecem o quanto Dona Iricilda contribui para a comunidade, uma vez que esta utiliza de práticas não biomédicas no processo de cura. Nisto, fica evidente essa relação de proximidade com a audiência, na medida em que os benzedeiros e as benzedoiras são procurados para “pôr ossos torcidos no lugar”, “curar quebrantos”, “maus olhados”, “rasgaduras” e demais ações que

os permitem ter uma relação direta com a audiência. E esses processos são realizados somente através das rezas e ervas que comunicam a cura.

As pessoas nesse sentido acabam recorrendo a agente, não pela falta de distanciamento do meio urbano ou a logística de transporte, mas pela questão cultural. Os benzedeiros e as benzedeadas constituem uma influência na região e na comunidade na medida que antes de procurar alguma assistência em saúde, a procura por eles é indispensável.

Eles sabem que tem o médico, mas mesmo assim eles me procuram. Vão no médico e na passada de volta param aqui comigo. Se não vem antes, sempre vem depois. No meu quintal eu tenho plantas para tudo quanto é doença, e as minhas plantas curam, não é como o remédio que o médico passa apenas para controlar e não para curar. As ervas naturais fazem mais efeitos que os próprios remédios. Eu tenho erva para curar câncer, como a oculba, sucuba; arueira para infecção urinária; chá de folhas de tangerina, virataia e preciosa para anemia (Dona Iricilda Rodrigues, 67 anos, entrevista concedida no dia 09.10. 2019).

Os agentes comunitários de saúde estão presentes na comunidade, mas não são procurados pelos moradores, pois se tratando de uma questão cultural, acabam cobrando que esses profissionais tenham conhecimentos das ervas, como no caso de Dona Iricilda.

Nesta compreensão, Scheweicckardt (2002, p. 237-238) argumenta que as pessoas não conseguem enxergar a contradição entre ir a um médico ou ir em busca de um benzedor, uma vez que todos ajudam no momento da dor e do sofrimento em que as pessoas perpassam. Logo, a crença é de que as doenças não estão ligadas apenas às causas naturais, mas também nas sobrenaturais; assim, é preciso usar todos os recursos para recolocar as coisas no seu devido lugar.

Dona Iricilda, como agente folkcomunicadora, possui os argumentos precisos para cada tipo de situação; um exemplo disso é quando utiliza diferentes rezas para cada receptor, se alguém chega com “mau olhado” a mesma utiliza uma reza para expulsar o “mau olhado”, bem como em outras manifestações de doenças que chegam a essa agente. A mensagem que é enviada ao receptor é compreendida a partir do objetivo que ele quer alcançar, que é a cura.

Eu faço as minhas rezas para as pessoas que chegam e acreditam que podem ser curadas. Quem não alcança a cura é porque não teve fé o suficiente para ser curado. Eu sempre rezo um Pai Nosso, uma Ave Maria, um Creio em Deus Pai e depois faço a reza de cura, expulsando se for uma dor de barriga, se for um quebranto, “mau olhado”. Também faço garrafa, mas não é a mesma garrafada para a mesma pessoa, muitos fazem assim,

mas cada pessoa é diferente. Eu também sempre passo o chá das ervas para tomar, as vezes eu dou as que tenho no meu quintal (Dona Iricilda Rodrigues, 67 anos, entrevista concedida no dia 09.10. 2019).

Como observado nos relatos, a referida benzedeira sabe como comunicar-se com sua audiência, usando especificamente um código para cada pessoa que a procura; quando ela ressalta que acrescenta em sua reza a expulsão para cada doença (como “quebranto”, “mau olhado”), a audiência logo reconhece que aquele caso específico é o seu. Pois, ela, a partir do que argumenta Beltrão (2004, p. 82), “é um tradutor que não somente sabe encontrar as palavras como argumentos que sensibilizam as formas pré-lógicas que caracterizam o pensamento, como também ditam a conduta desses grupos.”

Tendo em vista que a benzedeira Dona Iricilda é uma agente de folk, pode-se afirmar que ela faz parte de grupos assim denominados de culturalmente marginalizados. A audiência desta benzedeira, neste caso, compõe um grupo que tem fé, onde os membros participantes seguem um líder carismático, que realiza eventos coletivos com fins religiosos, cujas ideias religiosas representam valores, interpretações das crenças religiosas estabelecidas e vigentes no universo da comunicação social (BELTRÃO, 1980).

Portanto, todo agente folk comunicador compartilha das mesmas condições sociais dos grupos marginalizados e exerce influência horizontal sobre eles. Como mediador que é possui prestígio por causa da capacidade em lidar com as informações que circulam nos meios e a habilidade de reinterpretação das mensagens. Líderes comunitários, cantores, cantadores repentistas, líderes religiosos, artesãos, cantadores de viola, caixeiros-viajantes, benzedeiras, benzedores, curandeiros e curandeiras são algumas figuras representativas que influenciam e atuam na opinião das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar a benzedeira Dona Iricilda Teixeira Rodrigues, como uma agente folk comunicacional, da Comunidade Santa Terezinha do Aninga, bem como o processo pelo qual ela se torna indispensável no fenômeno da cura no âmbito da referida Comunidade, uma vez que a linguagem utilizada pela mesma é acessível e a audiência caracterizada como a população, consegue compreender de forma facilitada a informação. Assim, no decorrer da pesquisa foi possível perceber como a benzedeira relaciona-se com a comunidade, e a forma como a dimensão cultural é indissociável no processo de cura.

Na pesquisa de campo, constatou-se que a postura da benzedeira, como agente de folk, é de autoridade ao exercer sua função na comunidade, não uma autoridade exercida como um papel imposto pela sociedade, mas uma autoridade religiosa reafirmada por aqueles que acreditam na cura, pela manifestação da fé através das benzeções.

Diante disso, a análise folkcomunicacional da benzedeira Dona Iricilda é extremamente relevante para conhecermos essas práticas de cura, tão comum na Amazônia, e desconstruir os preconceitos que se tem com as manifestações culturais da região amazônica. Logo, a benzeção na Comunidade do Aninga, sob a perspectiva da folkcomunicação, mostrou-se um objeto de estudo muito rico e extenso, e abre possibilidades para novas pesquisas no campo da temática para contribuir com a produção acadêmica científica.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCCRS, 2002.

_____. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

BONITO, Marco; CORNIANI, Fábio. **Folkcomunicação e Orkut**: os culturalmente marginalizados. INTERCOM (XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação): Recife, 2016.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1954.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**: teoria e prática/ Doc Comparato. – 2. ed. – São Paulo: Summus, 2009.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. **A canoa da cura ninguém rema só**: o se ingerar e os processos de adoecer e curar em Parintins (Am). Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas – Manaus, 2017.

CORNIANI, Fábio. **Afinal, o que é Folkcomunicação?**. São Bernardo do Campo (SP): Sítio da Universidade Metodista de São Paulo. Evento da mídia Cidadão. Disponível em: www.metodista.br/midiacidada. Acesso em: 25 de out. 2020.

GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz. **Noções básicas de folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

MODESTO, Fábio Gonçalves; SILVA, Onan Ferreira da. **Sob a bênção da Virgem do Carmo**: o ex-voto na perspectiva folkcomunicacional. TCC (Graduação em Comunicação Social; Jornalismo) – Universidade Federal do Amazonas, Parintins-Am, 2019.

ROCHA, Leticia Monteiro. **Folkcomunicação**: a cultura popular na cibercultura. 7.º Congresso Internacional de Ciberjornalismo, 2016.

SCHEWEICCKARDT, Júlio Cesar. **Magia e religião na modernidade**: os reza-dores em Manaus. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: UFPB, 2008.

FESTA DE NOSSA SENHORA DO CARMO:

UMA DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA DA MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA PARINTINENSE

Onan Ferreira da Silva ⁸

Fábio Gonçalves Modesto ⁹

Adelson da Costa Fernando ¹⁰

RESUMO: A Folkcomunicação é uma teoria que visa compreender as nuances que somente os mais atentos nas manifestações de cultura popular são capazes de ver. Nas pesquisas, Luiz Beltrão não se rendia aos encantos do folclore, o que lhe permitiu encontrar os desdobramentos, que o ajudaram a entender melhor o campo da Folkcomunicação, como: agente folk, ambiente folk e audiência folk. As manifestações, dentro da Folkcomunicação são carregadas de simbologias e significados, criando particularidades e não se dão de forma aleatória, seja para um indivíduo, seja para a coletividade. Com isso, este trabalho visa apresentar a etnografia da Festa em honra à Nossa Senhora do Carmo, o campo de estudo desta pesquisa. A etnografia é um conceito que dá voz aos habitantes do local da pesquisa e que busca compreender, através da visão de mundo deles, suas experiências. A coleta de dados foi feita no ano de 2019.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Manifestação religiosa; Etnografia.

A FOLKCOMUNICAÇÃO NA ÓTICA DE LUIZ BELTRÃO

A Folkcomunicação, desenvolvida por Luiz Beltrão, é uma teoria brasileira nascida no berço da Comunicação Social que visa compreender as nuances que somente os mais atentos nas manifestações de cultura popular são capazes de ver. Muito além do brilho, cores e sons, as expressões das comunidades carregam consigo mensagens – são estratégias comunicativas que o próprio povo elabora para difundir suas ideias, opiniões e, muitas vezes, as pautas sociais.

Na década de 1960, na tese de doutorado, Beltrão defendia sua pesquisa intitulada “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e meios populares de informação de fatos e expressões de ideias”, buscando analisar as manifestações populares juntos aos seus processos comunicacionais em um determinado grupo cultural.

A Folkcomunicação, tal como formulada por Luiz Beltrão e defendida em 1967, é o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações,

8 Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo, pelo Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: fabio.g.modesto16@gmail.com.

9 Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo, pelo Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: onanferreira02@gmail.com.

10 Doutor em Ciências da Religião PUC GO; Professor no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ/UFAM e Diretor Regional Norte da Rede Folkcom.

ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios ligados direta e indiretamente ligados ao folclore.

Com base nos estudos de Beltrão, podemos notar que a área da Folkcomunicação é complexa. Em suas pesquisas, não se rendia aos encantos do folclore, procurando entender cada detalhe das manifestações populares das classes marginalizadas frente às mensagens culturais. Segundo a Folkcomunicação, as mensagens utilizadas pelos grupos marginalizados não necessitam dos meios convencionais de comunicação (tv, rádio, cinema, internet).

Dentro da teoria brasileira, há desdobramentos que ajudam a entender melhor as pesquisas de Beltrão como: agente folk, ambiente folk e audiência folk. Sustentada na tese de Paul Lazarsfeld¹¹ sobre Opinião Pública, Beltrão denominou que nessas manifestações populares continha uma pessoa responsável por transmitir ou retransmitir as mensagens nos processos artesanais do povo. Segundo Toussaint, os líderes de opinião são

[...] os indivíduos que recebem em primeira mão as informações dos meios para transmiti-las depois as pessoas desvinculadas disso, mas incluindo a sua própria interpretação da informação recebida. São pessoas que não se desviam de seus grupos; andam pelo mesmo caminho que os outros, mas adiante (1992, s/p).

Para que a mensagem do emissor chegue ao grupo, ela perpassa por um líder, responsável por interpretar, até chegar à audiência. Conforme Fábio Corniani, em seu artigo “Afinal, o que é Folkcomunicação?”, descreve que

[...] uma fonte transmite uma mensagem através de um canal, que no processo é representado pelos meios de comunicação de massa, chegando até uma audiência, onde estão contidos os líderes de opinião, estes intitulados por Beltrão como Líderes-comunicadores. (...) os líderes se tornam comunicadores e transmitem uma mensagem através de um canal folk, chegando então ao que Beltrão intitulou de audiência folk (CORNIANI, s/a).

Para Beltrão (1980), “há mensagens profundas contidas nos aparentemente ingênuos textos, falas, artefatos, práticas, ritos e movimentos” que são emitidos pelas manifestações populares por meio de suas culturas. Esses estudos foram fundamentais para a criação da Folkcomunicação, teoria esta que visa entender os processos comunicacionais emitidos pelos

11 Paul Felix Lazarsfeld foi sociólogo e educador austríaco-estadunidense nascido em Viena, que se projetou com suas pesquisas sobre comunicação e propaganda, principalmente radiofônica e, por isso, considerado um dos fundadores da moderna investigação de comunicação de massa. Foi um dos fundadores da análise norte-americana sobre os meios e seus efeitos na formação da opinião pública.

grupos marginalizados por meio da cultura popular. Hohlfeldt (2002) aperfeiçoou o conceito relacionado a esta nova área da Comunicação. Ele definiu Folkcomunicação como

[...] o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos (HOHLFELDT, 2002 *apud* SCHMIDT, 2006, p. 8).

Ou seja, a Folkcomunicação é uma área da Comunicação Social que busca identificar e entender os significados dos procedimentos comunicacionais utilizados pelas manifestações de cultura popular.

PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE PARINTINS: UMA DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA

Segundo a obra “Os imponderáveis da etnografia religiosa”, de Arlindo Neto e Polyanny do Amaral (2011), a etnografia faz uma reflexão sobre o objeto de estudo dentro do campo de pesquisa, buscando uma “compreensão de processos de interação pessoal, material e imaterial que constituem o campo das relações entre sociedade e indivíduo”.

A festa em honra à Nossa Senhora do Carmo reúne milhares de fiéis em um ambiente que exala religiosidade em todos os momentos do evento, organizado por uma comissão. Nela, há uma aglomeração de pessoas que não se conhecem, mas professam a mesma fé e devoção à Santa.

Pode-se dizer que a cidade vive intensamente durante o clima dos festejos, a todo instante ouvem-se rajadas de fogo, barcos regionais aportam de hora em hora trazendo romeiros dos mais distantes municípios do Amazonas, e a matriz fica tomada durante todos os dias por fiéis e turistas (RODRIGUES, 2006, p. 48).

Dentro das festividades de Nossa Senhora do Carmo há gestos carregados de simbologias e significados, seja para um indivíduo, seja para a coletividade. As interações sociais entre a comunicação e a cultura fazem parte da afinidade do homem com a sociedade e constituem representações simbólicas e visões de mundo diferentes que nos ajudam a entender práticas de um grupo. Neste sentido, cada tradição religiosa oferece um sistema simbólico diferente. Todo comportamento humano se origina no uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais

antropoides em homens e fê-los humanos [...] O comportamento humano é o comportamento simbólico (MERCIER, 1974, p. 30).

No cortejo em honra à Nossa Senhora do Carmo é observável os devotos seguirem em caminhada nas ruas por mais de duas horas, em marcha que segue, de forma ordenada e com um centro rigidamente sistemático, onde ficam a santa e as autoridades da Igreja.

Roberto da Matta, na obra “Carnavais, Malandros e Heróis”, nos explica sobre essas deslocações da coletividade; no caso desta pesquisa, o destaque é a Procissão, na qual

[...] o caminhar cotidiano é funcional, racional e operacional, pois tem um alvo específico: o trabalho, a compra, o negócio, o estudo. Mas no caminho ritual, ou melhor, no caminho consciente do ritual, o alvo e a jornada se tornam mais ou menos equivalentes. [...] no caminho ritual, o que se busca no ponto de chegada não é algo concreto, palpável ou, sobretudo, quantificável, pois buscamos bênçãos, curas, sinais de fé etc (MATTÁ, 1997, p. 105).

Tudo isso quebra aquela rotina que as pessoas têm no cotidiano de trabalho, estresse e conturbações do dia a dia. A procissão é o ambiente onde cada devoto tira um momento para refletir sobre os fatos cruciais do mundo e coloca em centro o divino, procurando respostas para as aflições. De acordo com alguns autores,

[...] a procissão se configura como um momento em que o santo, que está acima de todos, suprime a dicotomia casa/rua criando seu campo social próprio Carregado num andor e mais alto do que os homens, ele fica realmente elevado acima de todos, irmanando os fiéis que, no momento de sua passagem, transferem (muitas vezes com emoção sincera e perturbadora) seus sentimentos de filiação para ele (MATTÁ, 1997, p. 107).

Impera aqui uma redução da complexidade, onde o conhecimento vulgar é o fundamento e a base pelo qual todos compreendem a sua própria vida. Na verdade, mantém-se um diálogo com as privações que a modernidade impõe, mantendo todos silenciados nas crenças “de que há um ser superior que tudo resolve” (FERNANDO, 2018, p. 185).

O momento de emoção acontece com os badalares dos sinos na torre da Catedral de Nossa Senhora do Carmo, por volta das 17h. Em seguida uma multidão de pessoas toma conta da Avenida Amazonas, seguindo o andor com a imagem da Padroeira dos parintinenses. À frente, estão os coroinhas e, logo em seguida, as pessoas que compõem a congregação dos marianos; vestidos de branco e com uma medalha no peito, presa

por uma fita vermelha, seguem as senhoras do apostolado. Logo atrás, os sacerdotes e o bispo conduzem os fiéis.

O que mais chama a atenção nesta manifestação religiosa é a quantidade de promesseiros advindos de várias localidades do Amazonas. Os fiéis pagam suas promessas carregando tijolos nos ombros e nas cabeças ou imagens de representações de santos, caminham descalços ou de joelhos, levam nas mãos objetos como terços, fitas, flores, com o intuito de santificá-los, e crianças são caracterizadas de anjos.

Vale ressaltar que há devotos que chegam horas antes para guardar lugar próximo a imagem da santa, para ao decorrer da procissão pagar a promessa de carregar o andor. Uma maneira de se doar fisicamente e estar mais perto da Santíssima.

Tudo isso tem significado para o devoto, que mantém comunicação com o divino por meio dessas práticas ex-votivas. São formas instruídas que o homem tem em meio aos seus parentes, não são práticas aleatórias [...]. Tudo que o homem faz, aprendeu com os seus semelhantes e não decorre de imposições originadas fora da cultura (LARAIA, 2009, p. 51).

Aqui entende-se cultura como um sistema (de padrões de comportamentos socialmente transmitidos) que serve para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante, conceito difundido por Leslie White, e reformulado por outros autores como Sahlins (LARAIA, 2009, p. 59).

Muitas são as famílias que vão na caminhada e louvam Maria. Nota-se então a transmissão de valores e crenças de geração a geração. Mães, pais e filhos juntos rezam o terço pedindo e agradecendo pelas bênçãos.

Neste caminhar de várias pessoas, muitas delas não se conhecem, mas no ato da procissão, consolidam-se numa multidão de fiéis que irmanam a mesma fé com a Santa. Por meio dessa relação configuram-se em um mesmo grupo criando um elo de proteção e uma identidade cultural, reforçando a ideia de comunidade.

As identidades culturais se constituem e são constituídas pela realidade social, histórica e econômica. É na conjunção destas trocas simbólicas que as identidades culturais se diferenciam, se fortalecem e se localizam como discursos regionais ou raízes. É na conjunção destes esforços que a comunicação adquire espessura enquanto discurso produtor de sociabilidades, ao mesmo tempo em que as culturas populares mantêm-se como o principal local de produção simbólica como a única capaz de sustentar a condição humana no passado, presente e no futuro (MARQUES, 2006, p. 33).

A Festa de Nossa Senhora do Carmo se torna identidade cultural de um grupo, pois as relações sociais e patrimônios simbólicos, historicamente compartilhados, estabelecem a comunhão de determinados valores entre os membros da sociedade e são observados nas manifestações que podem envolver um amplo número de situações, que vão desde a fala até a participação em certos eventos.

No dia 16 de julho, em Parintins, é instituído feriado municipal, onde as pessoas que participam do evento religioso não trabalham e todos se encontram na igreja, comungando e partilhando da mesma fé. O discurso da festa religiosa, por sua vez, permite abarcar um aspecto de composição social em que o foco é ao mesmo tempo aos valores locais e universais dialogados dentro do rito. Os ritos seriam momentos especiais construídos pela sociedade. São situações que surgem sob a égide e o controle do sistema social, sendo por ele programadas (MATTA, 1997, p. 73).

Na passagem da Santa, nas ruas, muitas casas são enfeitadas com as melhores flores, imagens de santo, iluminação e vale destacar também o zelo de famílias que firmam este comprometimento com Nossa Senhora do Carmo. O sagrado toma conta do lar comum, idealizando uma forma de bênção do lugar, além do fiel entregar o espaço físico da residência, cria também uma intimidade com o divino simbolizando um laço de proteção do lar e da família. Nessa passagem física e social, as ruas se transformam e ficam diluídas entre elas, como espaço público, e as casas, como espaço de intimidade (MATTA, 1997, p. 108).

Por outro lado, a procissão também nos permite observar neste espaço outra questão. O sacrifício, sendo cedido o corpo para uma experiência espiritual. Nota-se os ex-votos presentes no cortejo como pagamentos de promessas. E sacrificar-se significa basicamente usar o corpo para entrar em contato com o santo. Seguir a procissão, não importando o quanto isso seja difícil, implica esse sacrifício em que o corpo deixa de operar como instrumento de prazer para se colocar a serviço do sagrado (MATTA, 1997, p. 108).

Diversas formas compuseram-se em propagar a fé e agradecer aos milagres concedidos dentro dessa manifestação religiosa, os sacrifícios elencados na procissão foram, por exemplo, carregar tijolos nos ombros e cabeças, andar descalços ou de joelhos, caracterizar crianças de anjos e, também carregar o andor. Nesse sentido, o corpo toma resultados de comunicação com o sagrado e por intermédio do corpo ocorre essa “quitação” do débito. O sacrifício é a outra forma de pagamento de promessa [...], o fiel escolhe o esforço físico, como sua maneira de quitação. Geralmente é o corpo que ele submete ao sacrifício. Na religião cristã os adeptos desse

ritual têm no sofrimento de Jesus Cristo a referência para suas práticas (FILHO, 2006, p. 39).

A palavra promessa refere-se a um compromisso/uma ideia de troca (comunicação). E para que esta negociação ocorra, é preciso que o ser humano esteja passando por alguma interferência no ciclo normal da vida. Vários são os relatos de pessoas que estão na procissão, em busca de respostas, que não são encontradas no plano terreno; então procuram uma relação com uma instância/divindade para além do visível.

Saúde, emprego, moradia, estudo, casamento. Várias histórias de votos feitos à Santa e diferentes são as formas de cumprir a promessa. É essa devoção e o respeito extremo nos rituais que conduzem os devotos a uma circunstância com o sagrado e evidenciando a utilização de objetos simbólicos para que haja comunicação e eficaz, acontecendo, assim, o feedback nas manifestações religiosas.

Carregar um tijolo, por exemplo, pode ser para um indivíduo representar o agradecimento por ter conseguido uma moradia, em outros casos pode representar exclusivamente o esforço físico como forma de pagar uma promessa. Andar descalço também pode simbolizar vários tipos de pagamentos de promessas: pela saúde de um filho; por um emprego do marido, são sinais que o povo busca para prender a atenção do divino e ceder um milagre.

Os pagadores de promessa são as testemunhas do poder que a Virgem do Carmo possui para a realização de milagres. Os motivos das promessas são variados, como são também as formas de seu pagamento. As bênçãos da promessa podem ser para quem fez a promessa, ou para terceiros, e o pagamento dela poderá ser compartilhado com aquele que recebeu o milagre.

Na Folkcomunicação, Luiz Beltrão não se rendia aos encantos do folclore, mas procurava entender cada detalhe das manifestações populares das classes marginalizadas, frente às mensagens culturais. Esses grupos utilizam “procedimentos, modalidades, meios e agentes elaboradores e emissores de mensagens, ao nível de sua vivência, experiência e necessidades” (BELTRÃO, 1980, p. 23).

O amarelo e o branco são cores predominantes no evento e os fiéis utilizam nas camisas, flores e bandeiras para louvar à Maria. A cor amarela representa alegria, vida, luz e riqueza, lembra o ouro; por sua vez, a cor branca simboliza a paz, a tranquilidade, a serenidade e a pureza. O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim

produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 2009, p. 68).

Observa-se que durante o trajeto da procissão, a imagem da Virgem do Carmo tem o poder de “chover” sobre seus devotos e suas residências a abundância, a alegria, a esperança e a paz. Desta forma, espera-se com muita alegria a passagem da imagem da Mãe de Jesus, movimentando uma quantidade significativa de católicos situados na frente das residências e nas calçadas para acompanhar a procissão.

E para que o pedido seja atendido, o fiel faz por merecer a bênção indo aos eventos da programação da igreja católica. Inúmeras são as formas de se aproximar do divino. Em muitos casos, é por meio da oralidade que o pedinte utiliza para ser agraciado.

Muitos são os murmúrios em orações e cantos dos devotos chamando a Santa de “Virgem do Carmelo”, “Mãezinha”, “Santíssima”, reforçando a ideia de extrema familiaridade com a padroeira. A ideia de Mãe surge uma vez que, dentro da igreja, os fiéis comungam ser irmãos de Cristo, filhos de Maria. O fato de termos nossas mães, gera um sentimento de segurança, pois temos o conhecimento de nossas origens e, quando necessário, sabemos para quem recorrer.

[...] esses princípios de juízos e raciocínios [...] constantemente presentes na linguagem, sem que estejam necessariamente explícitas, elas existem ordinariamente, sobretudo sob a forma de hábitos diretrizes da consciência, elas próprias inconscientes (LARAIA, 2009, p. 93).

Em cima do trio elétrico, o grupo de louvor da catedral entoava os cânticos tradicionais em celebração à Nossa Senhora, sempre acompanhados pelos milhares de fiéis. As orações se dividem entre a reza do terço com as Ave-Maria, Pai-Nosso e Creio em Deus Pai é o grupo que comanda a festa; que dá o tom necessário para a experiência religiosa; é como se o grupo tivesse o grande papel de fazer o “céu descer” ou de fazer “transcender o indivíduo aos céus” (FERNANDO, 2018, p. 143).

As canções, por exemplo, têm papel fundamental dentro da procissão. São elas que dão o tom do cortejo religioso fazendo com que os devotos se emocionem, reflitam sobre atitudes do cotidiano e se sintam renovados na fé. Uma composição que enriquece o imaginário do fiel e que permite conhecer, corrigir-se e pedir perdão à Santa durante a caminhada e alcançar a paz espiritual.

Cria-se um ambiente em que os participantes são levados a reconhecer sua condição de pecadores, seus limites, impotências e fragilidades humanas. Todos são incitados a fazer uma retrospectiva e uma análise da sua

condição diante do divino, para assumirem uma atitude de dependência e subalternização diante das diretrizes dos deuses e santos (FERNANDO, 2018, p. 137).

Vejamos em seguida alguns trechos de canções significativas que são entoadas na procissão e dão a tonalidade nos processos comunicacionais dos devotos:

1	<i>SOB A BÊNÇÃO DA VIRGEM DO CARMO!;</i>
2	<i>FLOR DO CARMELO, NOSSA ALEGRIA. / SALVE! SALVE, MARIA!;</i>
3	<i>Ó RAINHA DO CARMELO, / TEU DESVELO E PURO AMOR, / DÁ-NOS SEMPRE NESTA VIDA, MÃE QUERIDA DO SENHOR;</i>
4	<i>A DIOCESE EM ALEGRIA/ DEMOS VIVAS DE AMOR. / NOS DÁ A BÊNÇÃO DE MARIA, NOS DÁ A GRAÇA DO SENHOR;</i>
5	<i>Ó VEM CONOSCO, VEM CAMINHAR, / SANTA MARIA, VEM;</i>
6	<i>VEM MARIA, VEM! / VEM NOS AJUDAR/ NESTE CAMINHAR TÃO DIFÍCIL RUMO AO PAI;</i>
7	<i>MÃE, MÃE, MÃE, MARIA NOSSA MÃE;</i>
8	<i>Ó RAINHA DO CARMELO, / TEU DESVELO E PURO AMOR, / DÁ-NOS SEMPRE NESTA VIDA, MÃE QUERIDA DO SENHOR.</i>

Acima, apresentamos pequenos trechos de canções que são repetidamente cantadas nos eventos religiosos que compõem a festa em honra à Nossa Senhora do Carmo. Ao longo de todo o festejo, estas músicas são entoadas com muito vigor pelos fiéis que participam ativamente da programação.

É o momento em que todos deixam de lado suas diferenças e estreitam seus vínculos para ser uma só família, onde obedecem a regras e o povo corresponde com as expectativas da Igreja Católica e dos organizadores da festa.

Os devotos entoam com bastante fervor os cantos e respondem ao grupo de cânticos com as saudações: *Viva Nossa Senhora do Carmo! Viva a Virgem do Carmelo!* Braços são levantados em sinal de louvor, as mãos fechadas representando a proteção, aplausos são constantes e delongados, rostos cobertos de lágrimas, olhos fechados, mãos direcionadas à imagem da Santa evocando bênçãos e, por meio disso, também é feita a comunicação. A corporeidade, a gestualidade e as expressões diversas dos indivíduos no culto sinalizam para um processo de comunicação entre o mundo real que dá sentido e acesso a um mundo do mistério, ao mundo sacral (FERNANDO, 2018, p. 141-142).

Dessa maneira, após a santa atender ao pedido do devoto, e a realização do prometido, algumas obrigações são importantes no cumprimento da promessa. Para isso existem diferentes maneiras: na Festa de Nossa Senhora do Carmo elas se manifestam através de doações para bingos, alimentos para as comidas típicas vendidas na barraca da festa, fitas e flores para serem presas ao andor da santa, velas, fogos de artifícios.

Na festa, há pagamento de promessas que duram apenas uma vez e outros que duram a vida inteira. Entre os principais motivos que levam a realização de promessas estão: conseguir emprego e moradia, abandonar o alcoolismo e as drogas, reconciliação com familiares, passando por infortúnios – mas a maioria é por motivo da melhora de saúde.

Chegada a procissão na matriz, é o momento que a celebração é presidida pelo bispo da Diocese de Parintins, Dom Giuliano Frigenni, e concelebrada pelos padres diocesanos. Os movimentos e congregações católicas têm uma participação primordial, entre os quais estão os Marianos, coroinhas, Apostolados da oração, grupos de jovens, terço dos homens e pastorais.

Nesse sentido, nas manifestações religiosas, o bispo assume a posição de líder tornando-se representante do divino. E para isso, reconhece-se que Dom Giuliano está revestido de saberes e de qualidades extraordinárias, capaz de manter domínio sobre os outros homens. Deste modo,

[...] assume a tarefa de soldar os laços entre o criador e a criatura, entre o servo e seu senhor [...]. Na verdade, ele funciona como uma espécie de executor das ordens de um Ser Supremo. Isto quer dizer que não é este líder que cura, pois não têm poderes para tal; ele é apenas um representante [...] (FERNANDO, 2018, p. 182).

A Folkcomunicação estuda essa vertente sendo o sacerdote o líder responsável por decodificar as mensagens e retransmiti-las ao grupo dentro das celebrações. O líder comunicador de folk é um tradutor dos grupos marginalizados, pois sabem encontrar palavras e argumentos acessíveis, e que sensibilizam os seus seguidores (BELTRÃO, 1980 *apud* JÚNIOR e NEVES, 2014, p. 106).

Após a caminhada, os fiéis sentem-se revigorados na fé e dispostos a enfrentar a vida cotidiana novamente. Essas práticas, além de dá uma sensação de sustentabilidade do espírito, causa também um sentimento de solidariedade entre a comunidade devota. Por isso é preciso fazer acontecer cultos, ritos e cerimônias periódicas e extraordinárias, nas quais os adeptos garantam a revivificação de sua fé comum, manifestando-se diante de todos, pois o culto favorece a reafirmação dos sentimentos do crente e suas crenças (FERNANDO, 2018, p. 143).

Quase todos os devotos fazem parte da manifestação porque são produtos de promessas. São homens e mulheres que se doam à festa confiante na religiosidade, por intermédio da santa. Portanto, pela riqueza e complexidade de tal manifestação, tais ações se tornaram o foco principal nesse estudo, sob a perspectiva da Folkcomunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Festa de Nossa Senhora do Carmo de Parintins tornou-se um evento de grande participação dos devotos da Santa. A cada ano que passa, o número de promesseiros cresce. O que contribui para este crescimento são os relatos de pessoas que solicitam bênçãos à Ela e, sendo atendidos, curvam-se a imagem da Santa e pagam a promessa, no cortejo religioso.

Apresentamos neste trabalho a etnografia da Procissão, uma vez que, neste evento, há várias formas de praticar o ex-voto, seja ele apenas uma vez ou por mais tempo, de acordo com o pedido de cada pessoa.

Porém, em Parintins, o pagamento de promessa ganha criatividade devido ao fato da cidade ser terra de artistas – aqui, salienta-se as decorações de casas e lojas, de oratórios, a grande imagem da Romaria das Águas na balsa, os shows pirotécnicos, a pintura de muros, a caracterização de crianças vestidas de anjo, o próprio Andor que leva a imagem de Nossa Senhora do Carmo e os cantos.

No mês de junho, há a disputa dos bumbás Garantido e Caprichoso, na Arena do Bumbódromo. Mas, passado este período, onde se tem a escolha de lados da ilha, que brota a rivalidade de torcidas, dar lugar a união de todos a fim de comungar na mesma fé católica, cantando e louvando à Santa Padroeira da Ilha Tupinambarana.

A utilização da etnografia fez-se necessário para que abrissemos os olhos e pudéssemos imergir na festividade e conhecer cada elemento presente, as ações tomadas, as gesticulações mostradas, as histórias por trás dos pagamentos de promessas etc. Além desta conceituação, o trabalho foi embasado na teoria criada por Luiz Beltrão – a Folkcomunicação –, visto que a mesma busca compreender as manifestações, pois ela não se dá de forma aleatória. Há todo um processo para a concretização, entendimento e realização deste evento.

A Folkcomunicação ainda é uma teoria pouco conhecida nas universidades públicas espalhadas pelo Brasil. Cabe a nós, pesquisadores da área, apresentar a teoria e mergulhar no universo das manifestações da cultura popular, no intuito de conhecer e entender o método que são adotados para comunicar e expressar opiniões e ideias. Há mensagens

presentes em cada ação nas mais diversas formas de manifestações folclóricas e culturais.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCCRS, 2002.

BONITO, Marco; CORNIANI, Fábio. **Folkcomunicação e Orkut**: os culturalmente marginalizados. INTERCOM (XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação): Recife, 2016.

CORNIANI, Fábio. **Afinal, o que é Folkcomunicação?** São Bernardo do Campo (SP): Sítio da universidade Metodista de São Paulo. Evento da mídia Cidadão. Disponível em: www.metodista.br/midiacidada. Acesso em: 25 de março de 2007.

FERNANDO, Adelson da Costa. **Nas teias do comunitarismo carismático católico**: uma análise sociológica da Comunidade Vida Nova em Parintins/AM. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2018.

FERREIRA, Talita Sibebe Melo; CRUZ, Jocilene Gomes da. **Festa de Nossa Senhora do Carmo de Parintins-Am**: Celebração da fé e Turismo Cultural. Publicado em: Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul (Semintur). Turismo e Paisagem: relação complexa. Universidade de Caxias do Sul (RS), 2012.

FILHO, Sebastião Faustino Pereira. Promessas: contrato individual e social com seres superiores. In: **Folkcom**. Do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas. Teresina: Halley, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LAZARSELD, Paul. Os meios de comunicação coletiva e a influência pessoal. In: **Panorama da Comunicação Coletiva**. Rio: Editora Fundo de Cultura, 1964.

MARQUES, Francisca Ester. Comunicação, identidade e cultura popular. In: **Folkcom**. Do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas. Teresina: Halley, 2006.

MERCIER, Paul. **História da antropologia**. Rio de Janeiro, Eldorado. 1974.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MELO, José Marques de. **Luiz Beltrão**: pioneiro dos estudos de Folk-comunicação no Brasil. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em: 31 de mar. 2008.

_____ & FERNANDES, Guilherme Moreira. **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. 1 ed. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

_____ (org.); GOBBI, Maria Cristina; DOURADO, Jacqueline Lima. **FOLKCOM**. Do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas. – Teresina: Halley, 2006.

MODESTO, Fabio Goncalves; SILVA, Onan Ferreira da. Sob as Bênçãos da Virgem do Carmo: o ex-voto na perspectiva folkcomunicação. In: **XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação**. Parintins-Am, 2018. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/folkcom2018/trabalho/54482>. Acesso em: 31 out 2018.

NETO, Arlindo de Souza & DO AMARAL, Polyanny Lilian. Os Imponderáveis da Etnografia Religiosa: uma análise sobre o trabalho etnográfico no campo da religião. Publicado em: **MNEME – Revista de Humanidades** (Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte) (jan. jul. 2011). Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>. Acesso em: 15 de jul. 2019.

NEVES, Soriany Simas (org.). **Folkcomunicação no Amazonas**: processos midiáticos contemporâneos da cultura popular. São Paulo: Scortecci, 2014.

RODRIGUES, Allan S. Barreto. **Boi-Bumbá evolução**: Livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins. Manaus: Valer, 2006.

SCHMIDT, Cristina (org.). **Folkcomunicação na Arena Global**: Avanços Teóricos e Metodológicos, São Paulo: Ductor, 2006.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. O ex-voto como veículo de comunicação popular. In: SCHMIDT, Cristina (Org.). **Folkcomunicação na Arena Global**: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo. Ductor.

EX-VOTO. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5433/ex-voto>. Acesso em: 04 de abr. 2018. Verbete da Enciclopédia.

PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE PARINTINS:

AS DIMENSÕES FOLKCOMUNICATIVAS DO EX-VOTO

Fábio Gonçalves Modesto¹²

Onan Ferreira da Silva¹³

Adelson da Costa Fernando¹⁴

RESUMO: Folkcomunicação é identificada por meio de procedimentos e processos de interlocução que as manifestações de culturas populares apresentam a partir do dia a dia, utilizando veículos comunicacionais artesanais do homem, como as festas, os rituais, as danças, as esculturas, as letras e as músicas, entre outros. O ex-voto é abordado aqui como um mecanismo folkcomunicativo, dentro da Procissão de Nossa Senhora do Carmo, em Parintins – AM. Os ex-votos caracterizam-se como resultados correspondentes aos votos feitos à Santa e é observada e discutida nas mais diversas manifestações culturais religiosas e têm grande influência para a vida cotidiana e os valores das pessoas que seguem a doutrina do Catolicismo. Este trabalho foi embasado na teoria folkcomunicacional de Luiz Beltrão, com a contribuição de José Marques de Melo.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Procissão; Ex-voto.

INTRODUÇÃO

A cultura da região Norte do Brasil é diversificada, rica e muito influenciada pelas populações indígenas, europeias e africanas, bem como pelos migrantes nordestinos, manifestando-se na oralidade, no artesanato, na culinária e na religiosidade.

A cidade de Parintins, localizada a 369 quilômetros de Manaus em linha reta, com acesso por via fluvial ou aérea, à margem direita do rio Amazonas, com aproximadamente 102 mil habitantes (IBGE, 2018), é palco de uma das maiores manifestações culturais do mundo. No Festival Folclórico de Parintins¹⁵, espetáculo a céu aberto, podemos ver todo o

12 Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo, pelo Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: fabio.g.modesto16@gmail.com.

13 Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo, pelo Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: onanferreira02@gmail.com.

14 Doutor em Ciências da Religião PUC GO; Professor do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ/UFAM e Diretor Regional |Norte Rede Folkcom.

15 O Festival Folclórico de Parintins, que se iniciou em 1960, ocorre anualmente no último final de semana do mês de junho na Arena do Bumbódromo, inaugurada há 30 anos, localizado no Centro da cidade, na qual ocorre uma disputa entre os bois-bumbás Caprichoso, representando pelas cores azul e branco, e o Garantido, representando pelas cores vermelho e branco. De cada agremiação folclórica, são julgados 21 itens, divididos em três blocos: A) Comum/Musical; B) Cênico/Coreográfico; C) Artístico.

talento e criatividade do parintinense, além dos ritos e lendas cantados nas toadas¹⁶. O ritmo da festa é o boi-bumbá que advém de origens do bumba-meu-boi do Estado do Maranhão, ritmo que empolga torcedores e simpatizantes dos Bois Caprichoso¹⁷ (azul e branco) e Garantido¹⁸ (vermelho e branco), transmitindo alegria nas três noites de apresentações realizadas na arena do Bumbódromo.

Mas nem só de folclore vive o parintinense. De 06 a 16 de julho é realizada a maior festa religiosa do Estado do Amazonas e a segunda maior do Norte do Brasil, estando atrás somente do Círio de Nazaré, que ocorre no dia 14 de outubro, em Belém do Pará. A Festa em honra a Nossa Senhora do Carmo, considerada a padroeira da Ilha de Parintins, atrai milhares de fiéis nos onze dias da festa que culmina com a procissão em louvor à santa, uma cena de devoção transmitida no zelo da decoração das ruas, nas alegorias e adereços, e no brilho dos fogos de artifício. A festividade também recebe a participação de comunidades vizinhas que fazem parte da Diocese de Parintins como Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Maués e Nhamundá, entre outras da região do Baixo Amazonas, envolvendo católicos das mais diversas localidades no período de devoção e fervor a Nossa Senhora do Carmo.

Neste sentido, este trabalho estudou as formas ex-votivas na procissão de Nossa Senhora do Carmo, em Parintins-Am e os simbolismos utilizados pelos devotos, com o intuito de estabelecer uma relação com a santa. O termo ex-voto foi utilizado por Luiz Beltrão para dar significado ao agradecimento do fiel, o qual busca, por meio de pedidos e oferendas a santos e outras divindades, uma solução para os problemas da vida, sejam eles quais forem. O campo de pesquisa foi a festa em honra à Nossa Senhora do Carmo, mais precisamente no seu auge que é a procissão, ambiente escolhido para mostrar tal prática de devoção e de comunicação dos fiéis com o divino, que ocorre no dia 16 de julho.

Esta pesquisa observou e estudou uma das maiores manifestações de fé do Baixo Amazonas, além de mostrar a relação do devoto com o

16 As toadas são vistas como o fio condutor da apresentação dos bois-bumbás durante a disputa na Arena. Este gênero musical é responsável por animar a galera (item 19, julgado no Festival Folclórico de Parintins, no Bloco A (Comum/Musical)). Enquanto um Boi se apresenta, a galera (torcida) participa com todo entusiasmo até o final da apresentação dos Bois. Nas toadas, exaltam a beleza da floresta, clamam pela preservação da fauna e flora, contam histórias das lendas amazônicas, dos rituais indígenas e do cotidiano do caboclo ribeirinho, por meio de ricas composições musicais.

17 O Boi Caprichoso, das cores azul e branco, ostenta uma estrela na testa e foi criado em 1913 pelo nordestino Roque Cid que, em meio as secas do Nordeste brasileiro, resolveu migrar para o Amazonas em busca de melhores condições de vida.

18 O Boi Garantido, das cores vermelho e branco, ostenta um coração na testa e foi criado em 1913 por Lindolfo Monteverde, após uma promessa a São João Batista, criando um de boi curuatá e brincando pelas ruas da cidade.

divino (do terreno com o superior). Além disso, busca contribuir para o aprofundamento da temática, trabalhada pela teoria folkcomunicação de Luiz Beltrão, e estudo das mensagens contidas no momento de devoção e os estreitos laços que unem o fiel ao seu deus.

REFERENCIAL TEÓRICO

A TEORIA FOLKCOMUNICAÇÃO DE LUIZ BELTRÃO

De origem brasileira, a teoria Folkcomunicação foi desenvolvida por Luiz Beltrão na sua tese de doutorado na década de 1960, intitulada “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e meios populares de informação de fatos e expressões de ideias”. Nas pesquisas, Beltrão analisava as manifestações populares junto aos seus processos comunicacionais em um determinado grupo cultural.

Luiz Beltrão nasceu em Olinda, em 8 de agosto de 1918, e faleceu em Brasília no dia 24 de outubro de 1986. Beltrão era jornalista, escritor e pesquisador brasileiro. Também foi pioneiro nos estudos da comunicação popular brasileira, desenvolvendo a área de estudo denominada Folkcomunicação.

Durante as observações iniciais, Beltrão buscava acompanhar as manifestações dos “homens do campo que estão à margem dos centros de poder e decisão, o que ele chama de marginalizados” (SCHMIDT, 2006). Esses grupos marginalizados, sejam eles econômico ou culturalmente, são responsáveis por apresentar visões semelhantes, diferentes ou questionadoras das visões da elite ou da classe dominante, por meio das manifestações culturais.

Outro ponto dos estudos de Beltrão são os processos comunicacionais feitos pelo povo dentro das manifestações populares. Segundo a Folkcomunicação, as mensagens utilizadas pelos grupos marginalizados não necessitam dos meios formais de comunicação (cinema, televisão, rádio). Conforme José Marques de Melo, em “Luiz Beltrão: pioneiro dos estudos de Folk-comunicação no Brasil”, salienta que

[...] tais veículos de comunicação popular ou de folkcomunicação, como ele preferiu denominar, mesmo primitivos ou artesanais, atuavam como meros retransmissores ou decodificadores de mensagens desencadeadas pela indústria da comunicação de massa (jornais, revistas, rádios, televisão) (MELO; s/d, p. 1).

Luiz Beltrão, em suas pesquisas, não se rendia aos encantos do folclore, mas procurava entender cada detalhe das manifestações populares das classes marginalizadas frente às mensagens culturais. Esses grupos utilizavam “procedimentos, modalidades, meios e agentes elaboradores

e emissores de mensagens, ao nível de sua vivência, experiência e necessidades” (BELTRÃO, 1980, p. 23).

Beltrão sustenta sua tese nas teorias de Paul Lazarsfeld¹⁹ sobre Opinião Pública, mais precisamente sobre os líderes de opinião. Segundo Toussaint, os líderes de opinião são

[...] os indivíduos que recebem em primeira mão as informações dos meios para transmiti-las depois a pessoas desvinculadas disso, mas incluindo a sua própria interpretação da informação recebida. São pessoas que não se desviam de seus grupos; andam pelo mesmo caminho que os outros, mas adiante (1992, s/p).

Para que a mensagem do emissor chegue ao grupo, ela perpassa por um líder, responsável por interpretar, até chegar à audiência. Conforme Fábio Corniani, em seu artigo “Afinal, o que é Folkcomunicação?”, descreve que

[...] uma fonte transmite uma mensagem através de um canal, que no processo é representado pelos meios de comunicação de massa, chegando até uma audiência, onde estão contidos os líderes de opinião, estes intitulados por Beltrão como Líderes-comunicadores. (...) os líderes se tornam comunicadores e transmitem uma mensagem através de um canal folk, chegando então ao que Beltrão intitulou de audiência folk (CORNIANI, s/a).

Para Beltrão (1980), “há mensagens profundas contidas nos aparentemente ingênuos textos, falas, artefatos, práticas, ritos e movimentos” que são emitidos pelas manifestações populares por meio de suas culturas. Esses estudos foram fundamentais para a criação da Folkcomunicação, teoria esta que visa entender os processos comunicacionais emitidos pelos grupos marginalizados por meio da cultura popular. Hohlfeldt (2002) aperfeiçoou o conceito relacionado a esta nova área da Comunicação. Ele definiu Folkcomunicação como

[...] o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos (HOHLFELDT, 2002 *apud* SCHMIDT, 2006, p. 8).

Ou seja, a Folkcomunicação é uma área da Comunicação Social que busca identificar e entender os significados dos procedimentos comunicacionais utilizados pelas manifestações de cultura popular.

19 Paul Felix Lazarsfeld foi sociólogo e educador austríaco-estadunidense nascido em Viena, que se projetou com suas pesquisas sobre comunicação e propaganda, principalmente radiofônica e, por isso, considerado um dos fundadores da moderna investigação de comunicação de massa. Foi um dos fundadores da análise norte-americana sobre os meios e seus efeitos na formação da opinião pública.

AGENTE, AUDIÊNCIA E AMBIENTE FOLKCOMUNICACIONAIS

Em todos os lugares, há alguma forma de manifestação cultural ou religiosa para identificar os costumes de uma determinada comunidade, seja ela no meio urbano ou rural. Dentro destas manifestações, há um indivíduo responsável por transmitir as mensagens que circulam entre as pessoas da localidade e àquilo que recebeu a titulação de sagrado. Além disso, existe um público-alvo ao qual é direcionado estas mensagens contidas nas celebrações e o ambiente de particularidades e objetos indispensáveis.

Para Beltrão, na teoria da Folkcomunicação existe um processo formado por agente, audiência e ambiente folks. Dentro da comunidade marginalizada, existe um agente folkcomunicador, tendo consigo certo prestígio por conta da fácil decodificação das mensagens e retransmitindo aos demais presentes naquela comunidade. Porém, com sua própria interpretação. **O líder comunicador de folk é um tradutor dos grupos marginalizados, pois sabem encontrar palavras e argumentos acessíveis, e que sensibilizam os seus seguidores** (BELTRÃO, 1980 *apud* BELTRÃO JÚNIOR; NEVES, 2014, p. 106).

[...] os líderes agentes-comunicadores de folk, aparentemente, nem sempre são autoridades reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo ouvintes, leitores, admiradores e seguidores, e, em geral, alcançando a posição de conselheiros ou orientadores da audiência sem uma consciência integral do papel que desempenham (BELTRÃO, 1980, p. 43).

QUADRO 1 AUDIÊNCIAS FOLKCOMUNICACIONAIS



Fonte: In BONITO e CORNIANI (2006, p. 03).

De acordo com o quadro 1, percebe-se que a audiência folk é formada por grupos marginalizados da sociedade. São eles:

Os grupos rurais marginalizados, sobretudo devido ao seu isolacionismo geográfico, sua penúria econômica e baixo nível intelectual;

Os grupos urbanos marginalizados, compostos de indivíduos situados nos escalões inferiores da sociedade, constituindo as classes subalternas, desassistidas, subinformadas e com mínimas condições de acesso;

Os grupos culturalmente marginalizados, urbanos ou rurais, que representam contingentes de contestação aos princípios, à moral ou à estrutura social vigente (BELTRÃO, 2002, p. 40).

Vale salientar que os grupos culturalmente marginalizados fazem parte dos grupos marginais urbanos e rurais (quadro 1), entendendo que um indivíduo que pertence a um grupo culturalmente marginal, logo estará dentro de um conjunto rural ou urbano.

A palavra “marginalizado”, neste estudo, refere-se ao indivíduo que se encontra às margens de duas culturas, que nunca se misturaram inteiramente. Sendo, assim, interpretado pelos pesquisadores desta área não como um elemento perigoso (fora-da-lei), mas considerado como um excluído do meio social ao qual poderia estar inserido.

Nesta audiência, a comunidade que acredita nos mesmos princípios gozaria das mesmas interpretações e manifestações aos deuses, criando símbolos e formas de reverenciar ao sagrado. Este grupo, a audiência, é formado “por pessoas da zona rural e urbana, com reduzido poder aquisitivo, e que adotam uma filosofia ou política contrária à ordem social vigente” (BELTRÃO, 1980 *apud* JÚNIOR; NEVES, 2014, p. 114).

O ambiente folk é o espaço privado onde ocorre a manifestação da cultura em meio à comunidade que exerce tal celebração, sejam elas a um santo ou não. É o lugar institucionalizado onde tudo faz sentido para as pessoas que desfrutam da mesma crença e se sociabilizam, correspondendo o comando do agente folk comunicador.

É no espaço folk que as práticas ganham sentido, pois nele é possível anunciar e tornar-se visível toda ação, seja de reverência, as linguagens, o louvor, a dança, a solicitação de proteção, entre outros.

Anualmente, em tais localidades, celebram-se festas que, embora de origem e fundo religioso, se revestem de exteriorizações profanas, constituindo-se desse modo em ocasiões especiais de sociabilidade, e obedecendo a rituais mistos uma parte interna (a missa, o sermão, a bênção), sob o controle da autoridade eclesástica; a outra, fora do templo, de iniciativa de grupos autônomos (ou quase) de devotos, incluindo procissões e cortejos,

representações de autos folclóricos, música, danças, fogos de artifício, quermesses, jogos e brincadeiras, comidas típicas (BELTRÃO, 1980, p. 63).

Na Folkcomunicação, cada ambiente gera seu próprio vocabulário e sua própria sintaxe, e cada agente – comunicador emprega o canal que tem à mão e melhor sabe operar o modo a que seu público veja refletidos na mensagem seu modo de vida, suas necessidades e aspirações, e enquadramento de qualquer parcela da comunidade em um desses grupos depende, antes do mais, de uma pesquisa das linguagens específicas utilizadas pelos indivíduos que a compõem e dos meios de expressão por eles utilizados (BELTRÃO, 1980, p. 40).

A Folkcomunicação mostra-se presente nas diversas manifestações religiosas e de culturas populares espalhadas mundo afora. Cada ambiente propaga uma manifestação, seja de adoração ao sagrado ou não, assim como dentro destas expressões, há um líder decodificador das mensagens ao nível de intelectualidade da comunidade em questão, a audiência. Todo este processo nos permite um entendimento diante do estudo aprofundado nesta área em questão, para, assim, compreendermos que toda manifestação não se dá de maneira aleatória. É o caso do ex-voto, objeto de estudo deste trabalho.

O EX-VOTO COMO VEÍCULO FOLKCOMUNICATIVO: A PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE PARINTINS

Sob a Bênção da Virgem do Carmo
Parintins se desdobra e reluz
Ao afago do Rio Amazonas,
Encimada do sol e da cruz

Parintins, meiga flor do Amazonas
Doce mimo das mãos do Senhor,
Terra virgem por Deus escolhida
Para berço de luz e de amor.

Parintins é uma terra bendita
Refulgente de fé no porvir
É cidade pujante de vida
Com um povo a cantar e sorrir

Nela há jovens e tantas crianças
A caminho do bem e do amor.
São do amado Brasil esperança

São aurora de um mundo melhor

Quem entra do Paúra ou da Serra

Fascinando por esta região

As saudades mais vivas enterra

e aqui fica com seu coração

Hino do município de Parintins-AM

Composição: Dom Arcângelo Cerqua

O hino da cidade de Parintins, acima referido, é de autoria de Dom Arcângelo Cerqua, o primeiro bispo da cidade, e nos remete a uma saudação à padroeira Nossa Senhora do Carmo, sendo uma das canções mais entoadas nas procissões e eventos relacionados à Santa.

A cada ano, a fé na Virgem Maria é renovada por meio de preces, louvores, cânticos, saudações e o que mais chama atenção no evento é a quantidade de promesseiros e pessoas envolvidas na parte religiosa.

Para organizar toda essa estrutura, da Festa de Nossa Senhora do Carmo, e pensando na estrutura que ela é, é um momento que começa com muitos meses antes. Seis meses antes, nós já estamos trabalhando em cima de toda a estrutura que é montada, pensando nas pessoas que vão conduzir, a peregrinação que acontece dois meses antes, e esse ano, a peregrinação foi dentro das paróquias, ao redor, que pertencem a Diocese de Parintins. Então, para nós, tem que pensar em toda essa logística. É uma alegria muito grande, um esforço muito grande e todo um conjunto de pessoas que aderem, que são promesseiros, que estão junto com a gente neste trabalho de divulgação da Festa. As equipes que vão se formando, nós temos de 300 a 400 pessoas que estão nos bastidores trabalhando, isso só no aspecto religioso [...] (Pe. Jânio Negreiros, em entrevista no dia 18 de julho de 2018).

O ambiente folkcomunicacional, observado nessa pesquisa, foi a procissão, espaço onde ocorre a saudação à Santa e o devoto institui uma forma própria de se comunicar com o sagrado. No decorrer dos onze dias de programação da festa, foi observado a preparação dos devotos nos diferentes seguimentos da Igreja Católica de Parintins. Este preparo do fiel ocorre para que o indivíduo se sinta firme na fé em Nossa Senhora do Carmo, no momento da Procissão, lugar onde este se colocará à disposição para louvar e cantar à Santa.

A Procissão tem muita gente. A beleza dessa multidão encanta, a beleza dessa multidão emociona. Ela dá um outro significado para a sua própria

fé, para a sua própria dinâmica espiritual. Por mais que você tenha um altar na sua casa, por mais que você possa ter uma rotina de ir na Igreja, o dia da Procissão é um dia especial, o dia da festa é um dia especial [...] (Diego Omar, historiador e professor universitário, em entrevista no dia 26 de novembro de 2018).

Diferente das pesquisas de Luiz Beltrão, realizadas em Juazeiro do Norte, os ex-votos foram estudados como objetos (peças em madeira, cerâmica, tecido, cera, papel, fita, linha, cordão, papelão, cartolina, chifre, gesso, pedra-sabão e até plásticos) oferecidos a um santo pelas graças alcançadas nos cruzeiros, santuários e salas de milagres. Em Parintins, os ex-votos são diversos e ganham dimensão simbólica com a criatividade do parintinense, como por exemplo as pinturas em muros, a decoração das casas, a confecção de andores grandes e pequenos, e do Manto – todas essas práticas somam com os estudos de Beltrão, dando peculiaridade à procissão de Nossa Senhora do Carmo.

A Folkcomunicação seria a comunicação artesanal no âmbito do vivido, dos agentes de cultura popular, que eles utilizam para difundir suas ideias, “intercambiar” informações. Então, a Folkcomunicação é essa difusão no âmbito do vivido [...] (Soriany Simas, professora universitária, em entrevista no dia 6 de maio de 2019).

Esta interação do fiel com o sagrado se dá por práticas realizadas nas missas, procissões, novenas. Também sempre demonstradas nas diversas formas artísticas do povo parintinense. Todo este “preparo” que ocorre, culmina com o auge que é a procissão no dia 16 de julho, que alimenta e enriquece o universo simbólico dos devotos.

Ao descermos (da Boca do Limão), às cinco horas da tarde, a gente dizia sentir a manifestação Dela. Veio descendo, bonita, sem som, só a gente cantando Ave Maria, falando alto, e aquilo vinha, vinha, vinha [...]. Quando chegou na frente da cidade, uma população grande para recebê-la. Então, a manifestação Dela, de Nossa Senhora, vem de todos os extremos, do Andor e da Romaria das Águas. E é na Romaria das Águas, que você ver culminar há 11 anos, que a gente vê esse arrebatamento, [...] é uma manifestação espontânea de fé das pessoas (Juarez Lima, artista plástico, em entrevista no dia 18 de julho de 2018).

Carregar tijolos nos ombros ou imagens de representações de santos, caminhar descalços ou de joelhos, levar nas mãos objetos como terços, fitas, flores, com o intuito de santificá-los, e caracterizar crianças de anjos são formas que o fiel encontra para agradecer a Santa Padroeira pelo milagre concedido.

[...] em um momento de desespero, a gente se desencontra com Deus. A gente só lembra do nosso desespero. E quando eu parei, refleti, parei para fazer um balanço de tudo o que estava acontecendo na minha vida [...]. Foi que, em um dia, a minha avó conversou comigo, foi me visitar, conversou com a minha filha e disse: Entrega a tua filha no que tu tens mais fé no mundo, que é Deus, na Mãe, que é nossa advogada. Ela conversou muito comigo sobre ter fé. E daí surgiu, eu dar a minha filha para Ela como anjo [...]. Foi aí que eu fiz a promessa e, em menos de dois dias, a Nicole pegou 2 quilos rapidinho. Foi da água para o vinho rapidinho [...]. E o médico veio comigo, disse que praticamente tinha sido um milagre [...] (Valdene Pereira, devota, em entrevista no dia 19 de julho de 2018).

A promessa parte do pacto firmado com Nossa Senhora do Carmo em pequenos gestos praticados pelos fiéis. Para que o devoto firme uma espécie de contrato com o divino é preciso que o mesmo esteja passando por aflições no dia a dia, o que é mais comum nessas situações, e busque respostas naquilo que crê. Mas nem todos os episódios da procissão se inserem neste fato. É o caso de dona Ivete Miranda.

Não foi promessa. Foi que eu gostei muito, achei muito lindo logo que eu cheguei para cá [...]. Depois eu vi que a Procissão passava, que o cortejo passava aqui à frente de casa. Aí eu resolvi que era aqui que eu tinha que esperar, ornamentar, fazer poucas coisas assim, que eu tinha uma ideia. Colocava terços de balão, folhas de palmeiras aí na frente, alguns vasos e bandeirinhas, que sempre são mais fáceis. Aí, eu já comecei assim. E a cada ano foi modificando (Ivete Miranda, devota, em entrevista no dia 13 de julho de 2018).

Dona Ivete enfeita a frente de sua casa porque se identifica com Nossa Senhora, numa forma de agradecimento, porém, não como consequência de um voto, mas por uma devoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho estudou as formas ex-votivas na procissão de Nossa Senhora do Carmo, em Parintins-AM e os simbolismos utilizados pelos devotos, onde foi possível identificar os devotos praticantes do pagamento de promessas dentro da procissão em honra a Nossa Senhora do Carmo, ação que o pernambucano Luiz Beltrão denominou de “ex-votos”. Dentro desta manifestação, nota-se a interação das pessoas devotas a padroeira até o momento da Procissão, numa comunicação artesanal moldada pelos fiéis, que buscam respostas para as aflições do dia-a-dia.

A devoção à Nossa Senhora do Carmo, e a preparação dos devotos ao decorrer dos onze dias da festa fez-se importante para entender

a entrega e os gestos dos devotos nas práticas ex-votivas. Estas ações acentuaram a curiosidade em trabalhar este tema dentro da teoria Folkcomunicacional. Percebemos na atualidade uma busca, nem sempre perceptível para os menos atentos, de ações que evidenciam costumes, credos e outras formas de participação social, que estão presentes em manifestações diversas e que repercutem intensamente nas camadas mais populares (GOBBI, 2009, p. 10)

A Folkcomunicação, tal como formulada por Luiz Beltrão e defendida em 1967, é o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e de meios direta e indiretamente ligados ao folclore. A manifestação religiosa a Nossa Senhora do Carmo pode ser considerada parte dos grupos marginalizados, por enquadrar características evidenciadas pelo autor como por exemplo: o ambiente folk, líder folk e audiência folk.

O mais importante a se destacar são as mensagens contidas nos gestos e objetos utilizados como forma de agradecimento aos milagres concedidos aos fiéis, manifestando as informações e inquietações do público no âmbito do vivido. Como visto, o povo elabora a própria comunicação artesanal com o divino e requer respostas para as carências populares que os órgãos públicos não correspondem, criando uma linguagem popular dos seus sentimentos e fazendo com que suas preces cheguem aos céus.

Foi possível conhecer as histórias de vida dos promesseiros e entender estas práticas de interação com a Divindade, no ambiente da Festa em honra à Nossa Senhora do Carmo, evento religioso de grande proporção do Estado do Amazonas. Dentro da perspectiva folkcomunicacional, cada voto do fiel surge em momentos de aflições da vida, fazendo com que pessoas peçam bênçãos e proteção à Nossa Senhora.

Os milagres obtidos pelos fiéis pela saúde de filhos, amigos, as moradias conquistadas, empregos garantidos são os votos feitos. E o feedback dos devotos são comuns neste contexto, relatos que contribuíram com esta pesquisa.

Parintins ganha notoriedade por ser uma ilha com pessoas criativas. As práticas de agradecimentos, por sua vez, cabem aos dons artísticos dos parintinenses, que oferecem pinturas em muros, as casas sendo um espaço cedido para enfeites, crianças caracterizadas de anjos e a confecção do manto que veste a Santa, dentre outras formas simples de se comunicar artesanalmente com o divino.

Dentro do contexto da procissão, os ex-votos caracterizam-se como representativos, sendo oferecidos elementos que correspondem aos votos

feitos à Santa como carregar tijolos, imagens da Santa, e pictóricos, pois são elencados como o agradecimento do milagre por meio de imagens e símbolos.

Portanto, torna-se um trabalho importante que contribuirá com as obras de Luiz Beltrão e outros pesquisadores da área, servindo como embasamento para outros colaboradores que almejam elaborar estudos nessa perspectiva.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCCRS, 2002.

BONITO, Marco & CORNIANI, Fabio. **Folkcomunicação e Orkut**: os culturalmente marginalizados. Intercom (XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação): Recife, 2016.

CORNIANI, Fabio. **Afinal, o que é Folkcomunicação?** São Bernardo do Campo (SP): Sítio da universidade Metodista de São Paulo. Evento da mídia Cidadão. Disponível em: www.metodista.br/midiacidada. Acesso em: 25 de mar. 2007.

EX-VOTO. *In*: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5433/ex-voto>. Acesso em: 04 de abr. 2018. Verbete da Enciclopédia.

Folkcom. **Do ex-voto à indústria dos milagres**: a comunicação dos pagadores de promessas/organizado por José Marques de Melo, Maria Cristina Gobbi e Jacqueline Lima Dourado. Teresina: Halley, 2006. 685 p.

GOBBI, Maria Cristina. **FOLKCOMUNICAÇÃO**: um Brasil de múltiplas culturas. *In*: A história dos devotos de Nossa Senhora da Cabeça: um estudo folkcomunicacional. Pará de Minas, MG: Editora Virtualbooks, 2007.

IBGE Parintins 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/parintins>. Acesso em: 24 de out. 2018.

LAZARSELD, Paul. **Os meios de comunicação coletiva e a influência pessoal**. *In*: Panorama da Comunicação Coletiva. Rio: Editora Fundo de Cultura, 1964.

MELO, José Marques de. **Luiz Beltrão**: pioneiro dos estudos de Folk-comunicação no Brasil. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em: 31 de mar. 2008.

_____. & FERNANDES, Guilherme Moreira. **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. 1 ed. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

_____. (org.); GOBBI, Maria Cristina; DOURADO, Jacqueline Lima. **FOLKCOM**. Do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas. Teresina: Halley, 2006.

MODESTO, Fábio Gonçalves; SILVA, Onan Ferreira da. **Sob as bênçãos da Virgem do Carmo**: o ex-voto na perspectiva folkcomunicacional. In: XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação. Parintins-Amazonas, 2018. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/folkcom2018/trabalho/54482>. Acesso em: 31 out. 2018.

NEVES, Soriany Simas (org.). **Folkcomunicação no Amazonas**: processos midiáticos contemporâneos da cultura popular. São Paulo: Scortecci, 2014.

SCHMIDT, Cristina (org.). **Folkcomunicação na Arena Global**: Avanços Teóricos e Metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.

TOUSSAINT, Florence. **Crítica de la información de masas**. México: 2.^a ed., Trilhas, 1992.

CAPÍTULO IV
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
DA COMUNICAÇÃO

“MANINHO, DEIXA EU TE FALAR”:

O VALOR SEMIÓTICO-MODELIZANTE DA FALA EXPRESSIVA MANAUARA¹

Ana Vitória de Aquino Silva Nascimento²

Felipe Vlaxio³

Resumo: Este texto tece uma breve análise da fala expressiva manauara a partir da semiótica da cultura. Trata-se de uma expansão das discussões fomentadas em trabalho de iniciação científica sobre modulações semiósicas na cultura. Tem o objetivo de traçar um paralelo entre o texto e a cultura no corpo da fala expressiva. Para tanto, utiliza o valor semiótico-modelizante como padrão metodológico para inferências acerca de três expressões regionais usadas na cidade de Manaus. Resulta, a partir da análise, na compreensão de que a fala expressiva se compõe a partir da fuga à estrutura formal do texto, proporcionada pelo comportamento urbano e cidadão das subculturas. Espera-se, desta feita, lançar luz sobre o potencial modelizador que as gírias e expressões regionais agregam à cultura.

Palavras-chave: valor semiótico-modelizante; fala expressiva; cultura; Manaus.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa a uma breve reflexão sobre o potencial modelizador que o texto suscita à cultura por meio da fala expressiva, entendida em contraposição à fala genérica. Trata-se de uma expansão das discussões fomentadas em uma pesquisa de iniciação científica do Curso de Biblioteconomia da FIC-UFAM, que investiga as modulações semiósicas ocorridas na cultura a partir de fenômenos específicos.

Pretende-se, portanto, utilizar como procedimento de análise o conceito de valor semiótico-modelizante, proposto neste trabalho como método analítico de gírias e expressões regionais, que, por sua vez, determinam-se como componentes legitimados do comportamento dialógico de dado grupo de indivíduos. Neste intento, tecemos reflexões pontuais acerca do convívio urbano, com particular interesse na fala expressiva manauara, exposta aqui a partir de três expressões regionais usadas por habitantes da cidade de Manaus e repensadas pelo conceito supramencionado.

1 Trabalho apresentado no GT 4 Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Amazônia do I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia.

2 Estudante de Graduação do Curso de Biblioteconomia da FIC-UFAM. E-mail: anavaneline@hotmail.com

3 Orientador do trabalho. Professor do Curso de Biblioteconomia da FIC-UFAM, e-mail: felipevlaxio@ufam.edu.br

UM PARALELO SITUACIONAL ENTRE TEXTO E CULTURA

Para a semiótica da cultura, o texto transborda as fronteiras da linguagem escrita. Rompe-se para a fala, para o comportamento, para os constructos sociais, e isto ilustra apenas alguns dos fenômenos prescritivos de texto. Aqui, cabem as camadas e subcamadas da cultura, que operam em variantes da língua, mas principalmente das formas de criar, lidar e reagir ao mundo externo à nossa cultura, incorrendo na ultrapassagem dessas fronteiras da linguagem escrita.

Fosse todo texto um conjunto isolado de signos, teríamos uma aproximação epistemológica mais adequada à semiótica francesa, com particular respaldo nos ideais saussurianos e greimasianos. Todavia, migrando do estruturalismo para o pós-estruturalismo, a semiótica da cultura – conhecida também pela tutela de semiótica russa – estaria restrita a um espectro material da língua, isto é, dos textos poéticos, da fala registrada e da informação imbricada de comunicação.

Sobre estas perspectivas, Bystrina (2009) comenta que, ao fugir das convenções óbvias de um texto escrito ou falado, o texto da semiótica da cultura contempla uma dimensão pragmática da semiose, porém, reflete-se de modo escalonado em uma dimensão semântica. Esta dimensão, a bem da verdade, tece uma correlação entre o signo e o significado a partir de suas rupturas, em contrariedade a suas fronteiras.

Em outras palavras, o texto cultural marginaliza a si próprio com a finalidade de tratar da cultura em suas mais variadas tradutibilidades. Por conta deste fato, é possível analisar estas traduções com satisfação a partir da semiótica da cultura, e nesse arcabouço estão inclusas, por exemplo, as gírias, as expressões regionais, os trejeitos de fala, a pronúncia não-padrão dos léxicos vernaculares, dentre outros aspectos que delineiam o corpo da expressividade de uma determinada comunidade.

Dessa forma, “nascem os textos como complexos significativos, com sentido; compostos de signos. Estes signos pertencem a linguagens que se compõem de diversos sistemas de signos” (BYSTRINA, 2009, p. 3), sistemas estes passíveis de interpolações estruturais acerca de sua manifestação cultural. Contudo, para o autor, “isso não basta. Existe ainda o universo do código, que é um sistema de regras, de vinculações entre os signos”. E estas regras, mesmo adotando um comportamento de fronteirização, ainda permitem perturbações nas camadas culturais, levando os agentes da fala a se tornarem condúites da cultura pela simples caracterização de sua expressividade, identificada nos modos de fala expressiva.

Nesse sentido,

O conceito de “texto” é usado de forma polissêmica. Poderia ser feita uma coleção dos significados, às vezes muito diferentes uns dos outros, que os diferentes autores conferem a essa palavra. Porém, o que é significativo é outra coisa: hoje em dia “texto” é, indiscutivelmente, um dos termos mais usados nas ciências humanas. Em vários momentos, o desenvolvimento da ciência joga palavras como essa para a superfície; o aumento vertiginoso de sua frequência nos textos científicos é acompanhado pela perda da monossêmia necessária. Em vez de designar um conceito científico de forma terminologicamente exata, o que eles fazem é apontar a atualidade de um problema, indicar um domínio no qual novas ideias científicas estão nascendo. A história de tais palavras poderia compor um índice peculiar da dinâmica científica (LOTMAN, 1996, p. 63, tradução nossa).

As postulações do semiótico russo dão conta de indicar uma metamorfose no texto partindo de sua cientificização. Dentro deste cenário, o texto se coaduna com a ciência para expor novas traduções culturais em um determinado fenômeno. Para as reflexões deste trabalho, entretanto, devemos priorizar a característica textual da fala expressiva, em comparação à fala propriamente dita.

Com efeito, convém pontuar que existe uma diferença de abordagem entre a fala genérica – pautada nos argumentos estruturalistas supramencionados – e a fala expressiva. Esta última, em sentido conceitual, trata da fala que caracteriza o comportamento dialógico em dada comunidade de falantes. Entram nesse conjunto as gírias e as expressões regionais, que se configuram como sistemas de signos de estigma, capazes de conectar a fala a um grupo de indivíduos específico.

Com base nessas orientações, Machado (2013, p. 85) acrescenta de modo claro que “[...] a cultura é compreendida como sistema de linguagens constituídas a partir do processo de modelização entre os diferentes sistemas de signos que, do ponto de vista de sua manifestação concreta, emerge sob forma de texto”. Desta feita, a fala expressiva de uma comunidade de falantes é concebida como potencializadora de cultura – ou subcultura, se observadas as fronteiras e as traduções –, de modo que possui o efeito de “modelizar” o comportamento dialógico desses indivíduos.

A semiótica russa apresenta, ainda, outro viés pelo qual podemos analisar o potencial do texto. Isto ocorre levando em consideração as modulações semióticas, que cedem margem para uma compreensão de metamorfose. Concernente a esta questão, Posner (1995) atribui às modulações semióticas uma parcela de rupturas culturais, por meio das quais os textos podem ressignificar a estrutura do padrão cultural ao dimensionar novas tradutibilidades nos comportamentos humanos e sociais. Nesta configuração, a fala expressiva incorpora novas silhuetas de cultura,

distanciando-se da formalidade e construindo embasamento na coloquialidade da fala, rompendo as próprias regras do texto para transformar-se em novos textos culturais.

Acerca disto, Lotman (2005, p. 5, tradução nossa) declara que “há uma diferença quando o texto é criado de acordo com regras formadas antecipadamente e quando o texto é criado de acordo com regras que ainda não existem”. Além disso, o autor completa enfatizado que estas regras são “criadas de acordo com o texto. Para ser mais preciso, [...] as regras são criadas *post factum*, ou seja, os textos precedem as regras”. Tal assertiva é corroborada ao compreendermos que

A linguagem é um guia para a “realidade social”; é um guia simbólico para a cultura. A linguagem surge em nosso ambiente cultural, social e fisiológico e define a maneira como entendemos o mundo ao nosso redor. Qualquer palavra é um sinal com o qual as pessoas concordam para significar uma ideia, pensamento, objeto ou conceito particular. Qualquer novo fenômeno traz uma nova palavra, que se torna obsoleta quando o fenômeno desaparece (RAZUVAJEVA, 2009, p. 302, tradução nossa).

Logo, convém inferir dois encaminhamentos. No primeiro deles, as palavras – especialmente as da fala expressiva – tomam uma forma única e significativa quando usadas por um grupo de indivíduos. No segundo encaminhamento, podemos concluir que a fala expressiva está ligada a fenômenos específicos, em geral, fenômenos temporais e contextuais, que, uma vez cessado o fenômeno, desbotam-se no comportamento dialógico da comunidade de falantes, ou, no mais das vezes, fazem nascer novos léxicos idiomáticos que passam a ser usados como um novo padrão de fala expressiva, moldando, no processo, as novas tradutibilidades da cultura.

O VALOR SEMIÓTICO-MODELIZANTE

Na tentativa de criar um procedimento metodológico para a análise de exemplos de fala expressiva, propomos aqui um conceito adaptado dos sistemas modelizantes para a semiótica da cultura. Trata-se do conceito de “valor semiótico-modelizante”, que visa à formulação de bases para compreender o *modus operandi* da fala expressiva ao determinar sua característica como ruptura do texto na cultura.

Ocorre que “existe um princípio de estruturação que dá conta de como a informação se estrutura. Não se trata de uma simples percepção diante de uma casa ou de um objeto qualquer, mas de uma percepção de como esses objetos se organizam” (BYSTRINA, 2009, p. 7). Em síntese, o autor fomenta o entendimento de que a fala expressiva pode ser um

texto “que se estrutura de tal forma que as estruturas se evidenciam como informação”, e que necessita “dizer alguma coisa sobre si próprio”.

Não apenas isto, mas este texto prescinde, de acordo com Machado (2013, p. 77), de uma “equação do raciocínio baseado na modelização [que] conduz a análise para o movimento de semiose que o próprio espaço da cultura configura e organiza”. Por esta ótica, cabe especular que a estrutura da fala expressiva assume um papel de modelização, isto é, de demarcação transfronteiriça no território da cultura.

Nesse sentido, o valor semiótico-modelizante se manifesta como o potencial que a fala expressiva apresenta para influenciar a própria cultura – de modo ativo –, ao invés de ser apenas influenciada por ela – numa configuração passiva. Em outras palavras, propomos aqui que a fala expressiva usufrui do poder de modelização, caracterizando um determinado grupo de indivíduos a partir da criação de um padrão de fala aceito e compartilhado dentro da comunidade de falantes.

Exemplo disto se pode verificar nos jargões relativos às profissões. Muito mais do que o uso de termos técnicos, por exemplo, um programador de linguagem legível por máquina faz uso de expressões relacionadas ao seu trabalho para se comunicar com outros programadores. Isto cria uma dinâmica que estigmatiza um dado grupo de indivíduos com base em seu comportamento dialógico, podendo, inclusive, possibilitar o surgimento de uma subcultura integrada por profissionais da informática.

O mesmo fenômeno ocorre quando analisamos expressões regionais, que dinamizam o comportamento dos indivíduos de determinado lugar, cuja fala particular “expressa” uma característica cultural. Este fato se manifesta justamente por conta das modelizações ocasionadas pelo comportamento de fala, de modo que passa a se identificar um padrão de fala novo, paralelo à fala genérica da língua vernácula. Nesse viés, Lotman (1996, p. 52, tradução nossa) esclarece que a

[...] aspiração a uma modelagem exata leva à criação da metasemiótica: não os textos como tais, mas os modelos dos textos, os modelos dos modelos e assim sucessivamente [...]. Considerando que, desde a primeira posição, a contradição, a inconsistência estrutural, a conjunção de textos diversamente estruturados dentro dos limites de uma única formação textual e a falta de definição de significado são características acidentais e “não funcionais”, suprimíveis no meta-nível de modelagem do texto, o texto, a partir da segunda posição, são objeto de atenção especial.

Destas observâncias pontuais podemos concluir que o valor semiótico-modelizante do texto se sucede partindo da inconsistência estrutural propiciada pela fala expressiva. Isto é, enquanto rompe as fronteiras do

formal, a fala expressiva ao mesmo tempo traduz novas alternativas para o aspecto cultural de um grupo de indivíduos. Assim, modeliza-se em estratos metassemióticos, que destoam dos signos sistêmicos ao distanciarem-se da funcionalidade estrutural. Ora, neste caso, as gírias e expressões regionais comunicam por meio de uma informação residual, extraída do lastro da fala genérica que serve, esta sim, para a comunicação formal.

Isto porque, para a semiótica da cultura, o que vale “é a compreensão do processo modelizante em sistemas de signos, sobretudo do ponto de vista dos textos da cultura” (MACHADO, 2013, p. 78) dentro de um universo em que várias culturas podem ser comparadas. Para a autora, “o que se propõe aqui é o entendimento da condição estrutural que se configura não apenas como organização mas, sobretudo, como modelização, isto é, como expansão de sistemas de signos em interação”, evidenciados no comportamento dialógico de dada comunidade de falantes.

Convém compreender, portanto, que – na visão de Lotman (1979; 2009) – os sistemas modelizantes atuam por meio de um código extratemporal, inculcando na mensagem um desprendimento do tempo a fim de facilitar o surgimento de novos padrões. Estes padrões – ou seja, comportamentos modelizados – funcionam como instrumentos da língua para se sobrepor às estruturas formais do texto, permitindo, no processo modelizante, um ajuste da mensagem para os códigos extratemporais.

Adicionalmente, “ao explorar a força modelizante da linguagem, contudo, a cultura aponta para [...] uma outra concepção: aquela em que o texto é o precedente de toda linguagem (e não o contrário)” (MACHADO, 2013, p. 82). Esse texto, quando comparado em paralelo às imbricações da fala expressiva, torna-se extremamente maleável às modulações semióticas pelas quais passa a comunidade de falantes.

Com este respeito, o valor semiótico-modelizante pode ser utilizado para traçar indícios determinantes de um grupo de indivíduos, fazendo uso da fala expressiva para mapear comportamentos culturais. Diante disso, a proposta que fazemos neste trabalho – do valor semiótico-modelizante como método de análise – adquire configurações empíricas para o estudo dos textos culturais, e se assenta, desta maneira, na possibilidade cartográfica de mapeamento da fala expressiva.

O PAPEL DA FALA EXPRESSIVA NA (SUB)CULTURA

Dentro de uma concepção da fala expressiva como fala marginalizada, ou pelo menos não aceita pelas estruturas formais da linguagem, o texto assume a silhueta de externalidade. A este entendimento integram-se

principalmente as gírias e expressões regionais, que se encaminham por fora das tradições culturais, de modo a compor novas visualizações do comportamento cultural. Renegam, portanto, não apenas

os elementos pertencentes a diferentes tradições culturais históricas e étnicas, mas também os constantes diálogos intratextuais entre gêneros e arranjos estruturais de diferentes orientações, formam aquele jogo interno de recursos semióticos que, se manifestando com a maior clareza nos textos artísticos, resulta, na verdade, uma propriedade de todo texto complexo. É precisamente essa propriedade que torna o texto um gerador de significados, e não apenas um contêiner passivo de significados nele colocados de fora. Isso nos permite ver no texto uma formação que preenche a lacuna entre a consciência individual – um mecanismo semiótico gerador de sentido que se baseia na assimetria funcional dos grandes hemisférios cerebrais – e o dispositivo poliestrutural da cultura como inteligência coletiva (LOTMAN, 1996, p. 59, tradução nossa).

Em síntese, a estrutura que compõe a formalidade da linguagem se desbota no caráter da fala expressiva. Parte desta situação ocorre porque, no geral, a fala expressiva está intrinsecamente fecundada no comportamento de fala cidadão, identificado no convívio de periferias urbanas, guetos sociais e estrangeirismos importados de outras culturas de massa dominantes.

Por meio deste aspecto, é possível verificar na fala expressiva uma fragmentação da própria cultura, dividindo-a em uma cultura vigente – aquela em que impera a fala genérica do vernáculo – e uma subcultura – da qual se extraem as gírias. Com relação a isto, Razuvaeva (2009, p. 305, tradução nossa) pontua que, por consolidar-se em um conjunto de valores, comportamentos e conhecimento de linguagem, “a prática da gíria pode ser considerada um dos indicadores de participação em uma subcultura desviante”.

Fato similar se manifesta na composição, também desviante, das expressões regionais, que se distanciam do formal por conta particular do cidadão. Como consequência disto, “a cidade ocupa um lugar especial no sistema de símbolos elaborado pela história da cultura” (LOTMAN, 2004, p. 1, tradução nossa) como forma de retraduzir as fronteiras do texto na fala expressiva, tal como se sucede nos jargões profissionais disseminados em um dado grupo de indivíduos.

Desta forma, “a gíria torna-se uma linguagem de uma comunidade subcultural e consiste em expressões usadas como uma espécie de linguagem em grupo por alguns falantes para se identificarem com outros falantes” (RAZUVAJEVA, 2009, p. 305, tradução nossa). A cultura, portanto,

passa a ser permeada por proibições e prescrições que reformulam as rotinas da vida social. Estas proibições e prescrições, de acordo com Velho (2009, p. 250), “são programas de comportamento que permitem converter acontecimentos em conhecimento”. O autor complementa ainda enfatizando que “as informações da natureza e dos fenômenos históricos e ambientais vão inferindo consciência no grupo social”, migrando, portanto, de uma “não-cultura (informação não processada) em cultura (dados em sistemas com organização), [passando] a fazer parte da memória coletiva: um signo ganha um só significado para um dado grupo”.

Nesse espectro coletivo, existem alguns indicativos que permitem diferenciar a fala expressiva da fala genérica, e tais indicativos estão relacionados ao fator urbano da vida na cidade, com particular frequência por meio dos artefatos culturais agregados pela aderência às interações digitais. Estas interações dizem respeito, principalmente, ao uso de plataformas e mídias sociais hospedadas por aplicativos de mensagem instantânea, postagens e microblogs.

Para prospectar a fala expressiva, portanto, podemos assinalar três características elementares que a determinam fora da estrutura formal da linguagem, as quais seguem: a) presença no comportamento dialógico urbano; b) fuga às formalidades do texto convencional; e c) uso nas interações digitais de um dado grupo de indivíduos. Adiante, usaremos estas características para analisar exemplos de fala expressiva identificados na cidade de Manaus. Em paralelo, destacamos o aspecto artificial que o comportamento cidadão adquire a partir da negação das estruturas da linguagem. Nesse intento, Lotman (2004, p. 5, tradução nossa) acrescenta que:

A cidade artificial ideal, encarnação da utopia racionalista, carecia de história, na medida em que o novo Estado significava a negação das estruturas que historicamente o haviam formado. Isso envolveu a construção da cidade em um novo local e, conseqüentemente, a destruição de todos os “velhos” que nela permaneceram.

Estes argumentos induzem a uma interpretação remodelada da noção de cidade, ou mesmo da noção de urbano, em que o comportamento cidadão é diretamente afetado pela metamorfose da linguagem em suas fronteiras rompidas, e em sua extrapolação estrutural. Isto gera uma compreensão moderna do texto, dentro da qual “um texto opõe a linguagem assim como a expressão opõe o inexpressivo, o real ao ideal, o espacial e o finito ao extra-espacial” (LOTMAN, 2003, p. 1, tradução nossa). Desse modo, embora não restrito, ainda segundo autor, “um texto é sempre um texto em um idioma específico. Isso significa que a linguagem

sempre se manifesta antes do texto (não necessariamente em um sentido temporal, mas talvez em algum sentido ideal)”.

Em justaposição, essas concepções – moldadas na temporalidade e no contexto da fala expressiva – ocorrem especialmente no fenômeno das gírias e das expressões regionais. Configuram-se, afinal, como um fenômeno de linguagem multifacetado pela subcultura. Certamente, não podemos desconsiderar o fato de que se trata de um fenômeno possibilitado apenas na informalidade do texto, haja vista que seu léxico é constituído pela estigmatização de determinados discursos, com propósitos identificados no interior de uma subcultura específica, ou mesmo tribos, a exemplo dos *nerds*, dos *geeks*, dos góticos, dos mileniais, etc.

Além disso, conforme o entendimento de Razuvajeva (2009, p. 300, tradução nossa), cabe concluir que tanto as gírias quanto as expressões regionais, muito embora apresentem maior incidência entre pessoas mais jovens no meio urbano, “podem ser encontradas em uma linguagem de diferentes classes sociais, idade, gênero e grupos profissionais”, opondo-se, destarte, da linguagem literária e padrão, sendo considerada, no comportamento citadino, “parte da linguagem que expressa o sistema de ideias, significados e valores para diferenciação social”.

O CASO DA FALA EXPRESSIVA MANAUARA

Originalmente oriunda de uma mistura das culturas portuguesa, nordestina e indígena, a fala expressiva manauara ocorre em seu próprio espectro cultural, produzindo significados únicos que estão especificamente relacionados aos seus aspectos geográficos, históricos e sociais. Faz uso de palavras específicas da fauna e flora local, das tradições herdadas culturalmente, e das situações cotidianas para criar um texto exterior às regras de proibições e prescrições normalizadas pela estrutura formal do texto.

Quanto a isto, Jianguo (2004 apud WANG, 2016, p. 643, tradução nossa) argumenta que “palavras populares são aquelas exitosas em competir com outras palavras e têm a habilidade de autotransmissão e autor-replicação”. Isto é, a fala expressiva manauara também é composta por palavras populares, comumente disseminadas nas conversas cotidianas, nas interações digitais e na comunicação local como um todo. Sob este viés – e para otimizarmos a visualização da análise –, elaboramos o quadro abaixo, por meio do qual categorizamos em quesitos de “atende” e “não atende” três expressões regionais da fala expressiva manauara.

QUADRO 1 VALOR SEMIÓTICO-MODELIZANTE DA FALA EXPRESSIVA MANAUARA

Fala expressiva manauara	CARACTERÍSTICAS ELEMENTARES		
	Presença no comportamento dialógico urbano	Fuga às formalidades do texto convencional	Uso nas interações digitais de um dado grupo de indivíduos
Telezé	Atende	Atende	Atende
Até o Tucupi	Atende	Atende	Atende
Leseira Baré	Atende	Atende	Atende

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Primeiramente, “Telezé” é uma contração da sentença interrogativa “tu é leso, é?”, que remonta à herança nordestina resgatada da época do apogeu no Ciclo da Borracha, quando houve uma grande migração de pessoas do nordeste para o estado do Amazonas. A despeito disto, convém ressaltar dois aspectos desta expressão que a destacam claramente na fala expressiva manauara (e, neste caso, também amazônica): o uso comum da segunda pessoa no singular e a condensação de uma frase de quatro palavras em uma única palavra.

Diferente de outras capitais brasileiras, onde o pronome de tratamento “você” é utilizado mais corriqueiramente, em Manaus, o uso do “tu” é recorrente. Identifica-se forte influência cultural portuguesa que converge com a influência nordestina. Nesse sentido, Babilônia e Martins (2011, p. 53) colocam que o uso do “tu” em detrimento do “você” evidencia a “atitude do falante em relação aos valores sociais da comunidade”. Isso é trabalhado dentro da perspectiva de oposição de termos de poder e de solidariedade ou ainda de distanciamento e de proximidade. A contração da sentença interrogativa, por sua vez, se sucede especialmente na oralidade, que nesse caso pode ser diretamente relacionada com o cotidiano citadino do manauara, por meio do qual se realiza a redução das palavras e alteração dos fonemas sem haver perda de significado.

No caso da expressão “Até o tucupi”, existe a possibilidade de significar “[...] atingir o nível máximo de algo [...]” (GIVONI, 2020, online), estar cheio, mais do que satisfeito, exacerbado etc. Esta fala expressiva emprega o uso da palavra “tucupi”, de etimologia tupi-guarani, e faz referência ao sumo amarelo que é extraído da raiz da mandioca. Percebe-se aqui uma das várias heranças tupis-guaranis que servem de base para a contravenção das estruturas textuais, rompendo as fronteiras de seu significado semântico para novas traduções no comportamento dialógico de seus falantes.

Por fim, tem-se a expressão “Leseira baré”, representativa de “algo sem importância” ou ainda “sem sentido” (DICIONÁRIO INFORMAL, 2017). Essa fala expressiva imbrica-se na bagagem cultural da etimologia das duas palavras, e produz uma narrativa de identidade linguística. A palavra “leseira” advém da palavra “leso”, estabelecida na gíria “telezé”; a palavra “baré” computa referência ao povo indígena de mesmo nome. Quanto à narrativa, denota-se justamente a fusão de diferentes culturas, destoando da formalidade textual e, tal como as falas expressivas anteriores, rompendo as fronteiras do léxico vernacular para traduzir-se em novos códigos urbanos, cujo potencial para padronizar determinam seu valor semiótico-modelizante.

Todas as três gírias/expressões regionais atendem às características elementares de valor semiótico-modelizante. É possível identificar as falas expressivas no comportamento dialógico urbano a partir do cotidiano citadino. Além disso, as três também extrapolam a estrutura formal do texto convencional, desconsiderando o aspecto semântico de sua etimologia para ressignificar seu uso. Adicionalmente, todas elas são amplamente usadas nas interações digitais no grupo de indivíduos composto por falantes na cidade de Manaus.

Ao abordar a fala manauara por meio de um viés comunicacional, faz-se relevante frisar o caráter orgânico dessa angulação. O orgânico aqui é posto no sentido de um objeto permeado por mutabilidade e de autonomia agregada por meio do processo. Isto é, a fala se transforma de maneira natural, embora influenciada por determinados atores, eventos e fenômenos. Esta roupagem de influências internas e externas é exatamente o resultado das manifestações disruptivas da estrutura do texto, que, por meio de uma força concêntrica de modelização, acaba germinando novos padrões de fala expressiva, por sua vez aceitos e compartilhados nas subculturas nascidas destes fenômenos condicionantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões pautadas neste texto apresentam uma concepção de ruptura para as fronteiras do texto no que concerne à formalidade de sua estrutura. Isto porque – dentro das elucubrações possibilitadas a partir da semiótica da cultura –, as tradutibilidades do texto tomam uma característica disruptiva quando consideramos as inconsistências da fala expressiva, de modo que o texto, então, passa a configurar-se como modelizador da cultura e não o inverso.

Essa perspectiva se estabelece especialmente com base no comportamento dialógico de um dado grupo de indivíduos em sua convivência urbana, na qual a cidade impera na formulação de novos códigos de fala que fogem à formalidade da linguagem. Assim, subculturas são identificadas como uma espécie de marginalização do texto formal, da fala genérica, das prescrições e proibições oriundas da estrutura. Isto se sucede com bastante frequência em comunidades isoladas de falantes, que modulam suas características discursivas tanto para se comunicarem entre si, quanto para diferenciar-se de outras comunidades de falantes.

No caso da fala expressiva manauara não é diferente. Existem indícios de ruptura de fronteiras que determinam as gírias e expressões regionais da cidade como aderentes de um valor semiótico-modelizante. Isto significa, em livre interpretação, que a fala expressiva manauara é tanto capaz de moldar o comportamento de sua (sub)cultura, quanto de ser moldada por ela. Nessa dicotomia, nasce um processo que se renova tão logo novas gírias e expressões regionais passam a surgir em contextos extratemporais, modelizando o comportamento dialógico dos manauaras ao mesmo tempo em que se ressignifica por meio da cultura local.

REFERÊNCIAS

BABILÔNIA, L.; MARTINS, S. A. A influência dos fatores sociais na alternância dos pronomes tu/você na fala manauara. **Guavira Letras**, [s.l.], v. 1, n. 13, 2011. Disponível em: <http://marcacini.com.br/seer/index.php/guavira/article/view/184>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BYSTRINA, I. **Tópicos de semiótica da cultura**. São Paulo: Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC), 2009.

DICIONÁRIO INFORMAL. Leseira baré. **Dicionário Informal**, [s.l.], 2017. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/leseira%20bar%C3%A9/>. Acesso em: 13 nov. 2021.

GIVONI, C. Dicionário amazonês: com 351 anos, Manaus mantém tradição e “grelha” nas gírias populares. **Revista Cenarium**, Manaus, 24 out. 2020. Disponível em: <https://revistacenarium.com.br/com-351-anos-manaus-mantem-tradicao-e-grelha-nas-girias-populares/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

LOTMAN, I. **Culture and explosion**. Nova York: Mouton de Gruyter, 2009.

_____. **La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto**. Madri: Ediciones Cátedra, 1996.

_____. Los mecanismos de los procesos dinámicos en la semiótica. **Entretextos**, Granada (Espanha), n. 5 mai. 2005.

_____. Símbolos de Petersburgo y problemas de semiótica urbana. **Entretextos**, Granada (Espanha), n. 4 nov. 2004.

_____. Sobre el concepto contemporáneo de texto. **Entretextos**, Granada (Espanha), n. 2 nov. 2003.

_____. Valor modelizante de los conceptos de “fin” y “principio”. In: _____. **Semiótica de la cultura**. Madri: Ediciones Cátedra, 1979.

MACHADO, I. Método, modelização e semiótica como ciência humana. **Revista Estudos Semióticos**, [s.l.], v. 9, n. 2, p. 77-87, dez. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/69536>. Acesso em: 12 nov. 2021.

RAZUVAJEVA, O. Slang in the Turkish language as a social, linguistic, and semiotic phenomenon. **Sos. Bil. D.**, [s.l.], v. 8, n. 1, p. 299-316, jun. 2009. Disponível em: <https://doaj.org/article/c71a3763413e4051b47f5df05aa3c4a4>. Acesso em: 8 nov. 2021.

VELHO, A. P. M. A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 249-257, set./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/estudosdecomunicacao/article/view/22315/0>. Acesso em: 10 nov. 2021.

WANG, Y. Study on campus slang from the perspective of semiotics. **Theory and Practice in Language Studies**, [s.l.], v. 6, n. 3, p. 642-647, mar. 2016. Disponível em: <http://www.academypublication.com/issues2/tpls/vol06/03/26.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

DIFUSÃO CULTURAL EM ARQUIVOS:

UMA PROPOSTA PARA O ESTADO DO AMAZONAS⁴

Alexandre de Souza Costa⁵

Fernanda de Sousa Silva⁶

Marijara Souza de Freitas⁷

Resumo: O artigo em tela é fruto das reflexões dos autores a partir da disciplina Arquivos e Cultura Brasileira, ministrada sob os auspícios da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, no curso de Arquivologia. Neste sentido, o texto é uma proposta pedagógica socioeducacional para o Estado do Amazonas, onde acordos interinstitucionais promoveriam o acesso dos alunos de escolas públicas e privadas ao Arquivo Público do Estado do Amazonas-APEAM. Entende-se, assim, que o Arquivo tem um potencial para a difusão cultural e que poderia promover benefícios educacionais e o desenvolvimento dos alunos do ensino básico do Estado do Amazonas. Apresenta-se ainda ações que podem ser realizadas para o cumprimento da proposta de ações conforme acordos entre escolas e Arquivo.

Palavras-chave: Arquivos; Cultura; Difusão Cultural; Amazonas

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de reflexão dos autores a partir dos textos e debates realizados na disciplina Arquivos e Cultura Brasileira sob os auspícios do curso de graduação em Arquivologia, curso vinculado à Faculdade de Informação e Comunicação-FIC, da Universidade Federal do Amazonas.

Devido à pandemia do novo Coronavírus, a disciplina em questão está sendo oferecida de modo remoto entre o período de agosto a dezembro de 2021 e está cumprindo com o calendário acadêmico da UFAM referente ao segundo semestre de 2020.

Arquivos e Cultura Brasileira é uma disciplina optativa do currículo de 2009, conforme Projeto Pedagógico do Curso, e tem como ementa refletir sobre a importância dos arquivos brasileiros na formação cultural

4 Trabalho apresentado no GP 04 Estudos Interdisciplinares da Comunicação no I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia.

5 Doutor em Ciência da Informação (IBICT-UFRJ), professor do curso de Arquivologia da FIC-UFAM. E-mail: alexandresouzacosta@gmail.com.

6 Estudante de Graduação do 8.º semestre do Curso de Arquivologia da FIC-UFAM. E-mail: fernanda.profport@gmail.com

7 Estudante de Graduação do 8.º semestre do Curso de Arquivologia da FIC-UFAM, email: marifreitas1610@gmail.com.

nacional, a formação do acervo patrimonial e questões referentes à identidade cultural brasileira.

Com ênfase em questões educacionais e o potencial que o patrimônio arquivístico pode oferecer para a formação dos estudantes e cidadãos amazonenses, o presente artigo foi estruturado em seções para facilitar a compreensão de nossa proposta.

Na primeira seção, apresentamos breves considerações sobre o curso de Arquivologia da Universidade Federal do Amazonas a fim de demonstrar possibilidades de desenvolvimento para o ensino, pesquisa e a capacitação de profissionais especializados para a atuação no patrimônio arquivístico cultural do Estado amazonense.

Outra importante instituição que trata do patrimônio cultural arquivístico foi objeto de nossas considerações na segunda seção, o Arquivo Público do Estado do Amazonas. As reflexões sobre o Arquivo como fonte de difusão cultural, para além dos objetivos dos quais os arquivos públicos servem à administração pública, ao cidadão e ao historiador foram objeto de nossa proposta na seção de número 3.

Na quarta seção de nosso artigo apresentamos a proposta da realização de acordos entre o Arquivo Público do Estado do Amazonas e as escolas, onde os arquivos enquanto instituição de cultura, memória, patrimônio, entre tantas outras representatividades podem figurar nos projetos pedagógicos das escolas. A quinta seção deste trabalho apresenta efetivamente propostas que poderão ser realizadas entre o Arquivo e as escolas. Atividades como Ateliê Infantil, Oficina de Língua Portuguesa, entre outras que poderão potencializar as possibilidades do Arquivo para fins culturais e socioeducacionais. Por fim as considerações finais, que propõem reflexões a partir do percurso desenvolvido.

O CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM)

O curso de Arquivologia da Universidade Federal do Amazonas teve a sua concepção no ano de 2007 e passou a vigorar a partir de 2009, ou seja, está completando neste ano 11 anos de funcionamento e foi o primeiro curso de graduação no Estado do Amazonas a formar bacharéis em Arquivologia, atendendo assim uma demanda para o mercado de trabalho e a pesquisa no âmbito da área de Informação/Documentação. Conforme o Projeto Pedagógico do Curso⁸: “O curso de Arquivologia da Universidade Federal do Amazonas foi aprovado no ano de 2007, através

8 Disponível em: <https://fic.ufam.edu.br/cursos/planos-de-ensino.html>. Acesso em: 10 jul. 2021.

da Resolução n.º 079/2007, tendo sido iniciada a primeira turma do ano de 2009”.

Inicialmente, estava vinculado ao Departamento de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Humanas e Letras (LIMA, 2011); hoje, está vinculado à Faculdade de Informação e Comunicação⁹ (FIC) da UFAM juntamente com os cursos de Biblioteconomia, Jornalismo e Relações Públicas.

Lima (2011), observou que no último quartel dos anos de 1990, havia sido executado um projeto de pesquisa por parte do curso de Biblioteconomia para verificar a possibilidade da criação de um curso de Arquivologia no Estado do Amazonas para atender a uma demanda do mercado de trabalho local.

Conforme o já citado Projeto Pedagógico do Curso de Arquivologia da UFAM do ano de 2019, são necessárias ações para que o curso seja conhecido:

[...] pressupõe-se que o curso ainda necessite da difusão do seu conteúdo e potencial a ser oferecido no mercado de trabalho, aos estudantes da cidade de Manaus, ou mesmo da região Norte do País, para que a procura pelo curso seja mais objetiva e planejada por parte dos candidatos (2019, p.13).

Neste sentido, destacamos a importância do curso de Arquivologia para a sociedade amazonense em um contexto onde cada vez mais necessitamos de acesso/transparência da informação, o reconhecimento cada vez mais pujante de pertencimento e de cidadania, a necessidade de gestão de documentos e de informação nas esferas pública e privada, a conservação/preservação de documentos que podem ser instrumentos para educação dos habitantes do Estado do Amazonas a partir das ações dos profissionais arquivistas e de projetos e programas frutos de políticas públicas voltadas para este fim.

Destacamos inclusive a redação dada pelo Projeto Pedagógico do Curso de Arquivologia da UFAM sobre as competências gerais dos profissionais dos arquivistas:

Competências Gerais: identificar as fronteiras que demarcam o respectivo campo de conhecimento; gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los; formular e executar políticas institucionais; elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos; desenvolver e utilizar novas tecnologias; traduzir as necessidades de indivíduos, grupos

9 A FIC foi “fruto da mobilização de professores, técnicos administrativos e estudantes dos extintos Departamento de Comunicação Social (DECOM) e o Departamento de Arquivologia e Biblioteconomia (DAB) com objetivo de fortalecer o ensino, a pesquisa e a extensão nas áreas da informação e comunicação no Amazonas”. Disponível em: <https://fic.ufam.edu.br/a-faculdade-de-informacao-e-comunicacao.html>. Acesso em 09 de nov. de 2021.

e comunidades nas respectivas áreas de atuação; desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres; responder a demandas de informação produzidas pelas transformações que caracterizam o mundo contemporâneo (PPC, 2019, p. 15).

Deste modo, iniciativas de acesso à cultura a partir dos documentos em arquivos públicos por parte dos estudantes de ensino básico, fundamental, médio e da população amazonense em geral podem ser uma grande contribuição para o desenvolvimento de aspectos relacionados à identidade, à cultura, à sociedade, à política, à história, à memória amazonense entre tantos outros benefícios.

Um exemplo desta proposta poderia ser feito em parceria com o Arquivo Público do Estado do Amazonas, instituição da qual trataremos na próxima seção.

O ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO AMAZONAS – APEAM

O Arquivo Público do Estado do Amazonas foi criado em 19 de agosto de 1897 conforme o decreto n.º 184, com o nome de “Arquivo Público”. A instituição era vinculada à Diretoria de Estatística e tinha como objetivo: “guarda e conservação de todos os papéis e mais documentos *officiaes* pertencentes ao Estado”.

Contudo, de acordo com FEITOSA (1997, p. 15), O APEAM foi instalado em 1852, que nas palavras da autora:

[...] ao evocar o ano de sua instalação não se faz com o intuito de destacar sua antiguidade, mas para indicar que foi uma grande sorte esta Instituição ter subsistido às mudanças e aos avanços de uma administração que o relegou e o esqueceu.

O APEAM, como é conhecido, integra a estrutura da Secretaria de Estado de Administração (SEAD) e tem passado por grandes transformações, sobretudo por conta de parcerias com o curso de Arquivologia da UFAM. Ao longo de seu funcionamento tem passado por grandes lutas em busca de uma política de estruturação interna. Questões quanto à sua organização e estrutura de hierarquização têm sido uma constante em sua história (FEITOSA, 1997).

Nas palavras do Diretor da instituição Marcelo Araújo Silva¹⁰, é possível observar a importância da instituição não só para o Estado do Amazonas, mas para o Brasil:

10 Conforme <http://www.amazonas.am.gov.br/2021/08/arquivo-publico-do-amazonas-completa-124-anos-preservando-a-historia>. Disponível nas referências deste trabalho.

É de inestimável valor histórico e cultural. Não são só livros e documentos, mas também obras e maquinários com mais de um século de vida, a exemplo da máquina de guilhotina alemã, modelo de 1890 ou ainda o toda a documentação relativa à obra de construção do Teatro Amazonas, (...).

O acervo do APEAM mantém e preserva milhares de documentos oficiais da administração pública do Amazonas. É responsável pela guarda, organização, armazenamento e recuperação dos documentos oriundos dos órgãos e entidades da administração estadual.

A sorte citada acima nesta seção exposta por Feitosa (1997) pode ser vista como uma grande oportunidade para que a geração atual e as futuras desenvolvam o APEAM da maneira que é necessária para que ele sirva à população do Amazonas. E neste caso, em questões multiculturais.

Na próxima seção, trataremos do Arquivo Público do Estado do Amazonas como espaço de difusão cultural.

O ARQUIVO COMO FONTE DE DIFUSÃO CULTURAL

Sabe-se que os arquivos públicos apresentam a principal função de recolher, preservar e custodiar fundos documentais que tem origem em áreas governamentais, com a finalidade de dar acesso à informação ao historiador, ao cidadão e à administração pública, mas ele também apresenta uma função secundária de difusão cultural e de assistência educativa, como afirmam Cunha e Constante (2012):

Os museus, as bibliotecas e os Arquivos relacionam-se direta e indiretamente com a cultura pelos seus objetos e características, subsidiando pesquisas históricas, antropológicas e sociais enquanto fontes de informação, mas também como “locais de memória”, expoentes dessa representação.

Destarte, apresentam documentos advindos de atividades humanas ao longo do tempo e estes, uma vez preservados e conservados, tornam possível estimular a difusão cultural desse Arquivo por meio de mecanismos que envolvam a comunidade. Para Aldabalde e Rodrigues (2015)

Na perspectiva do arquivo como lugar de cultura, pensa-se na sua função de aproximar a sociedade do patrimônio arquivístico, o qual, por sua vez, compreende os bens materiais artísticos, históricos, linguísticos, estéticos e científicos.

Podemos, assim, lembrar de exemplos que mostram a importância do Arquivo no processo cultural de um povo, como em Ebla, na Síria, em que arquivos encontrados na cidade evidenciaram características da organização da sociedade, e ainda mantiveram vivas as tradições do povo e aspectos culturais como roupas, danças, organização do governo e cultivo

de plantas. A partir desse exemplo, conseguimos perceber a amplitude do papel que um Arquivo assume no contexto cultural. Sendo a cultura um sistema de conhecimento composto pelas artes, crenças, costumes e hábitos produzidos e mantidos pelo homem na sociedade em que está inserido.

Como consciência histórica, tanto da administração quanto da comunidade, ele é a construção do patrimônio histórico-cultural de uma nação em que a organização do Estado ocorre por meio da criação de um patrimônio comum e uma identidade própria, e tendo essa percepção, por conseguinte, entende-se que os documentos fazem parte do desenvolvimento de toda sociedade, já que apresentam parte de nossa história e de nossa cultura.

Não só o Arquivo, mas o profissional arquivista ocupa um lugar de destaque na disseminação do conhecimento, muitos ainda o desconhecem, contudo, sua atuação permite ao Arquivo ser reconhecido como Centro Cultural. Esse profissional multifacetado deve ter a destreza de transitar por diversas áreas do conhecimento indo além do trabalho técnico. Destarte,

O arquivista tem sido orientado para satisfazer necessidades informativas, de modo que a administração desenvolva suas funções com rapidez, eficiência, eficácia e economia, para salvaguardar direitos e deveres das pessoas, contidos nos documentos, e para tornar possíveis a pesquisa e a difusão cultural (DUARTE, 2006, p. 145).

É dele, como gestor de documentos e da informação, que deve partir a iniciativa de pensar o Arquivo como um espaço de ações sociais e culturais, e todos esses atributos lhe conferem o título de profissional da informação, pois corrobora para que o arquivo seja percebido além de seu valor administrativo.

De fato, no Brasil, o papel do Arquivo nos serviços de difusão cultural e assistência educativa quase não tem sido aproveitado, mesmo com as renovações pedagógicas, o Arquivo não foi incluído como um instrumento que leve a comunidade a determinado conhecimento, proporcionando benefícios na aprendizagem. Bellotto (2006) ressalta que não importa se o material exposto teve muita ou pouca visitação, o importante   o reconhecimento do Arquivo por meio dos canais de comunica o, pois conseqentemente com essa a o a qualquer momento a popula o vai aparecer no Arquivo por algum motivo. Isso já será considerado uma grande conquista, porque o historiador, o cidadão e o administrador "são o tripé que sustenta a consulta de um Arquivo".

Outros fatores como as restri es de consulta e as condi es física e intelectual de acesso   informa o se apresentam como empecilho para a efetividade desse papel do Arquivo, trazendo   tona a necessidade de uma política pública de arquivos que efetivamente garanta acesso ao patrimônio

arquivístico do país. Segundo Jardim e Fonseca (2008), “A reversão deste quadro implica num processo de dimensões políticas, científicas e tecnológicas, envolvendo necessariamente a cumplicidade entre os profissionais da área e os usuários que recorrem aos arquivos como fonte de informação.” Dessa maneira, urge que os arquivos sejam conhecidos pela sociedade, bem como as atividades e os serviços por eles desenvolvidos a fim de que esta mesma sociedade participe de sua existência.

O CONVÊNIO DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO AMAZONAS COM ESCOLAS PÚBLICAS

Pensando o Arquivo como fonte de difusão cultural, memória, identidade, história, pertencimento e transparência da informação faz-se mister compreendê-lo como um espaço sociocultural, no qual sua relevância e função social também é indispensável no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes do ensino fundamental e médio.

Destarte, ressaltarmos a importância da Educação Patrimonial, pois

a devolução do patrimônio público para uma sociedade necessita da contribuição de todos desde o início, tendo em vista que a eficiência e a legitimação da preservação do patrimônio público é medida pela participação dos indivíduos” (FRATINI, 2009, p. 01)

por isso a necessidade de envolver o público escolar no processo de difusão cultural dos Arquivos.

Segundo o Guia Básico de Educação Patrimonial desenvolvido pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN temos por Educação Patrimonial a seguinte definição:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA; GRUNBERG e MONTEIRO, 2006, p. 6).

Dessa forma é necessário criar mecanismos para que haja a interação entre o Arquivo, sendo este o detentor da informação, e a escola pensando essa última como formadora de cidadãos que tenham base cultural sólida e conscientes de seu pertencimento em uma determinada sociedade.

Para Bellotto (2006, p. 230), apesar de termos no Brasil uma “pedagogia renovadora e progressista, não foram incluídos nos métodos didáticos os possíveis usos dos documentos de arquivo” como disseminadores de conhecimento no âmbito escolar. A autora argumenta que a abertura dos arquivos à comunidade escolar nos níveis fundamental e médio pode trazer benefícios didáticos surpreendentes nesses níveis, como acontece em países como os precursores Estados Unidos, Polônia e Rússia.

Bellotto (2006, p. 232) ressalta que em algumas cidades como Viena e Frankfurt os estudantes são levados ao Arquivo pelos próprios arquivistas – através de ações propostas pelos Arquivos – pois estes são os que “conhecem com mais profundidade o material custodiado”. Por outro lado, em Stuttgart e na Inglaterra são os professores que fazem essa mediação, visto que estes são sabedores das necessidades dos alunos baseadas no currículo escolar.

Pensando por este prisma, vimos a necessidade da criação de um convênio entre o Arquivo do Estado do Amazonas e as escolas públicas estaduais e municipais visando a criação de ações de difusão cultural balizada pelos currículos escolares com o intuito de, além da difusão do Arquivo, apresentar o ensino-aprendizagem de forma palpável aos estudantes e divulgar a importância do curso de Arquivologia para a sociedade amazonense.

PROPOSTAS DE AÇÕES DE DIFUSÃO DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO AMAZONAS

A necessidade de divulgação da importância do curso de Arquivologia para a sociedade amazonense nos levou a pensar em ações de difusão do Arquivo Público do Estado do Amazonas como forma de estreitar as relações entre o Arquivo, as escolas públicas e a sociedade em geral, transformando o Arquivo em um espaço democrático de ensino-aprendizagem nos ensinos fundamental e médio.

Como o arquivista é o profundo conhecedor dos documentos custodiados pelo Arquivo, as propostas apresentadas partirão primeiramente do Arquivo para as escolas, tendo em vistas os diversos segmentos de informações nele contidas. Serão elencadas possíveis ações, mas não esquecendo que as possibilidades são inúmeras, pois a Arquivologia comunga com várias áreas do saber e não pretendemos esgotar esta discussão nesta proposta. As propostas de ações seguem um panorama que podem atingir os ensinos fundamental e médio e a sociedade em geral:

Expografia: a exposição fotográfica seria apresentada como espaço de disseminação da memória, o objetivo é resgatar ou dar a conhecer a importância da memória coletiva e/ou individual. Seriam expostas fotografias

antigas de lugares relevantes e conhecidos pela comunidade escolar comparando com fotografias atuais desses mesmos lugares, levando-as a identificar as mudanças ocorridas através do tempo e do espaço;

Ateliê infantil: nesta ação, voltada para os anos iniciais, os documentos históricos seriam apresentados como parte relevante da preservação do patrimônio histórico documental, poder-se-á apresentar a documentação relativa à obra de construção do Teatro Amazonas, inaugurado em 1896;

Exposição do acervo do poeta e tradutor amazonense Amadeu Thiago de Mello: este acervo, adquirido recentemente pelo Governo do Estado do Amazonas, contém um rico material como quadros, cartas, livros pessoais do poeta conhecido internacionalmente por seu engajamento na luta pelos Direitos Humanos e tem em suas obras a exaltação do povo amazônida, que pode levar os alunos ao reconhecimento de pertencimento a uma sociedade;

Oficina da Língua Portuguesa: voltada para os alunos do Ensino Médio e comunidade em geral, essa oficina consiste em expor as mudanças nos aspectos linguísticos da Língua Portuguesa em uma concepção diacrônica, ou seja, as mudanças que a língua sofre através dos tempos analisando as transformações ocorridas, as palavras que caíram em desuso etc. Poderão ser usadas cópias de documentos manuscritos produzidos ao longo do tempo até os documentos produzidos atualmente.

Sabemos que as ações no Arquivo propostas acima são um grande desafio para o arquivista e para o Arquivo como um todo, mas temos que considerar as novas possibilidades do seu uso para que não se limite apenas a pesquisas administrativas e históricas. Segundo Príncipe *apud* Bellotto (1980, p. 240)

os arquivos constituem um recurso cultural e um elemento fundamental da civilização e da cultura dos povos, mas não se fizeram acompanhar do progresso equivalente quanto às estruturas necessárias para colocar esses recursos culturais à disposição de cada um,

portando é mais que imprescindível colocarmos essas ações em prática.

Não podemos olvidar que essas ações requerem um trabalho conjunto entre o arquivista e o professor e que parta do Arquivo essa aproximação com as escolas através de reuniões e estabelecendo um cronograma de trabalho sobre elas. No início talvez nos deparemos com algumas dificuldades e que não tenhamos resultados a curto e médio prazo, mas, considerando esta ideia apoiada por uma política educacional no Estado do Amazonas, o Arquivo pode transformar-se em um novo espaço social de interação e aprendizagem, beneficiando a comunidade escolar e a sociedade amazonense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto ao longo de nosso trabalho, foi feito um percurso demonstrando uma proposta socioeducacional para o Estado do Amazonas a partir do curso de Arquivologia da FIC-UFAM e do Arquivo Público do Estado do Amazonas, ou seja, atividades socioeducacionais tendo o espaço do Arquivo para a difusão cultural e o conhecimento arquivístico intermediando esta experiência.

Tendo por base o que apresentamos ao longo de nossa proposta, podemos observar que a sociedade amazonense dispõe de alguns recursos para criação de programas e projetos nesta linha de ação. Contudo, convém observar que é necessário a criação de políticas públicas que fomentem e sustentem iniciativas de difusão cultural como esta – políticas públicas que façam uma integração entre os agentes de conhecimento arquivístico no Estado do Amazonas e as escolas.

Identificamos por exemplo a necessidade de uma melhor divulgação do Arquivo Público do Estado do Amazonas, pois a instituição embora centenária, sequer tem um site institucional, tornando-se de difícil acesso ao cidadão comum sobre a existência de um órgão pode desempenhar um papel tão importante no que tange ao aspecto de gestão de documentos e informação governamental e, de mesmo modo, sobre a questão da difusão cultural para os estudantes de várias faixas etárias no Estado.

De igual modo, é importante que seja conhecido e reconhecido pela sociedade amazonense a profissão de arquivista e o curso de Arquivologia da UFAM. Conhecido e reconhecido interna e externamente.

Ao traçar e cumprir um programa de integração articulado entre os diferentes agentes apontados ao longo de nossa proposta, entendemos que poderá ser observado em médio e longo prazos, novas perspectivas tanto da parte do Arquivo ou dos Arquivos, se considerarmos a participação de outras instituições arquivísticas nesta articulação, e as escolas.

Cumpre-nos como profissionais da Informação/Comunicação avaliarmos iniciativas, políticas, projetos e programas. A sociedade em geral poderá obter um grau de desenvolvimento em um nível com maior participação e representatividade. Neste caso, a sociedade amazonense.

REFERÊNCIAS

ALDABALDE, Taiguara Villela; RODRIGUES, Georgete Medleg. **Mediação cultural no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**. TransInformação, Campinas, v. 27, n. 3, p. 255-264, set./dez., 2015.

ARQUIVO Público do Amazonas completa 124 preservando história. www.amazonas.am.gov.br, 2021. Disponível em: <http://www.amazonas.am.gov.br/2021/08/arquivo-publico-do-amazonas-completa-124-anos-preservando-a-historia/>. Acesso em: 10 de out. 2021.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CUNHA, Catherine da Silva; CONSTANTE, Sônia Elisabete. **Cultura na perspectiva arquivística: uma análise a partir da legislação e das políticas públicas**. Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 26, n. 1, p. 31-42, jan./jun. 2012.

DUARTE, Zeny. **Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional**. Revista da Faculdade de Letras, Porto, I Série v. V-VI, p. 141-151, 2006-2007.

FEITOSA, Maria Lenir Oran Fonseca. **Arquivo público do estado do Amazonas: da missão à ação**. 1997. 52f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 1997.

FRATINI, Renata. **Educação patrimonial em arquivos**. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/educacao34/materia05/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

HORTA, M. L. P., GRUNBERG, E., MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila. **Arquivos**. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo (Org.). Introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LIMA, Raimundo Martins de. O curso de Arquivologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). In: MARQUES, Angélica da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia; RODRIGUES, Georgete Medleg (orgs.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas Universidades Públicas Brasileiras**. Brasília: Thesaurus, 2011, p. 301-310.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Curso de Arquivologia. **Planos de Ensino**. Disponível em: <https://fic.ufam.edu.br/cursos/planos-de-ensino.html>. Acesso em: 10 nov. 2021.

ENTRE AUSÊNCIAS: ONDE ESTÃO O GOVERNO FEDERAL E O POVO EM REPORTAGEM DO *JORNAL NACIONAL* SOBRE A CRISE DE OXIGÊNIO EM MANAUS?¹¹

Duílio Fabbri Jr¹²

Fabiano Ormaneze¹³

Resumo: Este artigo pretende discutir os processos de construção de sentido no discurso midiático sobre a crise da falta de oxigênio no Amazonas, no início de 2021, durante a pandemia de Covid-19. Para isso, a partir da combinação entre Análise da Narrativa Jornalística e princípios da Análise de Discurso, tomamos como objeto a reportagem que abre a cobertura de tal crise no estado, no *Jornal Nacional*, exibida em 11 de janeiro de 2021, pico da gravidade. Assim, procuramos analisar que sentidos são produzidos pelas fontes selecionadas para a pauta do telejornal com maior audiência no país. A reportagem constrói uma narrativa entre a ausência do governo federal e a pouca representatividade das falas do povo.

Palavras-chave: *Jornal Nacional*; Manaus; Covid-19; fontes jornalísticas.

JORNALISMO E CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE

O jornalismo sustenta seu papel na discussão entre interesse público e interesse do público, conceitos básicos detalhados desde as primeiras aulas para futuros jornalistas. A partir da relação criada entre sua função social e as expectativas dos interlocutores, a produção jornalística constrói um imaginário sobre a realidade, os fatos e as pessoas. Da mesma forma, ao expor “um mundo”, o jornalismo se configura como uma construção simbólica que reúne imagens, palavras, recortes e ângulos que se vendem como sendo a própria realidade, o que ressoa socialmente a partir da famigerada alcunha de “testemunha ocular da história¹⁴”, que faz parte, no Brasil, da consolidação do jornalismo como um discurso crível.

11 Trabalho apresentado no GP 04 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação – no I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia.

12 Doutor pela UFSCar, professor no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), campus Manaus. E-mail: juniorduilio@uol.com.br.

13 Doutor pela Unicamp, professor no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins (jun-nov. 2021). E-mail: ormaneze@yahoo.com.br.

14 Essa expressão era usada como *slogan* do *Repórter Esso*, noticiário que foi ao ar pela primeira vez na *Rádio Nacional*, em 1941, tendo também sua visão televisiva a partir de 1952, na *TV Tupi*. Deixou de ser produzido em 1968.

Longe de ser o recorte unívoco e objetivo que, durante tanto tempo, foi utilizado como discurso para construir credibilidade, os noticiários mostram “tudo aquilo que ele próprio considera mais inusitado e importante no mundo” (BOTTON, 2015, p. 10), de forma naturalizada e sabendo “tornar sua mecânica quase sempre invisível e, portanto, difícil de questionar” (idem, p. 11). Assim, como destaca o mesmo autor, os jornais se dirigem aos interlocutores como voz natural e transparente, abrindo estrategicamente mão de deixar claro que não se limitam a informar sobre mundo, mas também modelar a realidade na memória e no imaginário.

Dessa forma e particularmente no Brasil, a Análise de Discurso (doravante AD), aliada a outros métodos, como a Análise da Narrativa e a Análise de Conteúdo, tem sido solicitada por centenas de pesquisadores como arcabouço teórico para compreender as produções sociais e os efeitos de sentidos que derivam das produções midiáticas.

A AD, na esteira iniciada na França por Michel Foucault e Michel Pêcheux, considera a linguagem como lugar do heterogêneo, em que a língua e as demais materialidades (a imagem, por exemplo, sobretudo em plataformas audiovisuais) significam a partir da historicidade e das relações com o ideológico. Disso deriva a diversidade dos processos de interpretação e a possibilidade de conflitos, pois o próprio analista também se coloca em um lugar, consciente de que também é interpelado pela ideologia.

Um dos tópicos mais importantes da AD, como forma de expandir a discussão sobre o conteúdo e a narrativa, sobretudo no que tange à mídia televisiva, está nas considerações sobre o lugar ocupado pelos veículos como dispositivos disciplinadores, à medida que são capazes de produzir memórias, muitas vezes a partir do que se entende como uma linha histórica do tempo:

A memória cumpre uma importante função de verificação e controle da consistência e da coerência das operações históricas de um sistema. Com base na memória, um sistema social constrói uma história para si mesmo, uma imagem coerente e consistente de si mesmo. A memória permite lembrar, no presente, apenas o que é importante para dar sentido às operações do presente. E permite esquecer todo o restante, todas as contradições, os *non senses*, os paradoxos. A memória, portanto, é lembrança e esquecimento ao mesmo tempo. (SIMIONI, 2016, p. 183)

Dito de outra forma, a memória tem a função de “escolher”¹⁵ o que é lembrado e o que é esquecido hoje e no futuro (FABBRI JR., 2019). É a

15 Grafamos esse verbo entre aspas para ressaltar que não se trata de um ato mecânico, deliberado e completamente dominado pelo sujeito, mas fruto de interpelações históricas.

partir disso que Botton (2015) questiona quais motivos fazem o público continuar a consumir noticiários. De acordo com o autor, a resposta tem a ver com medo e prazer:

Longe das notícias, a tendência é nossas apreensões se acumularem [...]. Mas há também aqui um tipo especial de prazer [...]: o noticiário pode representar um alívio do peso claustrofóbico de vivermos em nossa própria companhia (p. 13).

Em uma situação de pandemia e isolamento social, como resultado da Covid-19, esse cenário tende a se fortalecer e, portanto, para quem acompanha as notícias, ter papel central na construção do imaginário.

É desse ponto, então, que empreendemos aqui uma análise de uma reportagem exibida pelo *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, em 11 de janeiro de 2021, pico da crise pela falta de oxigênio em Manaus (AM). Por meio da interação entre Análise da Narrativa Jornalística e princípios de Análise de Discurso, procuramos refletir sobre as fontes selecionadas pela pauta do jornal para representar o sofrimento de pessoas que morriam pela escassez do insumo. Quais efeitos são produzidos e postos em circulação pelo discurso da emissora? É o que nos perguntamos neste trabalho.

O JORNAL NACIONAL E UM LUGAR DE MEMÓRIA E VERDADE

A partir da ideia exposta por Simioni (2016), de que lembrar e esquecer são processos complementares e análogos, a pandemia de Covid-19 chegou a um Brasil, que já havia passado por epidemias de gripe espanhola e febre amarela, mas que, num primeiro momento, não parecia ter aprendido ou mesmo se lembrar de nada, de nenhuma experiência anterior de combate ou de negligência no cuidado com a saúde pública.

É como se, no auge do avanço tecnológico e uma infinidade de trabalhos publicados sobre os avanços da ciência e da medicina, o Brasil ainda estivesse preso a 1918, ano da devastação provocada pela gripe espanhola. É como se o país, com as notícias de falta de oxigênio, possíveis desvios de dinheiro público na compra das vacinas e brigas políticas sobre as formas de conter a proliferação do vírus, estivesse em uma distopia, em que memória e esquecimento compunham um jogo perigoso de poder, com vidas em riscos e, àquela altura, com cerca de 200 mil mortes¹⁶.

Nesse cenário, a mídia tenta ou mesmo assume o papel de uma organizadora e mediadora de sentidos sobre o acontecimento e sua relação

16 Esse dado se refere ao mês de janeiro, quando a reportagem fruto da análise foi produzida. No momento da escrita deste texto, em novembro de 2021, a quantidade de mortos ultrapassava 600 mil.

com a história. Especialmente falando de televisão aberta, é preciso considerar que, a despeito de todas as outras mídias e formas de consumo informativo, ela ainda hoje tem uma grande audiência. O programa com maior média de público é o *Jornal Nacional (JN)*, da *Rede Globo*, seguido das novelas produzidas pela mesma emissora.

Essa mistura de entretenimento e jornalismo manifesta-se, assim, como repositórios do imaginário simbólico de um país supostamente integrado, que se liga por meio da televisão e de sua proposta de falar com todos, o que já se percebe pela história do *JN* (FABBRI JR., 2019). Numa perspectiva foucaultiana, consideramos a “verdade jornalística” como mediadora para a produção, distribuição e funcionamento dos discursos. “A verdade está circularmente ligada a sistemas de poder que a produzem e a confirmam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2015, p. 14).

Na mesma direção, para Arendt (2017), a verdade é múltipla. Há a verdade da razão, aquela que não é vista de forma dada, tampouco revelada à humanidade, mas sim um produto do tempo e de seus esforços. Para a audiência, o discurso em circulação faz com que o sujeito que interpreta trabalhe com características gerais de um dado discurso em seu modo singular de percepção. Sob esse ângulo, interessam não as formas de discurso reportado, mas o que o sujeito faz com o discurso do outro, posto em circulação e mediado pela televisão.

A situação decrépita em que se encontravam os hospitais em Manaus, nas primeiras semanas do ano, teve seu ápice em 11 de janeiro de 2021. Na escalada do *JN* daquele dia, a apresentadora e editora Renata Vasconcelos chamou assim a reportagem sobre a falta de oxigênio na capital do Amazonas: “Com o sistema de saúde à beira de um colapso, em Manaus, o Exército e a FAB mandam cilindros de oxigênio para repor os estoques nas UTIs”¹⁷.

A posição da chamada na escalada¹⁸ oferece um ponto de entrada para nossa análise. A informação aparece entre menções ao aumento das armas de fogo no Brasil, uma sequência sobre o crescimento de casos de Covid-19 e a notícia de que o vice-presidente, Hamilton Mourão, tomaria a vacina, ao contrário do que sempre pregou o presidente Jair Bolsonaro. Assim, os posicionamentos autoritários do chefe do executivo são colocados em jogo, especialmente sobre suas formas de exercício do poder e

17 As transcrições aqui feitas para análise tomaram como base a edição do *JN* disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9170067>. Acesso em: 30 out. 2021.

18 Escalada é, no jargão do telejornalismo, as principais notícias do dia apresentadas na abertura do telejornal. Seria, como no impresso, a primeira página.

de (in)subordinação. Já na escalada, os agentes são entidades do Estado¹⁹, não o governo (“Exército”, “FAB”).

Em outro trabalho, Fabbri Junior e Ormaneze (2020) já discutiram a questão da obediência, a partir de conceitos formulados pela filósofa Hannah Arendt (1906-1975). A autora trata da desobediência, em capítulos do ensaio “A crise da república” (1973). Para ela, o compromisso moral do cidadão em obedecer provém da “suposição de que ele deu seu consentimento ou foi o próprio legislador” (ARENDR, 2017, p. 75). É como se, nessa posição, de um seguimento inquestionável, o sujeito estivesse obedecendo a si mesmo, por acreditar na representatividade daquele que lhe impõe o que fazer, colocando-se em conflito subjetivado, “entre o bem público e o eu, que persegue sua felicidade particular” (*idem*, p. 76).

Logo em seguida à escalada, o telejornal foi iniciado justamente com a reportagem sobre a crise da falta de oxigênio em Manaus. Renata Vasconcelos leu a cabeça da reportagem, logo em 1’20” de transmissão. O governo do Amazonas tinha declarado que não tinha cilindros de oxigênio suficientes para dar conta do aumento de internações com pacientes de Covid. O *off20* do repórter Luciano Abreu começou da seguinte forma: “A dificuldade de respirar é um dos sintomas da Covid. É por isso que muitos pacientes precisam de oxigênio extra para sobreviver. Sem esse oxigênio, a situação nas UTIs de Manaus, que já é grave, pode ficar pior”. O início do texto da reportagem tem, portanto, um apelo ao drama humano, na forma de imagens de hospitais cheios e no uso de palavras como “pacientes” e “dificuldade para respirar”. Logo em seguida, no entanto, o povo já não é mais o foco, pois chega a hora de a autoridade falar. Entra, então, uma sonora²¹ do governador Wilson Lima. O foco da fala não está em pessoas, mas no insumo em si (o oxigênio) e em expressões genéricas, como “empresas”, “estado” e “produto”:

As empresas que fornecem oxigênio para o estado informaram que não têm mais condições de fornecer oxigênio, na quantidade que o estado está necessitando. Nós estamos entrando numa situação dramática e, se nada for feito, ficaremos sem esse produto.

Nesse momento, a reportagem não mostra o povo sofrido diante da evidente falta do insumo imprescindível para o tratamento da Covid. Por que antepor o governador do estado a uma vítima da situação? E qual é a

19 Para evitar confusões, optamos por grafar “estado”, com letra inicial minúscula, quando nos referimos aos entes da Federação, como Amazonas ou São Paulo. Já Estado, com letra inicial maiúscula, é aqui usado exclusivamente para se referir à instituição social composta por governo, povo e território.

20 Texto do repórter enquanto são mostradas imagens em uma reportagem de televisão.

21 Uma parte da entrevista, trazendo a fala de uma fonte, ampliando o tema tratado de forma específica.

intenção do governador ao se expor diante da câmera de TV? Faz-se necessário pensar a respeito da ordem de entrada das entrevistas e equilibrar o respeito ao outro, na construção dessa alteridade que ficará exposta na mídia. É o biopoder que se insere nos jogos de tensões. A ênfase na fala da autoridade, representada pelo governador do estado, pretende revelar o quê? E quem é este homem imaginado, que tem reforçado seu *status* de autoridade? A expressão do governador é reduzida à “sonora”, em que suas palavras são apenas decorativas, servem como embalagem ao texto do repórter, ou há a possibilidade de uma ruptura?

Estudos como o de Ana Lúcia Enne (2007) são emblemáticos ao evidenciar a forma como visões estigmatizadas sobre o entrevistado e as regiões habitadas por eles estão introjetadas no senso comum e incorporadas pelas narrativas jornalísticas, que tendem a reproduzi-las, trazendo um tom de tragédia, de abandono e, principalmente, de incapacidade de reverter a situação.

Assim, logo no segundo *off*, o repórter diz: “Para atender em caráter emergencial, o Exército, com apoio da Força Aérea, transportou 350 cilindros de oxigênio de Belém para Manaus.” Nesse trecho, perguntamos: onde está o governo brasileiro? Quem organiza a tarefa de emergência? O governo estadual? Por que a exclusão da ação do chefe de governo Jair Bolsonaro?

A exemplo do que já havia ocorrido na escalada e na chamada da matéria, o governo federal não é citado, dando espaço para organismos do Estado. Onde estaria o governo que não envia reforço a um estado da União, e que o Estado, aqui representado pelo Exército e pela Força Aérea Brasileira (FAB), toma a frente? Foucault (2015) explica que uma passagem importante da história das relações de poder estava justamente na mudança de foco no papel do soberano: daquele que, em vez de matar, permitia viver, garantia a sobrevivência do povo a ele subordinado e obediente. Retomando essa discussão, se o “soberano” Bolsonaro não faz viver, o Estado reaparece nesse cenário, numa tentativa fundamental para o não agravamento das mortes.

O *JN* se notabilizou, durante a pandemia, por realizar uma cobertura crítica, adotando uma oposição clara à gestão de Bolsonaro. Essa percepção ficou evidente na repercussão do telejornal entre apoiadores e opositores do governo, ainda que, nesse último grupo, sempre existiram ressalvas à cobertura da emissora, em função de sua história de relações com o poder e seus interesses político-econômicos.

Na reportagem que estamos analisando, da mesma forma, fica clara essa posição, mais uma vez omitindo a figura do governo federal, o que espelha a polarização político-ideológica entre as pessoas que apoiam e que se opõem ao presidente. A forma de demonstrar a omissão ou a pouca

ação do Executivo nacional se materializa na reportagem por meio de um apagamento: opta-se por não falar, por não nomear.

Assim, de forma indireta, a edição do *JN* mostra um presidente alheio a uma crise, enquanto se promove a ação individual dos governadores e de instituições de Estado, como o Exército e a FAB. Em seguida, a reportagem mostra que, em apenas dez dias, o número de internados superara o mês inteiro de dezembro de 2020. Além disso, traz um dado que podia alarmar que estava assistindo à reportagem. Se acompanhar o telejornal já é motivado, entre outras razões, pelo medo de estar desinformado, como expusemos a partir de Botton (2015), agora, o medo advinha também da ameaça de avanço da doença e a escassez de recursos. A informação a ser dada era de que a ocupação dos leitos ultrapassava os 95% disponíveis nas redes pública e privada praticamente em todo o país. Apenas em Manaus, 306 pessoas aguardavam um leito para internação.

O repórter, então, traz uma dessas pessoas na reportagem. É o único momento em que o povo pode contar sua experiência: “Dona Ana, de 79 anos, é uma dessas pessoas. Ela está internada, desde sexta-feira, no serviço de Pronto-Atendimento Danilo Corrêa, em Manaus. A filha Silvia tenta, desde então, sem sucesso, um leito de UTI para a mãe.” No trecho da entrevista da personagem²², Silvia ressalta que a mãe está em estado muito grave e de que não há recursos hospitalares: “Não tem UTI para ela, tem muita gente morrendo”, diz a entrevistada.

A personagem aparece da maneira como os pobres são, em geral, mostrados na TV brasileira, como reflexo de uma das características mais marcantes da cultura nacional: a combinação entre autoritarismo e paternalismo. Novamente, faz-se presente a construção do imaginário a partir dos efeitos acumulados e naturalizados na memória. É o que explica Senra (2010, p. 102), ao analisar a questão na perspectiva do documentário:

Desenvolveu-se um “modo” muito próprio de falar com eles [os pobres], de “mostrá-los”. Na “melhor” das hipóteses, como “vítimas” da situação social do país – o que funda um discurso benevolente, cheio de “boas” intenções, que confere ao mesmo tempo à câmera o direito de vasculhar suas vidas, suas dores e alegrias, sua intimidade, enfim, a título de uma vaga “denúncia social”. Na pior das hipóteses, como “bandidos”, objetivados por um discurso moralizante e que, por já terem “escolhido” a exposição pública, também podiam, do mesmo modo, ter sua imagem devassada e descaradamente explorada, sempre em nome do “bem público”. (grifos no original)

22 Jargão da TV para quando se trata da fala do povo. Corresponde, na visão clássica, às fontes testemunhais, conforme a definição de Lage (2001).

Em um outro contraponto, excluindo novamente a ação federal, a emissora, ao mesmo tempo, com essa fala e imagens, mostra que tais posturas estariam sustentadas pela missão social do jornalismo de defender a vida e de exercer vigilância sobre os atos de poderosos que possam, de alguma forma, atentar contra o bem-comum. Em um telejornal com tantas estratégias ideológicas quanto o *JN*, seria ingênuo acreditar que tais conteúdos são produzidos considerando apenas a variante do interesse público. Traquina (2005) dá um panorama desse conjunto de fatores, mostrando como a ação pessoal, as estruturas organizacionais, o acesso ao campo jornalístico, o rotinização do trabalho, a comunidade jornalística e os parâmetros sociais e individuais pesam sobre o resultado que se obtém da transformação do fato em notícia.

Na sequência da reportagem em análise, o repórter faz uma passagem²³ e diz que o então ministro da Saúde, Eduardo Pazuelo, estivera em Manaus e prometera apoio. Ora, “apoio” não é “recurso”, havendo uma grande diferença entre ambos, principalmente, quando comparados em termos de efeitos possíveis de sentido. Apoio é se colocar junto ao estado e ao município para resolver uma crise. Recurso é envio de insumos, de sustentação financeira.

Assim, o *JN* organiza e hierarquiza as fontes, a estruturação da matéria e, principalmente, as imagens, como reforço e suporte da narrativa. Além disso, há as associações diretas e indiretas entre um determinado fato e outro, entremeado pela passagem e a disposição das chamadas na escalada, como já expusemos. Todo esse processo é sustentado, discursivamente, por uma série de ausências na reportagem: do povo que fala, mas fala pouco e só repete o que já ficou nítido no texto do repórter; do governador e do ministro que ignoram pessoas, repetindo expressões genéricas; do presidente, cuja omissão é também significada na forma de ausências: de ação e citação na reportagem.

Todas essas características são intensificadas em um momento como a cobertura de uma pandemia, quando as atenções estão quase todas voltadas ao assunto, fazendo do jornalismo um ponto para onde convergem público, especialistas e atores políticos. Toda a narrativa é encerrada com a autoridade, dizendo que tudo aquilo será resolvido, a despeito das imagens dos pobres e doentes.

Exerce-se, assim, o padrão de manipulação definido por Abramo (2016) como “global”. O termo não se refere à emissora, mas sim a essa narrativa de fecho com que os fatos são apresentados, com problemas e soluções aparecendo perfeitamente delimitados, finalizados com a

23 Momento em que o repórter “aparece” para mudar de assunto, no caso, para ouvir a parte do governo Bolsonaro sobre o assunto.

autoridade pública. Assim, na análise que aqui demonstramos, “global” – como outro sentido a partir da definição do autor – é também aquilo que é produzido pela *Rede Globo*, em um processo infindável de produção de sentidos, que se repete *na* história e *pela* história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas apresentadas, dentro da estrutura de edição dessa reportagem sobre a falta de oxigênio em Manaus, teriam funções, formatos e características assumidamente contrapostas ao aprofundamento, pressuposto ao fato de pessoas morrerem e não haver, no estado do Amazonas, o principal insumo para a manutenção da vida na ocasião.

A cada edição de trecho de depoimento ou, em casos mais raros, de veiculação da pergunta do repórter seguida pela resposta do entrevistado, haveria uma simulação de um diálogo direto, face a face, uma tentativa de mostrar a verdade. Na seleção do “povo”, daqueles que representam a dor, a voz do cidadão comum não é legitimada na reportagem, mas utilizada como instrumento capaz de respaldar, também por meio do exemplo, e especialmente dos tons emocionais, o discurso da emissora, emoldurando os enunciados que compõem a narrativa apresentada pelo repórter.

Trata-se, pois, de uma ilustração, poderíamos dizer, pois quem encerra a matéria não é o povo. É a autoridade, que diz que tudo o que foi visto já estava resolvido. É uma postura editorial, que ainda guarda muitas especificidades no uso das entrevistas e na presença dos tipos comuns, dos anônimos, editados ou subsumidos pelo *off* ou pela passagem que as precedem, servindo para legitimar a hipótese discutida e aprovada na reunião de pauta.

Por fim, fica evidente a existência de um *necrodiscurso*, facilmente encontrado nas mensagens do atual governo, que tem utilizado o poder para o extermínio das diferenças incômodas ao projeto hegemônico de uma sociedade normatizada.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- ARENDT, Hannah. **Crises da república**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- BOTTON, Alain de. **Notícias: manual do usuário**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

ENNE, Ana Lúcia. O sensacionalismo como processo cultural. **Eco Pós**, v. 10, n. 7, 2007. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1018. Acesso em: 17 out. 2021.

FABBRI JR., Duílio. **Nós fizemos uma eleição**: regularidades e rememorações de erros pela lente da *Rede Globo*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. UFSCar, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11701>. Acesso em: 30 out. 2021.

FABBRI JR., Duílio; ORMANEZE, Fabiano. O discurso nos limites da obediência: enunciados que afaçam ou abafam conflitos entre Mandetta e Bolsonaro na crise do coronavírus. **Cadernos de Campo**: Revista de Ciências Sociais, v. 1, n. 28, p. 175-191, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/14193>. Acesso em: 30 out. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SENRA, Stella. Perguntar (não) ofende – Anotações sobre a entrevista: de Glauber Rocha ao documentário brasileiro recente. In: MIGLIORIN, César (Org.). **Ensaio do real**: o documentário brasileiro hoje. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010, p. 97-122.

SIMIONI, Rafael Lazzarotto. Arquivo, história e memória: possibilidades de diálogo entre Luhman e Foucault. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, n. 97, jan.-abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/dCjTfQ3FCL5tDGXb9TW8NPn/?lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

HIDROGRAFIA DO AMAZONAS NAS TOADAS DOS BOI-BUMBÁS²⁴

Natália da Silva Falcão²⁵

Katia Viana Cavalcante²⁶

RESUMO: O estudo aqui apresentado é de caráter interdisciplinar sendo parte da pesquisa PIB-SA/0056/2020-PIBIC/UFAM que analisa a discografia dos boi-bumbás Garantido e Caprichoso no recorte temporal de 30 anos, cujo objetivo visava construir cartografia hídrica a partir das toadas dos bumbás Garantido e Caprichoso. Assim, este artigo abordará o levantamento e organização dos dados alusivos às toadas com referência aos elementos hidrográficos, de modo a promover e fomentar a discussão e reflexão da preservação e conservação do corpo hídrico do Amazonas na educação básica. O método estudo de caso comportou o uso de diversos instrumentais de pesquisa dentre eles o *search* em fontes *on line* das toadas produzidas por ambos os bumbás além dos parâmetros da lei de Zipf para quantificar os elementos hidrográficos. Os resultados reforçam que há vasta produção de toadas que abordam aspectos ambientais hídricos brasileiros, e em maior quantidade os corpos hidrográficos do Amazonas. O que comprova a possibilidade de utilização das produções musicais como apoio educacional. Foi possível também compreender a aplicação de conceitos Bibliométricos no tratamento de grande volume dos dados coletados, o que demonstra a presença necessária do profissional bibliotecário no meio de pesquisas que abrangem elementos presentes nas mais diversas áreas.

PALAVRAS-CHAVE: elementos hidrográficos; rio; igarapés; cultura; cultura amazônida.

INTRODUÇÃO

O Festival Folclórico de Parintins é uma festa que acontece anualmente desde 1965. Têm suas raízes nas brincadeiras de bumba-meu-boi, trazidas da região nordeste do país ao Amazonas. Mantida como uma brincadeira tradicional na cidade de Parintins estabeleceu influência no estado e no Brasil.

A disputa entre os bumbás Caprichoso e Garantido acabou por individualizar-se frente às outras manifestações que utilizam a alegoria do boi, devido à absorção de traços da cultura local e a introdução de elementos tradicionais indígenas. Cada organização escolhe um tema a ser apresentado, este serve de direcionamento para os artistas desenvolverem

24 Trabalho apresentado no GP 04 Folkcomunicação na Amazônia da II Jornada de Folkcomunicação da Amazônia, resultante de PIBIC.

25 Discente do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação/UFAM

26 Profa. Dra. Biblioteconomia-FIC/UFAM

os itens no festival em harmonia criativa, a toada atua como um desses elementos.

As toadas trazem a representatividade do homem amazônico, pois exploram o modo de vida, a fé, as paisagens conhecidas pelos indivíduos que habitam a área e expõem tudo por meio da arte, os percalços encontrados no seu dia-a-dia. A importância desta manifestação é reforçada por Azevedo e Simas (2015, p. 49), ao afirmarem que nas toadas “[...] é produzido discurso a partir do olhar daquele que vive na Amazônia, um olhar de dentro, que, ao mesmo tempo, que reflete um olhar sobre a região o constitui”. Deste modo, pode-se inferir que estas obras contribuem para o reconhecimento dos povos nas mídias, visto que o festival ultrapassa as barreiras geográficas, por meio das manifestações artísticas e podem contribuir com a identidade local.

MÚSICA NA EDUCAÇÃO

O uso da música no ambiente escolar é comum nas escolas brasileiras com variadas motivações de uso. Podem ser introduzidas às crianças em atividades culturais, como as festas típicas, ou com utilização recreativa, para fazê-las interagirem. Entretanto, também há possibilidade de uso para fins educacionais, como propor análise de letras, composição e utilização para incentivar o contato com a arte.

De acordo com Godoi (2011) o contato com a música contribui para a formação da criança, pois amplia seu vocabulário, estimula a socialização e introduz novos conhecimentos. Porém, seu uso no ambiente escolar não visa a formação de músicos e sim o estímulo à criatividade, uma vez que algumas instituições podem oferecer pouca liberdade criativa aos seus alunos. Deste modo, vê-se que a música pode ter aplicabilidade multidisciplinar, visando resultados variados.

Baseando-se na relevância que esta produção artística possui, a utilização das toadas produzidas pelos *boi-bumbás* Caprichoso e Garantido é proposta para fins educacionais com objetivo de estimular a preservação do corpo hidrográfico do Amazonas, assim como ampliar o contato com a vivência do sujeito amazônida contada nas letras. A partir da análise feita por Azevedo e Simas (2015, p. 52) pode-se conceituar toada como “[...] um gênero do discurso do tipo secundário que se caracteriza por um conteúdo que faz menção às lendas e mitos amazônicos, imitando os cantos dos pássaros e os sons da floresta”. Diante disso, pode-se entender seu uso como possibilidade de ampliar o contato do público selecionado com a cultura, natureza e arte local.

Trazer para o ambiente e contexto educacional a presença de produções realizadas na área cultural em questão é tornar os indivíduos conscientes da sociedade onde estão inseridos, o que também contribui para a manutenção dos traços culturais e a conservação do patrimônio imaterial. Deste modo, a instituição de ensino deve ser responsável por introduzir em sua prática os temas relevantes para a sociedade onde está inserida; assim como ressalta Souza (2011) faz-se necessário que a escola conheça as discussões relevantes do seu povo e as absorva em seu currículo, visando a valorização dos indivíduos que fazem parte de sua composição.

Partindo do entendimento do papel social da escola quanto à inserção da realidade social aos conteúdos obrigatórios, a presença das toadas como objeto educativo propõe o contato com a arte produzida na região para reflexão da preservação dos corpos hídricos. Sabe-se que os itens do festival folclórico são planejados e realizados por artistas locais, moradores de Parintins e do Amazonas, logo, a utilização das músicas selecionadas seria um dos modos de estar em contato com produções que retratam a realidade nortista escrita por aqueles que a vivenciam.

AS TOADAS E OS RIOS

A natureza é frequentemente representada nas toadas, de ambos bumbás, como um ambiente familiar e de contato comum entre os moradores da região. Em suas letras pode-se identificar a exaltação da natureza com abordagens diversas, atuando como lar de ribeirinhos e das populações indígenas, com o discurso voltado à necessidade de preservação da fauna e flora, e também se apresentando como entidade com organização e vida própria, independentes da atuação humana. Em concordância à análise discursiva feita por Narzetti e Brandão (2020, p. 8), que evidenciam o discurso presente nas toadas como sendo “[...] de engrandecimento da floresta, exaltação da natureza, vista como um lugar divino, belo, idealizado e com características poéticas”.

Nas composições, o corpo hidrográfico da região é destacado como fonte de vida e sustento para a população, que pratica pesca não só com fins de consumo próprio, como também para utilização comercial. Portanto, pode-se inferir que dos rios é obtida a alimentação e a fonte de renda das populações ribeirinhas, discurso que é identificável em toadas como O Pescador (2011) do bumbá Caprichoso, com história narrada por um personagem local que diz viver às margens do rio Amazonas, “Vivo da pesca, meu sustento vem das águas [...] Jogo a rede pra pegar meu alimento de caniço vou fisingando o meu pão”.

Há também o papel de via de transporte que os rios possuem. Na região amazônica o transporte fluvial é o modo mais comum de viagem entre municípios, visto que a região geográfica é dividida pelas águas, fazendo com que os barcos e lanchas sejam o transporte de uso mais popular para grandes viagens. Estabelecendo assim mais um papel de grande relevância das bacias hidrográficas do norte para sua sociedade.

METODOLOGIA

Destacada a importância dos elementos hídricos para a população do norte, em especial a amazonense, a proposta da pesquisa fixou-se em realizar busca nas discografias dos bois Garantido e Caprichoso pelas toadas que citem ou façam dos elementos hídricos identificáveis nas toadas, em um recorte temporal de 30 anos.

Utilizou-se o método estudo de caso, com abordagem qualitativa e quantitativa, a escolha por este método deu-se, devido utilização de diversas ferramentas de busca. A pesquisa pelas músicas foi desenvolvida no período de agosto de 2020 com finalização do *search* em janeiro de 2021; foram trabalhadas as abordagens quantitativa e qualitativa por conta do grande volume de informações e a necessidade de filtrar as toadas por um elemento em comum, este sendo os rios citados nas músicas. Os materiais foram coletados, analisados e contabilizados, posteriormente adicionados em planilhas e documentos de texto, resultando em banco de dados para as letras das músicas em *Word*, e metadados e localidades em planilhas.

Buscando quantificar as citações dos elementos hidrográficos nas toadas, utilizou-se também de ferramentas bibliométricas durante a pesquisa, em especial da Lei de Zipf. Esta lei busca medir a frequência de vezes em que palavras aparecem em um texto (GUEDES; BORSCHIVER, 2005). A aplicação deu-se na contagem de aparições dos nomes de rios ou citações que os tornaram identificáveis por meio de elementos geográficos, o que resultou em gráficos com a frequência de aparição dos termos gerados a partir do banco de dados desenvolvido em planilhas.

RESULTADOS E ANÁLISES

O desenvolvimento das buscas por toadas acabou por expor a ausência de conteúdos escritos em fontes confiáveis, como as que são mantidas pelas associações dos bumbás. Com acesso livre, ambas as associações dispõem de sites para o seu boi, onde são postadas notícias sobre ações

realizadas no período atual, divulgação de eventos virtuais e informações gerais sobre o festival.

Para busca de conteúdo do boi bumbá Garantido, foram utilizadas diversas plataformas de acesso às toadas em suporte de áudio. Não identificou-se fonte oficial que disponibilizassem o conteúdo escrito para todos os anos incluídos no recorte temporal selecionado.

A busca deu-se por meio de suas páginas no *YouTube*, *SoundCloud* e *Spotify*, e as letras consultadas em *sites* de divulgação popular, revisadas a partir do processo de ouvir as músicas e corrigir possíveis divergências. Quando não encontradas nas páginas, o meio de obter as letras foi por transcrição dos áudios originais, todos os materiais sendo utilizados para contabilizar os elementos hidrográficos.

A associação bumbá Caprichoso, disponibilizava mediante de *site*, o acervo digital organizado contendo as toadas e suas letras, seguindo a ordem por álbuns e acompanhadas das credenciais dos compositores. Em complemento a este conteúdo, era possível consultar glossário interativo que continha palavras de uso regional, nome de personagens de lendas folclóricas, e palavras com origem nas línguas de grupos indígenas. O *site* foi consultado durante os quatro meses iniciais da pesquisa como fonte única de coleta das toadas, entretanto, devido à reformulação da página, as músicas, suas letras e o glossário foram removidos.

Na área antes destinada aos álbuns completos, atualmente constam somente quatro músicas, cada faixa de um álbum entre 2017 e 2020, e com o redirecionamento para plataformas de *streaming* para ter acesso à discografia completa.

Esta ação prejudicou o andamento da pesquisa, pois não há outra fonte oficial que conste com as letras das músicas, o que nos obrigou a progredir com a busca de modo semelhante à do boi Garantido. Entende-se também esta ação como limitadora de acesso à informação, pois a extinção deste acervo digital deixa os usuários sem o contato com fonte oficial das informações das toadas da associação.

Partindo desta situação podemos identificar ações contrárias às leis da Biblioteconomia, propostas por Ranganathan, em especial a primeira lei “Os livros são para uso”, a quarta “Poupe o tempo leitor” e quinta “A biblioteca é uma organização em crescimento”. Cabe ressaltar que as leis não se limitam apenas às bibliotecas, mas também são aplicáveis a outros ambientes informacionais.

Com a retirada deste grande volume de informações, a associação do Boi Bumbá Caprichoso acaba impedindo o uso do material, refletindo ação contrária proposta por Ranganathan em sua primeira lei. Além da

perda do acesso, os usuários são direcionados a outras plataformas para conseguir recuperar a discografia, limitada apenas ao suporte de áudio, o que aumenta o tempo de busca pelo conteúdo e segue o caminho contrário à quarta lei, que sintetiza Campos (s.d., p. 7) na afirmativa “todo usuário tem o direito de acesso à informação atualizada no seu campo de interesse, em menor tempo possível”. E a quinta lei, que prevê um ambiente informacional em organização e alimentação constante, também não ocorre no ambiente virtual.

RESULTADO DO SEARCH

Após coleta de todo o material foi possível determinar, por meio de referenciais da bibliometria, em especial os desenvolvidos por Zipf, quais elementos hidrográficos são mais recorrentes nas toadas produzidas entre o recorte temporal de 30 anos estabelecido. A base de dados elaborada com este material contém 50 toadas do boi Garantido e 42 toadas do boi Caprichoso que fazem referência a nomes de rios ou que citam características geográficas que os identifiquem, como citar o encontro das águas. Apresenta-se a seguir extratos retirados da bases de dados desenvolvidas nas duas figuras 1 e 2 a seguir:

FIGURA 1 EXTRATO DA BASE DE DADOS DO BOI GARANTIDO. 2020

TÍTULO	AUTORES	ANO	RIO	OBSERVAÇÕES
Rio Amazonas	Emerson Maia	1993	Rio Amazonas	
Tic Tac Tac	Braulino	1993	Rio Amazonas	
Em Répique	David Assayag, Tadeu	1993	Rio Amazonas	
Icamabas	Inaldo Medeiros, Tony	1993	Rio Nhamundá	
Sina de Caboclo	Chico Da Silva, Triguei	1993	Rio Madeira	
Sina de Caboclo	Chico Da Silva, Triguei	1993	Rio Negro	
Sina de Caboclo	Chico Da Silva, Triguei	1993	Rio Purus	
Sina de Caboclo	Chico Da Silva, Triguei	1993	Rio Jutai	
Sina de Caboclo	Chico Da Silva, Triguei	1993	Rio Solimões	
Sina de Caboclo	Chico Da Silva, Triguei	1993	Rio Japurá	
Navegar é Preciso	Emerson Maia	1993	Rio Amazonas	
André	Emerson Maia, Sidney	1995	Rio Marau	
Botinho Moreno	Braulino	1995	Rio Amazonas	
Herói Ajuricaba	Inaldo Medeiros, Maric	1996	Rio Negro	
Kuarup	Tony Medeiros	1999	Rio Xingu	
O Dia da Criação	Edval Machado, Inaldo	2000	Rio Uaupés	
Nossa Amazônia	Demétrios Haidos, Gei	2000	Rio Negro	citação ao encontro das águas
Nossa Amazônia	Demétrios Haidos, Gei	2000	Rio Solimões	citação ao encontro das águas
Dinahi	Demétrios Haidos, Gei	2001	Rio Negro	citação ao encontro das águas
Dinahi	Demétrios Haidos, Gei	2001	Rio Solimões	citação ao encontro das águas
Santuário Esmeralda	Demétrios Haidos, Gei	2003	Rio Negro	citação ao encontro das águas
Santuário Esmeralda	Demétrios Haidos, Gei	2003	Rio Solimões	Citação ao encontro das águas
Yãkwa	Demétrios Haidos, Gei	2003	Rio Iquê	Nasce em Rondônia
Reahú	Inaldo Medeiros, Maric	2003	Rio Marari	
Reahú	Inaldo Medeiros, Maric	2003	Rio Marauá	
Reahú	Inaldo Medeiros, Maric	2003	Rio Emacuracá	Não encontrado
Rei dos Rios	Marcos Lima, Inaldo M	2004	Rio Amazonas	
Rei dos Rios	Marcos Lima, Inaldo M	2004	Rio Negro	
Rei dos Rios	Marcos Lima, Inaldo M	2004	Rio Japurá	
Rei dos Rios	Marcos Lima, Inaldo M	2004	Rio Juruá	
Rei dos Rios	Marcos Lima, Inaldo M	2004	Rio Madeira	

Fonte: Base de Dados – Boi Garantido, 2020.

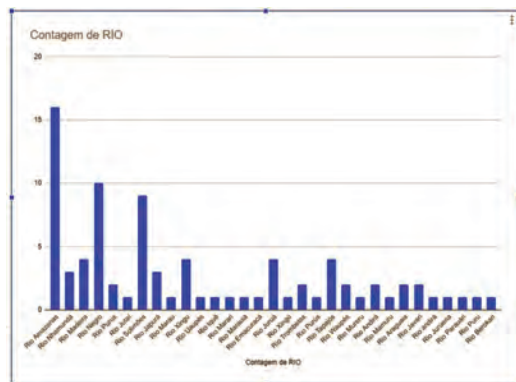
FIGURA 2 EXTRATO DA BASE DE DADOS DO BOI CAPRICHOSO. 2020

TÍTULO	AUTORES	ANO	RIO	OBSERVAÇÕES
Aquirabas (Anjo Tuina)	Hélio Omar Conceição	1996	Rio Amazonas	
Navegantes do Falcão	José Carlos Portinho, Rui Mac	1997	Rio Amazonas	
Amazonas Ayakamé	Ronaldo Barbosa, Simão Ass	1997	Rio Amazonas	
Estrela dos Tupinambá	Rainer de Carvalho	1997	Rio Amazonas	
Contos e Lendas	Hugo Levy, Sívio Camaleão	2000	Rio Javari	Álbum em parceria com David Assayag
Contos e Lendas	Hugo Levy, Sívio Camaleão	2000	Rio Amazonas	
Contos e Lendas	Hugo Levy, Sívio Camaleão	2000	Rio Nhamundá	
Veias Brancas	Ronaldo Barbosa	2000	Rio Amazonas	
Tempo de Tragicôm	Alceu Anselmo, Elberto Bam	2000	Rio Amazonas	Música para o rio
Odisseia Tupinambá	Hugo Levy, Sívio Camaleão	2001	Rio Amazonas	
Odisseia Tupinambá	Hugo Levy, Sívio Camaleão	2001	Rio Tapajós	
Odisseia Tupinambá	Hugo Levy, Sívio Camaleão	2001	Rio Madeira	
Odisseia Tupinambá	Hugo Levy, Sívio Camaleão	2001	Rio Caeté	
Torés	Ronaldo Barbosa	2002	Rio Amazonas	
Torés	Ronaldo Barbosa	2002	Rio Solimões	
Pescador da Vida	Hugo Levy, Sívio Camaleão	2003	Rio Amazonas	
Tradição e Raízes	César Moraes, César Oliveira	2003	Rio Amazonas	
Reimos e Tauás	Ronaldo Barbosa	2004	Rio Amazonas	
Reimos e Tauás	Ronaldo Barbosa	2004	Rio Tapajós	
Rio Amazonas	Ademar Azevedo	2004	Rio Amazonas	
Amazonas Terra do Foli	Ronaldo Barbosa	2004	Rio Amazonas	
Kuarup (O Troço Sagri	Edmundo Diani	2004	Rio Tatuari	
Uakli	Hugo Levy, Alceu Anselmo, I	2006	Rio Negro	
Conon - As Amazonas	Ademar Azevedo, Roberto Vi	2007	Rio Nhamundá	
Máscara de Aura	Ademar Azevedo	2007	Rio Tapajós	
Máscara de Aura	Ademar Azevedo	2007	Rio Paraná	
Unapeara	Hugo Levy, Sívio Camaleão	2008	Rio Ipixuna	
Em defesa desse chão	Ademar Azevedo, Frank Azer	2008	Rio Madeira	
Em defesa desse chão	Ademar Azevedo, Frank Azer	2008	Rio Guará	
A Anvora Ancestral	Demétrius Hados, Geandro F	2008	Rio Solimões	
Temem de Porfiriátes	Ronaldo Barbosa	2009	Rio Negro	riscação an encontro dos rios

Fonte: Base de Dados – Boi Caprichoso, 2020.

Com os dados apresentados nos extratos acima, foi possível gerar gráficos que medem a quantidade de vezes que rios são citados nas toadas. A seguir o gráfico 1 gerado na base de dados do boi Garantido, identifica-se que o termo Rio Amazonas foi citado 15 vezes, seguido pelo termo rio Negro citado 10 vezes e o termo Solimões 8 vezes, sendo os de maior recorrência.

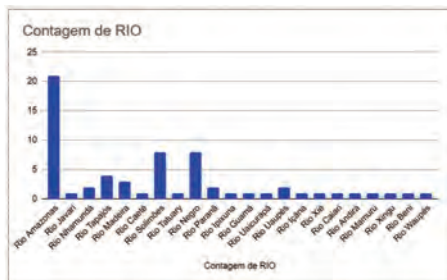
GRÁFICO 1 O TERMO RIO CITADO NAS TOADAS DO BOI GARANTIDO. 2020.



Fonte: Arquivos da Pesquisa, 2021. Organizado por NF.

Na base de dados do boi Caprichoso os elementos de maior recorrência são Rio Amazonas, citado 21 vezes, seguido do rio Solimões e rio Negro, com 8 aparições cada.

GRÁFICO 2 O TERMO RIO CITADO NAS TOADAS DO BOI CAPRICHOSO. 2020.



Fonte: Arquivos da Pesquisa, 2021. Organizado por NF.

Com estas informações coletadas e tratadas, pode-se identificar as localidades dos elementos hídricos, e espacializar geograficamente suas localidades. A busca por suas localizações foi feita com a utilização de mecanismos de pesquisa do Google, a plataforma de pesquisa e o Maps, seu Sistema de Posicionamento Global (GPS).

Em primeiro momento, a busca aconteceu se utilizando dos termos coletados das toadas, buscando dos de maior frequência de aparição aos de menor frequência, eram combinados assim os nomes dos rios seguidos da palavra “cidade”, visando recuperar com maior rapidez as cidades localizadas no entorno dos elementos hídricos, por exemplo, “Rio Madeira cidade”. A seguir apresenta-se extrato da base de dados Localizações.

FIGURA 3 EXTRATO DA BASE DE DADOS LOCALIZAÇÕES. 2021

RIO	CIDADES/MUNICÍPIOS PRÓXIMOS	ESTADOS	PAÍSES	OBSERVAÇÕES
Amazonas	Tabatinga	Acre, Amazonas, Amapá	Peru, Colômbia, Brasil, Bolívia, Equador, Venezuela e Guiana	
Solimões	São Paulo de Olivença, Amaturá, Sa	Amazonas	Brasil	
Negro	Içana, Barcelos, Carvoeiro, Anilão e I	Amazonas	Colômbia, Venezuela e Brasil	
Nhamunda	Nhamunda, Terra Santa, Faro, Juruí	Roraima, Amazonas, PE	Brasil	
Madeira	Porto Velho	Rorôndônia	Brasil, Bolívia, Peru	
Purus	Santa Rosa do Purus, Manoel Urban	Acre, Amazonas	Brasil, Peru	Também citado como "Puru" na música Quilombolas de Amazônia (2017)
Jutai	Jutai	Amazonas	Brasil	
Japurá	Japurá	Amazonas	Brasil	
Miriti	-----	-----	-----	Rio não localizado - música André 1995
Xingú	Altamira, São Félix do Xingú	Mato Grosso, Pará	Brasil	
Uaupés	São Gabriel da Cachoeira	Amazonas	Colômbia, Brasil	Também citado como "Waupe's" nas músicas O mundo Bara-Maku, Celebração
Iquê	Não localizados	Rorôndônia, Mato Grosso	Brasil	
Marani	Barcelos	Amazonas	Brasil	
Marauá	-----	-----	-----	Rio não localizado - música Reehú 2003
Aracá	-----	-----	-----	
Juruí	Eunápoli, Cruzeiro do Sul	Acre, Amazonas	Peru, Brasil	
Trombetas	Orozimé	Pará	Brasil	
Tapajós	Santarém	Mato Grosso, Pará	Brasil	
Uaçá	-----	-----	-----	Podem ser uma planta aquática, mas também aparece nas buscas como um igu
Andirá	Barreirinha	Amazonas	Brasil	
Mamuru	-----	Amazonas, Pará	Brasil	
Araguaia	Conceição do Araguaia, Palestina d	Goiás, Mato Grosso, Tor	Brasil, Peru, Brasil	
Javari	Benjamin Constant, Atalaia do Norte	Amazonas	Brasil	
Juruena	-----	Mato Grosso, Amazonas	Brasil	
Parauari	Maetés	Amazonas	Brasil	Nas buscas, o nome do rio se encontra sem acentuação. Rio não localizado - música Flechas Serpentes 2019
Paraná	-----	-----	-----	
Carité	Bragança	Pará	Brasil	
Tatuari	Parque Indígena do Xingú	Mato Grosso	Brasil	Encontrado como "Tatuari" na fonte: http://mapadesconfios.sensofocuz.br/ico
Paraná	Formosa	Goiás, Tocantins	Brasil	
Ipixuna	Ipixuna	Amazonas	Brasil	
Guamá	São Miguel do Guamá	Pará	Brasil	

Fonte: Base de Dados – Localizações, 2021.

Foram coletados também termos relativos às cidades e aos municípios próximos aos rios, junto de seu Estado e país correspondente, optou-se por deixar uma área para observações, assim nomeada, que fossem relevantes para a interpretação dos dados. Apesar de existirem ocorrências de elementos hidrográficos com nascente ou localização fora do Brasil, a maior parte dos citados nas toadas ficam em território brasileiro, em especial no estado Amazonas, onde a ocorrência de aparição é maior.

Demonstra-se, a partir dos resultados desta pesquisa, que há vasta produção de toadas que abordam aspectos ambientais hídricos brasileiros, e em maior quantidade os corpos hidrográficos do Amazonas. Deste modo, expressam o objetivo de fomentar a discussão da preservação dos corpos hídricos por meio das toadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do cumprimento dos objetivos estabelecidos, concluímos que algumas toadas falam dos corpos hídricos da Amazônia, possuindo grande potencial como fonte de conhecimento. O conteúdo das toadas precisam ser abordado nas salas de aulas, sejam no Ensino Fundamental I, II ou no Ensino Médio, visto que promovem as riquezas naturais.

Notada a numerosa existência de toadas com elementos hídricos em suas letras, compreende-se o valor que estas informações podem assumir se apresentadas com direcionamento educativo, que foi o objetivo desta pesquisa. Pode-se inferir que o grande número de elementos hídricos amazônicos nas músicas pode contribuir para a discussão e entendimento do valor de sua preservação ao público direcionado.

Foi possível também refletir sobre a aplicação de conceitos Bibliométricos no tratamento de grande volume dos dados coletados, o que demonstra a presença necessária do profissional bibliotecário no meio de pesquisas que abranjam elementos presentes nas mais diversas áreas. Assim como é notada a possibilidade de um campo de atuação para estudantes e profissionais da Biblioteconomia, por conta da falta de acervo organizado e acessível de ambos os bumbás.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Juliana Batista; SIMAS, Hellen Cristina Picanço. Amazônia nas toadas do boi-bumbá Garantido. *Revista Eletrônica Mutações*, v. 6, n. 11, p. 048-075, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/relem/article/view/992>. Acesso em: 9 dez. 2020.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **AS CINCO LEIS DA BIBLIOTECONOMIA E O EXERCÍCIO PROFISSIONAL**. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bitl/mluiza/index.htm>. Acesso em: 12 jan. 2021.

GODOI, Luis Rodrigo. **A importância da música na Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2011. Disponível em: <https://www.meloteca.com/wp-content/uploads/2018/11/a-importancia-da-musica-na-educacao-infantil.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2021.

GUEDES, Vânia; BORSCHIVER, Suzana. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. In: **CINFORM – ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 6., 2005, Salvador. Anais... Salvador: ICI/UFBA, 2005. Disponível em: http://www.cinform-antiores.ufba.br/vi_anais/docs/VaniaLSGuedes.pdf. Acesso em: 8 mar. 2021

NARZETTI, Claudiana; BRANDÃO, Mileny. A AMAZÔNIA NO (S) DISCURSO (S) DOS BOIS-BUMBÁS DE PARINTINS. **Organon**, v. 35, n. 70, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/104188>. Acesso em: 8 mar. 2021.

O PESCADOR. Intérprete: Boi Bumbá Caprichoso. Compositores: A. Azevedo e Maurício Filho. In: A MAGIA que encanta. Intérprete: Boi Bumbá Caprichoso. [S.l.]: [s.n.], 2011. Álbum, faixa 19. Disponível em: https://open.spotify.com/album/3eZw5ow8QKkld8XbPLzvKM?si=gzvrEjxmRcGN0I4MVh-knQ&dl_branch=1. Acesso em: 19 out. 2020.

SOUZA, Inéia Simas de. **Festival folclórico de Parintins: um olhar sociocultural e educacional**. 2011. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4458>. Acesso em: 2 set. 2020.

VIVÊNCIAS DO SERINGUEIRO NA IMPRENSA AMAZONENSE: UM PANORAMA DAS REPRESENTAÇÕES (1890-1920)²⁷

Daniel Barros de Lima²⁸

RESUMO: Esta comunicação tem por objetivo analisar as múltiplas representações produzidas pela imprensa amazonense acerca do seringal e do seringueiro, flagrando uma pluralidade de dimensões dessa presença e vivência no contexto amazônico. Assim, a pesquisa acompanha tanto o debate em torno do processo migratório, buscando lançar um olhar perscrutador sobre suas dimensões e motivações, além de priorizar as imagens produzidas pela imprensa acerca dos dilemas derivados da adaptação do nordestino tanto diante de um meio ambiente hostil, quanto diante de um processo de trabalho escorchante, e suas práticas de resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Cotidiano; Seringueiro; Imprensa; Representação.

INTRODUÇÃO

A pesquisa histórica no interior da Amazônia tem possibilitado a construção de inúmeros trabalhos evidenciando o protagonismo de importantes sujeitos históricos, trazendo à tona novos olhares e debates sobre questões históricas decisivas para a compreensão daquilo que chamamos de a formação e o desenvolvimento da região amazônica. Essa análise pode recuperar, para além dos tradicionais discursos historiográficos, a discussão sobre importantes assuntos daquilo que geralmente está pronto pra ser esquecido, ou que talvez já esteja esquecido.

Nesse artigo propomos analisar o processo de migração nordestina para a região amazônica durante o período onde a atividade gomífera dava o tom econômico à região amazônica. Neste recorte de tempo e espaço, figura o seringueiro²⁹ como principal sujeito social da região nesse momento, sobre o qual buscamos um olhar diferenciado, bem como sobre a categoria de trabalhadores que integra, estabelecendo uma análise de

27 Trabalho a ser apresentado no GT 4 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

28 Doutor em Teologia (PPG-EST) e Mestre em História Social (PPGH-UFAM). Faculdade Boas Novas. Manaus-AM. E-mail: daniel.barros@fbnovas.edu.br

29 Em seu artigo intitulado “Movimentos sociais dos seringueiros e a Resex Chico Mendes”, Gisele Souza define o seringueiro como o indivíduo que organiza e executa a atividade de extração de látex da árvore da seringueira (*hevea brasilienses*) e realiza sua transformação em borracha natural.

suas possíveis representações na imprensa amazonense, no fim do século XIX e início do século XX.

Em meados do século XIX a utilização da borracha foi aprimorada, isso possibilitou a ampliação de seu uso como matéria-prima na produção de correias, mangueiras, sapatos, pneus, entre outros. A produção gomífera desse período representou uma grande parte das exportações brasileiras,³⁰ além de representar um importante fator para o crescimento econômico e demográfico da região amazônica. Ainda que tenhamos clareza do fato da imensa propulsão demográfica trazida pela atividade ligada à borracha, não podemos incorrer no erro de pensar que a borracha atuava sozinha neste contexto econômico, pois é perceptível através da luz trazida pela nova historiografia local³¹ o alerta para a diversidade de formas de produção vivenciada na região amazônica nesse período, onde a borracha aparece como um fenômeno em determinada conjuntura, sendo difícil tomá-la como definidora da estrutura.

Dessa forma, buscamos apresentar uma nova abordagem, ou versão dos fatos, trazendo à tona uma história que não é contada, que segundo Edward P. Thompson,³² por muitas vezes “os becos sem saída, as causas perdidas e os próprios perdedores são esquecidos”.³³ Na conceituação de Roger Chartier,³⁴ as representações geram identidade para o indivíduo e para o grupo, e são portadoras do simbólico, que é construído social e historicamente,³⁵ e que Sandra Pesavento chama de “a presentificação de um passado ausente”.³⁶ Uma vez que a representação está relacionada à formulação de experiências do passado que sejam compreensíveis e plausíveis ao presente, é possível resgatar as representações daquilo que já fora representado no passado, a saber, as representações do seringueiro.

30 OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Valer, 2003. p. 37.

31 SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. **Os fios de Ariadne: tipologia de fortunas e hierarquia sociais em Manaus: 1849-1880**. Niterói, 1993. Dissertação de Mestrado, 1994. UFF: Niterói, 1994. (Como exemplo dessa historiografia)

32 Edward P. Thompson foi um historiador marxista inglês, representante da nova esquerda que buscou em seus trabalhos historiográficos dar voz a homens e mulheres esquecidos nas análises de historiadores marxistas afinados com as teorias estruturalistas. Para tal, buscava perceber através da luta de classes, a formação de experiências históricas do operariado inglês do século XVIII.

33 THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Vol. 1 São Paulo: Paz e Terra, 6.ª ed. 2011. p. 14.

34 Roger Chartier é um historiador francês vinculado à atual historiografia da Escola dos Annales. Uma das contribuições decisivas de Roger Chartier para a História Cultural está relacionada à elaboração das noções complementares de “práticas” e “representações”.

35 CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos avançados 11(5), 1991. p. 177.

36 PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. São Paulo: Autêntica, 2008. p. 40.

A IMPRENSA AMAZONENSE NA VIRADA DO SÉCULO XIX

Em sua tese de doutorado, Maria Luíza Pinheiro nos apresenta uma imprensa riquíssima na virada do século XIX para o século XX, com verdadeiros arquivos do cotidiano, que servem assim, para pôr fim ao que ela chama de “silêncio documental” sobre os segmentos populares, principalmente sobre os trabalhadores urbanos e menos favorecidos da cidade e do campo. Essas fontes jornalísticas podem se tornar contrapontos importantes ao discurso oficial dos fatos que é pautado sobre os mecanismos vigentes de controle e dominação, pois podemos visualizar uma sociedade bem mais complexa e problemática que aquela projetada pela crônica memorialista ou por uma historiografia conivente com os processos e interesses dos grupos dominantes.³⁷

Podemos enfrentar as fontes atentos ao poder do discurso nelas imbuídas e carregadas de interesses por parte de quem as escreve, por isso Maria Luíza Pinheiro também afirma que “o discurso jornalístico possibilita a percepção das tensões e conflitos que permeiam a própria sociedade”,³⁸ é por onde era possível perceber as múltiplas dimensões do viver social. Assim, a imprensa diária representava um contraponto de pluralidade de discursos, que quebra essa chamada visão monolítica de imprensa.

É nessa imprensa cotidiana na virada do século XIX para o XX, que Maria Luíza Pinheiro em sua obra “A cidade sobre os ombros” nos informa da presença de trabalhadores (cocheiros, catraieiros, estivadores, carroceiros, peixeiros, condutores, etc) que eram citados na imprensa amazonense, e que traziam consigo a exploração das contradições do universo do trabalho.³⁹ Dentre esses trabalhadores, inferimos também a presença do seringueiro, uma vez que o mesmo representou a principal mão de obra trabalhadora na extração do látex da borracha dos seringais da Amazônia.

Tanto a menção dos trabalhadores quanto as variadas perspectivas das notícias nos jornais da cidade nos permitem o vislumbre das suas vivências sob essas perspectivas. A partir das informações encontradas na imprensa, nas notícias do cotidiano amazonense, podemos perceber muitas representações do seringueiro, como matrizes que geram as práticas sociais e os comportamentos, e que dão coesão e explicação para a realidade.

Nesse universo de perspectivas dos discursos da imprensa, encontramos diários predominantes que parecem ter sido porta-vozes de uma

37 PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas, 1880-1920**. São Paulo, 2001. Doutorado em História, 2001. PUC-SP, 2001. p. 7.

38 PINHEIRO, 2001, p. 7.

39 PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1889-1925)**. Manaus: EDUA, 1999. p. 4.

elite local que buscava apresentar uma Manaus cosmopolita, bela e rica.⁴⁰ E também identificamos uma imprensa, chamada muitas vezes de imprensa operária, que em seus periódicos podiam oferecer a visão contrária de um cenário marcado por tensões, manifestações e reivindicações.⁴¹

A imprensa amazonense de fins do século XIX e início do século XX, como já dissemos, constitui um universo denso e rico de fontes, que se transformam em representações próprias do cotidiano da cidade, do interior, do trabalho, e do seringueiro como um sujeito social ativo desse período. Podem ser destacados aqui o acervo do “Jornal do Commercio” tradicionalmente ligado a grupos dominantes, mas que encontramos fragmentos de interesse popular como as sessões *Coisas Policiais* e *Queixas do Povo*, e que se torna o principal diário do período, cobrindo ininterruptamente os períodos, por assim dizer, de expansão e crise da economia da borracha. O Jornal “O Mariauense” do coronel José Antonio Nogueira Campos, dono de seringais em Barcelos-Am; O “Diário Official” que era jornal pertencente ao estado federado do Amazonas, onde infere-se a presença do seringueiro sempre na coluna de *segurança pública*; O Jornal “Quo Vadis”? representa um periódico que buscava dar voz a pessoas comuns, se apresentava como órgão de interesses populares. O Correio do Purus que era órgão pertencente a M. Freire & Ca., uma associação que acompanhava mais de perto as movimentações do trabalho e dos seringais do interior do Amazonas. E o jornal “A Capital” do Dr. Epaminondas de Albuquerque, intelectual de Manaus, que em seu interior trazia notícias associadas a tragédias envolvendo o seringueiro em sua relação com outros seringueiros e outros agentes.

Todos esses diários são fontes riquíssimas onde estamos encontrando diversas representações do seringueiro e constituem um arcabouço valioso para o desenvolvimento de nossa pesquisa no mestrado.

VIVÊNCIAS E PANORAMA DAS REPRESENTAÇÕES DO SERINGUEIRO NA IMPRENSA

Como sujeito social, o seringueiro pode ser interpretado sob o conceito de “experiência” de Edward Thompson, no qual busca recuperar o papel ativo do sujeito social estabelecendo sua própria história, que não deixará de ser responsável por sua condição a partir de suas próprias

40 Como exemplo, podemos citar: “O Mariauense” de José Antonio Nogueira Campos; “Cidade Cabocla” de Genesisino Braga; “Porta do El Dorado” de Clovis Barbosa; “Cidade Risonha” de Raul de Azevedo. Jornal do Commercio de Vicente Reis (fundado por J. Rocha dos Santos).

41 Como exemplo pode-se citar: *Quo Vadis?*; *Commercio do Amazonas*; *Correio do Norte*; *Lucta Social*, entre outros.

ações, o que também pode ser inserido na chamada recuperação das dimensões do “fazer-se”.⁴²

Alguns autores que estudaram a região amazônica trazem uma reflexão sobre as tensões e movimentações do seringueiro. Em sua obra “A Cidade, o Teatro, e o Paiz das seringueiras”, Ana Maria Daou destaca as muitas trajetórias de vidas desses indivíduos que migravam para a Amazônia. Elas foram incorporadas a um novo estilo de vida e de novas atividades de inserção social. De modo geral eram profissionais liberais, estudantes, comerciantes envolvidos com negócios ao longo dos rios e nas cidades do interior, e especialmente homens relacionados ao recrutamento de trabalhadores para os seringais, assim, como também, um fluxo de nordestinos em menor grau incorporado à elite de Manaus. A escolha de Manaus foi valorizada por seu valor “simbólico”.⁴³

Em sua obra “História Econômica da Amazônia”, Roberto Santos fala da falta de escassez de mão-de-obra na região, de soluções postas em ação para resolver o problema, e afirma que “o braço externo de sustentação da atividade extrativista e agrícola, foi por excelência o nordestino”.⁴⁴ A forma como se orientou essa corrente migratória deve ser estudada e analisada com cautela e ponderação. Mas, é desse universo de populações advindas para o Amazonas que se encontram os homens que posteriormente se tornarão os trabalhadores da borracha, que Arthur Reis os classifica como o “brabo e o seringueiro”.⁴⁵

A partir daqui queremos visualizar na imprensa, um todo, em nuances de notícias, onde podemos encontrar imagens e representações do seringueiro ou daquilo que se refere a ele em diversos aspectos de sua vivência quer seja no seringal ou na ambiência da cidade. O Jornal “A Constituição”, órgão do partido conservador, traz a notícia estampada na seção “Diário do Gram-Pará” informando tanto a situação que se encontrava o Ceará na grande seca de 1877, quanto a atitude que tomavam essas populações:

São do dia para dia mais desoladoras as noticias que nos chegam [...] a secca estende os seus desastrosos efeitos por todo interior da bella

42 THOMPSON, 2011. p. 9.

43 DAOU, Ana Maria Lima. **A Cidade, o Teatro e o Paiz das Seringueiras**: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX. Tese de Doutorado, 1998. UFRJ: Rio de Janeiro, 1998. p. 109-111.

44 SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo: Quairós, 1980. p. 97.

45 O brabo é o nordestino novato nas operações de extração do látex. Recém-chegado ao seringal, desconhece as técnicas de trabalho bem como os segredos da mata. Vencida essa fase, atinge a condição ambicionada de seringueiro, assim assimila, incorpora e dá cor definitiva à paisagem humana do seringal (REIS, Arthur César Ferreira. **O Seringueiro e o Seringal**. 2.^a ed. Manaus: Edua, 1997. p. 226-227).

província do Ceará, um vasto deserto árido sem uma gota d'agua para refrescar o sol gretado pela violência do calor, sem um ramo verde para abrigar as populações abrasadas nos delírios febris da miséria, a atonia morbida e desesperada da fome [...] sem esperanças [...] abandonam o lar e emigram allucinadas [...] essa migração falla-nos com a eloquência da dor do sofrimento que a desenraizou da terra do berço.⁴⁶

O trabalho do seringueiro dentro dos seringais amazônicos está diretamente relacionado com o clima da região. Percebemos notícias diferenciadas sobre a vivência do seringueiro, a partir do período de cheia dos rios onde acontece a comercialização do produto da borracha, e no período de vazante dos rios na extração do látex.

O Jornal “O Correio do Purus”, traz uma notícia sobre o inverno amazônico no ano de 1905, em que as fortes chuvas daquele ano acabaram por influenciar mais que o devido, a produção da borracha, que invariavelmente, será o seringueiro que sentirá o primeiro impacto:

É muito possível que repetidas chuvas cahidas de outubro pra cá influam muito na producção da borracha, no Rio Purus e affluentes, e, se elas cahirem com igual violencia em outros rios sentir-se-á sensivelmente o decrescimento d'esse genero de exportação. No Rio Purus houve dias, nas ultimas semanas, em que o seringueiro viu-se obrigado a suspender, totalmente, o seu trabalho.⁴⁷

Em seu artigo, “O Trabalhador Amazonense no Discurso Patronal”, Alexandre Avelino, nos apresenta pela fonte de um diário da imprensa de Manaus, a tensão entre patrões e seringueiros na ambiência dos seringais. No Jornal “O Mariauense”, do proprietário Coronel Antônio Nogueira de Campos, um abastado dono de seringais em Barcelos/Am, o seringueiro é representado no discurso patronal:

Se os seringueiros se empregassem no plantio de cereaes, durante os sete mezes que não são destinados ao trabalho da borracha, teriam a paz e a fortuna. Fazem o contrario, desperdiçam o tempo, gastão-no em diversões condenadas e quando chega o fabrico da borracha elles, por mais que trabalhem, não podem pagar pello que gastaram no longo e pesados mezes que não foram illuminados pello trabalho... queixam-se do patrão, affirmando que elle vende tudo pelo mais alto preço e por isso estão em atrazo, quando o atrazo vem de llonga vadiagem e da sociedade que é promotora de todas as podridões.⁴⁸

46 **A Constituição.** Belém do Pará, 01 de Junho de 1877.

47 **O Correio do Purus.** Labrea, 08 de Dezembro de 1905.

48 **O Mariauense.** Manaus, 29 de Abril de 1897. Apud AVELINO, Alexandre Nogueira. O Trabalhador Amazonense no Discurso Patronal. In: **Fronteiras do Tempo:** Revista de Estudos Amazônicos, n.º 3, jan./dez., 2012. p. 31.

Percebemos por esse discurso, que de maneira geral, os seringueiros eram sempre vistos pelo patrão como indivíduos vagabundos e promíscuos sempre inclinados aos vícios da vida, e assim eram perigosos para a sociedade, ela a detentora dos valores morais, além disso, podemos observar, o que o patronato afirma, ao dizer que se o seringueiros fossem ordeiros e comprometidos com o trabalho nos meses do inverno, das chuvas, “teriam paz e fortuna”, mas sabemos que mesmo que isso acontecesse não era uma regra geral, mas sim exceção, apenas uma minoria distinta alcançou riqueza e prosperidade, e não foi necessariamente por ter “plantado cereaes” na época das chuvas, mas por fatores diversos. A grande maioria dos seringueiros nunca enriqueceu.

É interessante destacar aqui um fragmento, do que podemos chamar de uma poesia utópica, encontrada numa extensa crônica no jornal “O Correio do Purus” a respeito da opressão dos seringalistas sobre os seringueiros nos seringais da região, já no grande auge da borracha:

Doutrinando-se, poder-se-ia dizer ao proprietario de seringaes: a natureza do solo amazonense, a sua cultura marginal dos rios, destacando-se para longe dos centros de civilização, deram-te um poder, copia fiel desse outro medieval em que o nobre tinha, á discripção, a vida bens e hora dos servos: – tu tens melhor preparo para a existencia, com a facilidade com que te deslocas cada dia vaes aprendendo o que seja a sociedade, a humanidade em summa, porque motivo não levantas de sua degradação physica e moral o teu operário – o seringueiro – que é a pedra angular desse edificio de tua fortuna? Porque motivo o explora, tu, com a inclemencia do agiota, illudidor da fé e defraudador da lei?⁴⁹

Na mesma crônica temos outro fragmento, no qual percebemos que o diário, ou quem o escreve, também responsabiliza o seringueiro em sua inércia, por aceitar com resignação o estado no qual se encontra, sem atitude e mobilização de luta, que poderiam lhes trazer maior respeito, embora imaginar isso de forma geral também possa parecer utópico, e muito mais complexo:

Ao operário, dir-se-ia, também: Erque-te pela economia, ennobrece-te pelo trabalho e torna-te forte pela instrucção; as horas que perdes, inutilmente, nas longas tardes estivaes, quer na inercia que depaupera, quer nos divertimentos onde te nasce o vicio do álcool, debes aplicar ao estudo de tua língua pátria, à compreensão dos deveres cívicos afim de que, melhorando, possas senão nivelar-se ao teu patrão, ao menos adquirir o seu respeito e estima.⁵⁰

49 O Correio do Purus. Lábrea, 16 de Junho de 1907.

50 Ibidem.

Quando lemos na fonte “ergue-te pela economia”, é impossível não lembrar dos motins e levantes que Edward Thompson descreve em “A economia moral da multidão inglesa no século XVIII”,⁵¹ pois vemos claramente o quanto é significativo e transformador quando uma classe de trabalhadores alcança a consciência de classe, não apenas vivida, mas percebida, ao ponto de mudarem juntos a situação em que se encontram.

No “Diário Oficial”, é noticiado o que o por muitas vezes os agentes dos seringais ainda tinham que enfrentar, o contato com índios cruéis e assassinos. Na notícia há um abaixo assinado feito por donos de seringais no Rio Madeira, solicitando “garantia de vida e propriedade” ao Dr. Fileto Pires Ferreira,⁵² Governador do Estado do Amazonas, visto que os habitantes desses seringais lutavam há mais de trinta anos contra uma tribo de Parintintins:

[...] estes indios teem levado o atrevimento ao ponto de atacarem os barcões da margem do Madeira [...] considerando que ainda no anno passado succumbiram fechados nas margens do Madeira, cinco infelizes deste seringal [...] considerando que os moradores da dita zona estão abandonando os seus seringaes, devido as periodicas aggressões dos terriveis indios, que este anno já mataram uma infeliz mulher nas “Tres Casas”, e um seringueiro no lugar São Pedro. Considerando que não é só a fortuna particular que soffre com este abandono de seringaes e sim o Estado que tão dignamente v. exc^a administra [...] considerando que os Parintintins temem sobre modo a tribo dos Mundurucús, que só com sua presença os afungentará [...] veem cheios de esperança e justa razão pedir a v. exc^a que estabeleça uma colonia de indios Munducurús [...] somente nos seis primeiros meses [...] um anno depois de estabelecida a colonia o aumento da safra da borracha será tal que o Estado será embolsado do capital [...] Rio Madeira, 19 de Novembro de 1896.⁵³

Essa extensa notícia que aqui fragmentamos alguns trechos, nos mostram com clareza o que a população dos seringais amazônicos enfrentava com as populações indígenas. Embora o abaixo assinado trace claramente os interesses dos donos dos seringais, é possível perceber nas entrelinhas, por assim dizer, que possivelmente os seringueiros enfrentavam o conflito com os índios ao ponto de serem mortos, ou de abandonarem os seringais. Ao final do abaixo assinado encontramos a resposta do Governador Fileto Pires Ferreira, que parece ignorar, embora não explicitamente, a sugestão feita de remanejamento dos índios Mundurucus

51 THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. p. 152.

52 Fileto Pires Ferreira foi governador do Amazonas, de 23 de julho de 1896 a 4 de abril de 1898. O Teatro Amazonas foi inaugurado durante sua administração, em 31 de dezembro de 1896.

53 **Diário Oficial**. Manáos, 24 de junho de 1897.

(os Parintintins temiam os Mundurucus, pois já eram civilizados) para uma espécie de colônia no período de extração e trabalho da borracha, garantindo assim a “fortuna” dos seringais e do Estado na compensação do capital investido na resolução do problema. Vejamos o que responde o governador após mais de seis meses do abaixo assinado:

O governo não recusa seu apoio a ideia dos signatarios e promptifica-se a patrocinar todo e qualquer tentamen que tenha por fim salvaguardar os interesses dos habitantes do alto Madeira. Assim, os signatarios que se congreguem para a realização do que propõe e o governo os coaljuvará como for de justiça. Apresentem um plano exequível e bem delineado e o governo depois de estudal-o convenientemente dirá ao certo quaes os favores que pode dispensar aos peticionarios. Palacio do Governo, 21 de Junho de 1897 – Fileto Pires Ferreira.⁵⁴

Encontramos relatos diversos sobre a vivência do seringueiro, sempre marcado por experiências profundas em um contexto carregado de contradições sociais as quais são ignoradas e desconsideradas por alguns historiadores da chamada “cultura historiográfica” amazonense.⁵⁵ Mas são objetos de estudo e análise, pois chegam até nós como histórias carregadas de representações as quais revelam o processo de formação da identidade de pessoas comuns, aqui em destaque o seringueiro, tal como na conceituação de Marc Bloch, de que toda vivencia humana é portadora de uma história.⁵⁶

O Jornal do Commercio reúne muitas dessas histórias, dentre elas destacamos aqui uma história intitulada “Vingança Trágica”, nos apresentando com certos detalhes as intrigas e desavenças entre dois seringueiros, companheiros de ofício, mas não de amizade:

Outra scena de sangue temos a registrar, hoje, desenrolada num dos antros do seringal *Retiro*, que fica á margem do Rio Acre. Allí viviam os seringueiros José da Silva Ramos e Anísio Gomes Brandão, ambos empenhados no serviço de extracção de gomma elastica, porem separados pelo ódio incontido de velhas rixas pessoaes, à semelhança das que sempre surgem

54 Ibidem

55 PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. **Na contramão da história:** mundos do trabalho na cidade da borracha (Manaus, 1920-1945). In: Revista Canoa do Tempo, v. 1, n. 1, Jan./dez., 2007. p. 15. Nesse artigo o historiador Luís Balkar elenca entre alguns historiadores, Mário Ypiranga e Arthur Reis, que narram uma história regional positivista, conservadora e elitista, efetiva e sem contestação, mesmo sem o aval das novas interpretações acadêmicas da História. Com um discurso de ordem, essa cultura historiográfica amazonense ignora as demandas e vivências populares, quando não, as despreza e rejeita como irascíveis, impertinentes e equivocadas.

56 VAINFAS, Ronaldo. **História das mentalidades e história cultural.** In: VAINFAS, Ronaldo & CARDOSO, Ciro Flamarion (org). **Domínios da história.** SP: Campus, 2011, p. 143-195.

entre os homens educados na escola da ignorância. Ramos, que sempre se revelara um indivíduo de mau caráter, architectara um plano com o fim de prejudicar seu companheiro de trabalho. Penetrara no terreno safaro da mentira ignominiosa e, sem o mínimo decoro, dissera ao seu patrão que Anísio estava falsificando a borracha, com o fim de deslindar o credito do seringal. O patrão, como é natural, ficou prevenido com Anísio, mas, dias depois, examinando escrupulosamente a sua borracha, verificou que não tinha fundamento a queixa de José Ramos. Sciente do embuste e ainda mais revoltado com um acto infame com que seu inimigo procurara profanar a honra de seu lar e o brio de sua família, Anísio resolveu, servindo-se para isso de um único alvitre: a eliminação da vida de José Ramos, antes que elle incidisse em outros processos de mais grave afronta á sua família. E, assim, pela manhã de vinte e oito de setembro ultimo, quando Ramos demandava uma estrada, rumo do trabalho, Anísio, que se achava occulto numa arvore, desfechou-lhe um tiro de rifle no craneo, que o matou instantaneamente. Após o facto, o criminoso evadiu-se deixando a família no seringal, na ignorância do seu paradeiro. A vitima era natural de Pernambuco e contava trinta e nove annos de idade.⁵⁷

Nesse mesmo dia o jornal “A capital”, também relatou o mesmo episódio, mas com um ou outro detalhe a mais, como por exemplo, o fato de que Ramos ainda procurou Anísio para se desculpar dizendo que “havia dado ao patrão todas as explicações que lhe tinham sido exigidas”.⁵⁸ Ao que parece, na descrição acima, no termo “ato infame”, Anísio ainda tenha dissimuladamente, a partir do pedido de desculpas tentado se aproximar da família, ou da própria mulher de Ramos, com o desejo ainda imperitente, libidinoso e lascivo de “profanar a honra de seu lar e o brio de sua família. A solução encontrada por Ramos, era “a de um único alvitre” matar Anísio, isso era por assim dizer natural, considerando o contexto no qual viviam. A história de Ramos e Anísio é simbólica nesse sentido, pois ocorreram inumeráveis crimes dessa natureza dentro dos seringais amazônicos. Mesmo assim tal episódio ainda nos intriga, a saber, que Ramos tenha evadido-se do seringal abandonando sua família, como se ela já não fosse digna de tanta honra assim.

O Jornal “Capital” traz em seu interior muitas notícias associadas a tragédias envolvendo o seringueiro em sua relação com outros seringueiros e outros agentes na ambiência do seringal. Aqui vamos destacar duas fontes que dão cor à relação que o seringueiro tem com a mulher, esta considerada como riqueza escassa na ambiência do seringal e por isso, pivô de muitas disputas sentimentais entre os próprios seringueiros.

57 **Jornal do Commercio**. Manãos, 13 de outubro de 1917.

58 **A Capital**. Manãos, 13 de Outubro de 1917.

Ainda veremos noticiada na imprensa uma última história da vivência dos seringais no que se refere à relação do homem com a natureza, pois o seringueiro nordestino que vai se adaptando e assimilando este novo ambiente geográfico, acaba tendo que lidar com situações no mínimo inusitadas e hilárias, embora também possam ser trágicas, tal como disse o poeta: “Seria cômico se não fosse trágico”.⁵⁹ O Jornal “A Capital” nos informa sobre uma forte ventania passada no seringal, que acabou por colocar uma anta como protagonista principal de uma história, que tem por título “No Rio Machado – Incêndio de uma barraca e morte de um homem”:

O seringueiro Luiz Moreira da Silva, residente na secção “Tabajara” no rio Machado, de propriedade da firma Asensi & C^a, fez, no dia 15 de Agosto findo, um roçado perto à sua barraca. Aproveitando o dia 16, que era de sol ardente e bom para a queima da roça, Moreira tocou fogo ao matto e esperou o resultado. A princípio, o fogo foi sempre queimando, até o dia 19; no dia seguinte, cahia sobre o logar um temporal medonho; vento rugia com fúria, açoutando as arvores e dando mais impulso ao fogo. Por volta das 24 horas, estando Moreira, deitado na barraca, em companhia de sua mulher e 4 filhos menores, viu irromper, através das palhas, uma língua de fogo, e, em breve era a barraca invadida pela chammas. Moreira apenas teve tempo de retirar a família, deixando entregue á furia destruidora das labaredas, a barraca e tudo quanto nella existia. Gritando por socorro, acudirram ao chamado varias pessoas, entre elas o seringueiro de nome Miguel de tal. Moreira possuía e estimava uma pequena anta. Na hora do incêndio o pobre animal tratou de fugir; já ia logrando este intento, quando Miguel, vendo a, tratou de perseguil-a. O animal embrenhou-se pela matta e Miguel sempre atraz não mais voltando. No dia seguinte, grande foi a surpresa dos visinhos, ao encontrar, dentro de um buraco, no meio do roçado, o inditoso Miguel, tendo debaixo de seu corpo a pequena anta, ambos mortos.⁶⁰

Essa tragédia possui subsídios e fragmentos que chamam a nossa atenção. No rio Machado, a queima de uma roça em dia bom para esse fim, dá inicio a um incêndio generalizado, graças a uma ventania de temporal, que pelo que percebemos entra pelas horas da noite, afugentando com chamas, em sua própria casa, o seringueiro Moreira, responsável pela queimada e dono de uma anta. Ao que parece ser, esse animal, como representação valorosa, deveria ter um significado especial para um seringueiro, que no caso, Moreira ainda a “estimava”. Não bastasse a família do

59 A frase é atribuída a Carlos Drummond de Andrade como um aforismo, significando uma sentença concisa, que geralmente encerra um preceito moral.

60 **A Capital**. Manãos, 27 de Setembro de 1917.

Moreira ter sido salva do incêndio, embora que tenha perdido “a barraca e tudo que nela existia”, e talvez por isso, seu vizinho e provavelmente amigo Miguel de tal, tenha considerado que salvar aquela anta traria menos desgosto e sofrimento ao Moreira, a tragédia se torna maior ainda, como vimos, no que parece ter sido um ato heroico de Miguel, morrem amigo e anta dentro de um buraco, possivelmente um precipício não visto na escuridão da noite, nem por Miguel e nem pela estimada anta.

CONCLUSÃO

O seringueiro bem como tudo que o envolve, pode ser pesquisado em um campo com vastas fontes e documentos que se tornam representações com muitos aspectos simbólicos e distintos a serem analisados. Dessa forma podemos demonstrar, por assim dizer, a legitimidade da pesquisa em torno desse sujeito social, e que longe de se esgotarem os estudos sobre ele, ainda há um vasto campo e muitos possíveis temas de estudos a serem desenvolvidos acerca do seringueiro na História.

Euclides da Cunha afirma em seu texto “Entre os Seringais” que ali “o homem é um solitário”.⁶¹ Embora possamos buscar entender o quanto isso era legítimo e verdadeiro sob o olhar de Euclides, bem como daqueles que assim testemunham, jamais perderemos a oportunidade de ouvir as vozes e as experiências do seringueiro, pois, é certo que ele falava, mesmo que estivesse só. Ao ouvi-lo podemos nos tornar seu companheiro, tentando, mesmo que tateando as folhas antigas dos jornais, conhecer e compreender suas representações do passado.

A partir das pequenas letras dos jornais de uma distante época, de vidas passadas, de mentalidades de outro tempo, esse estudo traz a compreensão da frase de A. Warburg: “Deus está no particular”,⁶² que encerra a compreensão do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, que significa a ampliação do campo de observação, com atenção nos detalhes, que se tornam elementos ricos e reveladores dentro dos caminhos e descaminhos da história.

Como dissemos no início sob inspiração thompsoniana, podemos encontrar na classe trabalhadora, aqui em especial, na representação do seringueiro a possibilidade de contar uma história vista de baixo,⁶³ aquilo que geralmente estava pronto para ser esquecido, histórias de gente comum, experiências de homens e mulheres na construção de sua própria

61 CUNHA, Euclides. **Amazônia: um paraíso perdido**. Manaus: Valer, 2.^a ed. 2011. p. 221.

62 GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 143.

63 THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 185.

história. Isso engrandece nosso papel como historiador, bem como disse Eric Hobsbawm, “o ofício do historiador é lembrar o que os outros esquecem”.⁶⁴ Aqui, talvez possamos até ampliar essa máxima, afirmando que o ofício do historiador é lembrar o que muitos “desejam” esquecer. Repensar a História, neste sentido, é incorporar a ideia de que o papel social dos historiadores da história do trabalho é contribuir para o resgate das práticas adotadas pela classe trabalhadora em seu interminável processo de construção de identidade.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos avançados 11(5), 1991.

CUNHA, Euclides da. **Amazônia: um paraíso perdido**. Manaus: Valer, 2.^a ed. 2011.

DAOU, Ana Maria Lima. **A Cidade, o Teatro e o Paiz das Seringueiras: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX**. Tese de Doutorado, 1998. UFRJ: Rio de Janeiro, 1998.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2.^a ed. 2002.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2.^a ed. 1995.

AVELINO, Alexandre Nogueira. **O trabalhador amazonense no discurso patronal**. In: *Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos*, n.º 3, jan./dez., 2012.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Valer, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e história cultural**. São Paulo: Autêntica, 2008.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. **Na contramão da história: mundos do trabalho na cidade da borracha (Manaus, 1920-1945)**. In: *Revista Canoa do Tempo*, v. 1, n. 1, jan./dez., 2007.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1889-1925)**. Manaus: EDUA, 1999.

_____. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas, 1880-1920**. São Paulo, 2001. Doutorado em História, 2001. PUC-SP, 2001.

64 HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 12.

SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. **Os fios de Ariadne**: tipologia de fortunas e hierarquia sociais em Manaus: 1849-1880. Niterói, 1993. Dissertação de Mestrado, 1994. UFF: Niterói, 1994.

SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo: Quairós, 1980.

SOUZA, Gisele Elaine de Araújo Batista. et al. **Movimentos sociais dos seringueiros e a RESEX Chico Mendes**: a cada conquista, persiste a necessidade das lutas *In*: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Porto Alegre, 26 a 30 julho de 2009.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Vol. 1, São Paulo: Paz e Terra, 6.^a ed. 2011.

_____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

_____. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. **História das mentalidades e história cultural**. *In*: VAINFAS, Ronaldo & CARDOSO, Ciro Flamarion (org). **Domínios da história**. São Paulo: Campus, 2011.

FONTES DOCUMENTAIS

A Capital. Manáos, 04 de Fevereiro de 1918.

A Capital. Manáos, 08 de Outubro de 1917.

A Capital. Manáos, 13 de Outubro de 1917.

A Capital. Manáos, 27 de Setembro de 1917.

A Constituição. Belém do Pará, 01 de Junho de 1877.

Commercio do Amazonas. Manáos, 04 de Dezembro de 1877.

Commercio do Amazonas. Manáos, 15 de Julho de 1875.

Diário Oficial. Manáos, 24 de Junho de 1897.

Diário Oficial. Manáos, 30 de Outubro de 1895.

Jornal do Commercio. Manáos, 13 de Outubro de 1917.

O Correio do Purus. Lábrea, 08 de Dezembro de 1905.

O Correio do Purus. Lábrea, 16 de Junho de 1907.

O Mariauense. Manaus, 29 de Abril de 1897.

Quo Vadis? Manaus, 04 de Março de 1903.

Quo Vadis? Manaus, 06 de Março de 1903.

CAPÍTULO V
INTERFACES COMUNICACIONAIS

AS REDAÇÕES MÓVEIS E O JORNALISMO PRODUZIDO VIA WHATSAPP¹

Mônica Fort²

Carla Castello Branco³

RESUMO: As redações móveis são reflexos dos avanços tecnológicos e das transformações na prática jornalística. No passado não tão distante, era mais comum repórteres realizarem nos primeiros horários da manhã, a ronda em delegacias, hospitais, IML e Corpo de Bombeiros em busca do furo de reportagem. Na atualidade, o aplicativo WhatsApp é o meio mais utilizado para coletar informações. O objetivo deste artigo foi investigar quais as fontes de notícias foram utilizadas pelos jornalistas de redações móveis durante o apagão do WhatsApp em 04/10/2021. Para nortear a pesquisa foi realizado um estudo exploratório a respeito das notícias veiculadas no dia do apagão e de que forma essas publicações chegaram aos leitores que estavam sem acesso ao aplicativo durante sete horas. Das notícias geradas pelo Portal G1, quando o WhatsApp parou de funcionar muitos usuários recorreram ao Telegram e ao Twitter para obter informações a respeito do próprio apagão e gerar notícias sobre o assunto, que foi o mais comentado do Twitter no referido dia. No Telegram, foi possível obter informações por intermédio de canais de notícias e jornalismo que integram a plataforma, fazendo com que os jornalistas pudessem produzir suas redações pelo aplicativo, considerando que ele possui as mesmas características do WhatsApp.

PALAVRAS-CHAVE: WhatsApp; Apagão; Redações Jornalísticas; Redações Móveis; Jornalismo Móvel.

INTRODUÇÃO

Os fatos sobre a cidade, a política, a ciência, a economia, a cultura, os jogos de futebol, o cotidiano do cidadão comum ou célebre, o consumo desenfreado no mundo capitalista, as tendências da moda, a pandemia, a vida ou a morte, todas essas pautas fazem parte de inúmeros desdobramentos de notícias produzidas nas redações jornalísticas, sejam elas móveis ou físicas, dependendo das transformações dos processos tecnológicos de cada época. O jornal impresso, por exemplo, deve seu nascimento a uma dessas mudanças. Gutenberg, quando inventou a prensa de tipos móveis, possibilitou que o trabalho – antes feito manualmente –, pudesse

1 Trabalho apresentado no GT 05 Interfaces Comunicacionais do I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia.

2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens na Universidade Tuiuti do Paraná. Professora do Uninter. Pós-doutora em Comunicação (UERJ). Doutora em Engenharia de Produção (UFSC). E-mail: monicafort@gmail.com

3 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom/UTP). Mestre em Educação pela PUCPR. E-mail: carla.branco@fbnovas.edu.br

ser realizado por máquinas, abrindo caminho para o surgimento de uma indústria verdadeiramente capaz de produzir informações massivas e diárias (HOLANDA, 2017).

As tecnologias mudam também a organização do trabalho dadas formas de utilizá-las em suas dimensões organizacionais, de tempo, espaço. Isso em relação a pequenas transmissões até a grandes coberturas jornalísticas, por exemplo. A indústria tecnológica transforma o modo de construir e distribuir notícias. Pode-se fazer uma analogia com o telégrafo, quando o jornalismo conquistou a possibilidade de se aproximar mais do fato a ser noticiado. Até nos dias atuais, segundo semestre de 2021, ainda em período de pandemia da Covid-19, as redações por meio dos seus profissionais da imprensa se reorganizam com novos hábitos, suportes e equipamentos para agilizar a construção de matérias jornalísticas.

O livro *Jornalismo móvel*, de Fernando Firmino (2015), retrata a difusão da internet 3G e dos dispositivos móveis, que em 2010, alcançaram um caráter comunicacional mais imediatista, transformando a prática jornalística com características mais evidentes relacionadas à mobilidade e a possibilidade de criação de conteúdos diretamente onde o fato ocorre. O jornalismo móvel é a produção jornalística que utiliza tecnologias móveis digitais e de conexões de rede sem fio pelo repórter na prática jornalística. Assim, o aplicativo WhatsApp é um dos mais utilizados na produção de notícias, cujos números são maiores do que outras redes sociais, como Instagram e Twitter (NEWMAN et. al, 2018). O uso do WhatsApp para notícias quase triplicou desde 2014 e ultrapassou a importância do Twitter em muitos países (NEWMAN et al. 2018). O Reuters Digital News Report descobriu que metade da amostra de usuários online na Malásia e no Brasil usa o WhatsApp para notícias.

Entretanto, recentemente (04/10/2021) o aplicativo teve blackout por quase oito horas, causando impacto financeiro e prejuízos nos mais variados modelos de negócios, afetando 2,8 bilhões de pessoas no mundo (JORNAL NACIONAL, 2021). É interesse desta pesquisa saber quais recursos instantâneos de troca de mensagens para a produção e circulação de informações foram utilizados por jornalistas de redações móveis durante o apagão do WhatsApp em 04/10/2021? O objetivo deste artigo é observar as principais alternativas utilizadas pelos jornalistas de redações móveis durante o apagão do WhatsApp em 04/10/2021. Para nortear a pesquisa foi realizado um estudo exploratório a respeito de informações noticiosas geradas no dia do apagão e de que forma essas notícias chegaram aos leitores sem o uso do aplicativo.

JORNALISMO DE WHATSAPP

O jornalismo, ao aderir o campo digital e a mobilidade expandida, confirma que novas configurações aportam com alterações no modus operandi de emitir e receber conteúdo. Bauman (2005) pode explicar essa transição a partir do processo de convergência jornalística como um dos aspectos interligados às perspectivas apontadas na condição da modernidade líquida, indicando mudanças estruturais na sociedade e, conseqüentemente, no próprio jornalismo a partir da influência da tecnologia digital em campo.

Estamos agora passando da fase “sólida da modernidade para a fase fluída”. E os “fluidos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito, mesmo num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob influência até mesmo das menores forças. E vai além, tudo isso é como habitar um universo, onde ninguém, em lugar algum pode apontar a diferença entre um caminho ascendente e um declive acentuado (BAUMAN, 2005, p. 57).

Nesse sentido, em espaços virtuais imprevisíveis considerados pelo autor em profundas transformações, a comunicação é realizada por redes sociais digitais de relacionamentos. Segundo Recuero (2009), as redes sociais trouxeram um novo olhar na abordagem sociológica, pois os usuários produzem uma grande quantidade de interações entre atores sociais (pessoas, instituições, grupos) que, no passado, não se podia obter em tamanha extensão ou facilidade. Bauman (2005, p. 96) diz que “as identidades manifestadas nesse mundo líquido são para usar e exibir, não para armazenar e manter”. Para Bauman (2005) há uma relação entre as redes sociais e a sociedade de consumo moderna. O sociólogo faz essa associação a partir do rápido consumo e descarte de produtos também envolvido com as relações humanas. Para o autor, as relações sociais são consumidas igualmente a um produto que por não ter um laço forte entre as pessoas refletem na fragilização das suas conexões mentais.

Em síntese, é possível diferenciar redes sociais e mídias sociais como Bauman aludiu a sociedade de consumo, isso é, as redes sociais referem-se a relações humanas e mídias sociais, a produto. E, em se tratando de produto, o WhatsApp, aplicativo de troca de mensagens instantâneas, é utilizado atualmente como uma ferramenta de produção e consumo de notícias: para os jornalistas, o WhatsApp não é apenas um aplicativo para chegar às fontes, mas também aos seus públicos.

O WhatsApp permite troca de mensagens em áudio e vídeo pela internet, embora originalmente tenha se destinado apenas para

comunicação interpessoal. Há uma versão do navegador para computadores desktop, mas foi projetado para uso em dispositivos móveis e é usado com mais frequência em smartphones, tornando-o uma ferramenta de comunicação inerentemente móvel. Os smartphones existem em um grande número, e, por serem móveis, acompanham as pessoas em todos os lugares; aliado a isso, o aplicativo é amplamente utilizado e tornou-se um instrumento relevante para o jornalismo digital. Até o momento, as análises do WhatsApp como ferramenta jornalística são escassas. Estudos anteriores sobre a plataforma e jornalismo focam principalmente no aplicativo como uma ferramenta de comunicação. Estudos discutem o recurso na perspectiva do público, analisando como os usuários usam aplicativos de troca de mensagens em smartphones para notícias (NEWMAN et al., 2018; SWART, PETERS, BROERSMA, 2017) e compartilham e discutem notícias dentro de um grupo de amigos ou colegas (SWART, PETERS, BROERSMA, 2018; VILLI, NOGUERA-VIVO, 2017; GOH et al.,

2017). Reuters Digital News Report descreve como a dinâmica em que os usuários confiam menos no Facebook e mais no WhatsApp para notícias é impulsionada pela projeção feita pela própria marca, é associado a “melhor amigo, diversão, aproxima as pessoas” (NEWMAN ET AL., 2018, p. 13). Pesquisas que citam o aplicativo como ferramenta de comunicação para jornalistas enfocam a função do aplicativo no sistema de produção de conteúdo, por exemplo, jornalistas que usam o recurso para se comunicar entre uma rede de repórteres (BARONI, 2018) ou com fontes (AGUR, 2019; DODDS, 2019; MCINTYRE, SOBEL, 2019; BELAIR-GAGNON, AGUR, FRISCH, 2016).

A função de engajamento dos canais WhatsApp tem sido explorada nas redações do Brasil, onde seu uso para notícias está entre os maiores do mundo. Angeluci, Scolari e Donato (2017) descobriram que jornalistas usam canais do aplicativo para obter informações de seus públicos, por exemplo, texto, áudio e imagens em situações de notícias de última hora. Em contraste com a mídia social, a informação é exclusiva de um meio de comunicação. Além disso, os jornalistas usam o Whats para fazer com que os usuários se sintam mais próximos da redação, por exemplo, ao citarem suas mensagens em seus conteúdos.

Solto (2016) diferencia três maneiras de como os jornalistas integram o público no processo editorial: como uma estratégia economicamente motivada para construir a fidelidade do público (análise editorial), como uma chance de enriquecer a diversidade no discurso público (participação) e – tornando-se aparente mais recentemente – como um desafio originado de discurso de ódio, propaganda e outro conteúdo indesejado postado

on-line. Quandt (2018) descreve esse tipo de engajamento do usuário com o conceito de “participação escura”. No entanto, a terceira perspectiva desempenha um papel menor para o WhatsApp. Em contraste com outras mídias sociais, as mensagens dos assinantes dos canais do aplicativo não são visíveis para outros assinantes, mas apenas para os editores de mídia social que gerenciam os grupos do WhatsApp.

Além da participação do público tendo uma maior interação com as redações via tal recurso, há também o contato da própria produção de um programa seja de rádio, TV ou web em busca de fontes diariamente para o agendamento de entrevistas ou mesmo gravação de áudios e vídeos que podem ser feitos no próprio aplicativo. De acordo com a proposta da pauta e o direcionamento dado a ela, os especialistas são questionados e tornam-se personagens importantes para a clareza e construção da notícia. É preciso registrar que o WhatsApp é protagonista de uma excrescência preocupante em jornalismo: informações disponíveis no mundo virtual em formato de textos jornalísticos, mas que devem ser checados cuidadosamente em relação a veracidade e exatidão dos dados.

APAGÃO DA REDE

O estudo de caráter qualitativo e exploratório foi realizado a partir da coleta de dados do portal de notícias G1 no dia 04/10/2021, tendo como objeto o apagão do WhatsApp⁴ no Brasil e no mundo.

A paralisação da rede gerou um tombo no valor de mercado em US\$ 6 bilhões em um único dia. De acordo com Renata Lo Prete (2021), no Jornal da Globo, foram mais de seis horas sem três das maiores redes sociais do planeta, todas pertencentes à empresa de Mark Zuckerberg. O Jornal Nacional também noticiou a pane das três redes sociais, afirmando que afetou 2,8 bilhões de pessoas no mundo.

Os aplicativos pararam de funcionar por volta das 12h45 de Brasília⁵, provocando impacto financeiro e prejuízos nos mais variados tipos de negócio. Matéria exibida no JN coletou relatos de pessoas que necessitavam do WhatsApp para comunicar desde a entrega de produtos e serviços, até trabalho de faculdade e mesmo jovens que queriam avisar aos pais que estavam bem. Houve impacto também nas empresas que adotam o *home office* e possuem funcionários trabalhando em casa, quando a comunicação ficou truncada. Consultórios, serviços e até tribunais de justiça tiveram

4 A interrupção no funcionamento do aplicativo ocorreu também no Facebook e no Instagram.

5 O problema teve início às 11h45min na Costa Leste dos Estados Unidos onde, em poucos minutos, cerca de 120 mil usuários fizeram reclamações relacionadas às três redes sociais.

dificuldade de confirmar agendamentos. Autônomos e pequenas empresas também tiveram prejuízos porque precisavam das três redes sociais para funcionarem, seja para passar orçamentos ou para *delivery* – caso de *motoboys* que ganham por entrega –, e necessitavam do aplicativo. Restaurantes, pelo menos 175 mil deles, a maior parte de São Paulo, usam o WhatsApp para vender e sentiram no caixa a indisponibilidade da rede. Além do prejuízo com as refeições que com a paralisação do *app* deixaram de ser entregues no percurso (JN, G1, 2021).

COMO AS NOTÍCIAS FORAM GERADAS NO DIA DO BLACKOUT

Quando 120 mil reclamações atingiram o “império” Zuckerberg, a empresa utilizou o Twitter para reconhecer a interrupção. A rede social para *microblogging* é conhecida por disseminar notícias em tempo real. Assim, quando WhatsApp, Facebook e Instagram ficaram fora do ar, a empresa aproveitou para provocar as redes sociais comandadas por Mark Zuckerberg. A situação gerou críticas e acabou sendo reportada pela imprensa, conforme ilustra o título de reportagem do Portal g1 (Figura 1).

FIGURA 1 “OI, LITERALMENTE TODO MUNDO”



Fonte: g1.globo.com

As notícias chegam ao Twitter praticamente de forma instantânea quando ocorre algum tipo de pane nas redes sociais. Por ser uma alternativa de comunicação por meio do recurso de mensagens diretas, é possível trocar mensagens de texto, vídeos, imagens e até áudio. A diferença é que a comunicação não é intermediada pelo número de telefone, mas sim pelas contas dos usuários.

De acordo com Caselli e Pimenta (2015), o Twitter possui a função no plantão noticioso, no fato “aqui e agora” por ampliar o alcance das nossas percepções. O que se vê, ouve e pensa, pode ser twittado com instantaneidade a milhões de pessoas conectadas no mundo. Por esse motivo, pode gerar pauta por meio do conteúdo que circula nesse ambiente, já que gera

a todo o momento milhares de *posts* informativos que merecem apuração e avaliação por parte de quem trabalha com a produção de notícias.

Entretanto, por serem mensagens instantâneas, aplicativos como Telegram e Signal tiveram aumento em seus downloads de até 1.090% com a interrupção do funcionamento do WhatsApp. Outras opções como SMS e Discord também serviram de recursos quando o aplicativo ficou fora do ar, conforme notícia publicada no g1 (Figura 2).

FIGURA 2 ALTERNATIVAS SMS, TELEGRAM, SIGNAL, TWITTER E DISCORD



Fonte: g1.globo.com

Antes do WhatsApp, a principal ferramenta de troca de mensagens era o SMS, que pode enviar mensagens de texto para qualquer número de celular sem a necessidade de internet móvel. De acordo com a matéria, a taxa diária de crescimento do Telegram ultrapassou o normal por ordem de magnitude, acolhendo cerca de 70 milhões de usuários do WhatsApp e demais redes sociais que ficaram paralisadas. O Telegram possui praticamente todas as funções do WhatsApp e funciona por conexão de internet wi-fi, 4G ou 3G. O usuário pode encontrar figurinhas, tem opção de mensagens de áudio, vídeo e foto podendo também realizar chamadas de voz ou vídeo. Os contatos da agenda devem também ter o aplicativo instalado para que se possa trocar mensagens.

O Telegram tornou-se o disseminador de notícias de muitos jornais, considerando que os grupos são constituídos com no mínimo dois e no máximo 200 mil membros. Canais de transmissão de conteúdo foram gerados para enviar mensagens contendo *links*, fotos e resumos de postagens de *sites*. Dentre os principais jornais estão o g1, Estadão, CNN Brasil, Folha de São Paulo e Uol Notícias.

O aplicativo Signal também se assemelha ao WhatsApp e possui como foco adicional a privacidade e segurança. Um dos trunfos é o envio de mensagens com remetente oculto, ou seja, apenas um dos participantes precisa divulgar o número para que a conversa tenha início. Entretanto, não há busca integrada de *gifs* animados, ou status/stories. Funciona com internet e os contatos da agenda também devem ter o aplicativo instalado. O Discord é bastante popular entre *gamers*, porém chamou a atenção de

muita gente no último dia 04/10/2021. O aplicativo centra-se em grupos nos quais centenas de pessoas podem se reunir para conversar sobre qualquer assunto, por meio de mensagens de texto, imagens e *gifs*. É necessário procurar por servidores que funcionam como fóruns – alguns privados e que necessitam de convite do administrador. Dentro de cada servidor, é possível criar várias salas que são denominadas de canais, onde são definidos os subtemas. Funciona também como uma rede social e para adicionar pessoas é necessário saber o nome do usuário. Além destas opções, o e-mail também foi um dos mais usados para disseminação de notícias, principalmente por conversas profissionais.

A CULTURA DAS REDES SOCIAIS

Raymond Williams ([1958]2011) apresentou definições centrais sobre como os grupos sociais entendem e vivenciam a cultura, refletindo criticamente sobre como se relacionam. Para auxiliar nesta construção, Cevasco (2001) diz que o pensamento crítico de Williams destaca-se em três movimentos básicos de sua obra, constituindo-se de uma reformulação teórica baseada na constituição de um novo campo, decorrente de uma ação de reavaliação.

O termo cultura, em sua abrangência e dinamismo, é considerado o movimento das mudanças históricas como operador de hábitos e costumes compartilhados. Williams (2015) reflete a cultura como a pluralidade de significados que a palavra adquiriu e continua na sociedade. Isto posto, a noção apresentada pelo autor é de que os indivíduos experimentam um processo ativo como sujeitos inseridos na sociedade, permitindo a inferência de que movimentos pessoais e coletivos desenvolvidos passam pela cultura e, assim, aprendem e reproduzem aquilo que foi ensinado, ou seja, ressignificando práticas cotidianas. Portanto, a ideia de reprodução e ressignificação da cultura, na dinâmica humana e social, permite a revolução dos conjuntos do modo de vida, representações e significados que envolvem os sentidos e narrativas sobre a experiência humana.

Adiante, em um determinado momento, o autor posiciona-se contra a cultura de massa, a qual evidencia o conflito entre classes sociais que alcança o campo da cultura restritamente à aristocracia e burguesia. Para Williams (2015, p. 7), o conceito de “massa” era erroneamente utilizado como mecanismo de inferiorização do outro, isto é, indivíduo diferente dos grupos sociais que não tinham acesso aos produtos artísticos da alta cultura, expressando noção contrária a essa questão, incluindo o termo às “massas” no pensamento da época. Em síntese, a cultura de massa foi

aplicada principalmente com o auxílio de novas técnicas de comunicação para propagar uma cultura comercial de gostos e hábitos.

As formas culturais contemporâneas emergem nas redes sociais a partir desse substrato complexo, constituído de um longo processo de combinações entre informação e entretenimento. Williams (2015) diz que a expressão “forma cultural” deve ser compreendida a partir da articulação a uma tecnologia, no caso específico, a da internet, e que materializa um conjunto de demandas e transformações sociais. Seguindo ainda a linha de raciocínio do autor, as formas culturais desenvolvem-se de formas anteriores em que possivelmente os textos midiáticos contemporâneos herdam elementos de processos preliminares, com combinações novas e que desenvolvem em um contexto ideológico a partir do uso de um novo meio ou modo de interação que precisa ser investigado.

NOVOS ARRANJOS NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Nick Srnicek (2008, p. 25) teoriza sobre o capitalismo de plataforma na contemporaneidade, buscando uma síntese de termos como “*gig economy, sharing economy, on-demand economy, next industrial revolution, surveillance economy, app economy, attention economy and soon*”. Os dados referem-se ao material bruto em tono do qual o capitalismo passou a se centrar na sua estratégia para manter crescimento e vitalidade em resposta ao enfraquecimento do setor manufatureiro. Em termos de economia informacional contemporânea, as plataformas de publicidade são discutidas por Srnicek (2008), referindo-se como uma parte considerável da economia global e sua ascensão responsável pela reestruturação no setor.

Empresas que representam esta modalidade estão o Google e o Facebook, respectivamente, o líder quase monopolista no negócio de buscas na www e a empresa dona de três gigantes no ramo de mídias sociais (Instagram, WhatsApp e o próprio Facebook). As plataformas de publicidade obtêm lucros por meio da captura e armazenagem de dados dos usuários para simultânea ou posterior exibição de anúncios relacionados. Em teoria, os usos jornalísticos do WhatsApp podem fomentar ideais democráticos de participação e promover um compartilhamento mais amplo de informações. Na prática, esses ideais também são moldados pelos contextos culturais, político-econômicos e tecnológicos nos quais as interações ocorrem em nível de percepção individual, ou seja, de acordo com a visão de mundo e realidade de cada sujeito. As relações de comunicação e trabalho dos arranjos alternativos à imprensa hegemônica contribuem para organizar o próprio trabalho destas organizações e como as

iniciativas estruturam os seus ambientes laborais (FÍGARO, 2020). Assim, apoiam-se em tecnologias de informação e comunicação, configurando a formação de novos espaços produtivos. Para retratar redações móveis e redações virtuais, é necessário restringir a forma como é organizado o trabalho. De acordo com Fígaro, é necessário compreender o contexto de produção para além dos diferentes modelos de organização do trabalho; a partir disto, é que o olhar é dirigido para destacar aspectos como a divisão das atribuições, a organização das pessoas e a própria rotina de produção.

Em contribuição, Antunes (2018, p. 67) diz que a nova morfologia do trabalho se espalha e abrange os mais diferentes modos de ser da informalidade,

[...] ampliando o universo do trabalho invisibilizado, ao mesmo tempo que potencializa novos mecanismos geradores de valor, ainda que sob a aparência de não valor, utilizando-se de novos e velhos mecanismos de intensificação (quando não de autoexploração) do trabalho.

As mudanças do trabalho jornalístico, a partir das tecnologias móveis, decorrem do reflexo das transformações visíveis nas próprias relações sociais e interações com o espaço. Desde as intenções de valorização do local; do deslocamento, do andar pela cidade, mesmo que sem rumo, são questões que surgiram do século XX e se renovaram por intermédio de discussões que envolveram as novas mídias, como menciona Santaella (2008), incluindo as mídias locativas.

Segundo Cameron (2008, p. 2), a utilização de tecnologias móveis por repórteres tem levantado questões de qual seria a melhor utilização desse tipo de tecnologia em veículos de comunicação já existentes. Logo, observa-se que uma das características do jornalismo móvel é a capacidade de permitir uma convergência maior entre versões impressa, on-line e móvel de uma produção jornalística. Haveria, portanto, uma diferenciação entre o trabalho jornalístico praticado dentro da redação e o inteiramente fora. O jornalismo móvel descentralizou a produção jornalística nas redações físicas através dos ambientes móveis de produção (PASTOR, 2012).

A iniciativa originária de Fígaro (2018) a respeito dos centros de investigação em Comunicação e Jornalismo no Brasil, para compreender quem são e como trabalham os sujeitos que optaram ou se viram obrigados a criar arranjos alternativos às corporações de mídia tradicional parte do binômio comunicação e trabalho, compreendendo que o trabalho é uma atividade humana e possui um componente de ineditismo o qual estabelece uma relação dialética com os saberes instituídos e orienta o reconhecimento do indivíduo como ser social. Para a pesquisadora, a comunicação no mundo do trabalho como um programa de pesquisa, afirma o seguinte:

[...] estudar o mundo do trabalho e a atividade de trabalho por meio da linguagem e da comunicação dos sujeitos (corps-soi) é a maneira mais eficiente de se aproximar da realidade do trabalho, dos seus desafios, dos conflitos que permeiam seu ambiente; as dificuldades em gerir as impertinências das condições de trabalho e de como tentar superá-las (FÍGARO, 2018, p. 127).

Alguns elementos das conceituações dadas são considerados no traslado em direção à atividade produtiva dos jornalistas. Autores como Deuze e Witschge (2016) dizem que o jornalismo ingressa na fase pós-industrial, ou seja, está para além da lógica e das estruturas dos conglomerados de mídia. Logo, os arranjos podem se constituir efetivamente a uma alternativa de empregabilidade para os profissionais, o que contribui para a democratização da informação.

É interessante recorrer aos atos de jornalismo e estado de fluidez da atividade em constante transformação, de modo que atente para a heterogeneidade sobre o paradigma do jornalismo de comunicação, posto a manutenção do contato entre emissores e destinatários. Assim, a prática e os discursos jornalísticos tendem a espelhar um modelo de sociedade pós-industrial, de hiperconcorrência e de dependência do ecossistema digital (COSTA, 2020). Neste modelo, as instituições jornalísticas reforçam seus contratos com as audiências, ampliando canais de comunicação e difundindo mensagens mais sedutoras de modo a manter este vínculo.

O modelo citado, pode ser corroborado com a descrição realizada por Anderson, Bell e Shirky (2013), que coadunam com a ideia de jornalismo pós-industrial. O modelo tradicional do funcionamento de empresas jornalísticas, de feição industrial e baseada no monopólio das ferramentas de produção, disseminação e monetização da informação (FÍGARO, 2017) cede lugar a um ecossistema fragmentado, dos quais existem diversos atores, sejam jornalistas ou não, e dispõem de maior liberdade para manufaturar a informação, e em razão disso, instituem um jogo de forças em que a sustentabilidade dos negócios jornalísticos passa a ser ameaçada. Uma resposta plausível a essa ruptura é a de que as instituições jornalísticas devem se adaptar do tradicional ao novo cenário. De acordo com Bell e Owen (2017), existe uma emergência para que o jornalismo se consolide no âmbito das plataformas de redes sociais, isso porque a narrativa de adaptação às quais o jornalismo tem aderido, não possui grandes certezas do seu retorno do ponto de vista financeiro ou mesmo simbólico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A notícia em tempo real é atualmente a forma mais rápida de se ter informações sobre qualquer assunto. A qualidade, a urgência e o consumo podem ficar comprometidos com a falta de apuração adequada. Entretanto, boa parte da população tem a sua disposição uma forma simples de se informar e que tem se tornado uma ferramenta muito utilizada para a disseminação e propagação de conteúdo, o WhatsApp. O aplicativo aumentou o poder de relacionamento entre as pessoas, bem como usuários e veículos de comunicação e os jornalistas que noticiam nas redações.

Por ser um aplicativo comum, gratuito e presente na maioria dos aparelhos celulares modelo *smartphone*, formar grupos para expor opiniões e compartilhar informações sobre o processo de produção, as notícias ocorrem naturalmente a jornalistas. O WhatsApp influencia na redução do tempo de entrega das reportagens, podendo ser enviadas ao editor-chefe pelo próprio aplicativo, sem a necessidade de deslocamento, como tradicionalmente era feito. Outro ponto positivo é que as entrevistas podem ser feitas por ele mesmo via formato de texto, áudio e imagem.

Este estudo procurou discutir as formas de circulação de produção e divulgação de notícias utilizadas por jornalistas de redações móveis durante o apagão do WhatsApp em 04/10/2021. Por intermédio de levantamento exploratório de notícias geradas pelo Portal g1, quando o WhatsApp parou de funcionar muitos usuários recorreram ao Telegram e ao Twitter para obter informações a respeito do próprio apagão e gerar notícias sobre o assunto, que foi o mais comentado do Twitter no referido dia. No Telegram, foi possível obter informações por intermédio de canais de notícias e jornalismo que integram a plataforma, fazendo com que os profissionais de imprensa pudessem produzir conteúdo informativos por meio do aplicativo, considerando que ele possui as mesmas características do WhatsApp.

O artigo procurou também abordar estudos de pesquisadores sobre relações de trabalho contemporâneas. A partir de demarcação oferecida pelo binômio comunicação e trabalho, observa-se a noção de arranjo econômico no trabalho jornalístico (FÍGARO, 2017), conceito remetido à possibilidade de organização profissional em prol do trabalho digno e da produção de informação de qualidade, na perspectiva de seu entendimento como bem coletivo. É advertido pela autora que tal apropriação do termo arranjo refere – se a um deslocamento do seu sentido original, exemplo dado pela teoria econômica, que define arranjo como agrupamento ou aglomeração geográfica articulada ou vinculada a uma proposta produtiva. Assim, embora o WhatsApp tenha ficado fora do ar no dia 04/10/2021, notícias não deixaram de circular devido ao uso de recursos alternativos.

Ainda são necessárias mais pesquisas neste campo, principalmente por ser um fato ocorrido recentemente, publicações científicas a respeito da divulgação de informações e notícias sem o uso do WhatsApp são escassas.

REFERÊNCIAS

- AGUR, C. **Conexão isolada**: aplicativos de bate-papo móvel e produção de notícias. Mídia e Comunicação, 2019.
- ANGELUCI, A; SCOLARI, G; DONATO, R. WhatsApp como ator: o impacto do aplicativo interativo no jornalismo de redação. **Revista Mediação** 19 (24), 2017.
- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BARONI, A. **Apertando os Nós do Comércio Internacional de Drogas no Brasil**. Jornalismo Practice, 2018
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- BELAIR-GAGNON, V; AGUR, C.; FRISCH, N. **Novas fronteiras na coleta de notícias**: um estudo de caso de correspondentes estrangeiros usando aplicativos de bate – papo para cobrir distúrbios políticos. *Jornalismo Digital*, 2016.
- BELL, E; OWEN, T. **A imprensa nas plataformas**: como o Vale do Silício reestruturou o Jornalismo. New York: Columbia Journalism School, 2017, Columbia University Academic Commons.
- BELL, E; SHIRKY, C. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo. Editora ESPM. p. 30-89. abr. jun. de 2013.
- CAMERON, D. Mobile Journalism: A snapshot of current research and practice. In: *The End of Journalism? Technology, Education and Ethics Conference*, 2008, Londres. Abstracts and Papers. Londres: University of Bedfordshire, 2008.
- CASELLI, T.; PIMENTA, F. **Twitter**: A nova ferramenta do jornalismo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 16.º, 2015. Joinville: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. p. 1-11.
- CEVASCO, M. Um plano de trabalho: “Culture is Ordinary”. In: CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- COSTA, R. Apontamentos para um perfil de arranjos alternativos de jornalismo no Ceará. **Cambiassu**, v. 15, n. 2, jan./jun., 2020.
- DEUZE, M; WITSCHGE, T. O que o jornalismo está se tornando. **Parágrafo**, v. 4, n. 2, jul./dez., 2016, p. 6-21.

DODDS, T. Reportando com WhatsApp: impacto de aplicativos de bate-papo móvel nas práticas jornalísticas. **Jornalismo digital**, 2019.

FÍGARO, R. A comunicação como trabalho no capitalismo de plataforma: o caso das mudanças no jornalismo. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, abr./jul. 2020, p. 101-115, 2020.

FÍGARO, R. As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídias. Relatório final do Projeto de Pesquisa **FAPESP**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

FÍGARO, R; NONATO, C. Novos “arranjos” econômicos alternativos para a produção jornalística. **Contemporânea – comunicação e cultura**, v. 15, jan./abr., 2017, p. 47-63.

FIRMINO, F. **Jornalismo Móvel**. Coleção Cibercultura. Salvador – EDUFBA, 2015. GOH, D. News sharing as reciprocal exchanges in social cohesion maintenance, *Information, Communication & Society*, v. 22, 2017.

HOLANDA, A. Whatsapp no jornalismo móvel: um recorte da realidade de quatro veículos alagoanos. **Revista Latino-americana de Jornalismo**. v. 3 n. 2, jul./dez. 2016.

JORNAL NACIONAL. **Facebook, Instagram e WhatsApp param de funcionar e afetam 2,8 bilhões de pessoas no mundo**. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/10/04/facebook-instagram-e-whatsapp-param-de-funcionar-e-afetam-28-bilhoes-de-pessoas-no-mundo.ghtml>. Acesso em: 7 out. 2021.

MCINTYRE, K. How Rwandan Journalists Use WhatsApp to Advance Their Profession and Collaborate for the Good of Their Country, **Rev. Digital Journalism**, v. 7, 2019. p. 705-724.

NEWMAN, N. “Reuters Institute Digital News Report 2018.”

PASTOR, L. Rotina jornalística e mobilidade: potencialidades de transformação do habitus profissional jornalístico a partir das tecnologias móveis. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Campina Grande-PB, 10 a 12 de Junho, 2010.

QUANDT, T. Dark Participation. Open Access Journal. **Media and Communication**, v. 6, n. 4. 2018.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

SANTAELLA, L; ARANTES, P. **Estéticas Tecnológicas: novos modos de sentir**. São Paulo: Educ, 2008.

SOLTO, L. **Participação do público no jornalismo**. Journalism Research, 2016.
SRNICEK, N. **Platform capitalism**. Cambridge (UK) and Malden: Polity, 2008.

SWART, J; PETERS, C; BROERSMA, M. Sharing and discussing news in private social media groups. University of Groningen. Digital Journalism, v. 7, n. 2, 2018. p. 187-205.

VILLI, M.; NOGUERA, J. Compartilhando conteúdo de mídia nas redes sociais: os desafios e oportunidades do conteúdo distribuído pelo usuário (UDC). Journal of Applied Journalism and Media Studies, v. 6, n. 2. 2017. p. 207-223.

WILLIAMS, R. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. São Paulo: Boitempo, 2015.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.

IMPrensa E Religião Na Construção Da Identidade Nacional Brasileira: Matrizes Discursivas Sobre Sincretismo Religioso Na Imprensa Amazonense Da Década De 80⁶

Raphael Henrique Cortezão⁷

RESUMO: A busca por identificar fragmentos do processo de formação da identidade nacional brasileira se materializa, neste artigo, por meio de uma análise acerca das matrizes discursivas presentes na imprensa amazonense da década de 80 sobre sincretismo religioso, especialmente aquele relacionado às relações entre religiões de matrizes africanas e o catolicismo popular. A partir de relevantes edifícios teóricos para a compreensão desse processo, quais sejam os conceitos de esfera pública, identidade, raça, etnia e nação, contextualiza-se o papel da mídia e das manifestações religiosas na formação identitária do Brasil enquanto nação para, então, revelar, por meio do método de interpretação de sentidos, as marcas discursivas presentes em reportagens, notícias e artigos publicados pelo Jornal do Commercio ao longo da década de 1980, no Amazonas, resultando em um quadro que possibilita visualizar as abordagens e sentimentos reverberados pela imprensa à época em relação ao sincretismo religioso.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; sincretismo religioso; imprensa, identidade brasileira.

A IMPrensa COMO PRISMA DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA

O povoamento das páginas noticiosas e editoriais dos principais jornais de norte a sul do país por artigos de jornalistas e intelectuais nacionalistas contribuiu significativamente com o propósito de buscar elementos de unidade em torno de um ideal de identidade nacional brasileira, bem como o uso da publicidade na imprensa por parte dos governos e de grupos empresariais, partidários e religiosos. Um dos aspectos fundamentais, na visão weberiana, para a constituição de uma identidade nacional, a religião se faz presente como tema central em centenas de textos informativos, artigos opinativos e imagens produzidas por esses atores e difundidas pelos media, em especial via imprensa escrita.

6 Trabalho apresentado no GP 05 Interfaces Comunicacionais – I Simpósio Comunicação, Cultura e Amazônia.

7 Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia e membro do Grupo de Pesquisa Trokano, da FIC-UFAM. E-mail: faelcortezao@gmail.com.

Nesse contexto, o presente artigo se propõe a lançar luz sobre fragmentos dessa contribuição de publicações veiculadas pela imprensa amazonense acerca de elementos constitutivos da identidade nacional, por meio de descrição, análise e sínteses das matrizes discursivas sobre o sincretismo religioso – em especial relacionado às relações entre práticas de religiões de matrizes africanas e cristãs – presentes em notícias, artigos opinativos e anúncios publicitários veiculados pelo Jornal do Commercio (AM) ao longo da década de 80. Distante de qualquer preocupação com o volume ou a frequência dessas publicações, o estudo adota a abordagem qualitativa ao propor a identificação e organização, em matrizes discursivas, dos principais padrões de representação do sincretismo religioso observados nos conteúdos jornalísticos coletados e, a partir dessas matrizes, analisar e sintetizar a presença de elementos do processo de formação identitária brasileira.

MÍDIA, ESFERA PÚBLICA E IDENTIDADE NA COMUNIDADE IMAGINADA

Influenciado por um profícuo diálogo com Max Weber, Habermas (1984; 1987) parte da noção de racionalidade desenvolvida por aquele autor para – tecendo críticas, inclusive, ao que chamou de limitações na análise weberiana, decorrentes da centralização do olhar na razão instrumental – chegar à síntese de uma teoria do agir comunicativo, trazendo em suas bases a concepção da esfera pública moderna como um reflexo da transformação do Estado absolutista em Estado burguês, transição fortemente impulsionada pela mediação das relações sociais e pelo surgimento e fortalecimento da opinião pública, sendo a imprensa a arena privilegiada de manifestação de conflitos entre diferentes grupos de interesse, ávidos por garantir a prevalência de seus propósitos de dominação diante da audiência.

Ao abandonar a visão inicial de que a opinião pública se formaria no seio dos debates propiciados pela esfera pública, Habermas considerou o avanço da mercantilização da atividade midiática e a amenização da dicotomia público-privado decorrentes da ação de medidas estatais de bem-estar social e passou a vislumbrar não apenas uma, mas várias arenas discursivas dispersas pela sociedade e integradas pelos meios de comunicação, nas quais o embate não se daria mais apenas entre sociedade civil e Estado, e sim entre grupos sociais auto-organizados em torno de temas de interesse geral, passíveis de assumir status político (HABERMAS, 1997).

Nesse cenário, o debate sobre a constituição da identidade de uma nação encontra na mídia esse espaço de disputa pela prevalência de ideias que se massifiquem a ponto de tornarem-se a visão hegemônica, porém,

não mais diante de uma postura apática por parte da audiência. Apoiado na noção de racionalidade comunicativa, Habermas (1984; 1987) passa a rever a ideia da mídia apenas como reprodutora de uma ordem social hegemônica – sem desconsiderar, no entanto, que há forte influência de grandes corporações na definição da agenda da mídia e que o acesso a esses espaços é restrito – e passa a creditar aos meios de comunicação a possibilidade de produzir também reflexão crítica, à medida que conectam grupos sociais dispersos geograficamente em torno de ideias, formado uma instância da esfera pública que chamou de esfera pública abstrata.

A conceituação de nação apresentada por Anderson (2008, p. 32) define essa categoria analítica como “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”. Graças à possibilidade de reprodução permanente das mensagens impressas e à consequente padronização do uso da língua nos livros e periódicos, produtos do que Anderson chamou de “capitalismo editorial”, as bases para a consciência nacional foram lançadas. Esse processo, no entanto, é caracterizado em grande parte pela não intencionalidade. Trata – se, na realidade, do resultado “da interação explosiva entre o capitalismo, a tecnologia e a diversidade humana” (ANDERSON, 2008, p. 55).

A influência da Reforma Protestante nesse processo foi fundamental, à medida que foi inicialmente responsável pelo crescimento vertiginoso no volume de livros impressos – com destaque especial para a Bíblia – que circulavam na Europa ocidental em um intervalo de duas décadas (1520-1540) e, assim, inaugurou um movimento editorial que inundou a Europa de escritos religiosos impressos em línguas ‘vulgares’, no século XVII, plasmando grandes públicos leitores mobilizados entre si político – religiosamente, frutos do que Anderson (2008, p. 51) denominou de “coalizão entre o protestantismo e o capitalismo editorial”.

Tal como em Anderson, a questão discutida no presente estudo gira em torno de como as identidades culturais nacionais são afetadas pelo processo de midiaticização inerente à globalização e de que forma essas identidades se relacionam com as representações de fenômenos religiosos difundidas pelos meios de comunicação que protagonizaram tal processo, com atenção especial no Brasil. O percurso até a efetivação dessa análise perpassa, necessariamente, pela discussão em torno da religião como expressão da vida em sociedade e elemento agregador em torno do qual – porém não exclusivamente – se constroem as identidades nacionais no mundo moderno.

A NAÇÃO BRASILEIRA EM FORMAÇÃO

A preocupação analítica de Max Weber com as transformações provocadas pelo capitalismo nas relações sociais encontrou na religião um aspecto fundamental para o desenvolvimento de sua teoria sobre a reconfiguração da estrutura social no mundo capitalista e, como subproduto desta, para a sintetização do conceito de Estado. Em Weber (2004; 2009), a diferenciação entre os conceitos de raça, etnia e nação é um elemento central para compreensão das formas modernas de vida comunitária que redundam na formação das identidades nacionais.

Concebida enquanto qualidade exterior, transmitida hereditariamente e fundamento da comunidade de origem, a raça só interessaria aos sociólogos enquanto categoria analítica quando constitui elemento de agregação e geração de atividade comunitária, como uma variável do processo de dominação. Já a etnia seria, para Weber (2004), centrada no compartilhamento comunitário de uma crença subjetiva segundo a qual os membros do grupo étnico compartilham uma origem comum, seja pela semelhança de manifestações culturais, seja pela similaridade de traços externos do biótipo. A ideia de nação situa-se em um nível mais abstrato de concepção, ligada diretamente a existência de sentimentos de comunidade e solidariedade, no âmbito da esfera de valores de determinado grupo social, os quais passam por uma espécie de filtro padronizador para, então, incorporados como bens culturais, serem manifestados perante outros grupos.

Assim como os países europeus estudados mais diretamente por Weber, o Brasil também experimentou processos próprios de formação da identidade nacional bastante ímpares e significativos para compreensão do cenário atual no país. A partir do pensamento de Weber acerca das categorias anteriormente citadas, também é possível compreender e analisar como o Brasil construiu sua identidade nacional, considerando suas características culturais, históricas e sociais.

Ao sustentar os fundamentos teóricos empregados para estudar a prática do Batuque em Lajes, Santa Catarina, a partir de um olhar sobre a formação da identidade nacional brasileira e sua relação com a composição do imaginário cultural e religioso do país, Renilda Aparecida Costa percorre e contextualiza os principais movimentos e conceitos que se estabeleceram como pilares para a edificação da noção do ‘ser brasileiro’: a “democracia racial, a brasilidade e a homogeneidade cultural” (COSTA, 2017, p. 62). Diante de uma nação recém-declarada independente (1889), cujas características físicas e linguísticas eram as mais heterogêneas possíveis, e tendo as tradições filosóficas, culturais e religiosas do colonizador europeu como modelo de civilidade imposto física e simbolicamente, a

ideologia do branqueamento⁸3 marcou fortemente o processo de formação da identidade nacional brasileira, influenciando conceitos mundialmente difundidos acerca do país, como o de democracia racial, erigido por Gilberto Freyre (2005).

Nesse processo homogeneizador, a expansão da imprensa no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, teve papel importantíssimo na difusão desses ideais nacionalistas, dando início a um processo de retroalimentação (imprensa-nacionalismo) que ultrapassou as fronteiras da Era Vargas e estendeu até o golpe militar de 1964 o desenvolvimento de uma vigorosa imprensa nacionalista, cujos conteúdos giravam em torno da concepção do ‘eu brasileiro’ a partir da proposta de uma cultura nacional homogeneizadora que, ao se autoafirmar, excluía e negava o externo por suas diferenças (MAZINI, 2013; BARBOSA, 2009, BRITO, 2007; MARRATZU, 2006).

Pensar a construção da identidade nacional brasileira, na visão de Boaventura de Souza Santos (1995), é pensar, necessariamente, na existência de um sistema de exclusão que marcou o passado com sofrimento, aniquilação cultural e muitas vidas de indígenas e negros e, concomitante a um sistema de desigualdade, até hoje se faz fortemente presente nas estruturas sociais brasileiras. Tendo sido construída a partir de um modelo capitalista de monopólio do Estado, a mídia brasileira foi – e segue sendo, em certa medida – espaço de reforço e reprodução desses sistemas excludentes em prol de políticas racializadas que, segundo Costa (2017), só vislumbrou os contornos de uma mudança de paradigma a partir das décadas de 70/80⁹.

O “EU” BRASILEIRO ENTRE ATABAQUES, PAJELANÇAS, MEDIÚNICAS E ROSÁRIOS

Um olhar minimamente razoável acerca da participação dos fenômenos religiosos no processo de formação da identidade brasileira requer o reconhecimento de que, tal qual a ideologia do branqueamento patrocinada pela perspectiva eurocêntrica, uma vasta gama de manifestações e

8 Skidmore (1976 *apud* COSTA, 2017) descreve as três premissas básicas da ideologia do branqueamento: a superioridade branca em relação a outras raças, embasada na concepção da existência de características inatas que justificavam essa superioridade caucasiana e, ao mesmo tempo, impunha uma inferioridade cabal a outras raças “menos adiantadas”; a perspectiva de redução paulatina e sensível da população negra decorrente da baixa natalidade, da propensão a doenças e de uma alegada desorganização social; e, por fim, a crença de que a população miscigenada embranqueceria com o passar das gerações, por força de uma suposta prevalência do gene branco sobre os demais.

9 A emergência de uma nova identidade nacional, exemplificada por Sérgio Costa (2000 *apud* COSTA, 2017) a partir das festas ligadas à tradição alemã das cidades de Blumenau e Pomerode, em Santa Catarina, reposiciona o sujeito no leme de sua identidade étnica, que já não é mais definida a partir de um padrão imposto nacionalmente, e sim a partir da reafirmação e aceitação da diversidade como elemento agregador, e não mais como inimigo da identidade nacional.

expressões religiosas de indígenas e negros escravizados foi submetida ao domínio dos preceitos e práticas ritualísticas católicas que se espalharam Brasil adentro, desde os litorais até o interior da Amazônia, por meio das dezenas de ordens religiosas incumbidas pela coroa de 'levar a salvação' aos 'povos de culturas inferiores'. Mesmo diante de forte pressão exercida ao longo de séculos, as expressões religiosas de matrizes africanas e ameríndias resistiram e, a partir de uma intensa dinâmica étnico-racial, se reconfiguraram e exerceram forte influência na definição da essência da alma brasileira.

No bojo de uma densa pesquisa acerca das religiões de matrizes africanas no Brasil, Bastide (1971) ressalta que os negros africanos trazidos no período colonial tiveram que lidar duplamente com complexos conflitos culturais: além da pesada mão da Igreja Católica Romana e do Estado nos processos de subordinação de suas práticas religiosas e culturais à religião cristã e aos valores europeus, enfrentaram ainda a obrigatoriedade de convivência entre membros de diferentes grupos étnicos aos quais pertenciam em seu continente de origem, cada qual com suas práticas sociais e religiosas distintas entre si.

O tratamento excludente e preconceituoso dispensado às religiões de matrizes africanas e de origem indígena, desde o período colonial e suas formas posteriores, também produziu efeitos negativos na configuração do espiritismo brasileiro, levando ao mundo dos espíritos a separação racial em castas. Bastide (1971) ressalta que a vertente espírita baseada no novo evangelho de Allan Kardec ganhou espaço e se estabeleceu entre a população das classes baixas, mas ao se deparar com um novo estágio da expressão brasileira do espiritismo – uma espécie de animismo – passou a classificar os espíritos encarnados por esse grupo, composto essencialmente por negros, como espíritos atrasados, menos evoluídos. Da reação do negro a mais uma discriminação nasce o espiritismo de Umbanda, que vai aos poucos ganhando espaço nos principais centros urbanos no país como sistema religioso ligado às raízes nacionais do Brasil e fundado no sincretismo afro-brasileiro (COSTA, 2017).

A sobrevivência cultural das diferentes tribos africanas aportadas no Brasil e dos povos indígenas igualmente escravizados e subjugados perpassou, também, pela busca de forças no sagrado para aliviar o sofrimento diário a que eram submetidos. No entanto, tais práticas eram consideradas heresias perante a hegemônica Igreja Católica romana, instituição que participou ativamente de todas as fases do processo de colonização brasileiro. Obrigados a frequentar missas e a aprender a catequese, indígenas e negros assimilaram à força aspectos da religião católica presente na

estrutura social do 'novo mundo', no entanto, essa assimilação não ocorreu passivamente: Bastide (1971) ressalta que a religião africana, impossibilitada de reconstituir sua comunidade tribal, ressignificou diversas práticas que resultaram em comunidades originais nesse novo continente.

Para ludibriar os padrões, esses grupos passaram, por exemplo, a associar secretamente símbolos e imagens de suas práticas religiosas a práticas e símbolos católicos. Assim, projetaram nas diversas imagens de santos católicos as divindades dos panteões africanos, dando origem a um grande processo sincrético que culminou na reconfiguração da religiosidade cristã brasileira, com o fortalecimento do catolicismo popular arraigado na celebração tradicional de diferentes santos nas mais diversas regiões do Brasil. O espiritismo de Umbanda assimilou, ainda, o animismo das práticas religiosas indígenas e incorporou, em seu panteão, divindades que fazem referência à mítica dos povos originários, representando uma espécie de síntese endógena de uma nova religião ligada à raiz da identidade brasileira (ORTIZ, 2006). A restrição da penetração de traços mais marcantes dos cultos sincréticos aborígenes nessa criação cultural e religiosa se deu, segundo Pereira de Queiroz (1988), em função de os indígenas terem buscado refúgio no interior da floresta, onde podiam seguir suas tradições livremente, longe do olhar opressor da Igreja e dos europeus.

Na Amazônia, onde por muito tempo o senso comum negou a participação dos negros do processo de formação de uma identidade regional, Braga (2011) ressalta diversos elementos presentes em eventos religiosos e populares realizados no Estado do Amazonas para tornar visíveis traços de uma cultura negra na região. Em torno das figuras mitológicas Macunaíma, de Mário de Andrade, e o casal Pai Francisco e Catirina, o autor resgata diversos registros da presença e participação negra em manifestações culturais como danças e elementos musicais para demonstrar a complexidade de relações que construíram a noção de Amazônia e evidenciar a marcante influência negra nas festas religiosas e populares, seja pela estética da dança, seja pela presença de sonoridades tipicamente negras.

Portadoras de relevantes critérios de seleção noticiosa como proximidade, impacto social e amplitude, essas festas populares tornam-se constantemente objeto de cobertura jornalística por parte da imprensa local, descortinando nuances das representações elaboradas e difundidas em cada época da história amazonense acerca desses fenômenos religiosos e, conseqüentemente, constituindo fragmentos reveladores da visão identitária que tais publicações reforçavam ou rechaçavam. O reconhecimento do papel estruturante da imprensa nos diversos momentos de

transformações sociais, culturais e políticas pelas quais passou a formação do Estado e da nação brasileira é fundamental para os nossos objetivos.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O uso da imprensa como fonte de pesquisas históricas é objeto de discussões e questionamentos entre diferentes correntes da historiografia mundial. No mesmo período em que a escola francesa de historiografia já utilizava largamente o jornal como fonte-documento, no Brasil, eram raros os trabalhos publicados nos quais a imprensa aparecia como fonte histórica (LUCA, 2008). Esse cenário só passou a mudar a partir dos anos 70, quando uma série de teses e dissertações começaram a embasar seus estudos empíricos sobre aspectos da história em notícias veiculadas pela imprensa periódica de variadas épocas.

Diferentemente daquele primeiro momento, em que não havia uma preocupação metodológica maior com esse uso da imprensa como fonte de pesquisa, nem tampouco um olhar contextualizado da teia de relações e interesses envolvidos na veiculação de notícias em jornais, o olhar aqui lançado considera o peso das diversas variáveis envolvidas no processo de seleção, captação, redação, tratamento e publicação de notícias. Há clareza de que essas notícias não são produtos puros de uma análise isenta e objetiva com base no interesse público, já que o jornalismo é uma prática social permeada em sua essência por relações de poder, as quais carregam consigo interesses políticos, econômicos e sociais nem sempre explícitos nos textos e fotos publicados.

Sem perder de vista esse contexto no qual estão inseridas as notícias, a busca por identificar fragmentos das ideias e discursos que contribuíram significativamente para a formação de uma identidade nacional brasileira adotou, neste trabalho, como recorte temporal para coleta de dados, a década de 80, período marcado pelos movimentos de pressão pela redemocratização do país e, no cenário religioso, pelo avanço das igrejas neopentecostais, sobretudo da Universal do Reino de Deus, criada pelo bispo Edir Macedo em 1977. Tendo como principal público-alvo os praticantes de cultos afro-brasileiros, essas igrejas incorporaram a seus modelos ritualísticos e de linguagem diversos elementos das religiões de matrizes africanas (descarrego, encosto, trabalho) para se aproximar desse público e, ao mesmo tempo, atacar frontalmente essas religiões – utilizando-se fortemente da mídia para esse fim – e associar suas divindades a ideias e valores negativos (SILVA, 2008).

Apesar de ter chegado à região Amazônica pouco mais de dez anos após aportar no Brasil com a família real portuguesa, em 1808, a imprensa regional enfrentou dificuldades para manter a periodicidade e a longevidade nas primeiras décadas. Somente no início do século XX, impulsionada pelos anos de pujança econômica e social decorrentes do ciclo da borracha, o Estado vivenciou um boom no volume de publicações periódicas em circulação, saltando de 77 até 1899 para 131 em 1908 (FARIAS E SOUZA, 1908; FREIRE, 1990).

Uma das publicações surgidas nessa explosão de novos veículos de imprensa foi o *Jornal do Commercio*, fundado em janeiro de 1904. O mais antigo jornal ainda em circulação no Amazonas foi adotado neste estudo como fonte para coleta dos dados a partir dos critérios de recorte a seguir elencados em razão de sua tradicionalidade e disponibilidade de acesso a edições antigas por meio da Hemeroteca Digital¹⁰, da Biblioteca Nacional. Para chegar ao escopo projetado para fins deste estudo, utilizou-se a ferramenta de busca por Estado, aplicando como critério de pesquisa as palavras “umbanda” e “umbandista”. A pesquisa resultou em 124 ocorrências, as quais foram lidas individualmente para identificação de abordagem de ideias e contextos relacionados ao sincretismo exclusivamente no Estado do Amazonas e exclusão daquelas que citavam os termos de pesquisa apenas lateralmente. Preenchidos estes requisitos, as 64 notícias resultantes foram catalogadas em planilha¹¹ e, então submetidas aos procedimentos do método de interpretação de sentidos¹², que possibilitou o agrupamento em matrizes discursivas após a problematização dos conteúdos analisados.

MATRIZES DISCURSIVAS DO SINCRETISMO RELIGIOSO NA IMPRENSA AMAZONENSE

Da síntese obtida após a problematização dos dados, em busca das matrizes discursivas em torno das abordagens da umbanda no contexto do sincretismo religioso com o catolicismo popular na década de 80, chegou-se ao seguinte quadro:

10 Disponível para consulta indexada em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

11 A íntegra dos dados de publicação das notícias coletadas para análise, bem como seus respectivos links para acesso e a classificação em matrizes discursivas sintetizadas pelo autor estão disponíveis para consulta em: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1qx49vh12xVhTzfV16RztpyBdNYzZeuRfDnjx7uUqW58/edit?usp=sharing>.

12 Gomes (2016) propôs o método de interpretação de sentidos para aplicação em pesquisa qualitativa fundamentado nas concepções da teoria da interpretação da cultura de Clifford Geertz e nos princípios da hermenêutica e da dialética. Em resumo, o método analisa os dados a partir de elementos como palavras, ações, conjuntos de inter-relações; grupos, instituições e conjunturas e relacionais.

QUADRO MATRIZES DISCURSIVAS SOBRE O SINCRETISMO RELIGIOSO IDENTIFICADAS EM NOTÍCIAS PUBLICADAS NA DÉCADA DE 80 PELO JORNAL DO COMMERCIO, MANAUS (AM), 2019

Matrizes discursivas	CONCEPÇÕES ACERCA DO CONTEXTO DO SINCRETISMO RELIGIOSO NO AMAZONAS		
	Ideias e conceitos abordados nas notícias	Forma de abordagem da relação entre as religiões	Sentimentos projetados pelo conteúdo do texto
1. Sincretismo nas festividades religiosas populares	Fé e religiosidade; santos; orixás; festejos; tradição; procissão; rituais; terreiros; igrejas.	Conteúdo acerca dos santos católicos e seus orixás correspondentes na umbanda na mesma notícia.	Semelhança; complementaridade; espiritualidade; autonomia.
	Terreiros; orixás; caboclo; incorporação; cura; federação de umbanda; entidade; tambores; celebração	Conteúdo versa apenas sobre atividades da umbanda.	Espiritualidade; alegria; representatividade.
	Catolicismo tradicional; divergências; superioridade católica	Conteúdo trata de dissidências entre católicos e umbandistas em celebrações conjuntas	Preconceito; exclusão; divisões; diferenças.
2. Sincretismo como fonte de orientação para a vida prática	Vidência; consulta aos búzios; cartas de tarot; cenário político; futuro econômico; mortes de personalidades; superstições; uso de banhos e produtos para obter benesses.	Conteúdo sempre inclui manifestações da umbanda; eventualmente inclui outras práticas religiosas; catolicismo não é citado.	Incertezas; projeções; expectativa; confiança; reconhecimento.

Matrizes discursivas	CONCEPÇÕES ACERCA DO CONTEXTO DO SINCRETISMO RELIGIOSO NO AMAZONAS		
	Ideias e conceitos abordados nas notícias	Forma de abordagem da relação entre as religiões	Sentimentos projetados pelo conteúdo do texto
3. Sincretismo como aspecto da vida econômica, social e cultural não – religiosa da cidade	Produtos; lojas de umbanda; visitas de líderes de outros estados; espetáculos temáticos; participação de políticos e empresários.	Conteúdo aborda aspectos das religiões ora no mesmo contexto, ora separadas; não havendo um padrão único.	Consumismo; influência; prestígio; pujança.
4. Sincretismo como bandeira ideológica e política	Seminário; federações; associações; administração; debates; política; disputas pelo poder.	Conteúdo aborda aspectos da organização administrativa das religiões afro-brasileiras na cidade de Manaus	Desentendimentos; luta; resistência; organização política
5. Sincretismo como objeto de estudo das ciências	Sociologia; ciências humanas; medicina; literatura; identidade; cultura; universidade.	Conteúdo aborda, com viés científico; as interações entre as práticas culturais e religiosas brasileiras com efeitos concretos ou abstratos.	Avanços; conhecimento; explicação; identificação.

Fonte: O autor.

CONSIDERAÇÕES

Como espaço de intensas disputas simbólicas que é, a imprensa demonstrou selecionar ativamente suas fontes nos conteúdos que traziam falas de lideranças religiosas de cultos afro, dentro ou fora do contexto de festas religiosas e populares do catolicismo no Amazonas. As mesmas figuras e centros de umbanda se repetem em vários textos ao longo da década pesquisada. Somente em alguns dos textos há pistas reveladoras sobre um possível motivo para a predileção por esses personagens e casas de umbanda em especial: a ligação com políticos influentes do cenário amazonense. As notícias da década de 80 mostram a ascensão de lideranças políticas hoje consolidadas, detentoras ou ex-detentoras de cargos eletivos nos mais altos escalões dos poderes Executivo e Legislativo. Algumas dessas figuras são citadas por mães e pais de santo em suas previsões anuais publicadas pelo referido jornal, bem como aparecem prestigiando festas de umbanda ao lado de jornalistas da época.

É perceptível notar, ainda que a maioria das matérias identificadas ocupa posições secundárias nas páginas de publicação, sendo veiculadas na forma de pequenas notas de dois ou três parágrafos, poucas trazendo fotografias. Apenas quatro das 64 notícias catalogadas e analisadas a partir dos critérios de recorte receberam algum destaque na capa da edição em que foram publicadas. Entre as fotografias relacionadas aos conteúdos coletados verificou-se uso de imagens de Santos Católicos de forma predominante, tendo ocorrido ainda aparição rara de imagens de orixás mais populares como Iemanjá e fotos de umbandistas em rituais ou de líderes religiosos de umbanda durante consultas espirituais.

Da análise do conteúdo abordado pelas notícias catalogadas, é possível inferir que a temática do sincretismo aparece associada, primeiramente, a festas de santos populares da Igreja Católica, as quais também são vivenciadas nos terreiros de umbanda da cidade devido à correspondência desses santos a orixás do panteão africano e ameríndio sintetizado pela umbanda. Festas tradicionais na cidade como a virada do ano novo, festejos de São Sebastião, São Francisco, Nossa Senhora da Glória, entre outros, surgem nas reportagens na condição de temas principais, que trazem logo abaixo informações acerca das celebrações correspondentes nos grandes terreiros de umbanda da cidade.

A curva de menções dessa natureza ao longo da década, no entanto, é descendente: a partir de 1986, o noticiário que menciona a prática de umbanda e manifestações do sincretismo religioso com o catolicismo deixa de ter o foco majoritário nas festas populares e ganha maior diversidade, abrangendo outras searas da vida social da cidade como a economia, a

arte, a ciência, a mobilização social e até a violência urbana, entre outras. O período coincide com o avanço no Amazonas da chamada terceira onda do pentecostalismo brasileiro e o aumento das investidas dessas novas igrejas contra as religiões afro-brasileiras, principalmente por meio da mídia (SILVA, 2007).

Diante desses fragmentos discursivos organizados na forma de matrizes, não restam dúvidas da reprodução, em nível local, dos processos de formação da identidade nacional que, entre outras estratégias, se apoiaram em aspectos religiosos da cultura brasileira para forjar um sentimento de pertença à nação brasileira, tendo surgido ainda elementos ainda pouco explorados desse processo que, certamente, merecem análises mais aprofundadas para ampliar ainda mais as contribuições de olhares com diferentes perspectivas para o estudo acerca das identidades nacionais.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Imprensa e Nacionalismo**: contexto e influência da cultura. Política de extrema direita brasileira em jornais, livros e revistas na década de 1930. Revista Urutágua – acadêmica multidisciplinar, DCS/UEM, n.º 19, Maringá. 2009.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1971.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Danças e andanças de negros na Amazônia: por onde anda o filho de Catirina? In: SAMPAIO, Patrícia Melo (Org.). **O fim do silêncio**: presença negra na Amazônia. Belém: Editora AÇAÍ/CNPq, 2011. p. 157-171.

BRITO, Leonardo. **A Imprensa Nacionalista no Brasil**: o periódico ‘o semanário’ (1956-1964). Jundiaí: Paco Editorial. 2007.

COSTA, Renilda Aparecida. **Batuque**: espaços e práticas de reconhecimento da identidade étnico-racial. São Leopoldo: Casa Leiria, 2017.

FARIA E SOUZA, João Batista de et al. **A imprensa no Amazonas (1851-1908)**: Catálogo de Jornais. Manáos: Typographia da Imprensa Oficial, 1908.

FREIRE, José Ribamar Bessa (Org.). **Cem anos de imprensa no Amazonas (1851-1950)**. Manaus: Umberto Calderaro Ltda, 1990.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 50. ed. São Paulo: Global Editora, 2005.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HABERMAS, Jürgen. **The theory of communicative action: reason and the rationalization of society**. Vol 1. Boston, Beacon Press, 1984. Disponível em: http://www.dphu.org/uploads/attachements/books/books_2795_0.pdf. Acesso em: 3 fev. 2019.

HABERMAS, Jürgen. **The theory of communicative action**. Lifeworld and system: A critique of functionalist reason. Boston, Beacon Press, 1987. Disponível em: <http://blogs.unpad.ac.id/teddykw/files/2012/07/Jurgen-Habermas-The-Theory-of-Communicative-Action-Volume-2.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2019.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARRATZU, Priamo. **Nacionalismo e homogeneidade cultural: a importância dos media**. 2006. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/marratzu-priamo-nacionalismo-homogeneidade-cultural.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2018.

MAZINI, André. **Representações da identidade nacional na imprensa: o caso da revista Brasileiros**. Comunicação & Mercado/UNIGRAN. Dourados-MS, v. 2, n. 4, p. 55-64, jan./jul., 2013.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Identidade nacional, religião, expressões culturais. In: SACHS, Viola *et al.* **Brasil & EUA: religião e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. Palestra proferida no VII Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 4 a 6 de Setembro de 1995.

Disponível em: http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/construcao_multicultural_igualdade_diferenca.pdf. Acesso em: 11 fev. 2019.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Intolerância religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Edusp, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Neopentecostalismo e religiões afrobrasileiras: significado do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo**. Mana vol. 13.

n.1. Rio de Janeiro, p. 207-236, abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v13n1/a08v13n1.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2018.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Vol. 1, 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Vol. 2. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

LIBERDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PÚBLICA PARA O FORTALECIMENTO DA DEMOCRACIA

Henrique WENDHAUSEN¹³

RESUMO: O presente artigo foi construído com o propósito de refletir sobre a correlação entre liberdade e acesso a informações e comunicação pública como instrumento, na perspectiva habermasiana, para o fortalecimento da democracia radical e em prol da preservação do Estado de direito nas sociedades atuais. Partimos de uma discussão inicial sobre as razões clássicas que motivam os estudos sobre liberdade de informação e expressão e seguimos abordando um panorama sobre a conjuntura do marco legal de acesso a informações administrativas e sobre a transparência do Estado em face do polissêmico termo comunicação pública. O debate incorpora a importância da vigilância ou controle social sobre a coisa pública e a participação cívica de forma individual pelo cidadão ou por suas representações por meio da sociedade civil organizada.

PALAVRAS-CHAVE: liberdade de expressão; acesso a informações; comunicação pública; participação cívica; democracia.

ALGUMAS RAZÕES PARA O ESTUDO DA LIBERDADE DE INFORMAÇÃO

Quais argumentos motivam o estudo da liberdade de expressão e importam aos estudos clássicos? Para um esclarecimento inicial, o historiador inglês Timothy Garton Ash (2017), ao questionar a razão pela qual a expressão deveria ser livre, a despeito do fato de que muitos países subscreveram tratados internacionais acerca da liberdade de expressão, acabou por encontrar múltiplas respostas na tradição intelectual ocidental a partir de variações filosóficas e jurídicas, mas condensou em quatro aspectos persistentes que cunhou na abreviatura EVGD – Eu, Verdade, Governo, Diversidade. Esses quatro argumentos clássicos foram combinados pelo antigo juiz do Tribunal Constitucional Alemão, Dieter Grimm, numa conexão singular e fecunda, a saber: *autodesenvolvimento individual* e *autodeterminação coletiva*. Esse preceito, por sua vez, pode ser pensado e atualizado de forma promissora a partir da obra de Habermas

13 Trabalho apresentado no GP 05 – Interfaces Comunicacionais – Produzido em situação institucional (doutorado). Professor da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutorado em Ciências da Comunicação, com ênfase em Ciências Sociais – Instituto de Comunicação da Nova (ICNOVA) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Universidade Nova de Lisboa (UNL). E-mail: henriquew@ufam.edu.br

e de outros autores que dialogam a partir da teoria social crítica, pois Habermas trabalhou constantemente em sua extensa arquitetura intelectual com o propósito orientado para o reconhecimento da realidade das sociedades complexas atuais, a partir de seus potenciais de emancipação e combatendo os obstáculos à democracia com o apoio de investigações teóricas e empíricas.

O argumento clássico inicial trata a liberdade de expressão com o propósito de fazer com que nos tornemos conscientes da nossa plenitude e humanidade individual.

O poder da fala é aquilo que nos distingue dos outros animais e, por enquanto, dos computadores. Se formos impedidos de o exercer livremente, não podemos ser nós mesmos. Isso inclui revelarmo-nos aos outros, na medida em que o desejamos. (Ash, 2017, p. 92).

E complementa: “até o individualista liberal mais inflexível tem de aceitar enquanto descrição da realidade vivida, que eu não estabeleço apenas o que penso mas também quem sou através das relações com outras pessoas.” (Ash, 2017, p. 93).

A despeito de Ash não ter feito menção ao trabalho intitulado *Autonomia descentrada: o sujeito depois da queda*, de Honneth (1995), julgamos oportuno incluí-lo ao debate, pois desenvolve uma particular teoria da intersubjetividade a partir da discussão sobre duas grandes correntes intelectuais que levaram a uma crise de longo alcance envolvendo o conceito clássico de sujeito humano e a noção teórica de consciência da autonomia individual, embora cada corrente tenha feito seus entendimentos com perspectivas muito diferentes e com objetivos variados.

A primeira corrente intelectual está associada principalmente às descobertas de Freud, mas também tem precursores no romantismo alemão primitivo e em Nietzsche. Neste sentido, avança uma crítica psicológica do sujeito que aponta para a ilusão da consciência e das forças motrizes inconscientes. Isso demonstra, segundo Honneth, que o sujeito humano não pode ser transparente consigo mesmo da maneira reivindicada na noção clássica de autonomia. Com base em razões empíricas essa crítica duvida da possibilidade da completa transparência da ação humana e, desse modo, invalida a ideia de autonomia no sentido da *controlabilidade* de nosso próprio fazer.

A segunda corrente intelectual apontada por Honneth (1995) está associada às investigações do último Wittgenstein por um lado e, com as de Saussure por outro, articulando uma crítica filosófico-linguística do sujeito. Ao assinalar para a dependência da fala individual em um sistema pré-determinado de significados linguísticos, mostra que o sujeito

humano não pode constituir ou esgotar o significado da modo presumido, em especial na filosofia transcendental. Aqui, então, a possibilidade da constituição individual do significado é posta em causa pelos argumentos da filosofia da linguagem; e a ideia de autonomia no sentido da autoria do sujeito é assim invalidada.

Enxergamos como o maior mérito da proposta honnethsiana o fato de que ela se apoia em uma posição que permite que os poderes incontrolláveis da linguagem e do inconsciente sejam compreendidos não como limitação, mas como uma condição condutora para a aquisição de autonomia pessoal. Por fim, são três os pressupostos em termos de habilidades conjuntas para configurar sua teoria da intersubjetividade como uma ideia de autonomia individual completa: 1) somente quando a pessoa que está em posição de divulgar de modo criativo as suas necessidades – pressupõe ao indivíduo descobrir novos impulsos da ação ainda não revelados em si mesmo e de tomar decisões reflexivas sobre o assunto; 2) quando a pessoa apresenta toda a sua vida de maneira eticamente refletida – de modo que os vários impulsos de ação possam ser integrados pelo sujeito na conduta de sua vida de tal forma que essa vida como um todo mereça o predicado *autônomo*; e 3) aplicação das normas universalistas de maneira sensível ao contexto – capacidade de se relacionar de modo reflexivo às demandas sociais do próprio ambiente social. Caso apenas uma dessas habilidades seja cultivada em detrimento das outras, pode-se então designar como autonomia unilateral.

O segundo argumento clássico a despeito da liberdade de informação foi construído inicialmente com base numa variante filosófica de Thomas Scanlon, segundo o qual: “Quando julgamos alguma reivindicação de liberdade de expressão, temos de lembrar, e por vezes de equilibrar, essas duas coisas: os direitos a ela e as consequências para o orador, e os direitos a ela e as consequências para o ouvinte.” (Ash, 2017, p. 94). Deste modo, complementa o argumento de Scanlon em favor da liberdade de expressão a ideia clássica de que ela nos permite o descobrimento da verdade ou, no mínimo, nos auxilia a procurá-la.

Habermas abordou desde longa data e por diversas vezes em diferentes trabalhos a tematização da verdade. E argumentou que “o sentido da verdade pode ser esclarecido fazendo referência à pragmática de uma determina classe de actos de fala” (HABERMAS, 2010, p. 183). E também, ao introduzir os tópicos *ação* e *discurso*, acrescentou que nos contextos de ação comunicativa uma explicação de pretensão de validade construída com afirmações seria redundante. Porém, em especial no caso do discurso, seriam imprescindíveis para propiciar a tematização da legitimidade de

pretensões de validade. Com base na ideia de *revalidação discursiva* de pretensões de validade, que seria então o objetivo de sua teoria consensual da verdade, haja vista que a verdade de uma proposição significa a promessa de alcançar um consenso racional sobre o que é dito. Habermas formou sua concepção com base na existência de quatro classes de pretensões de validade que apresentam um nexo de racionalidade e uma origem comum, a saber: a verdade, a compreensibilidade, a correção e a sinceridade. O autor adverte, no entanto, que a tematização destas quatro classes de pretensões de validade só ocorre quando há perturbação do funcionamento do jogo de linguagem e o abalo do consenso de fundo.

No que se refere à tematização das pretensões de validade, a verdade constitui um tipo de pretensão de validade de carácter geral que se reflete na dupla estrutura possível do discurso. No entanto, “a validade de uma base normativa de instituições, funções e formas de vida socioculturalmente tornada habituais (isto é, convenções) é sempre pressuposta”. (HABERMAS, 2002, p. 83). Subentende-se que o reconhecimento de forma efetiva de que tais normas pressupostamente existem e são verdadeiras. Habermas explica o que é uma pretensão de validade tendo como base o modelo de pretensão do direito. “Uma pretensão pode ser reclamada, isto é, feita valer, pode ser contestada e defendida, rejeitada ou reconhecida. Pretensões que são reconhecidas são válidas.” (HABERMAS, 2010, p. 183). O reconhecimento de uma pretensão de validade lhe assegura legitimidade na medida em que pode ser sustentada, podendo ter como satisfeita suas expectativas.

O autor infere de forma preliminar para sugerir uma teoria consensual da verdade conectada com fundamentos normativos de uma teoria da sociedade e com base em problemas da ética em geral, como segue.

De informações dizemos que são fiáveis (ou não são fiáveis). A fiabilidade de uma informação afere-se pela probabilidade com que as expectativas de comportamento derivadas da mesma informação (em contextos de acção) são satisfeitas. Pode dar-se o caso de podermos explicitar a relação pragmática entre a cognição e objectos da experiência com recurso ao conceito de correspondência (embora neste contexto não se possa descuidar o facto de a objectividade da experiência se encontrar fundamentada em condições subjectivas e universais da possibilidade da experiência). A verdade, pelo contrário, não é uma propriedade de informações, mas sim de enunciados. Não se afere por probabilidades prognosticadas, mas pela alternativa clara de saber se a pretensão de validade de afirmações pode ou não pode ser revalidada de forma discursiva. Designamos por verdadeiros os enunciados que podemos fundamentar. O sentido da verdade que é implícito à pragmática de afirmações só pode ser suficientemente

clarificado depois de podermos indicar o que significa a ‘revalidação discursiva’ de pretensões de validade fundadas na experiência. É precisamente este o objectivo de uma teoria consensual da verdade. (Habermas, 2010, p. 189-190).

Em *Verdade e Justificação* Habermas (2014, p. 241) adverte que “a verdade é uma propriedade inalienável de enunciados criticáveis; ela apenas pode ser justificada com recurso a motivos, e não autenticada pela génese de representações”. A partir da pragmática da linguagem, Habermas implementou uma teoria da comunicação e da racionalidade, iniciou uma base para uma teoria crítica da sociedade e abriu portas para uma concepção de democracia, moral, direito e justiça fundada na teoria da discussão. E concluiu: “Verdadeiro é o que em condições ideais é lícito aceitar-se como racional” (HABERMAS, 2014, p. 260).

O terceiro argumento clássico apontado por Ash (2017) acerca da liberdade de expressão consiste na sua necessidade para realizar um bom governo. O autor considera espantoso a história ilustrar “como a essência da nossa ideia moderna de liberdade de expressão enquanto bem público democrático se pode encontrar quase plenamente formada há dois mil e quinhentos anos, em Atenas e nalgumas colónias gregas ultramarinas.” Ash (2017, p. 95). Os académicos modernos, para enfatizarem o elemento do discurso, referem-se à *democracia deliberativa*, em especial Habermas. Ash fala que a relação entre o trinómio liberdade de expressão, democracia e bom governo constitui ainda hoje um princípio fundamental da democracia liberal ocidental.

A liberdade de expressão também é necessária para se verificar e controlar o que o nosso governo faz. Isso põe em jogo não apenas a liberdade mas a liberdade de informação, e aquilo a que se tem chamado o *direito de saber*. (ASH, 2017, p. 97).

O quarto argumento clássico sobre a liberdade de expressão assenta-se na reivindicação que nos auxilia a conviver com a diversidade. “Embora esta corrente não figure de uma maneira tão proeminente nos clássicos ocidentais modernos sobre a liberdade de expressão, o germe da ideia está nas próprias origens do liberalismo moderno.” (ASH, 2017, p. 98). O historiador exemplifica com base nos ensaios de John Locke e de outros autores que reivindicaram acerca da necessidade de *tolerância e civilidade*.

Também o encontramos na afirmação de Emmanuel Kant de que o progresso humano é mais bem servido, não pela ausência ou supressão do conflito, mas pela condução desse conflito essencial e criativo de maneiras pacíficas e civilizadas. (ASH, 2017, p. 98).

O autor faz referência ao acadêmico americano Leo Bollinger como tendo um longo histórico e experiência sobre diversidade étnica e religiosa nos Estados Unidos, sugerindo sobre liberdade de expressão que ela

testa a nossa capacidade para vivermos numa sociedade que é necessariamente definida por conflitos e controvérsias; ela adentra – nos na arte da tolerância e robustece-nos para as vicissitudes desta. (ASH, 2017, p. 98).

LEIS DE ACESSO A INFORMAÇÕES, COMUNICAÇÃO PÚBLICA E TRANSPARÊNCIA

Ilustrando um breve contexto cronológico acerca das leis de acesso à informação pública (LAIs), em 1989 havia apenas 10 LAIs a nível planetário. Entretanto, em 2011, já se tinha chegado a 111, com um crescimento significativo tanto nas Américas como na Europa, em África e na Ásia. Foi importante para esta evolução a influência e o protagonismo assumido em todos estes continentes por movimentos sociais e organizações civis (*SABER MÁS VIII*, 2016), fatos que são em si representações de diversidade. São, portanto, muito significativos os avanços na concretização do acesso a informações públicas nos países que passaram a contar com estruturas legais sobre esta matéria e que comungam de princípios e valores para ultrapassar a cultura de segredo ou da opacidade, seja por meio de cooperação com base em acordos internacionais, de contribuições por parte de diversas instituições de ensino e pesquisa para ampliar o debate e, também, de ações de reivindicação de organizações da sociedade civil e dos cidadãos como titulares engajados no exercício destes direitos. Entretanto, o conteúdo deste avanço e seus consequentes resultados é questionado por uns e apologizado por outros.

Por um lado, o fortalecimento do exercício dos direitos de acesso a informações públicas e de liberdade de expressão auxilia no combate à corrupção, no processo de controle social da coisa pública e na participação da vida cívica em geral (VIVOT, 2010; CANELA e NASCIMENTO, 2009). A coparticipação dos agentes interessados proporciona um aperfeiçoamento das políticas públicas que visam corrigir diferenças sociais e que podem contribuir para uma maior efetivação da justiça social, para a consolidação do Estado de Direito e da democracia deliberativa, resultando, portanto, em efeitos estruturantes a nível de valores da sociedade como um todo. Por outro lado, há um déficit de credibilidade acerca da legitimação e efetividade dos direitos das LAIs que envolve desde a correta execução das obrigações formais que agentes públicos têm o dever de cumprir, como, também, a atuação política dos cidadãos no fortalecimento

de uma cultura de transparência que atenda a suas necessidade de ditames informais e de suas diretrizes.

As Leis de Acesso a Informações públicas determinam a exigência de transparência e de diversas obrigações aos órgãos públicos, impondo responsabilidades aos seus agentes. “O direito de informação integra três níveis, distintos e interligados: o direito de informar, o direito de se informar e o direito de ser informado”. (PRATAS, 2007, p. 2). Os direitos de acesso a informações públicas e de liberdade de expressão, também conhecidos como direito à verdade (ao saber ou, ainda, ao conhecimento), vêm sendo amplamente debatidos e aprimorados com diferentes propósitos a nível internacional, em especial nas últimas quatro décadas, por organizações da sociedade civil, pesquisadores e experts ligados a diferentes entidades públicas e privadas. É indiscutível que nos últimos 30 anos houve avanços e conquistas importantes planetárias em termos de positivação de direitos de acesso à informação e de liberdade de expressão, mas também é possível identificar diversos problemas localizados, exceções e potenciais retrocessos que desafiam a continuidade e a consolidação das orientações e princípios ético-morais subjacentes a tais quadros normativos.

Zepeda (2008), ao tratar da temática da transparência em relação ao Estado, afirma que este é um debate antigo que remete a teorias da justiça e do poder político. Neste argumento, os direitos de informação aos cidadãos é poder político e também uma condição para dotar de sentido e qualidade as democracias complexas atuais. O autor adverte que há uma relação histórica constante entre os regimes autoritários e a censura informativa. E conclui que o que entra no poder, o que pode transformar ou incidir na vida das pessoas, deve sujeitar-se a escrutínio público, deve estar sujeito ao acesso a informações e à luz da razão (ZEPEDA, 2008, p. 7). Atualmente, adverte o cientista político, os maiores segredos políticos estão relacionados com os numerosos pactos e proteções do poder político e dos poderes econômicos.

Kant foi o pai da ideia moderna do princípio da publicidade¹⁴ como sendo um critério de justiça das normas passíveis de aplicação e imposição. Para Kant, a maneira mais segura de saber se são justas uma intenção política, uma lei ou a decisão de um governante é retirando seu caráter

14 Somente discutindo abertamente acerca da natureza destas ações políticas, somente por meio do debate racional frente a um público capaz de criticar, avaliar, duvidar, discutir e propor é que se constrói genuinamente um argumento público e se prova a validade do que foi proposto. A prova da publicidade é, finalmente, uma prova de veracidade para os argumentos, ações e normas da vida política (ZEPEDA, 2008, p. 39). Destaque-se que a observância da publicidade possui hoje caráter de preceito geral das leis internacionais sobre acesso a informações públicas e de liberdade de expressão; e tem ganhado maior importância com o emergente recrudescimento do discurso opaco e autoritário a nível global.

de secreto e colocando-os à vista da opinião pública. Zepeda (2008, p. 41) também fala sobre um outro importante aporte para pensar o problema contemporâneo do direito à informação e os dilemas da sociedade moderna que se referem à necessidade não apenas de transparência do governo, mas também de capacidade crítica e de educação para o exercício da cidadania. Um governo transparente, propõe Zepeda, pouco serve se a cidadania não é capaz de elevar seu nível de discussão e sua capacidade para construir boas razões e argumentos. Tendo como base a história do pensamento político, o autor indaga: “quem controla os controladores?”

O tema da transparência na administração pública vem sendo objeto de análises em diversos ângulos. Vergara (2008) afirma que a transparência não é uma condição natural das organizações governamentais, pois as burocracias não nascem transparentes. Logo, a transparência só pode resultar de um árduo trabalho consuetudinário de longo prazo. É o caso das implementações dos sistemas de ouvidorias, por exemplo, haja vista que a transparência é um problema adicional para as organizações burocráticas. Essas precisam estar organizadas para responder de forma cabal às demandas de informação e atender a exigências de que o Estado escute todos os dias a sociedade e seus cidadãos interessados nos assuntos públicos. A informação é um dos recursos mais poderosos que a sociedade pode ter, pois mais informações é sinônimo de uma maior capacidade de ação, de argumentos mais fortes e de melhores instrumentos para criticar, propor e melhorar as ações do governo que definem os rumos de nossa vida pública (VERGARA, 2008, p. 41).

Ao explorar a ideia de transparência pública Gomes, Amorim, Silva (2018, p. 1-2) referem-se ao termo transparência como sendo *naturalmente uma metáfora antes de ser um conceito*:

Transformando a palavra em conceito, deparamo-nos com uma decisão inicial: destaca-se, dos transparentes, o fato de que eles impedem uma visão integral do que lhes está por trás ou o fato de que permitem que se veja através deles? Claro que ambas as dimensões fazem parte do conceito, mas não parece que o contraste entre “transparente” e “opaco” marque claramente que o que está em questão é o trans + aparecer, é o fato de poder mostrar o que está por trás, do outro lado, mesmo sem que ele próprio tenha que desaparecer. Chegando ao campo das aplicações contemporâneas, uma instituição transparente não é, tecnicamente, simplesmente uma em que tudo está escancarado, acessível, disponível. Transparente, como o contrário de opaco, significa que uma instituição desta natureza é aquela em que não se veda o olhar, não há acessos blindados ou governos invisíveis, arcanos e mistérios, razões que não podem ser compartilhadas (as velhas Razões de Estado).

Gomes, Amorim, Silva (2018, p. 5) argumentam que existe transparência quando “há controle cognitivo externo de um ato, ou do que dele resulta, para além do agente que o praticou”. E entendem por controle cognitivo como sendo “uma adequada compreensão de um comportamento ou do seu resultado por meio de volumes apropriados de dados, informações e conhecimento”.

Ao contrário de outras formas de vigilância e de controles sociais tradicionalmente exercido pelo Estado sobre a sociedade, o controle social-político dos cidadãos se materializa pela participação e fiscalização sobre a administração pública, incluindo vigilância sobre a coisa e as políticas públicas nas suas mais diferentes modalidades e possibilidades, em especial no exercício do acesso a informações de fundos públicos e nas ações e formas participativas de comunicação pública previstas constitucionalmente. Entretanto, em muitos dispositivos normativos acerca das diretrizes das leis de acesso a informações públicas ocorrem baixos índices de implementação e os limites da interoperacionalidade destes sistemas acabam impondo muitas restrições e dificuldades. (*SABER MÁIS VIII*, 2016).

O controle social previsto como diretriz das LAIs encontra uma série de dificuldades para sua plena realização, pois a maioria das pessoas que recorre a informações para exercer a vigilância sobre as atividades estatais tem maior poder aquisitivo e possui escolaridade a um grau superior, em especial jornalistas, os quais fazem uso comumente dessas fontes. A população mais pobre e com menos escolaridade, além de grupos sociais em condições vulneráveis ou tidos como minorias (mas que na realidade muitas vezes são grupos que formam as maiorias), com raras exceções, acabam não tendo acesso e participação no exercício do controle social de políticas públicas. Habermas (2020, p. 697-698) argumenta que:

O procedimento democrático de positivação do direito depende de os cidadãos *também* fazerem um uso orientado ao bem comum de seus direitos de comunicação e participação, o qual sem dúvida pode ser politicamente exigido, mas não juridicamente imposto.

Canela e Nascimento (2009, p. 12) reconhecem que o conhecimento das informações em poder do Estado propicia o monitoramento e a qualidade da tomada de decisões que afetam a vida em sociedade: “O controle social mais atento dificulta o abuso de poder e a implementação de políticas baseadas em motivações privadas”. Desta forma, o dever dos entes públicos de serem transparentes e divulgarem informações administrativas vai ao encontro do direito do cidadão de acessar informações públicas. Entretanto, considerando que boa parte da população na exerce esse direito de participação na vida cívica, a percepção e um olhar sobre os problemas da

diversidade social escancara a precarização de diversos grupos e pessoas que não encontram espaços públicos para expressão livre.

Comunicação pública é considerado um termo polissêmico e um conceito ainda em construção (MATOS, 2007), sobretudo do ponto de vista das ciências sociais e humanas, pois a expressão carece de consenso e varia conforme os autores e correntes teóricas distintas, ocupando um amplo espectro e múltiplos sentidos nos espaços públicos da teia da vida e das instituições nas sociedades contemporâneas. Matos (2007, p. 9) afirma que há um campo comum de entendimento sobre a comunicação pública predominante nos estudos acadêmicos e que se refere ao: “processo comunicativo que se instaura entre o Estado, o governo e a sociedade com o objetivo de informar para a construção da cidadania”.

Entretanto, Bucci (2015) denunciou com muita propriedade argumentativa e apresentando provas contundentes que a sociedade brasileira tem sido vítima da comunicação pública com seu caráter de *narcisocracia*, com efeitos avassaladores em função de práticas abusivas que abundaram nos governos anteriores e contribuíram para despolitizar o debate público por meio da disseminação de informações manipuladas e subliminares financiadas com dinheiro público. Identificou o desrespeito a normas e princípios constitucionais que tutelam o direito de receber informações e prejudicam a democracia, degradando os costumes políticos. Analisou lógica e conceitualmente estudos sobre a comunicação pública e chegou ao seu conceito de natureza descritiva e prescritiva:

A comunicação pública se compõe de ações informativas, consultas de opinião e práticas de interlocução, em qualquer âmbito, postas em marcha por meio do emprego de recursos públicos, mediante processos decisórios transparentes, inclusivos e abertos ao acompanhamento, críticas e apelações da sociedade civil e à fiscalização regular dos órgãos de controle do Estado. Quanto às suas finalidades, a comunicação pública existe para promover o bem comum e o interesse público, sem incorrer, ainda que indiretamente, na promoção pessoal, partidária (do partido do governo), religiosa ou econômica de qualquer pessoa, grupo, família, empresa, igreja ou outra associação privada. (BUCCI, 2015, p. 69). [Grifo do autor].

Diante deste cenário defendemos a ideia de que os direitos de acesso a informações administrativas e a boa comunicação pública constituem conquistas históricas importantes, mas não são em si suficientes para atender aos direitos das LAIs em sua integridade e em todas as suas potencialidades, necessitando, desse modo, de uma reflexão sistematizada. Estes direitos carecem de um paradigma de comunicação pública que seja holístico e humanista em sentido amplo e que não sejam objeto de desrespeito

ao espírito de seus quadros normativos, que considere todas as suas dimensões de identificação e complexidade para superar os seus desafios e suas deficiências. Neste sentido, a gestão dos processos de comunicação no seu conjunto precisa ser pensada e coordenada de forma convergente em todas as suas vertentes teóricas e práticas virtuosas, inclusive do senso comum obtido em representações sociais para atender o propósito de uma ampla cultura da abertura (transparência) e de uma maior incidência de participação na vigilância e no controle social de políticas públicas e de seus fundos para a consecução do direito das LAIs a da comunicação pública em sua plenitude. Importa registrar que as leis de acesso a informações são direitos consagrados como fundamentais e que os direitos à comunicação não atingiram esse patamar por razões desconhecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sentido amplo, as legislações de acesso a informações e os processos de comunicação pública compreendem e dependem de uma complexa teia reticular e de vontade política para atingir o imperativo de suas normas e diretrizes, necessitando, por isso, de políticas públicas apropriadas, de adesão política e de participação dos sujeitos com interesses em jogo. Pressupõe-se que boa parte destas políticas públicas é dependente de um conjunto de condições envolvendo a gestão de processos de comunicação pública, em que há assimetrias e interesses em jogo entre as partes no processo de comunicação e de acesso a informação pública. Estão em jogo interesses políticos diversificados, constrangimentos linguísticos, incapacidade de bem ouvir (no sentido do reconhecimento da alteridade em um mundo com muitas vozes e com interesses conflituantes) e de (in) compreensão acerca da complexidade da comunicação em suas múltiplas manifestações, pois se considera insuficiente a simples oferta de informações para atender o direito das LAIs de modo equânime e em sua plenitude.

Por fim, considerando que há comumente certos discursos com exagerada apologia sobre o direito fundamental de acesso a informações públicas e de liberdade de expressão, quando a reflexão e o debate se aprofundam e passamos a considerar a estrutura econômica, social e política daquilo que é chamado de sociedade da informação, percebe-se que falta autonomia dos produtores de conteúdos no campo dos *media*, sobretudo pela conformação à lógica de mercado e ao poder invisível que representam. Neste sentido, subsiste a percepção de que a cultura do segredo ainda impera diante do princípio da transparência, exigindo ainda mais reflexão sobre essa realidade e um olhar de suspeição sobre os discursos fáceis e/ou

reificadores que os novos e os tradicionais *media* e outros meios comunicantes acrescentam nas suas configurações e nas formas discursivas sobre liberdade de informação. Estes aspetos e por conta de dois processos sociais de relações humanas, envolvendo a tecnocracia e o instrumentalismo nos espaços públicos, subvertida pela lógica acumulação-mercado exacerbada, pode acabar resultando numa espécie de perversão da razão prática (Esteves, 1998). Perversão essa, acrescentamos, muitas vezes baseada na concepção criminalística e consistente no uso da própria lei para exercer as maldades contra as pessoas em sociedade.

REFERÊNCIAS

- ASH, Timothy Garton. **Liberdade de expressão**: dez princípios para um mundo interligado. Lisboa: Temas e Debates, 2017.
- BUCCI, Eugênio. **O Estado de Narciso**: A comunicação pública a serviço da vaidade particular. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.
- CANELA, Guilherme e NASCIMENTO, Solano (Orgs.). **Acesso a informação e controle social das políticas públicas**. Brasília: ANDI, 2009.
- ESTEVES, João Pissarra. **A ética da comunicação e os media modernos**: legitimidade e poder nas sociedades complexas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1998.
- GOMES, Wilson, AMORIN, Paula Karini Dias Ferreira, SILVA, Maria Paula Almada. Novos desafios para a ideia de transparência. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. E-compós, Brasília, v. 21, n. 2, 2018, mai-ago.
- HABERMAS, Jürgen. **Racionalidade e comunicação**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- HABERMAS, Jürgen. Teorias da verdade. In. **Teoria da racionalidade e teoria da linguagem**. Obras Escolhidas, Vol. II. Lisboa: Edições 70, 2010.
- HABERMAS, Jürgen. Verdade e justificação. In. **Ética do discurso**. Obras Escolhidas, Vol. III. Lisboa: Edições 70, 2014.
- HABERMAS, Jürgen. **Facticidade e validade**: contribuições para uma teoria discursiva do direito e da democracia. São Paulo: Unesp, 2020.
- HONNEDT, Axel. Decentered autonomy: The subject after the fall. In. **The Fragmented World of the Social: Essays in Social and Political Philosophy**, Edited by Charles W. Wright, State University of New York Press, Chapter 16, 1995, p. 261-271.

MATOS, Heloiza. Comunicação pública, esfera pública e capital social. In. Duarte, Jorge (Org.). **Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Atlas. 2007, pp. 47-58.

PRATAS, Sérgio M. (2007). O acesso à informação administrativa no século XXI. In. **O acesso à informação administrativa na era da internet: o caso dos municípios portugueses**. Lisboa. 156 p. Dissertação de Mestrado em Administração e Políticas Públicas. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. (ISCTE-IUL). Disponível em: <http://sigarra.up.pt>

SABER MÁS VIII. **Una década de acceso a la información em las américas**. 28 de septiembre Día Mundial del Saber. (201?). Disponível em: <http://fundar.org.mx/saber-mas-viii-una-decada-de-acceso-a-la-informacion-en-las-americas/>

VERGARA, Rodolfo. **La transparencia como problema**. 05. *Cuadernos de Transparencia*. Instituto Federal de Acceso a la Información Pública. IFAI. México: Distrito Federal, 2008. p. 1-49.

VIVOT, Alejandro Rojo. **Acceso a la información**. Buenos Aires: Impresiones Dunken, 2010.

ZEPEDA, Jesús Rodríguez. **Estado y transparencia: un paseo por la filosofía política**. 04. *Cuadernos de Transparencia*. Instituto Federal de Acceso a la Información Pública. IFAI. México: Distrito Federal, 2008. p. 1-59.

PESQUISA EM COMUNICAÇÃO NA AMAZÔNIA: AS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS¹⁵

Lara Cristhine Rodrigues de Souza¹⁶

Brendo Henrique da Silva Moreira¹⁷

Maria Emília de Oliveira Pereira Abbud¹⁸

RESUMO: A pesquisa visa conhecer a produção científica sobre a pesquisa em comunicação na Amazônia, destarte a construção do Estado da Arte, mediante as publicações científicas divulgadas nos Anais Congressos de Ciências da Comunicação na Região Norte (Intercom/Norte), de 2015 a 2019. A pesquisa é exploratória, descritiva e explicativa, de abordagem quantitativa e qualitativa. Dos 969 artigos publicados, 16 descrevem nas palavras-chave o termo “Amazônia”. A instituição que mais publicou foi a Universidade Federal do Amazonas – Ufam. Por seguinte, organizaram-se as publicações científicas por ano, autor, IES, divisão temática, palavras-chave, abordagem teórica, metodologia e resultados. As conclusões apontam à carência de análises da comunicação na Amazônia a partir da realidade cultural regional, abordagem evidente nos artigos analisadas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Amazônia; Pesquisa; Mapeamento.

OS OLHARES SOBRE A COMUNICAÇÃO

A comunicação é um processo importante na sociedade, com o papel de transmitir significados em uma relação social e possibilitar o entendimento entre homens. Berlo (2003) a entende “como o processo através do qual um indivíduo suscita uma resposta num outro indivíduo, ou seja, dirige um estímulo que visa favorecer uma alteração no receptor pelo fato de estimular este a suscitar uma resposta”. Nesse sentido encontra-se a teoria da Matemática da Comunicação, desenvolvida por Claude Shannon (1948) e Warren Weaver (1949), que resume a comunicação em um processo simples e lógico, em que a transmissão da informação ocorre com a participação de elementos determinantes, que podem ser calculados, desconsiderando os aspectos semânticos do processo.

15 Trabalho apresentado no GT 5 – Interfaces Comunicacionais da II Jornada de Folkcomunicação na Amazônia.

16 Estudante de Graduação do 4.º semestre do Curso de Relações Públicas da FIC-UFAM. E-mail: laracristhine@outlook.com.

17 Estudante de Graduação do 1.º semestre do Curso de Relações Públicas da FIC-UFAM. E-mail: moreira-brendo@gmail.com.

18 Orientadora do trabalho. Professor do Curso de Relações Públicas da FIC-UFAM. E-mail: emiliaabbud@hotmail.com.

Contudo, é necessário ultrapassar o conceito básico de comunicação que observa a relação entre *emissor* e *receptor*, é preciso falar de forma atenciosa sobre esses processos, que, para Berlo (2003), consistem na inter-relação dos ingredientes da comunicação. Segundo o autor, “a comunicação é tida como um processo que, além de flexibilizar, gera interação entre os elementos do ambiente, é responsável pela transição da informação”.

Miller (2006) corrobora com tal afirmação ao enfatizar em seus textos que um dos pontos mais complexos na definição de comunicação é a noção de que comunicação é um processo. Nas ideias, há a presença do mesmo conceito de correlatividade. Daft (2008, p. 108) assinala que processo se refere a um grupo organizado de tarefas e atividades relacionadas, que trabalham juntas. A ótica aqui proposta caracteriza a comunicação como um processo comunicacional, o processo dinamizado à ideia de movimento (uma parte atuando com outra e integrando um todo).

Torna-se essencial esclarecer que a compreensão da comunicação na Amazônia partirá do pensamento ecossistêmico. Tal perspectiva destaca que Amazônia compreende um ecossistema comunicacional, que Soares (2011, p. 37) classifica como uma teia de relações entre indivíduos que coexistem em espaços onde há implementação de conjuntos de ações de conjugação educativa e comunicacional.

Para os autores desta pesquisa a análise da comunicação na Amazônia deve pôr em evidência não só as particularidades geoculturais, mas também deve relacionar a unidade “comunicação amazônida” aos demais contextos, dialogando com o global.

NOSSO OLHAR SOBRE A COMUNICAÇÃO NA AMAZÔNIA

Estudiosos da região têm destacado que pensar a comunicação na Amazônia requer parâmetros de análise e abordagem próprios. Toda a associação natural do homem com a natureza na região é resultante de processos comunicacionais inéditos que se impõem sobre todos os âmbitos da sociedade, afetando toda a cultura social da área. Observa-se a territorialidade e suas características extremamente particulares e complexas; com aproximadamente 5 milhões de km², a floresta amazônica ocupa 60% do território do Brasil, abrangendo os Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Maranhão, Pará, Roraima, Rondônia e Tocantins.

Com toda sua grandiosidade territorial, concebe-se a complexidade da diversidade cultural dessa região, uma vez que sua identidade regional não se concentra em um só estado brasileiro. Maués (1999) assinala em seus textos que a identidade regional amazônica é constituída por negros,

índios, caboclos, mulatos, tapuios, mestiços, portugueses, paraoaras, amazônidas, brasileiros, católicos, protestantes, umbandistas, mineiros e uma infinidade de outras raças. Contudo, é inegável que a Amazônia tem sua cultura inerentemente ligada às raízes indígenas, onde tudo começou, há aproximadamente 20 a 30 mil anos antes da chegada do europeu.

Robertson (2000) discute o paradoxo do espectro cultural e midiático ganha status, em dimensão local, opondo-se às dinâmicas de globalização presentes na economia cultural e midiática. Essa realidade reforça o movimento de ingredientes comunicativos presentes nos processos comunicacionais, ressaltando a importância dessa imposição e alteração cultural causada aos indivíduos pelos elementos rurais presentes no dia a dia.

Porém, a pluralidade cultural em pauta discute também a realidade de “Amazônia” partindo da nomenclatura em si e suas associações atribuídas, que vão se diferenciar de pessoa para pessoa partindo exclusivamente do tipo de relação e histórico que esta tem com o ambiente. Para Coelho (2012) o que um brasileiro do nordeste do país tem em mente sobre a Amazônia tende a se assemelhar ao que um indivíduo do mesmo contexto social pensa e diferente do que um japonês considera ser sua definição do lugar.

Nesse sentido, seria formada a partir de “pequenas Amazônias”, ramificadas dependendo do ponto de vista. A Amazônia seria exibida com seus valores e características próprias; a Amazônia cultural seria a imposta a partir dos mitos que embalam movimentos folclóricos e danças regionais; a Amazônia popular, e aqui adotamos uma categorização apenas exemplificativa, seria a influência na moda cultural (roupas, comunicação midiática e costumes funcionais).

COMPARTILHAR O OLHAR REGIONAL COM O MUNDO

Corroboramos o pensamento de Miranda e Colferai (2016) ao afirmarem que pensar a região a partir da região resulta em fomentar respostas locais para questões globais. Em outras palavras, é necessário não somente identificar as ramificações que desencadeiam na definição de comunicação na Amazônia, espelhando-se na realidade local para viabilizar essa concepção, mas também expandir do local para o mundo. A comunicação na Amazônia precisa ser percebida a partir de sua aplicação funcional, refletida diariamente, e compartilhada com o mundo; precisa ser vista. Logo, a comunicação deve integrar-se às demais abordagens regionais e globais, e talvez daí surja uma máxima para responder à questão de qual o valor da comunicação amazônida para a comunicação moderna. Ainda segundo Monteiro e Colferai (2011), temos a perspectiva dos Ecossistemas

Comunicacionais, que consiste em um conjunto de elementos próprios que se relacionam de alguma forma. Podemos exemplificar tal presença a partir do que acomete o pensamento da população em geral, que começa a adotar discursos sustentáveis, valorizar a fauna e flora, além de exaltá-las socialmente (principalmente por meio das redes sociais), cobrar das marcas e empresas um discurso alinhado com a preservação ambiental, entre outras.

Pereira (2011, p. 51) destaca que a comunicação constitui um ambiente cultural de interferência e construção, circulação e de significação de mensagens; todo esse espaço onde essas informações comunicacionais circulam fica caracterizada como um ecossistema comunicacional – esse que tem caráter interdisciplinar, uma vez que a comunicação em si envolve troca de informações.

Gutiérrez Rey (2004), ao tecer suas considerações sobre a Amazônia, afirma que as expressões Amazônia, Pan-Amazônia, Amazônia Sul-Americana, Região Amazônica ou Grande Amazônia, compreendem diferentes enfoques, discernimentos e representações espaciais. A Amazônia como unidade é composta e dependente de um conglomerado de regiões. Sendo assim, existem várias Amazônias, às quais conformam uma grande região, onde cada uma tem uma distribuição regional diferente e afeta diretamente o modo cultural de relacionamento homem-natureza (GUTIÉRREZ REY, 2004, p. 21).

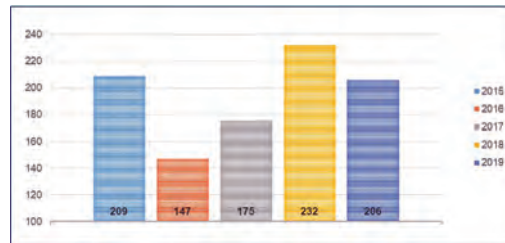
CONSTRUÇÃO DO ESTADO DA ARTE

Conhecer o contexto regional descrito pelos pesquisadores e, posteriormente, discuti-los, é o desafio que será apresentado a partir da construção do estado da arte proposto. Estado da arte, ou estado do conhecimento, é uma conclusão a respeito da situação de um campo de estudo em um período e um local delimitado. Ferreira (2002, p. 258) destaca que as pesquisas científicas denominadas “estado da arte” se caracterizam como bibliográficas e abordam o desafio de “mapear e de discutir a produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares”. Para Marconi e Lakatos (1991) o estado da arte é uma junção das produções principais existentes, estas que fornecem dados atuais e relevantes relacionados a um tema específico. Não estando limitada, apenas, a uma organização de obras, esse mapeamento deve possibilitar dar luz a diferentes pontos de vista, críticas, identificação de características díspares ou semelhantes entre temas e, principalmente, servir como referência para a sociedade sobre o que foi/é tendência no

ramo científico de um tema específico; cumprindo um papel de base para consultas e exibindo essas produções para além da academia.

Verificou-se que de 2015 a 2019, novecentos e sessenta e nove (969) artigos foram publicados nos Anais dos Congressos de Ciências da Comunicação da Região Norte (Intercom/Norte).

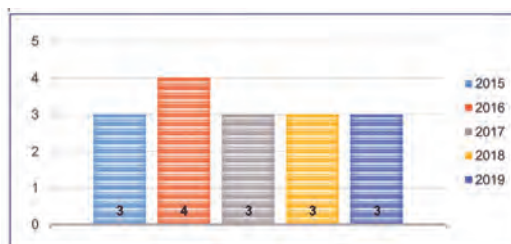
GRÁFICO 1 ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS NOS ANAIS DO INTERCOM/NORTE, PERÍODO DE 2015 A 2019.



No Gráfico 1, ilustra-se a quantidade de publicações científicas relativas ao período delimitado em 2015 – duzentos e nove (209) publicações; em 2016 – cento e quarenta e sete (147) publicações; em 2017 – cento e setenta e cinco (175) publicações; em 2018 – duzentos e trinta e duas (232) publicações; em 2019 – duzentos e seis (206) publicações. Nota-se que o ano em que mais teve publicações foi em 2018, em contraste ao ano de 2016, que teve menos publicações científicas divulgadas nos Anais do Intercom/Norte.

Posteriormente, notou-se que de 2015 a 2019, nas Divisões Temáticas – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Comunicação Organizacional, Comunicação Audiovisual, Comunicação Multimídia, Interfaces Comunicacionais, Comunicação, Espaço e Cidadania e Estudos Interdisciplinares – dos Congressos de Ciências da Comunicação da Região Norte (Intercom/Norte) dezesseis (16) artigos possuíam na descrição das palavras – chave o termo “Amazônia”.

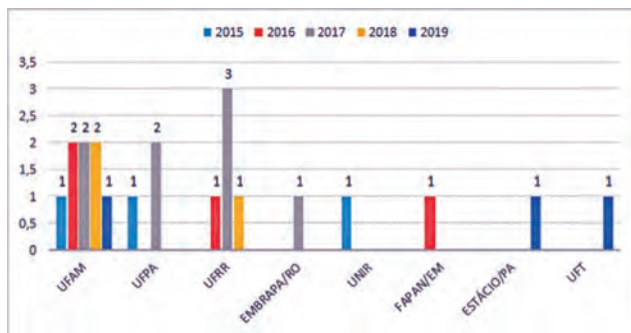
GRÁFICO 2 ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS NOS ANAIS DO INTERCOM/NORTE COM A PALAVRA-CHAVE “AMAZÔNIA”



Destaca-se que nos anos delimitados para a pesquisa, 2015 a 2019, os temas dos Intercom's Norte realizados, foram respectivamente: "Comunicação e Cidade Espetáculo", "Comunicação e Educação: caminhos integrados para um mundo em transformação", "40 anos de memórias e histórias", "Desigualdades, gêneros e comunicação" e "Fluxos comunicacionais e crise da democracia".

Analisando os trabalhos identificados durante o período de 2015 a 2019, destaca-se a Universidade Federal do Amazonas (Ufam) como a instituição que mais apresentou trabalhos com a palavra-chave "Amazônia" – um total de sete (7) artigos publicados. Universidade Federal do Tocantins – UFT, Faculdade Pan Amazônica – FAPAN/Faculdade Paraense de Ensino – FAPEN e Universidade Federal de Rondônia – UNIR são as universidades que menos apresentaram trabalhos. Dentre as Dt's – Divisões Temáticas, destacam-se com o maior número de publicações científicas os Dt's *Jornalismo* e *Interfaces Comunicacionais*, ambos apresentaram cinco (5) pesquisas científicas. Em contrapartida, *Estudos Interdisciplinares da Comunicação* e *Relações Públicas e Comunicação Organizacional* aparecem em menor frequência, apenas uma (1) vez cada.

GRÁFICO 3: QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES POR INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR



Na figura a seguir, é possível visualizar a construção do estado da arte proposto a partir das análises.

O olhar sobre a Amazônia, tendo como referência aos noventa e nove (969) artigos publicados nos Anais dos Congressos de Ciências da Comunicação na Região Norte (Intercom/Norte) no período de 2015 a 2019, revela um esforço da academia em manter as discussões lineares: a comunicação pela comunicação, com aspectos geoculturais em evidência, que é o que podemos identificar como a comunicação na Amazônia. A partir disso, pode-se traçar uma discussão com base nos critérios indicados inicialmente, na fase da coleta de dados: instituição

dos pesquisadores, divisão temática da pesquisa, palavras-chave, abordagem teórica referenciada, metodologia utilizada pelos autores.



INSTITUIÇÃO DOS PESQUISADORES E DIVISÕES TEMÁTICAS

A partir da identificação das publicações que possuíam “Amazônia” entre as palavras-chave, dos congressos de comunicação da Região Norte, de 2015 a 2019, constatou-se que as instituições que possuíram número mais expressivo de trabalhos publicados nos Anais foram: a Universidade Federal do Amazonas – UFAM, com oito (8) publicações no período e a Universidade Federal de Roraima – UFRR, com cinco (5) artigos publicados.

Verificou-se que os pesquisadores se preocupavam com a necessidade de compreender e (re)interpretar as transversalidades socioculturais e comunicacionais da Amazônia, em diferentes contextos. Revelou-se como as coberturas jornalísticas são relevantes na região, e como impactam na compreensão da Amazônia pelo morador local.

ABORDAGEM TEÓRICA E METODOLOGIA RECORRENTE

A análise entrega maior frequência de discussões relacionadas a “Ecosistemas Comunicacionais”, seguida por “Comunicação Local” e “Jornalismo Ambiental”. Pautas sobre “Ecosistemas Comunicacionais”

emergem da pluralidade de conceitos sobre a Amazônia, particularidade em evidência tanto na academia quanto no mercado da comunicação atual.

Em detrimento da regionalidade de conteúdo acentuada, as pesquisas realizadas seguiram a lógica de valorização da cultura local como ponto de partida para investigação. A abordagem de “Comunicação Local” presente nas publicações científicas considera as particularidades da Amazônia para o desenvolvimento da comunicação, a partir do método de pensar a comunicação local sob ótica global.

Ao analisar as metodologias apresentadas nos Anais do Intercom/Norte, de 2015 a 2019, percebeu-se, maior número de publicações que utilizaram a metodologia “Estudo de Caso”, “Estudo bibliográfico” e “Análise Documental” para apresentação das pesquisas realizadas.

CONCLUSÃO

A partir da análise da bibliografia presente nos Anais, percebeu-se a presença de que em cinco anos de participação no Congresso, a Região Norte promoveu discussões que elencam o processo da comunicação na Amazônia, com abordagens que evidenciam a dimensão da comunicação local. Todo o processo de estudo fora consciência e autovalorização, analisando a comunicação local como uma parte a ser integrada no global, mas se atendo às suas particularidades.

A ascensão de abordagens que discutem a importância do ensino de comunicação com viés regional, valorizando as especificidades locais, além de um ensino que forme opiniões salientadas com a preservação dessa cultura e do meio ambiente, fica explícita nos artigos analisados. Não foram encontradas divergências de pontos de vista, mas uma rotatividade de informações que conversam entre si e se complementam.

Estes resultados verificam que a importância em pesquisar a Amazônia na Amazônia ainda precisa ser reforçada. As universidades federais se fazem mais notáveis nessa discussão, uma vez que todas essas pesquisas se tornam frutos de outras pesquisas dentro da academia, como esse presente estudo que por si só abre margem para outras análises específicas.

Logo, destaca-se a importância da pesquisa de viés regional dentro da Comunicação, ante a pluralidade de processos comunicacionais aos quais estamos inseridos. O jornalismo se salienta como peça fundamental às óticas de popularização desse universo, imprescindível ao desenvolvimento do mercado de comunicação local e global (ainda sob a ótica de partes integrantes).

A participação das instituições e seus pesquisadores em congressos como o Intercom/Norte é de extrema relevância para o debate e análise do que está ou não em alta e o questionamento dessas tendências da comunicação.

REFERÊNCIAS

BERLO, David. **O processo de comunicação**: introdução à teoria e à prática. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COELHO, Davi de Barros. **Amazônia animada**: a representação da região Amazônica no cinema de animação brasileiro' 01/04/2012 212 f. Mestrado em Design Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca da Puc.

COLFERAI, Sandro Adalberto. **Um jeito amazônica de ser mundo**. A Amazônia Como Metáfora Do Ecossistema Comunicacional: uma leitura do conceito a partir da região. 2014. 228 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

COLFERAI, S. A. **Pesquisa na amazônia**: notas históricas para a produção de conhecimento comunicacional. Revista Observatório, v. 5, n. 2, p. 153-173, 1 abr. 2019.

COLFERAI, S. A., & MONTEIRO, G. V. (2015). **Inquietações amazônicas**: considerações para uma abordagem enativa da comunicação. Revista Famecos, 23(1), Id20430. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.1.20430>.

COLFERAI, S.A.; MIRANDA, F. C. **Errâncias cartográficas**: mapeamentos subjetivos de caminhos movediços para a pesquisa em comunicação na Amazônia. Comunicação & Sociedade, [S.L.], v. 38, n. 1, p. 25-50, 30 abr. 2016. Instituto Metodista de Ensino Superior. <http://dx.doi.org/10.15603/2175-7755/Cs.V38n1p25-50>.

DAFT, Richard L. **Organizações**: teoria e projetos. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

FERREIRA, Norma Sandra De Almeida. **As pesquisas denominadas “Estado da arte”**. In: Educação e sociedade. São Paulo: Ano XXIII, n. 79, ago., 2002.

GUTIÉRREZ REY, Franz; Acosta Muñoz, Luis Eduardo; Salazar Cardona, Carlos Ariel. **Perfiles urbanos en la amazonia colombiana**: un enfoque para el desarrollo sostenible. Bogotá; Instituto Sinchi, 2004.

MAUÉS, R. H. **Uma outra “Invenção” da Amazônia**: Religiões, Histórias, Identidades. Belém: Cejup, 1999. 283p.

MONTEIRO, Gilson Vieira; COLFERAI, Sandro Adalberto. **Por uma pesquisa Amazônica: Provoações Para Novos Olhares.** In: Malcher, Maria Ataíde Et Al. (Orgs.). Comunicação Mídiazada na e da Amazônia. Belém: Fapesp, V.2, 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos De Metodologia Científica.** 3.Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MILLER, Katherine. **Organizational Communication: Approaches And Processes.** 4. Ed. Belmont: Thomson Wadsworth, 2006.

PEREIRA, Mirna Feitoza. **Fundamentos De Uma Visão Ecosistêmica Da Comunicação: Uma Compreensão Semiótica.** In: Monteiro, Gilson Vieira; Abbud, Maria Emília De Oliveira; Mirna Feitoza (Org.). Estudos E Perspectivas Dos Ecossistemas Da Comunicação. Manaus: Ufam, 2012.

ROBERTSON, R. 2000. **Glocalização: Tempo-Espaço e Homogeneidade-Heterogeneidade.** In: R, Robertson. Globalização: Teoria Social E Cultura Global. Petrópolis, Vozes, P. 246 – 268.

SOARES, Ismar De Oliveira. **Educomunicação: O Conceito, O Profissional, A Aplicação.** São Paulo: Paulinas. 2011.

SHANNON, C. E.; WEAVER, W. **A Teoria Matemática Da Comunicação.** Tradução De Orlando Agueda. São Paulo: Difel, 1975.

UOL. **Floresta Amazônica – A Maior Floresta Tropical Do Mundo.** Disponível Em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/ciencias/floresta-amazonica-a-maior-floresta-tropical-do-mundo.htm>. Acesso Em: 28 Set. 2020.

SUPERFICIALIDADE NO JORNALISMO ONLINE: REFLEXÕES PRELIMINARES DAS POSSÍVEIS CAUSAS¹⁹

Hernán Gutiérrez Herrera²⁰

RESUMO: A partir da observação prática dos conteúdos produzidos nos portais de notícia, se torna evidente o frequência de matérias superficiais veiculadas nos mecanismos online. Assim, resulta importante a realização de análises teóricas e práticas sobre as circunstâncias que levam à criação de conteúdos com pouca profundidade. Neste artigo, o objetivo é realizar uma análise, sob o ponto de vista teórico, dos fatores práticos que ocasionam a superficialidade no jornalismo, fundamentalmente no jornalismo online. Partimos do pressuposto que, para esta análise bibliográfica, não podem ser ignorados fatores como a definição da superficialidade no jornalismo, os desafios que o digital impõe ao jornalismo e as características dos usuários que consomem a comunicação nas plataformas de internet.

PALAVRAS-CHAVE: superficialidade; jornalismo; jornalismo online.

INTRODUÇÃO

Um dos debates mais importantes no cenário comunicacional da atualidade diz respeito à superficialidade nas informações veiculadas nos meios de comunicação. O fenômeno da superficialidade tem ficado cada vez mais latente na academia a partir do aumento no número de portais jornalísticos online, esta modalidade comunicacional tem apresentando um volume ainda maior de informações com pouco aprofundamento.

Desse modo, partimos para uma reflexão preliminar sobre a bibliografia que explica as possíveis causas da produção de conteúdo superficial, entendidos como de pouca profundidade, nas redações jornalísticas. Desta feita, é preciso responder, a partir de apontamentos teóricos e reflexivos, que fatores práticos deixam como legado a superficialidade no jornalismo, principalmente em ambientes online?

Se pressupõe que três fatores influenciam essa superficialidade. O primeiro está relacionado à falta de preparação acadêmica, social e ética

19 Trabalho apresentado no GT 05 Interfaces Comunicacionais do I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia.

20 Mestre em Ciências da Comunicação, especialista em Gestão Pública, Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo e Professor de Comunicação Social da Faculdade Boas Novas – FBN. E-mail: hernan.jornalista@gmail.com.

dos profissionais jornalistas. Este pilar abarcaria a formação deficitária não apenas nas universidades, mas fundamentalmente na educação básica. O segundo pilar trata da urgência dos meios de comunicação online por levar a informação de forma veloz, dar o furo de reportagem, em detrimento da qualidade do material transmitido e sem considerar a pertinência de propagar informações com pouco cunho reflexivo. O terceiro pilar seria o apontamento dos fatores anteriores e o privilégio à audiência, que pode estar cada vez mais interessada no consumo de conteúdos mais simples, menos aprofundados.

O objetivo geral deste trabalho é verificar na bibliografia existente os fatores práticos que ocasionam a superficialidade no jornalismo, fundamentalmente no jornalismo online. Por ser um estudo bibliográfico, deveremos, em primeiro lugar, entender os pressupostos teóricos e as definições da superficialidade no jornalismo, seguidamente será importante compreender os desafios que os ambientes digitais apresentam para a realização de trabalhos com maior profundidade e, finalmente, verificar as características do trabalho online com a intenção e oferecer maiores fontes de conteúdo para a sociedade.

Para o desenvolvimento deste artigo recorreremos a fontes secundárias, como artigos científicos, dissertações de mestrado e livros que tratam a questão da superficialidade e as práticas digitais para a apresentação de conteúdo jornalísticos na internet.

A SUPERFICIALIDADE NO JORNALISMO E SUAS POSSÍVEIS CAUSAS

Abrimos aqui um debate que tem como tema central a superficialidade espalhada por um número significativo de veículos de comunicação, que na era da convergência de mídias e da internet, tem optado por se comunicar de maneira rasa sobre os acontecimentos, ao privilegiarem a transmissão, quase que em tempo real, das informações.

São consideradas três fortes vertentes como propulsoras deste fenômeno da superficialidade das notícias por meio da internet. A primeira prega a necessidade dos veículos de comunicação, que ao tentarem manter a hegemonia (monopólio) da informação dos fatos, pressionam a publicação cada vez mais rápida das informações, mantendo com isso o saudoso “furo de reportagem”. A segunda vertente trata da baixa capacidade de produção e pesquisa de alguns jornalistas, que têm desenvolvido cada vez mais habilidades técnicas para o trabalho online, mas tem ficado mais rasos e superficiais na produção de textos. O terceiro posicionamento analisa que o fato se deve às duas posições antes mencionadas.

Havendo três vertentes, partiremos para a análise da primeira, respectivamente, que mantém o foco no negócio da transmissão rápida das informações. A esta corrida por sair primeiro com o fato, em tempos de internet, decidimos chamá-la para fins deste artigo como a “corrida pelo furo”, fazendo uma alusão ao fato abordado por Castilho (2011) no site do Observatório de Imprensa. Um aparente “comportamento antiético” no qual as redações online tentam pleitear o papel do internauta, ao priorizarem a transmissão do fato, no lugar do aprofundamento e da confiabilidade das informações.

Lucas (2002), já afirmava que devido a esta velocidade que os veículos de comunicação têm imposto às notícias online, a verificação de dados tem recebido cada vez menos atenção. Restaria, apenas, um tratamento superficial que permite a rápida publicação das notícias. Este comportamento estaria em consonância com o propósito de informar primeiro.

Diante do intenso fluxo informativo, nos deparamos com uma linguagem rasteira e sem detalhamentos, colocando à prova fundamentos jornalísticos e a necessidade crescente da busca pela informação por parte do internauta, isto é, do leitor. (LUCAS, 2002. p. 8).

Se entendia, então, que com a chegada da internet o usuário ganharia um novo rol dentro do processo de comunicação. Agora, o espaço ilimitado da internet possibilita sua interação direta como transmissor de informações. Tornando, com este comportamento, o fluxo de comunicação dialógico, um processo no qual o receptor se transforma em transmissor com igual grau de repercussão, sem estar subordinado aos outrora únicos agentes informativos. Tendo a possibilidade de verificar os fatos em primeira mão e levá-los, em boa parte dos casos, de forma superficial para o próprio público da internet.

E é o primeiro veículo que oferece, aos indivíduos e coletivos independentes de todo o mundo, a chance de comunicar-se, com suas próprias vozes, com uma audiência internacional de milhões de pessoas. Portanto, as possibilidades técnicas da internet como esfera pública são ilimitadas. (FORD & GENEVE, 2004, p. 270-71).

Ao receber o internauta esta prerrogativa, a de produzir conteúdo, estariam os veículos de comunicação online estabelecendo um processo de concorrência direta com o internauta, ao estarem pautados exclusivamente pela instantaneidade e esquecendo o aprofundamento da notícia.

Caberia, então ao jornalista, não mais buscar os fatos, mas selecionar no universo de dados disponíveis a informação mais importante e significativa para sua audiência (HERBERT, 2000). Assim, ocorreria um

processo que propõe uma atitude jornalística mais moderadora do que de transmissora instantânea de novas informações.

O jornalismo digital, aproveitando-se da descentralização generalizada da produção de conhecimento entre os membros de uma comunidade, faz com que a função do jornalista se estenda cada vez mais a aspectos de uma atividade de moderação e hierarquização de factos gerados nos mais distintos pontos da rede. (GONÇALVES, 2000. p. 372).

Ainda que se evidencie esta mudança no processo comunicacional entre os veículos e os receptores da comunicação, se percebe a intencionalidade da mídia em oferecer furos de reportagem que competem em agilidade e superficialidade com o usuário final da informação, ao transmitir “um jornalismo preocupado basicamente com a simples exposição dos fatos” (MAIA, 2008, p. 441).

Quando é o jornal impresso diário que dá um furo, ele o manterá sobre os outros jornais durante o dia todo; uma revista semanal, terá um período de tempo de uma semana, e assim por diante. Já na mídia on – line isso não ocorre. Quando um site dá uma notícia em primeira mão, em poucos minutos, os outros já se apropriam da informação sem, em alguns casos, dar o crédito. (MARANGONI, RODRIGUES SILVA & PEREIRA, 2002, p. 57).

Cabe ressaltar que esta briga da “corrida pelo furo” estaria defasada, uma vez que o internauta cada vez percebe menos quem foi o primeiro a dar a notícia. A autora Pollyana Ferrari (2003, p. 49), afirma que os leitores “nem se importam com isso” e acrescenta que “uma notícia superficial, incompleta ou descontextualizada causa péssima impressão. É sempre melhor colocá-la no ar com qualidade, ainda que dez minutos depois dos concorrentes”.

O outro ponto importante para esta análise, trata a superficialidade nos veículos de comunicação como um problema não apenas empresarial, porém de intelecto por parte dos comunicadores. Esta perspectiva põe em observância a sustentação de que o “formando sai pronto para o mercado”, o que segundo MAIA (2008, p. 442), abarca um profissional que “sabe olhar para a câmera, fazer uma passagem, um texto enxuto para o rádio, outro mais enxuto ainda para o jornal on – line e assim por diante. Mas, e a qualidade deste mesmo texto?”. Em que ponto ficariam aqueles fatos que precisam de mais informações, de fontes diversas? Diante dessa preocupação, se faz evidente o que Gabriel García Márquez já denunciava em 1996.

As empresas colocam seu empenho profundo na competência feroz de modernização material e tem deixado para depois a formação da sua infantaria e os mecanismos de participação que fortaleciam o espírito

profissional no passado. As salas de redação são laboratórios assépticos para navegantes solitários, onde parece mais fácil se comunicar com os fenômenos sobrenaturais que com o coração dos leitores. A desumanização é arrasadora. (GARCIA MARQUEZ, 1996, p. 28, tradução nossa).²¹

Diante desse fenômeno de deficiência de formadores de opinião, que parecesse alastrar pelas faculdades de comunicação, encontramos que o empenho da formação parece estar nos procedimentos meramente técnicos, sem análise crítica, com relação aos conceitos que serão implementados no decorrer da prática profissional.

Longe desta problemática ser nova, em 1993, o autor Edvaldo Pereira Lima, traz um fato que relaciona a história do jornalismo aos fatos da superficialidade, afirmando que desde a primeira guerra mundial começou a ser observada esta tendência à simples transposição dos fatos, sem análise e sem interpretação. Descobriu-se que a superficialidade e o simples registro de fatos eram incapazes de revelar aos leitores o rumo dos acontecimentos.

É a partir dessa deficiência que o público passa a esperar um tratamento informativo de maior qualidade. E exatamente vindo a oferecer o atendimento a esta necessidade é que surge a revista Time, voltada para o relato dos bastidores, para a busca de conexões entre os acontecimentos, de modo a oferecer uma compreensão aprofundada da realidade contemporânea. (LIMA, 2009, p. 18).

Então, agora é prático resgatar que estes fenômenos da superficialidade não nasceram apenas com o jornalismo online. Desde suas tradicionais origens, a fome pelo furo de reportagem tem sido marcante. Consequentemente, tem implicado na falta de responsabilidade para publicar fatos ainda não apurados, conforme apresentado por Pereira Júnior (2006), ao fazer referência à cobertura brasileira ao atentado perpetrado às torres gêmeas, o *World Trade Center*, em pleno coração de Nova Iorque, nos Estado Unidos.

Os primeiros relatos dão conta de 10 mil mortos nas torres gêmeas e é com esse número que o jornal Agora São Paulo estampa o alto da sua página 2, em 12 de setembro de 2001 [...] Ao longo da semana Folha de São Paulo, O Globo e o Estado de São Paulo cravam em 6 mil os mortos no ataque ao coração financeiro e militar dos Estados Unidos [...] Nenhum dos dois dados, 10 mil ou 6 mil, se revelariam verdadeiros [...] Um fértil

21 las empresas se han empeñado a fondo en la competencia feroz de la modernización material y han dejado para después la formación de su infantería y los mecanismos de participación que fortalecían el espíritu profesional en el pasado. Las salas de redacción son laboratorios asépticos para navegantes solitarios, donde parece más fácil comunicarse con los fenómenos siderales que con el corazón de los lectores. La deshumanización es galopante (GARCIA MARQUEZ, 1996, p. 28).

volume de fatos imprecisos e não confirmados, de especulação e boatos, espalhados mesmo por fontes confiáveis, marcou aquela que foi a maior mobilização já feita pelos diários num só instante em torno de um mesmo fato. (PEREIRA JÚNIOR, 2006. p. 67).

Nessa perspectiva, observou-se a insuficiência das agências internacionais de notícias em transmitir dados concretos e coerentes, bem como a ação deliberada de veículos de comunicação que, em meio à incerteza, decidiram divulgar dados sobre os quais não havia nenhuma certeza. Somente um ano depois se chegaria a um número real de vítimas, 3.025, mas até então os leitores não foram poupados das especulações sobre o possível número de vítimas.

Pereira Júnior (2006, p. 72), ainda afirma que “o rigor na apuração de informações deve partir de premissa muito simples, nem sempre considerada: cada afirmação, de cada linha, só deve ser mantida depois de respaldada”, trazendo de volta com isso a necessidade de verificar as evidências e confrontá-las com outras, a fim de transmitir um relato confiável.

DESAFIOS DO JORNALISMO ONLINE E A SUPERFICIALIDADE COMO TENDÊNCIA

Cabe resgatar que uma das funções intrínsecas do jornalismo é a transmissão de informações coerentes e confiáveis, dando ao seu público a possibilidade de obter dados que possam posteriormente analisar, sem ter contato com as fontes primárias, e tecer um pensamento crítico a respeito.

Podemos, então, dizer que a superficialidade ou a transmissão de informações inconclusas e sem dados sólidos, apenas exerceria como um transporte de dados brutos, sem análise ou interpretação, o que para Noblat (2008, On-line), seria uma ponte de transferência de dúvidas para os leitores. “É cômodo escrever que fulano disse que tal fato se passou assim, mas que beltrano disse que se passou de outra forma. E o leitor, como fica? No que ele deve acreditar?”. O autor ainda aponta que o repórter é o agente que deve se encarregar pela investigação e obtenção destas respostas para o seu público. Estes registros de superficialidade, atrelados à condição de polivalência dos profissionais de comunicação, vem sendo analisada em conjunto com o sensacionalismo, muito presente nos jornais tabloides que surgiram nas últimas décadas. Por um lado, “à medida que o nível de convergência de mídias aumenta, exige-se do jornalista um maior grau de versatilidade” (SALAVERRÍA & GÁRCIA AVILÉS, 2008, p. 43, tradução nossa).²² Por outro lado, esta tendência também tem levado estes jornais a

22 Conforme aumenta el nivel de convergencia de medios, al periodista se le requiere un mayor grado de polivalencia (SALAVERRÍA & GÁRCIA AVILÉS, 2008, p. 43).

produzirem um conteúdo mais raso que acaba atingindo a classe popular com uma linguagem mais coloquial e voltada para sua cotidianidade. Isto tem constituído muitos destes veículos em líderes dos seus mercados.

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isto, a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação de subjetivismo. (MARCONDES FILHO, 1989, p. 149).

Esta acolhida que o formato de jornalismo “popular” tomou no mundo está atrelada a diversos fatores que envolvem a comercialização massiva dos jornais e, conseqüentemente, ao maior número de vendas de anúncios no jornal. Assim, conforme Guedes (2010, p. 57), esta estratégia sintetiza a “conjugação de diferentes fórmulas com o intuito de ser bem recebido por classes tradicionalmente excluídas do hábito de compra e leitura de jornais impressos”.

A falta de conteúdo aprofundado tem sido uma das marcas destes veículos, que se utilizam também de informações supérfluas ou vazias, (de entretenimento, do mundo das celebridades, das novelas), entregando ao seu público da camada popular, aquilo que ela mais gosta: “sensacionalismo e entretenimento”.

Mas devido a este poder que os veículos conquistaram, de atrair novos leitores de notícias, surgem correntes de pensamento que defendem o uso do formato. Meneses (2010), trouxe em seu artigo intitulado *Jornalismo moderno na superficialidade camufla sensacionalismo bolorento no conteúdo*, o posicionamento do Jornal Agora, de São Paulo, por meio do seu editor-chefe, Luiz Carlos Duarte. Para ele, a ideia destes jornais é “fazer um jornalismo popular sem vergonha de ser popular”.

Hoje nós fazemos o jornal para a família. Tem lá o caderno de variedades, que é o lado feminino do jornal, tem esportes, tem dinheiro, tem o Brasil, o mundo, ele é mais completo, não sei se estou cometendo uma injustiça aqui com a história, completo não, mas ele é mais equilibrado. O Agora também tem prestado um serviço excelente do ponto de vista das aposentadorias. Nós fomos o único jornal a levantar a tese do fim do prazo para a revisão das aposentadorias. (Luiz Carlos Duarte, editor-chefe Jornal Agora, São Paulo, entrevista concedida a Leda Menezes em dez. 2004).

Embora, se verifique um aumento constante de novos leitores de jornais nas classes populares, trazidos por estes conteúdos mais adaptados à sua linguagem, gosto e costumes, a maior parte dos posicionamentos dos autores estão encaminhados aos malefícios trazidos por esta tratativa

comercial e superficial da notícia, com a clara intenção de aumentar, a venda de jornais e, no caso da internet, os números acesso.

a propósito do uso do termo ‘popular’ para identificar e qualificar publicações e programas que nada têm de populares. E não são populares pela simples razão de praticarem uma narração, dita jornalística, feita de verborragia hipocritamente populista, nutrida pela miséria e pela dor alheia – e isso os caracteriza e camufla. Consciente ou inconscientemente, exploram os fracos e os humildes, numa estratégia de perpetuação da exclusão social. E ainda se passam por libertários e justiceiros. A aceitação de que o termo popular serve para identificar esse tipo de jornalismo deprecia o conceito, na medida em que o deforma. De popular deveria ser chamado o jornalismo que assume o discurso e as razões dos mais fracos e dos mais pobres, como perspectiva preponderante na narração dos conflitos. (CHAPARRO, 1997, p. 33).

O pensamento de Chaparro contrasta com a ideia de Duarte, as diferenças são marcantes, uma vez que por meio de diversos argumentos, se encontra o fantasma da superficialidade presente nas redações jornalísticas. O jornalista Noblat (2008), ao referir-se à pressa que percebe nos jornalistas e editores na elucidação dos fatos, diz estar espantado. Percebendo que tem sido priorizada a velocidade, ao processo de captação, apuração e transmissão dos dados.

A pressa é a culpada, nas redações, pelo aniquilamento de muitas verdades, pela quantidade vergonhosa de pequenos e grandes erros que borram as páginas dos jornais e pela superficialidade de textos que desestimulam a reflexão. Apurar bem exige tempo. Escrever bem exige tempo (NOBLAT, 2008, On-line).

Em consonância com Noblat, Lorena Tárzia (2007), ao fazer referência a Klinenberg (1999) afirma que a “polivalência midiática permite um modo de produção em que cada uma das mídias que compõem um conglomerado utilize produtos de outras, assim como equipamentos”. Desse modo, é cada vez mais frequente encontrar jornalistas com diversas facetas profissionais, tendo habilidade nas mais diversas mídias e os formatos empregados nelas. “O resultado é que os jornalistas dispõem de menos tempo para apurar e redigir, produzindo notícias mais superficiais”.

Assim, um repórter pode doravante escrever um artigo para a edição da noite, aparecer na tela para tratar do mesmo acontecimento na televisão e ampliar a informação com os especialistas de Internet sugerindo-lhes relações com outros sites ou acontecimentos. (KLINENBERG, 1999, p. 7 apud TÁRCIA, 2007, p. 80).

Outro ponto relacionado à superficialidade de alguns conteúdos registrados nos jornais online, é conexo à fadiga causada pelos monitores dos dispositivos móveis e computadores de mesa. Em um estudo sobre os padrões de leitura na web, publicado por Jakob Nielsen (1997), se afirma que o 79% dos usuários sempre percorriam rapidamente com o olhar as novas páginas do site em que entravam e apenas 16% liam palavra por palavra.

Este estudo, também corroborado por Pinho (2003), classifica os tipos de leitura do material virtual em 4: Superficial, por varrimento, intensiva e extensiva.

- **Leitura superficial:** é aquela em que os leitores movem rapidamente seus olhos sobre a tela do computador para verificar se o conteúdo é relevante de acordo com os seus interesses.
- **Leitura por varrimento:** o usuário focaliza de forma rápida as partes específicas da matéria que são de seu interesse.
- **Leitura intensiva:** acontece quando o tema exposto é sumamente relevante para o leitor que lê uma pequena quantidade de conteúdo para obter uma informação mais aprofundada.
- **Leitura extensiva:** é uma maneira minuciosa de ler textos extensos, mas por causa da fadiga visual que causa a tela do computador, este sistema é o menos utilizado na redação do jornalismo digital.

Se percebe, claramente, que o aprofundamento dos fatos na internet não podem seguir o modelo tradicional de textos compostos, longos e com sequências enormes de dados. Se faz necessário aqui lançar mão das possibilidades tecnológicas oferecidas pela internet, como elementos diferenciais na elaboração e transmissão do conteúdo.

NOVOS FORMATOS – NOVAS ESTRATÉGIAS

Tendo analisado algumas das situações que levam à publicação de informação superficial, a apreciação de um formato de publicação de notícias por meio da internet que preencha essa lacuna informacional na sociedade, ganha força ao elencar na linguagem do jornalismo online um conjunto de elementos que possibilitem a usabilidade do leitor, que despertem sua atenção.

Internet exige que o material mostrado da tela do monitor suscite no leitor a confiança de que ele encontrará no site a informação procurada.

O redator do texto precisa antecipar o motivo pelo qual o usuário está visitando aquele site e certificar-se de que o que ele vê tem um contexto estabelecido. (PINHO, 2003, p. 50).

A chave para esta interação no conteúdo e navegabilidade do usuário, segundo Bolós (2002), teria sua chave a utilização de formatos multimídia. O autor parte da premissa de que se deve fazer referência ao jornalismo impresso, radiofônico e televisivo para identificar a linguagem específica, devido a que na internet a informação através da multimídia utiliza as três linguagens.

O jornalismo digital supõe a utilização simultânea de todos os suportes que já conhecemos – texto, sons, fotos, vídeos e gráficos, fixos ou em movimento para produzir uma linguagem pluralizada, unificadora e multimidiática que denominaremos a partir de agora como múltipla, e que será imprescindível para um elevado número de jornalistas no mundo todo. (BOLÓS, 2002, p. 79, tradução nossa).²³

Assim, é preciso que a escritura dos meios digitais dê lugar a um novo modo de estruturar a informação para ajustá-la ao formato web, que levará ao usuário as notícias com uma linguagem mais espontânea e acompanhada de elementos novos, pontos de vista aprofundados, de uma maneira criativa. Podendo, a partir disso, fazer uso das distintas mídias e formatos existentes para dar corpo a uma comunicação multimídia, que se complemente e que comunique os fatos com maior clareza para o usuário, uma vez que neste contexto não será mais tão nítida a distinção entre as diversas mídias tradicionais, seus formatos e as possibilidades da internet.

Assim, podemos nos referir ao jornalismo escrito, de rádio e televisão e descobrir um idioma específico em cada um deles. Mas se até agora era necessário fazer uma distinção entre os vários códigos de transmissão escritos e audiovisuais, as informações que chegam até nós pela Internet – ou qualquer outra rede no futuro –, além de aumentarem as possibilidades atuais do Hipertexto, podem unificar as diferentes linguagens em um. E isso significa o uso simultâneo de todos os suportes que já conhecemos – Texto, som, fotos, vídeos e gráficos estáticos ou em movimento – para produzir uma linguagem plural, unificadora e multimídia, essencial para uma alta porcentagem de jornalistas em todo o mundo. (BOLÓS, 2002, p. 83, tradução nossa).²⁴

23 El periodismo digital supone la utilización simultánea de todos los soportes que ya conocemos – texto, sonido, fotos, vídeos y gráficos fijos o en movimiento – para llegar a producir un lenguaje plural, unificador y multimedia, que va a ser imprescindible para un elevado porcentaje de periodistas en todo el mundo. (BOLÓS, 2002, p. 79).

24 Así, podemos referirnos al periodismo escrito, radiofónico y televisivo, y descubrir un lenguaje particular en cada uno de ellos. Pero si hasta ahora era necesario hacer una distinción entre los diversos

Desta forma, nasce o que conhecemos como “convergência de mídias”. Justamente a junção destes diversos formatos de comunicação em uma estrutura lógica e complementar, que nos permita levar ao usuário uma comunicação com maior profundidade, permeada de informações densas, por meio da utilização dos seus diversos recursos visuais.

O jornalismo online também possui características diferenciadas, se comparada com outras mídias utilizadas pelo jornalismo. Embora na atualidade não seja possível determinar um conjunto de características fixas é possível tomar como base as já pesquisadas por Mielniczuk (2003), para quem essas características marcantes são a interatividade, hipertextualidade, multimídia, convergência, customização, memória e atualização contínua.

Diante disso, a inserção de novas características de linguagem no jornalismo online é plausível, tendo em vista a multiplicidade de recursos existentes para a exploração de conteúdos mais abrangentes, porém, de uma forma complementar e não linear.

As tecnologias digitais intervêm nas rotinas produtivas do jornalismo e geram novos formatos de notícia, como o texto informativo não linear marcado pela multimídia e pela interatividade. No hipertexto o leitor ‘navega’ priorizando os links que desejar (BECKER, 2012, p. 21).

Sendo assim, para a otimizar a utilização desta multiplicidade de recursos, foi importante romper com a linearidade na transmissão da informação. O conceito de pirâmide invertida ganha, portanto, uma nova perspectiva denominada de pirâmides flutuantes, que permitem a publicação de subtemas ligados ao tema principal, que são colocados em páginas web diferentes e sem hierarquias entre si.

Assim, para Franco (2009, p. 60), “O resultado final deste trabalho é uma introdução ao assunto, seguida por links que levam aos subtemas. A ordem em que são apresentados os subtemas pode sugerir uma rota de navegação”. Nesta ordem, conseguimos fragmentar grandes temáticas que, linearmente, estariam em uma única página e se tornariam incômodas para a leitura do usuário da internet.

códigos de transmisión escritos y audiovisuales, la información que nos llega a través de Internet –o de cualquier otra red en el futuro–, además de añadir a las posibilidades actuales las del hipertexto, puede unificar los distintos lenguajes en uno sólo. Y eso supone la utilización simultánea de todos los soportes que ya conocemos –texto, sonido, fotos, vídeos y gráficos fijos o en movimiento– para llegar a producir un lenguaje plural, unificador y multimedia, que va a ser imprescindible para un elevado porcentaje de periodistas en todo el mundo (BOLÓS, 2002, p. 83).

FIGURA 1 ESTRUTURA DE PIRÂMIDES FLUTUANTES COM A INSERÇÃO DOS SUBTEMAS AO LONGO DO CONTEÚDO



Fonte: Como Escrever para a Web, p. 61.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrermos esta análise bibliográfica sobre os fenômenos que causam a superficialidade nos veículos de comunicação, principalmente no jornalismo online, cabe ressaltar que os componentes que resultam nas práticas de jornalismo superficial estão atrelados a situações que vão além da simples intenção da superficialidade.

Conforme proposto nos objetivos, neste artigo discutimos teoricamente sobre os pressupostos da superficialidade, preparando com isto o caminho para novas pesquisas que verifiquem *in loco* este fenômeno. No entanto, preliminarmente podemos apontar que um dos grandes problemas para os profissionais envolvidos na produção jornalística superficial é o pouco tempo atribuído para a realização das suas atividades, cada vez é preciso produzir mais; na prática mercadológica, os veículos de comunicação acabam privilegiando a quantidade e não a qualidade do material informativo produzido, tendo este posicionamento como modelo mercadológico. Quanto aos usuários, os novos hábitos de consumo de informação na internet, compreendemos que é um público que, devido às condições próprias da tecnologia, encaminha seus interesses, por vezes, em conteúdos menos densos.

REFERÊNCIAS

BECKER, Beatriz. **Pensando e Fazendo Jornalismo Audiovisual**: A experiência do projeto TJ UFRJ. Rio de Janeiro: e-papers, 2012.

BOLÓS, Concha Edo. **El Language Periodístico en la red: Del texto AL hipertexto y Del multimedia al hypermedia**, 2002, Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/ESMP/article/view/ESMP0101110079A>. Acessado em: 19/08/17.

CASTILHO, Carlos. **Corrida pelo furo cria novo caso de quebra da ética jornalística**. Observatório de imprensa, 2011. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/corrida-para-dar-furo-sobre-mandela-cria-novo-caso-de-quebra-da-etica-jornalistica/>. Acesso em: 5 de nov. 2021.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **O uso indevido do rótulo ‘popular’**. O Ribatejo, Santarém, Portugal: Cortes e Recortes, 1997.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. 3. ed., São Paulo: Contexto, 2003.

FORD, Tamara Villareal; GENEVE, Gil. A Internet radical. In: DOWNING, John D.H. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. Tradução de Silvana Vieira. São Paulo: SENAC, 2004.

FRANCO, Guillermo. Traduzido por SOARES, Marcelo. **Como escrever para Web**. Austin: Knight Center, 2009.

GARCIA MARQUEZ, Gabriel. **El mejor oficio del mundo**. Discurso en la 2a. asamblea de la Sociedad Interamericana de Prensa en Los Angeles, California, el 7 de octubre de 1996. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/160/16057434006.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2021.

GONÇALVES, Elias Machado. **Os novos conceitos de edição no jornalismo digital**. Comunicação e Sociedade, n. 2, vol. 14, 2000.

GUEDES, Maria da Consolação Resende. **Jornal popular-massivo**: as estratégias utilizadas pelo super notícia para conquistar seu leitor. Belo Horizonte, 2010. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social.

HERBERT, John. **Journalism in the digital age**: theory and practice for broadcast, print and on-line media. Oxford: Focal Press, 2000. Disponível em: <https://www.nngroup.com/articles/how-users-read-on-the-web/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4.ª edição. Barueri, SP: Manole, 2009.

LUCAS, Giovana Azevedo Pampanelli. **Notícias On-line em Tempo Real**: o jornalismo na era tecnológica. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 2002.

MAIA, Luiz Paulo. **A grande reportagem como criação literária**: a experiência da Universidade Federal do Paraná. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Guarapuava, Paraná. 2008.

MARANGONI, Reinaldo; PEREIRA, Luciano Iuri; RODRIGUES SILVA; Rafael. **Webjornalismo**: uma reportagem sobre a prática do jornalismo online. Indaiatuba: Rumograf, 2002.

MENESES, Leda Rosa. **Jornalismo moderno na superficialidade camufla sensacionalismo bolorento no conteúdo**. Universidade de São Paulo: Intercom, 2010.

MIELNICZUK, Luciana. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. In: MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos. **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: Edições GJOL; Calandra, 2003.

NIELSEN, Jakob. **How users read on the web**, 1997.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 7. ed., 2.^a reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. Métodos de Investigação na Imprensa. BARROS FILHO, Clóvis. (Org.). **Coleção fazer jornalismo**. Petrópolis: RJ. Editora Vozes, 2006.

PINHO, José Benedito. **Jornalismo na Internet**: Planejamento e produção da informação on-line. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

SALAVERRÍA, Ramón; GÁRCIA AVILÉS, José Alberto. **La convergencia tecnológica en los medios de comunicación**: retos para el periodismo. Trípodos, número 23, Barcelona, 2008.

TÁRCIA, Lorena Peret Tasende. **Ação, pesquisa e reflexão sobre a docência na formação do jornalista em tempos de convergência das mídias digitais**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais.

REGGO

Este livro foi composto pela Reggo Editorial, em Versailles LT Std
em março de 2022 na capital do Amazonas.

A qualidade, a quantidade e a diversidade dos artigos apresentados no “I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia” e reunidos nesta obra revelam o interesse tanto de jovens quanto de experientes pesquisadores em pesquisar as inter-relações entre a comunicação e a cultura na Amazônia. Esses resultados renova o entusiasmo dos pesquisadores(as) do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokanó) e dos demais que tiveram no simpósio e tem neste livro uma importante ferramenta de divulgação de seus trabalhos e de contribuição para o desenvolvimento científico da região no campo da comunicação.

